



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL – PPGEEProf**

GEOVÂNIA DE SOUZA ANDRADE MACIEL

**ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
AÇÕES PEDAGÓGICAS NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO),
CAMPUS JI-PARANÁ**

**PORTO VELHO,
2025**

GEOVÂNIA DE SOUZA ANDRADE MACIEL

**ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
AÇÕES PEDAGÓGICAS NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO),
CAMPUS JI-PARANÁ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Escolar (Doutorado Profissional), como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Santos Pimenta.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas pedagógicas na Educação Básica.

**PORTO VELHO,
2025**

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

M152e Maciel, Geovania de Souza Andrade.

Entre a história, a memória e a educação profissional: ações pedagógicas no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná / Geovania de Souza Andrade Maciel. - Porto Velho, 2025.

388 f.: il.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Jussara Santos Pimenta.

Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. História da educação. 2. Memória e educação. 3. Fotografias escolares. 4. Prática pedagógica. I. Pimenta, Jussara Santos. II. Título.

Biblioteca Setorial - Campus Porto Velho CDU 37.02(043.2)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR - MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL

GEOVÂNIA DE SOUZA ANDRADE MACIEL

**ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: AÇÕES PEDAGÓGICAS NO
INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA - IFRO, CAMPUS JI-PARANÁ**

Este Trabalho de Conclusão Final de Curso (TCFC) - **TESE DE DOUTORADO**, foi julgado adequado e aprovado para obtenção do título de **DOUTORA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR** pelo **Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf)** da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Porto Velho, Rondônia, 12 de junho de 2025.

Prof. Dr. Josemir Almeida Barros
Coordenador do PPGEEProf/UNIR

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jussara Santos Pimenta
(Presidente/a - PPGEEProf/UNIR)

Prof^a. Dr^a. Ana Valéria de Figueiredo
(Membro Externo - UERJ)

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira Gomes
(Membro Externo - UEM)

Prof^a. Dr^a. Marlene Rodrigues
(Membro Interno - PPGEEProf/UNIR)

Prof^a. Dr^a. Eliete Zanelato UNIR
(Membro Interno - PPGEEProf/UNIR)



Documento assinado eletronicamente por **JUSSARA SANTOS PIMENTA, Docente**, em 12/06/2025, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIETE ZANELATO, Docente**, em 12/06/2025, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antônio de Oliveira Gomes, Usuário Externo**, em 16/06/2025, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARLENE RODRIGUES, Docente**, em 17/06/2025, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Valéria de Figueiredo da Costa, Usuário Externo**, em 17/06/2025, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSEMIR ALMEIDA BARROS, Coordenador(a)**, em 20/06/2025, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1898338** e o código CRC **DFFEE1BA**.

DEDICATÓRIA

Os nós na garganta, a vontade de parar, mas o “vai em frente”
de meu esposo, **Sidnei**, ecoava mais forte.
A minha ausência, mesmo estando perto, era acolhida no amor
e compreensão das minhas princesas, **Letícia e Larissa**.
O focinho úmido de **Tammy**, cãopanheira constante aos meus
pés, era um lembrete de que eu nunca estava sozinha.
As piruetas da **Caramela** e o ronronar da nossa **Gatinha**
traziam a leveza necessária aos meus dias.
Nos olhos de meus pais, **Edmilson e Maria Edjane**, a força
motriz para seguir adiante, rompendo as barreiras que eles não
puderam superar.

Cada um desses seres amados contribui de forma única para a
minha jornada acadêmica, sendo um pilar inabalável de força e
amor.

Em cada letra que segue, um pouco de vocês!

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me conceder saúde, inspiração, coragem e determinação para chegar até esse momento tão significativo.

Ao meu esposo, **Sidnei Teixeira Maciel**, pelo companheirismo, incentivo constante e apoio incondicional.

Às minhas filhas, **Letícia Gabrielly** e **Larissa Emanuelly**, pela compreensão e carinho, mesmo diante da minha ausência.

Aos meus amados pais, **Edmilson** e **Maria Edjane**, e aos meus queridos irmãos, **Cristiana**, **Eliana** e **Carlos Alexandre**, por todo o apoio e incentivo.

Aos amigos **Cleusa Diogo Antunes** e **Francisco Valterlei Guedes Freitas**, sou grata pelo apoio em momento tão difícil e pela indicação da minha maravilhosa orientadora.

À minha orientadora, **Professora Dra. Jussara Santos Pimenta**, que aceitou guiar os dois últimos anos de minha tese de doutorado com um olhar delicado e um trato humanizado. Seus conselhos, sugestões e seu entusiasmo contagiante foram determinantes para o resultado final alcançado. Sou profundamente grata por ter me conduzido com tanto conhecimento e sabedoria em cada etapa desta jornada.

Ao **IFRO** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia), representado pelo querido amigo e Reitor **Moisés José Rosa Souza**, e ao **IFRO Campus Ji-Paraná**, representado pela Professora e Diretora-Geral **Letícia Carvalho Pivetta**, por autorizarem minha pesquisa nessa instituição e pelo apoio irrestrito na execução de todas as etapas do projeto, incluindo o contato com um dos principais sujeitos da nossa investigação.

Ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) e à Direção de Ensino (DE) do IFRO *Campus* Ji-Paraná, representados pelo professor **Wanderson Roger Azevedo Dias** e pela professora **Luciana Cristina Pereira**: agradeço o suporte fundamental.

Aos colegas de trabalho do Grupo de Pesquisa Estudos em Leitura, Linguagens e Identidade Cultural - GELLIC, **Andréia Mendonça**, **Dionéia Helbel**, **Luís Medeiros**, **Mônica**

Apolinário e **Regiani Dalla Martha**, que torceram por mim e me apoiaram em todos os momentos em que precisei. Em especial, agradeço aos professores de Língua Portuguesa **Dionéia Helbel, Luís Medeiros, Regiani Dalla Martha** e **Albanita Buarque de Souza** pela imensa compreensão e generosidade em assumirem minhas turmas, o que tornou possível meu afastamento integral e a dedicação exclusiva à pesquisa.

Ao professor **Mauro de Oliveira Souza**, por sua valiosa intermediação com a professora Eliene Nantes Oliveira, que possibilitou o acesso pioneiro ao Memorial do Centro Estadual de Educação Profissionalizante Sílvia Gonçalves de Faria (CEEPSGF) e a conexão com os primeiros participantes deste estudo.

À estudante **Neira Claudia**, da primeira turma da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (EAESGF), que nos adicionou no grupo de *Whatsapp* dos “primeiros agricolinos”, permitindo a aproximação com os demais participantes da pesquisa que se encontravam fisicamente distantes.

Aos agricolinos **Ednalva Oliveira dos Santos** (formanda de 1984) e **Moisés Pereira Barros** (formando de 1996), que contribuíram grandiosamente com suas fotografias e narrativas de vivências como estudantes da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (EAESGF). Sem suas valiosas contribuições, esta pesquisa simplesmente não seria a mesma.

Aos demais entrevistados que, durante a pesquisa de campo, enriqueceram o trabalho com suas narrativas de vida profissional e memórias inestimáveis. A participação autêntica de cada um foi fundamental para o sucesso desta pesquisa e essencial para a produção do primeiro Produto Educacional (PE), o "Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias da EAESGF, atual IFRO, *Campus Ji-Paraná*". Agradeço a indispensável colaboração de:

- Na Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (EAESGF): **Maria Lucia da Silva, Maria Luzia Auer** e seu filho **Marcos Antônio Thomas, Elenir Rodrigues Muniz, Carlos dos Santos Brandão, Hugo de Alencar Coelho** e **Braz Jerônimo da Silva**.
- No Centro Estadual de Educação Profissionalizante Sílvia Gonçalves de Faria (CEEPSGF): **Belmiro Barreviera, Elenir Rodrigues Muniz** e **Eliene Nantes Oliveira**.

Aos **alunos e alunas do 3º ano A do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFRO Campus Ji-Paraná**, formandos de 2024, que participaram da Oficina Pedagógica de Leitura e Escrita com Fotografias e Memórias, que resultou em nosso segundo Produto Educacional (PE). A colaboração de vocês foi essencial para a criação do Roteiro de Oficina Pedagógica.

Aos professores **Ana Valéria de Figueiredo (UERJ)**, **Eliete Zanelato (UNIR)**, **Fabio Santos de Andrade (UNIR)**, **Marco Antonio de Oliveira Gomes (UEM)**, **Márcia Cabral da Silva (UERJ)** e **Marlene Rodrigues (UNIR)**, por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa desta pesquisa e por suas valiosas recomendações.

Aos professores ministrantes das disciplinas que cursei durante o Doutorado: **Fábio Santos de Andrade**, **Genivaldo Frois Scaramuzza**, **Josemir Almeida Barros**, **Juracy Machado Pacífico**, **Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias**, **Márcia Machado de Lima**, **Marli Lúcia Tonatto Zibetti** e **Robson Fonseca Simões**. Cada um de vocês colaborou de forma significativa na minha formação.

A todos os meus colegas da turma de Doutorado 2021 - **Andreia**, **Epifânia**, **Gilceli**, **Gisely**, **Keila**, **Maitê**, **Melquisedeque**, **Noé**, **Roselaine**, **Rafael** e **Valterlei**, por dividirmos muitos momentos de aprendizados, brincadeiras, memes no *WhatsApp* e pelo apoio constante que sempre oferecemos uns aos outros. A nossa união e parceria foram essenciais para atravessarmos os desafios dessa jornada, e ficarão eternizadas nas boas memórias desta trajetória acadêmica.

Aos meus amigos **Andreia Paro do Nascimento**, **Keila Ferreira de Oliveira**, **Roselaine Kokkonen**, **Regiane Caris dos Santos** e **Carlos Augusto Silva e Silva**, pelos momentos de desabafos, troca de conhecimentos e boas risadas.

A toda a equipe do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional da UNIR, representada pela **Professora Dra. Marlene Rodrigues**, por manter o programa com tanta dedicação e qualidade, e por ser um ombro amigo quando precisei. Agradeço também ao **Professor Dr. Josemir Almeida Barros**, que atualmente dá sequência a esse valioso trabalho na coordenação do Programa.

Tenho muito orgulho de ter feito parte da história deste Programa de Doutorado Profissional em Educação Escolar da Região Norte do Brasil.

Com carinho e respeito,
Geovânia de Souza Andrade Maciel.

RESUMO

MACIEL, Geovânia de Souza Andrade. ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: AÇÕES PEDAGÓGICAS NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO), *CAMPUS JI-PARANÁ*. 2025. 388 f. Tese (Doutorado Profissional em Educação Escolar) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2025.

As escolas são espaços de vivências e experiências que transcendem os registros oficiais que costumeiramente subsidiam a História da Educação. Ao considerar a relação entre memória, história e educação, torna-se imprescindível apreciar os discursos oriundos da rememoração dos sujeitos escolares, já que tais enunciados podem auxiliar na compreensão dos vestígios de um passado institucional, construindo pouco a pouco um mosaico de lembranças coletivas para re/constituir a memória e a sociedade (Bosi, 1994). Sob um viés certeuniano (2014), nos debruçamos em perceber o passado da instituição de ensino IFRO, *Campus Ji-Paraná*, em tempos que retomam os anos de 1981, quando a instituição era denominada Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria (EASGF), e nos anos 2000, quando exerceu a função de centro profissionalizante. Assim, estamos fundamentados na Nova História Cultural (NHC), que abriu campo para a inserção da cultura popular e da história das instituições, superando práticas da história elitizada. Para tanto, serão utilizados os seguintes procedimentos: a) revisão de literatura e análise documental; b) pesquisa-ação, por meio do grupo focal, com os professores de História, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e disciplinas técnicas do curso em Floresta, Química e/ou Informática; c) entrevistas semiestruturadas com estudantes egressos e antigos funcionários; d) elaboração de um *site* para hospedagem do acervo iconográfico; f) oficina de leitura e escrita, utilizando o produto educacional elaborado; e) diário de campo da pesquisadora. Para Ciavatta (2023), a fotografia sintetiza o pertencimento a um determinado passado, por isso destacamos o uso da fotografia na análise dos processos de produção e subjetividade sobre a vida dos que participaram da história da instituição IFRO, *Campus Ji-Paraná*. Sabendo da importância de preservação da memória, nos fundamentaremos em autores como Nora (1993); Bosi (1994); Magalhães (2004); Le Goff (1990), Barros (2004) e outros, fomentando a perspectiva de que o ensino pode tornar-se significativo mediante a relação entre as linguagens, as memórias e as culturas presentes nos múltiplos cotidianos da vida dos escolares, construindo respostas significativas aos interesses e questões dos atores neles envolvidos e da sociedade em que se situam. Assim, como um resiliente conduto, a escola pode ampliar a discussão sobre os lugares de memórias da escolarização, buscando contribuir para os estudos da História da Educação e sobre as práticas sociais nas quais a linguagem em uso revela seu papel em favorecer a produção de sentidos. Como resultado, buscamos desenvolver, por meio de participação coletiva com os sujeitos da pesquisa, um produto educacional que possa contemplar a memória institucional do *Campus Ji-Paraná*, já que determinadas manifestações nos espaços digitais podem permitir novos entendimentos da função (re)memorativa como fenômeno eminentemente social, na perspectiva halbwichiana (2003).

Palavras-chave: História da Educação; Memória e Educação; Fotografias Escolares; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

MACIEL, Geovânia de Souza Andrade. BETWEEN HISTORY, MEMORY AND PROFESSIONAL EDUCATION: PEDAGOGICAL ACTIONS AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RONDÔNIA (IFRO), JI-PARANÁ CAMPUS. 2025. 388 p. Thesis (Professional Doctorate in School Education) – Center for Human Sciences, Federal University of Rondônia, Porto Velho, RO, Brazil, 2025.

Schools are spaces of lived experiences that transcend the official records typically used to support History of Education. When considering the relationship between memory, history and education, it becomes essential to value the narratives emerging from school actors' recollections, as these discourses can help reconstruct institutional history, gradually forming a mosaic of collective memories to re/constitute memory and society (Bosi, 1994). Through a Certeauian lens (2014), we examine the past of IFRO's Ji-Paraná Campus during its 1981 phase as the Silvio Gonçalves de Faria Agricultural School (EASGF) and its 2000s iteration as a Professional Training Center. Grounded in New Cultural History (NCH), which expanded research to include popular culture and institutional histories beyond elitist narratives, this study employs: a) literature review and document analysis; b) action research via focus groups with History, Portuguese/Brazilian Literature, and technical course (Forestry, Chemistry/IT) instructors; c) semi-structured interviews with alumni and former staff; d) development of a digital repository for iconographic collections; e) reading/writing workshops using the educational product; f) researcher's field diaries. Following Ciavatta (2023), photographs crystallize belonging to specific pasts - hence their central role in analyzing production processes and subjectivities about IFRO Ji-Paraná's institutional life. Theoretical foundations draw on Nora (1993), Bosi (1994), Le Goff (1990), Magalhães (2004), and Barros (2004), affirming that meaningful education emerges through intersections between languages, memories, and cultures in school communities' daily lives. As resilient conduits, schools can expand discussions on sites of memory in education, contributing to History of Education studies and social practices where language reveals its meaning-making role. The expected outcome is a collectively developed educational product preserving Ji-Paraná Campus' institutional memory, leveraging digital spaces for (re)memorative social phenomena (Halbwachs, 2003).

Keywords: History of Education; Memory and Education; School Photographs; Pedagogical Practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa de apresentação do grupo privado Escola Agrotécnica de Ji-Paraná Sílvio Gonçalves de Faria	xxxiii
Figura 2 - Carteirinha Estudantil (1991 - SP) e Trecho do Caderno de Estágio (2001 - RO) ..	36
Figura 3 - Técnica Bola de Neve, aplicada para encontrar os estudantes e funcionários egressos.....	42
Figura 4 - Fichas para categorização fotográfica.....	44
Figura 5 - Exemplo de fotografia categorizada na pesquisa.....	46
Figura 6 - Convite destinado aos participantes da pesquisa	47
Figura 7 - Objetos da História Cultural, proposta por José D'Assunção Barros	49
Figura 8 - <i>Print screen</i> da tela inicial de acesso aos Periódicos.....	54
Figura 9 - Resultado de nossa busca com o operador Booleano “OR”	60
Figura 10 - Mapeamento dos Institutos Federais que tiveram parte de sua história escrita em tese ou dissertação	64
Figura 11 - Resultados de pesquisa por <i>Campus/IFRO</i>	71
Figura 12 - Resultado de nossa busca com o operador Booleano “AND”	74
Figura 13 - Frequência de autores citados nas pesquisas sobre Fotografia e Educação.....	78
Figura 14 - Histórico de quatro instituições de ensino antes de fazerem parte da Rede IFRO	86
Figura 15 - Antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria vista do alto	95
Figura 16 - Lateral da sala de professores e auditório da antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria	100
Figura 17 - Após coletar insetos, banho na pedreira do senhor Nenê	101
Figura 18 - Karatê na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná	104
Figura 19 - Fatos e Fotos Pioneiros de Vila de Rondônia - <i>Toca Drinks</i>	106
Figura 20 - Lendário Cai n'água.....	107
Figura 21 - Burlando as regras escolares: colegas de quarto no alojamento interno da EAESGF	110
Figura 22 - Convite Formandos 1986 - Nomes e Apelidos.....	115
Figura 23 - Estudando para as provas.....	120

Figura 24 - Estágio da mandioca e estágio de viveiros de mudas	124
Figura 25 - Estudantes e professor na Horta da EASGF	125
Figura 26 - Compilado das principais atividades práticas da EAESGF	127
Figura 27 - Placa da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria com estudante (1996)..	131
Figura 28 - A força feminina (Turma de 1981-1983).....	135
Figura 29 - Relembrando a formatura da primeira turma (1981-1983).....	137
Figura 30 - Estudantes da Escola Agrotécnica em Crisma.....	143
Figura 31 - Os agricolinos da década de 1980.....	147
Figura 32 - Estudantes em placa institucional- turma de 1992-1994	149
Figura 33 - Oradora da Primeira Turma e Secretário de Educação do Estado – 1983.....	153
Figura 34 - Servidoras da EAESGF catando feijão em cozinha improvisada, após explosão	155
Figura 35 - Servidoras da merenda e limpeza da EASGF	157
Figura 36 - O cotidiano no alojamento da EAESGF	160
Figura 37 - Lavando roupa no alojamento da EAESGF.....	166
Figura 38 - As comemorações na EAESGF	167
Figura 39 - Uso do trator na escola Agrotécnica de Ji-Paraná	168
Figura 40 - Momento de lazer em e imersão na prática de Extensão Rural	170
Figura 41 - Escola rural construída pelo INCRA	175
Figura 42 - Capa do Memorial do CEEPSGF	194
Figura 43 - Frente do alojamento III – CEEPSGF	200
Figura 44 - Frente às secretarias e refeitórios invadidos – 2001	201
Figura 45 - Lateral e frente do refeitório invadido – 2001	202
Figura 46 - Frente das salas de aula - invadida (2001).....	203
Figura 47 - Uma bicicleta em sala de aula - invadida (2001).....	204
Figura 48 - Visita do representante do MEC em Ji-Paraná	207
Figura 49 - Grupo Gestor responsável pela implantação do Centro Profissional	209
Figura 50 - Descaso com o patrimônio escolar	210
Figura 51 - O descaso com o patrimônio escolar continua.....	215
Figura 52 - Secretária Sandra Marques fala sobre o Projeto de Reforma	216
Figura 53 - As promessas de reforma da extinta escola agrícola	219

Figura 54 - Reforma das Instalações – 2002	221
Figura 55 - Equipe do CEEPSGF Divulgando os cursos	222
Figura 56 - Leudo defende o Ensino Médio e Profissionalizante para área rural	224
Figura 57 - Cassol inaugura Órgão Gestor em Porto Velho.....	225
Figura 58 - Equipe gestora visita Órgão Gestor em Porto Velho.....	227
Figura 59 - Treinamento da Equipe Gestora	228
Figura 60 - Treinamento da Equipe Gestora de Ji-Paraná e Cacoal.....	229
Figura 61 - Mudança para o Centro Profissional Sílvia Gonçalves de Faria	231
Figura 62 - Faxina e organização do Centro Profissional	232
Figura 63 - Paralisação da reforma do Centro de Educação Profissional	232
Figura 64 - Reunião da Equipe Gestora com a comunidade	233
Figura 65 - Capacitação da Equipe Gestora com o Centro Paula Souza.....	235
Figura 66 - Reunião com segmentos da sociedade.....	238
Figura 67 - Balcão de Empregos: Busca-se eletrotécnicos.....	239
Figura 68 - Compilado de políticos em torno da Educação Profissional	240
Figura 69 - Retorno da reforma, em novembro de 2003	242
Figura 70 - Visita de Técnicos do MEC ao Centro de Estadual de Educação Profissional ...	243
Figura 71 - Notícia - Escola agrícola vira Centro Profissionalizante	244
Figura 72 - Notícia - Ji-Paraná vai ter Centro de Educação Profissional para atender 360 jovens.....	245
Figura 73 - Mobiliários com defeitos vindos da Seduc/REN/JIPA.....	247
Figura 74 - Limpeza dos canteiros pelo Departamento de Viação e Obras Públicas (DEVOP)	248
Figura 75 - Elaboração do Plano do Curso de Informática com a comunidade	249
Figura 76 - Comemorações da Equipe do CEEPSGF	250
Figura 77 - Visita ao Centro Tecnológico de Madeira e do Mobiliário de Votuporanga (CEMAD)	251
Figura 78 - Genro propõe pacto pela educação profissional	252
Figura 79 - Convite de Certificação aos concluintes do Curso de Informática Básica	253
Figura 80 - Entrega dos certificados.....	254

Figura 81 - Limpeza e organização dos blocos	255
Figura 82 - Notícia - Centro treinará 5 mil jovens por ano	256
Figura 83 - Notícia - Profissionalização para mais de 5 mil jovens/2006.....	257
Figura 84 - Notícia - Centro Profissional inaugura em 2006	258
Figura 85 - Convite das turmas de 2005.....	259
Figura 86 - Área invadida - Novo Ji-Paraná.....	261
Figura 87 - Percurso para análise das fotografias, sob a ótica de Barros (2004).....	265
Figura 88 – Primeira Página do Produto Educacional/Site Arquivo Fotográfico	285
Figura 89 - Localizando a seção Introdução - As 3 fases da Instituição	286
Figura 90 - Seção 3 - Escola Agrotécnica Gonçalves de Faria (EASGF) - Localizando as subpáginas do Site/Produto Educacional.....	287
Figura 91 - Seção 4 - O Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria	288
Figura 92 - Seção 5 - Pessoas que fizeram parte da história	289
Figura 93 - Seção 7 - Autores e colaboradores da pesquisa	290
Figura 94 - Fotos e <i>causos</i> curiosos.....	291
Figura 95 - Camisetas e outras recordações	292
Figura 96 - <i>Plugin</i> de comentários – comentário-teste.....	293
Figura 97 - Linha do tempo do Letramento.....	297
Figura 98 - Contato pelo <i>WhatsApp</i> , solicitando a Fotografia e a Memória dos Professores da turma.....	303
Figura 99 - Uma das fotografias e memória compartilhada pelos professores da turma	304
Figura 100 - Fichas organizadas com fotografias e textos dos professores.....	305
Figura 101 - Estudantes procurando ler os textos e as fotografias para identificar o professor/autor.....	305
Figura 102 - Recuperando memórias dentro do baú.....	306
Figura 103 - Fotografias em exposição e detalhe de perto das ficha-cartão com trechos das entrevistas	307
Figura 104 - Estudantes escolhendo a fotografia ou trecho da entrevista para sua inspiração literária.....	307

Figura 105 - O touro da EAESGF que queria ser boi.....	308
Figura 106 - Mapa dos Multiletramentos	312
Figura 107 - Processo inicial de escrita do <i>E-book</i> no <i>Canva</i>	318
Figura 108 - <i>Feedback</i> dos estudantes.....	321
Figura 109 - Memórias despertadas pela Oficina Pedagógica	322
Figura 110 - Sentimentos despertados por meio dos objetos antigos.....	324
Figura 111 - Opinião sobre a dinâmica “Quem é o autor?”	326
Figura 112 - Reencontro entre a pesquisadora e sua professora primária	366

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos produzidos pela pesquisadora entre 2022-2025	27
Quadro 2 - Aspectos da pesquisa-ação	38
Quadro 3 - Ficha para categorização fotográfica.....	45
Quadro 4 - Assunto e localidade sugeridos aos descritores “ <i>Campus Ji-Paraná</i> ”	58
Quadro 5 - Pesquisas sobre o IFRO por <i>campus</i> e temática principal	69
Quadro 6 - Perfil dos entrevistados	90
Quadro 7 - Aspectos físicos da EAESGF, descritos no Parecer nº 144 de 1991.....	97
Quadro 8 - Possíveis causas para o fechamento da instituição.....	186
Quadro 9 - Título/Legenda presente em cada fotografia	199
Quadro 10 - Algumas alterações em torno da Educação Profissional.....	272
Quadro 11 - Benefícios do IFRO.....	275
Quadro 12 - Categorias de Produtos Educacionais segundo APCN	280
Quadro 13 - Tipos de Produtos Técnicos e Tecnológicos (PTTs) segundo a Ficha de Avaliação da área de Ensino.....	281
Quadro 14 - Sutis diferenças entre Sequência Didática e Oficina Pedagógica	295
Quadro 15 - Resumo da aplicação da Oficina Pedagógica.....	300
Quadro 16 - Texto 1, resultante da Oficina Pedagógica.....	309
Quadro 17 - Análise do processo de reescrita do estudante Iury.....	316
Quadro 18 - Análise dos trechos de algumas produções dos estudantes.....	319
Quadro 19 - Síntese de dissertações e teses sobre a HEPT em Instituto Federal	369
Quadro 20 - Histórico por <i>Campus</i>	380

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação entre os dados catálogo da CAPES e catálogo da BDTD	56
Tabela 2 - Carga horária dos cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Floresta	123
Tabela 3 - Processos de admissão na Rede Federal em 2019.....	181
Tabela 4 - Número de estudantes atendidos nas primeiras décadas	185

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Temática principal nas pesquisas analisadas	62
Gráfico 2 - Uso de fotografias nas pesquisas que envolvem a História da Educação	75
Gráfico 3 - Uso da fotografia nos estudos sugeridos para “Fotografia” AND “História da Educação”	76

SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pesquisa em Educação
APPP	Atividades Programadas e Práticas de Pesquisa
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAFe	Comunidade Acadêmica Federada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEE/RO	Conselho Estadual de Educação de Rondônia
CEEPSGF	Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
Cetene	Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia
CONIF	Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DOE	Diário Oficial do Estado
EAA	Escolas de Aprendizes e Artífices
EAD	Educação a Distância
EAF	Escolas Agrícolas Federais
EASGF	Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria
ECT	Escola Técnica de Comércio
EFA	Escola Família Agrícola
EIT	Escolas Industriais e Técnicas
EP	Educação Profissional
EPT	Educação Profissional e Técnica
ETF	Escolas Técnicas Federais
ETFPA	Escola Técnica Federal do Pará
ETFPI	Escola Técnica Federal do Piauí
ET-UFPR	Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná
HEP	História da Educação Profissional
HEPT	História da Educação Profissional e Tecnológica
IF	Instituto Federal
IF's	Institutos Federais
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IFBA	Instituto Federal Baiano
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IFMT	Instituto Federal do Mato Grosso
IFPI	Instituto Federal do Piauí
IFPR	Instituto Federal do Paraná
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte

IFRO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPS	Intrusion Prevention System (Sistema de prevenção de intrusos)
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCT	Ministério de Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NHC	Nova História Cultural
NIMPI	Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO
PE	Produto Educacional
PPGEEProf.	Programa Pós-Graduação em Educação Escolar Profissional
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.
PROEP	Programa de Expansão da Educação Profissional
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
ProfEPT	Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional
RFEPCT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SEAD	Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos
Seduc	Secretaria de Estado da Educação de Rondônia
SEF	Sistema Escola-Fazenda
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
Setec	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SUDECO	Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UnED	Unidades de Ensino Descentralizado
UNED	Unidades descentralizadas
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

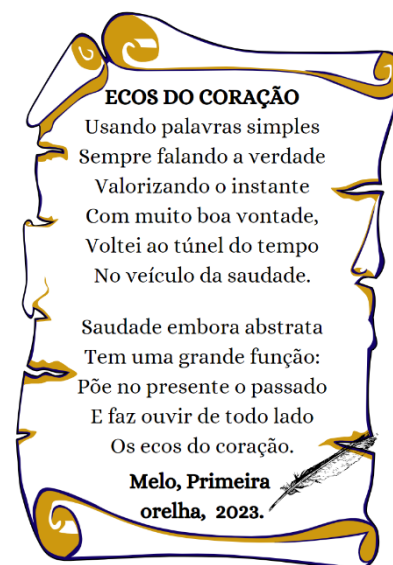
APRESENTAÇÃO: O PERCURSO INSEGURO DA PESQUISADORA ATÉ O CAMINHO ESTÁVEL DA PESQUISA	22
1. INTRODUÇÃO: HORIZONTES DA PESQUISA.....	34
1.1. LUPA HISTÓRICA: O PANORAMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM PESQUISAS ACADÊMICAS	53
1.1.1. A fotografia como fonte de pesquisa: capturando memórias da Educação Profissional Tecnológica	73
2. DO MACRO AO MICRO: DOS IF'S ATÉ O IFRO	82
2.1. Recorte da História da Educação Profissional Tecnológica.....	82
2.2. Da EAESGF ao IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i> : uma análise multidimensional por meio de vozes e imagens.....	87
3. O PRODUTO EDUCACIONAL E A AÇÃO PEDAGÓGICA NO IFRO, CAMPUS JI-PARANÁ	278
3.1 Plano de desenvolvimento dos Produtos Educacionais.....	282
3.2 Site: Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia.....	284
3.3 Roteiro da Oficina Pedagógica Leitura e Escrita com Fotografias e Memórias	293
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	328
REFERÊNCIAS.....	333
ANEXO I.....	350
ANEXO II.....	352
ANEXO III.....	354
ANEXO IV	356
ANEXO V	363
ANEXO VI	364
ANEXO VII.....	365
ANEXO VIII	366
ANEXO IX	367
ANEXO X.....	368
APÊNDICE I.....	369
APÊNDICE II	380

APRESENTAÇÃO: O PERCURSO INSEGURO DA PESQUISADORA ATÉ O CAMINHO ESTÁVEL DA PESQUISA

Com as palavras poéticas de Francisco Manoel de Melo¹ - que viu a cidade de Ji-Paraná² crescer -, iniciamos as primeiras memórias que contemplam essa tese, de maneira a voltar no tempo em busca de conhecer os caminhos, trilhados pela pesquisadora, que de alguma maneira a (re)direcionaram rumo a essa pesquisa, colocando como ponto central a busca por fontes históricas, digitais ou não, que a auxiliassem na compreensão de como ocorreu a transição da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria até a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - doravante IFRO - *Campus* Ji-Paraná. Ao alinhar teoria, empirismo e até poesia, procuramos explicar conceitos, ao mesmo tempo que desnudamos histórias colhidas em traços fugidios de memórias vividas, quase esquecidas, em ambientes pessoais, espaços oficiais ou mesmo em fontes digitais.

Este estudo se insere na área da Educação, linha de pesquisa Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas na Educação Básica, e foi desenvolvido nos anos de 2022 a 2025, sendo fruto da inquietação de se familiarizar com a história das origens de um dos *campi* que constitui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em Rondônia, *Campus* Ji-Paraná, instituição na qual leciono a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura desde 2017.

Minha chegada a esta instituição federal foi o resultado de um longo processo de desenvolvimento pessoal e profissional, muito aprendizado e superação:



¹ Vale salientar que, ao longo deste estudo, versos e prosa do poeta “*seu Melinho*” serão retomados, já que muitas de suas escritas remetem ao desbravar da cidade de Ji-Paraná, onde está situado o *Campus* Ji-Paraná, Instituto Federal de Educação, lócus de nossa pesquisa; assim como não esgotamos as possibilidades de utilizar outros poemas/autores que possam dialogar com ela.

² A cidade de Ji-Paraná é denominada afetivamente por sua população como “*Coração de Rondônia*”, em virtude de estar localizada na região central do estado de Rondônia e também por possuir uma ilha com o formato que lembra um coração, na confluência dos rios Machado e Urupá.

- Em dezembro de 2001, aos 17 anos, concluí o curso Magistério na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manuel Bandeira, na cidade de Colorado do Oeste (RO), e tão logo prestei concurso para professora do município, tomando posse no ano seguinte (2002), tive a oportunidade de experienciar o trabalho nas escolas rurais Gilberto Amado e Dom João VI. Lecionei não apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, mas também outras disciplinas, como Arte, História, Ciências, Ensino Religioso, Geografia, Técnicas Agrícolas e Matemática (reflexo da carência de professores com formação específica) para o fundamental II (6º ao 9º ano);
- Em 2005, concluí a graduação em Letras, pela Faculdade de Educação de Colorado do Oeste (FAEC), defendendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Gabriel, o Pensador: um recurso crítico-pedagógico”, sob orientação do saudoso professor Ronildo do Nascimento (*in memoriam*). O trabalho foi resultado de um projeto de leitura e escrita desenvolvido com estudantes do 8º e 9º ano (antigamente correspondia a 7ª e 8ª série) da Escola Municipal Dom João VI;
- Aprovada em concurso estadual em 2007, iniciei minha jornada como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na escola Julieta Vilela Velozo, no ensino fundamental I e II. A partir de 2009, voltei à Escola Manuel Bandeira, lugar onde construí minhas memórias de estudante (entre 1993-2001), para lecionar no Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, assim, criar novas memórias como professora;
- Em 2016, ao ingressar no Instituto Federal de Rondônia, tive a oportunidade de cursar o mestrado em Letras (2017-2019) pela Universidade Federal de Rondônia, com o desenvolvimento do trabalho “MultiLetramento Literário no Livro Didático: caminhos epistemológicos da Hipermmodernidade”, sob orientação da professora Dr. Lusinilda Carla Pinto Martins;
- Motivada pelo sonho de aprofundar meus estudos, ingressei no Doutorado em Educação Profissional em 2021, com o objetivo de desenvolver práticas

pedagógicas significativas com os estudantes do Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*.

Assim, durante o primeiro ano do Doutorado (2022), cumpri os créditos das disciplinas eletivas e obrigatórias e reescrevi o projeto aprovado na seleção do doutorado, conforme a linha de pesquisa e as recomendações do professor orientador. No começo da pesquisa, objetivamos elaborar uma prática didática que revisitasse a história da instituição e recorresse aos acervos e registros, resultando em um produto que contribuísse interconectando mais a comunidade com o ensino, a pesquisa e a extensão do *Campus Ji-Paraná*. Contudo, ao longo da pesquisa, descobrimos que eram escassas as informações a respeito do passado da instituição pesquisada.

Desde 2013, a instituição possui o *Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO* (NIMPI)³; todavia, a denominação do núcleo de investigação nos induziu a compreensão equivocada de que nele haveria memórias da instituição que poderiam auxiliar na proposta didática da pesquisa. Na verdade, o grupo desenvolve um trabalho interdisciplinar no qual digitaliza, preserva e divulga documentos históricos com ênfase na história de Rondônia e da Amazônia, e não necessariamente sobre o *campus*. Em outras palavras, o núcleo tem como objetivo recuperar antigas notícias do Estado de Rondônia, presentes nas edições dos jornais *Alto Madeira*, *Tribuna Popular* e *Correio Popular*, além de reunir e disponibilizar acesso aberto ao banco de dados em PDF (Filho; Neves, 2018), por intermédio de uma página - presente no *site*⁴ oficial do IFRO⁵ - que expõe seu conteúdo e possui um espaço de busca ao acervo digital.

Essa descoberta começou a mudar os rumos da pesquisa. Inquietei-me: com quais fontes históricas poderia elaborar minha prática pedagógica sobre a instituição? Comecei a perguntar aos colegas mais antigos, e tão logo minhas indagações foram-se espalhando pelos

³ Acesso da página NIMPI disponível em: <https://nimpi.ifro.edu.br/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

⁴ *Site* é um espaço na *internet* onde podemos guardar informações para que outras pessoas tenham acesso (seja para informar, divulgar, vender, comprar, compartilhar). O *site* é composto por um conjunto de páginas *Web* que expõe seu conteúdo, *hiperlinks*, formulários entre outros. Enquanto uma página tem conteúdo sobre uma determinada entidade, um *site* tem conteúdo relacionado com múltiplas entidades a depender do tamanho do *site* e objetivo.

⁵ O Portal do IFRO consiste em muitas páginas *Web* ligadas de maneira coerente, como a página do NIMPI, a página ALUNO, página SERVIDOR, as páginas por *CAMPI* e todas demais páginas de acesso público destinada a trazer notícias que estejam relacionadas a esta instituição de ensino federal. É possível acessar o *site* institucional em: <https://portal.ifro.edu.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

corredores da instituição em uma espécie de bola de neve, a comunidade acadêmica (servidores, estudantes e pais) passou a me parar pelos corredores do Instituto e me passar contato de pessoas que trabalharam na antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria (doravante EASGF) e que possuíam fotografias da época. Eu precisava aguardar a aprovação do projeto submetido ao Comitê de Ética para prosseguir com a pesquisa, mas ao mesmo tempo antevia que algumas mudanças deveriam ser realizadas na prática do projeto.

Assim, nesse primeiro ano do doutorado (2022), a preocupação vivenciada não era apenas em cursar as disciplinas obrigatórias e eletivas, elaborar o Projeto de Pesquisa e submetê-lo ao Comitê de Ética: no mesmo período me deparava com a difícil tarefa de encontrar documentos oficiais sobre a história do *Campus*:

- A instituição de ensino Sílvio Gonçalves de Faria, nos três primeiros anos de sua existência (1981-1983), pertenceu ao município de Ji-Paraná. Fomos à Prefeitura Municipal, ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)⁶ e ao espaço de guarda dos arquivos municipais e não encontramos documentos da época referente a Escola Agrotécnica Municipal.
- A partir do Decreto nº 1884 (Anexo I), de 10 de fevereiro de 1984, a instituição passou a integrar a Secretaria de Estado da Educação de Rondônia; assim, fomos direcionados à representação da Secretaria de Educação do Estado, localizada em Ji-Paraná; contudo, os documentos conservados em pastas individuais eram relativos, em sua maioria, a estudantes egressos, como boletins, relatório de estágios, certificados, entre outros.

Em 2022 e início de 2023, ao proceder levantamento bibliográfico no *Google Acadêmico*, nos repositórios da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

⁶ Órgão responsável, principalmente entre os anos de 1970 e 1980, a implantar os projetos de assentamentos dos contingentes populacionais provenientes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil que se deslocaram para a região Norte, e consequentemente ficou responsável por recrutar professores entre as pessoas que sabiam ler e escrever - em sua maioria esposas e filhas de colonos (Lopes *et al.*, 2019). Já que parte do tempo o INCRA ficou incumbido da educação dos municípios rondonienses, buscamos por lá a possibilidade de obtermos informações sobre a instituição pesquisada, porém não obtivemos êxito.

Superior (CAPES), não encontrei nenhum estudo⁷ com os termos *Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria*, *Centro Tecnológico Sílvio Gonçalves de Faria*. Com os descritores *Ensino Técnico em Ji-Paraná*, encontramos estudos que exploravam o ensino técnico em outra instituição técnica, denominada Escola Família Agrícola (EFA) Itapirema, igualmente localizada no município de Ji-Paraná. Ao pesquisar *Educação Profissional em Ji-Paraná*, alcançamos o estudo “A Educação Profissional no Instituto Federal de Ji-Paraná e os limites objetivos para a inclusão socioprofissional de seus egressos” (Sodré, 2013), que, apesar de contemplar o lócus da pesquisa, não enfatizou o passado da instituição.

- Se no ano de 2022 priorizei cursar as disciplinas e submeter o Projeto de Pesquisa, no ano de 2023, ao mesmo tempo em que efetivei muitas leituras e fichamentos, fui me interconectando mais com o tema a partir da escrita de artigos e apresentações de resumos em eventos diversos, de maneira a computar os pontos necessários das Atividades Programadas e Práticas de Pesquisa (APPP) exigidas pelo PPGEEDProf da Universidade Federal de Rondônia (UNIR):

⁷ No ano de 2022, a colega de trabalho Edeli Diogo de Oliveira também percebeu a ausência da parte histórica de nosso *campus* e debruçou-se na pesquisa desse tema no percurso do mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica. Assim, somente no final de outubro de 2023 passamos a ter um primeiro trabalho sobre a história da instituição, intitulado *Experiências de Educação Profissional e Tecnológica em Ji-Paraná/RO: História oral de vida de Egressos e Servidores* (Oliveira, E. D., 2023), que será de grande valia para se interligar com os arquivos analisados no decorrer dessa pesquisa. Fizemos um novo levantamento em 2024, com novos termos de busca, e as informações levantadas serão retomadas e analisadas na primeira seção.

Quadro 1 - Trabalhos produzidos pela pesquisadora entre 2022-2025

C O U M N I C A Ç Ã O - R E S U M O S	TÍTULO DO TRABALHO	EVENTO OU REVISTA
	Entre a memória, a literatura e a educação: práticas de escrita de si no IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i> ;	SEDU 2022 -XIX Semana de Educação, II Congresso Internacional de Educação, II Encontro de Egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação.
	Memórias sobre formação e trabalho docente por intermédio de charges	IX Seminário de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – SEPEMO. Ensino em perspectivas, 3(1), 1–5, 2022. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8974 . Acesso em: 10 jan. 2024.
	Vídeo Poemas à flor da tela: práticas de ensino com a literatura no IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i>	II EDUREDE: Reconfigurando as Tecnologias na Educação no Pós Pandemia, 2022.
	Um mergulho no oceano fluido do <i>Instagram</i> : memórias escolares de estudantes dos IF's na internet	IV Colóquio Nacional de Educação Escolar - COLEE, 2023.
	As consequências da modernidade em âmbito escolar	5º Encontro de Egressos do Mestrado Profissional em Educação, 2023. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/5eeunasp/643019-as-consequencias-da-modernidade-em-ambito-escolar/ . Acesso em: 10 jan. 2024.

	Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria	Portal Bicentenário: I Seminário Internacional 200 Anos de Escolas Públicas no Brasil, 2023. Disponível em: https://portaldobicentenario.org.br/wp-content/uploads/2023/12/1981-ESCOLA-AGROTECNICA-ESTADUAL-SILVIO-GONCALVES-DE-FARIA.docx.pdf . Acesso em: 29 set. 2024.
	Formação, memória e ação docente em uma escola pública na Amazônia Ocidental	XIV Fórum Internacional de Pedagogia – XIV FIPED, Reinventar práticas educativas para a (re)existência no presente/futuro, 2024.
	Teias de memórias: registro dos pioneiros de Rondônia.	Anais do XX Semana da Educação, III Congresso Internacional de Educação, IV Encontro de Egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação. Vol. 2, 2024, Londrina. Anais eletrônicos. GALóá, 2024. Disponível em https://proceedings.science/sedu/sedu-2024/trabalhos/teias-de-memorias-registro-dos-pioneiros-de-rondonia?lang=pt-br# . Acesso em: 9 dez. 2024.
P U B L I C A Ç Õ E S	Mediação virtual no ensino remoto e a produção de videopoemas	Estudos em cas@: Linguagens, Educação E Ensino. Org. Ellen dos Santos Oliveira 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021. Disponível em: https://editorabagai.com.br/product/estudos-em-cas-linguagens-educacao-e-ensino/ . Acesso em: 10 jan. 2024.
	A formação do leitor (multi)literário por intermédio de produções de videopoemas	Sobre ler e escrever: usos da linguagem na perspectiva dialógica. Org. HELBEL; COUTO. São Carlos: Pedro & João editores, 2022. 59-75 p. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/sobre-ler-e-escrever-usos-da-linguagem-na-perspectiva-dialogica/ . Acesso em: 10 jan. 2024.
	Vídeo Poemas à flor da tela: práticas de ensino com a literatura no IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i>	Anais do EDUREDE: reconfigurando as Tecnologias na Educação no pós-pandemia. Anais...Curitiba(PR) Uninter/UFPR, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/edurede2022/558143-videopoemas-a-flor-da-tela--praticas-de-ensino-com-a-literatura-no-ifro-campus-ji-parana/ . Acesso em: 29 set. 2024.
	Entre a memória, a literatura e a educação: práticas de escrita de si no IFRO	Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 7, n. 21, p. 357–370, 2022. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2022.v7.n21.p357-370. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/13984 . Acesso em: 29 set. 2024.
	Retrato dos currículos praticados: saberes/fazeres docentes no cotidiano Escolar rondoniense	Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 1981–2000, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n1-103. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/2360 . Acesso em: 29 set. 2024.
	Um mergulho no oceano fluido do <i>Instagram</i> : conectando memórias de estudantes dos IF's	Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 49, n. 1, p. 225-245, 2024. DOI: 10.5216/ia.v49i1.76668. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/76668 . Acesso em: 29 set. 2024.
	Tessitura de memórias: formação de professores e trabalho docente por intermédio de charges	In: PACÍFICO, Juracy Machado; FREITAS, Sirley Leite; DIAS, Alessandra Carvalho de Souza Melo. Formação de professores e práticas pedagógicas na Amazônia: possibilidades com pesquisas aplicadas. Porto Velho, RO: Temática Editora e Cursos, 2023. 168-187 p. ISBN: 978-65-85808-35-4 (livro digital).

	Navegando nas águas do <i>Facebook</i> : dos <i>posts</i> às práticas	Revista Cocar, [S. l.], v. 21, n. 39, 2024. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/8063 . Acesso em: 29 set. 2024.
EM A G U A R D O	Lentes do passado: registro fotográfico dos pioneiros de Rondônia	História Revista, 2025.
P O E S I A S	O infinito pedagógico	Revista Ponto de Vista, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 01–01, 2023. DOI: 10.47328/rpv.v12i1.15547. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/15547 . Acesso em: 29 set. 2024.
	Violência obstétrica e desumanização	Antologia Poética: Amor De Mãe. Rio de Janeiro: Tribunal Regional Do Trabalho Da 14ª Região, Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª, 2024
	Para sempre criança	Projeto Antologia Poética: Para sempre criança. Livro eletrônico. Organização Tribunal Regional do Trabalho da Décima-Quarta Região, Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da Décima-Quarta; Apresentação Willian Ferreira Coutinho. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Um Design, 2024.

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2023-2025.

- Em maio de 2024, visitei o CEE (Conselho Estadual de Educação, órgão estadual que tem como missão normatizar e supervisionar o Sistema de Ensino), localizado em Porto Velho, Rondônia, com a finalidade de encontrar documentos da antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria. Assim, digitalizei documentos normativos (regulamentos, pareceres e decretos) que contam um pouco da trajetória institucional e serão utilizados neste trabalho.

A dificuldade em obter documentos que revisitassem a Matriz Curricular da Língua Portuguesa na Educação Profissional ji-paranaense se mostrou desafiadora, resultando em receio por não conseguir executar a pesquisa. Posso utilizar a metáfora do rio representando o percurso da pesquisa: por inúmeras vezes a desistência tomou conta de mim e em muitos momentos me senti como se estivesse entrando em um rio sem saber nadar. Somente o fato de não estar mergulhando sozinha, foi aos poucos resgatando a confiança de que conseguiria atravessar a correnteza durante o percurso dessa viagem. Muitos amigos e professores, em

especial do Programa Pós-Graduação em Educação Escolar Profissional (PPGEEProf.) da UNIR, colaboraram de forma direta e indireta em cada etapa dessa travessia.

Há aqueles que me auxiliaram nos momentos em que as águas estavam mais calmas, esclarecendo dúvidas, técnicas e estratégias para o aprofundamento da pesquisa e sugerindo leituras e ideias; outros chegaram em momentos mais turbulentos, em que me via quase afogando na correnteza de pensamentos, conceitos e teorias. Sou grata a cada pessoa que me socorreu!

Em um dos momentos críticos da investigação, quando me senti submersa em um rio de incertezas, quase me afogando, fui fisgada pela rede social *Facebook* que insuflou novos ânimos à pesquisa. Ao descobrir o grupo privado denominado “*Escola Agrotécnica de Ji-Paraná Sílvio Gonçalves de Faria*”, percebi o potencial desta plataforma como um elo para a comunidade de estudantes egressos.

O grupo, restrito a membros privados, servia como um arquivo das memórias e conquistas dos estudantes, refletindo o legado duradouro da instituição. Por ser um grupo fechado, apenas os membros aceitos conseguiam ver quem era membro do grupo e as respectivas publicações. Para assegurar que a comunidade virtual realmente correspondesse à instituição lócus de pesquisa, solicitei minha participação ao grupo com a finalidade de acompanhar as publicações e conhecer melhor a história contada por seus participantes. A maioria, egressos da escola, compartilhavam suas lembranças e sucessos evidenciando o impacto significativo da instituição em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Figura 1 - Capa de apresentação do grupo privado Escola Agrotécnica de Ji-Paraná Sílvio Gonçalves de Faria



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/417860278288416/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Conforme é possível perceber no *print screen*⁸ da capa de apresentação, o Grupo da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná possui o objetivo de reunir os formandos do curso Técnico em Agropecuária da antiga instituição, o que resultou no nome do grupo. Em março de 2023, o grupo estava composto por 113 membros, e nele me deparei com várias fotografias compartilhadas pelos antigos estudantes.

Sob a ótica de Pierre Nora (1993), memória e história não podem ser consideradas sinônimas, uma vez que a memória é vida carregada de lembranças e esquecimentos, detalhes e afetividade pertencentes a um grupo, enquanto a história é sempre reconstrução problemática, incompleta, relativa e intencionada. Por isso, as mensagens e fotografias compartilhadas nas redes sociais me impactaram como pesquisadora, e não consegui controlar o desejo de mergulhar nesse rio de memórias extraoficiais de pessoas que viveram a história da instituição na sua plenitude e que demonstravam, indiretamente, seus anseios em ter suas lembranças afetivas registradas. Nesse contexto, o ciberespaço surge como um lugar de memória (Nora, 1993), nascido e nutrido de sentimentos humanos que buscam refúgios em

⁸ *Print Screen*, traduzido como captura de tela, é basicamente a fotografia de algo capturado pela tela do computador ou qualquer dispositivo que desempenhe essa função de imprimir a tela (fazer cópia) e enviar imagem ao arquivo de suporte.

suportes criados para cristalizar suas lembranças, quiçá desempenhando teor semelhante aos álbuns de fotografias de outrora.

As mensagens compartilhadas corroboraram para percebermos que, na contemporaneidade, o ciberespaço passou a redimensionar a memória coletiva e o sentimento de pertença; por isso, o virtual começou a ser um mecanismo instigante para a busca de fontes históricas de nossa pesquisa. Com a observação das postagens na comunidade privada do *Facebook* e a partir das várias pessoas que me procuravam para falar suas memórias, comprovei o quanto estava latente a necessidade de trazer à tona o registro das memórias da Educação Técnica e Profissionalizante em Ji-Paraná, contribuindo com a história da nossa instituição.

Vale lembrar que, tão logo o volume de referências sobre a história das instituições e os dados da investigação *online* foram-se acumulando e somando a tantas leituras realizadas, transformaram-se em correntezas que varriam tudo pela frente no meu mundo real e quimérico de pesquisadora. Aos poucos percebi que o acúmulo de informação poderia propiciar tempestades de ideias, consequentemente potencializando o percurso da pesquisa. Assim como os banhistas são alertados a perceberem mudanças na cor da água, agitação, surgimento de folhas e galhos, resultando na cabeça d'água⁹ que traz perigos iminentes, nós pesquisadores também precisamos antever os sinais de ansiedade no trabalho do pesquisador. Nesses momentos da pesquisa, a saída encontrada foi abandonar o ambiente de estudo e buscar um lugar seguro até que a calma retornasse. O retorno poderia ocorrer horas depois, no outro dia e, em aflições maiores, o distanciamento com a pesquisa poderia ocorrer por dias... Por incrível que pareça, este é um distanciamento paradoxal: não temos ânimo para ligar o computador, ler as referências na pasta criada para arquivar as leituras essenciais à temática, mas ao mesmo tempo, a pesquisa já se tornou uma ideia fixa a ponto de nos “perseguir” e “atormentar” em todos os lugares, até mesmo no horário do sono. E assim como Freud¹⁰ já previra que toda ideia obsessiva vem acompanhada de *culpa* e que um dos

⁹ A “cabeça d'água” é um tipo de cheia (ou enchente) repentina que ocorre, tipicamente, em rios e córregos localizados em superfícies inclinadas ao longo de serras e montanhas; caracteriza-se por ser extremamente perigosa para quem está no leito do rio, como banhistas e praticantes de trilhas ou rapel (Collinschonn; Kobiyama, 2019).

¹⁰ Na teoria freudiana, a ideia fixa é um conflito psíquico em que pensamentos e impulsos inaceitáveis são reprimidos e se manifestam em ações compulsivas. A obsessão, sob a ótica de Freud, não está relacionada

mecanismos de defesa incluem o *isolamento* (Freud, 1996), penso que acontece de forma similar no processo que reveste a escrita acadêmica. Apesar de ficarmos apavorados quando as ideias não fluem como gostaríamos que fluíssem, ou quando elas formam um emaranhado impossível de desfazer, devemos compreender que, de forma semelhante ao curso natural do rio, às vezes seguimos por águas calmas, às vezes passamos por águas turbulentas. E quando nos deparamos com os desafios que surgem, é preciso estar confiante que a calmaria retomará o seu lugar e, conseqüentemente, as ideias voltarão a fluir, para tão logo obtermos novos êxitos na escrita científica.

Confesso que, em alguns momentos da pesquisa, me vi como se estivesse em um redemoinho: era como se toda a minha pesquisa me jogasse para o fundo e para cima novamente e eu ficava girando no mesmo lugar em meio à correnteza de ideias, sem forças para sair do lugar, quase me afogando. Quando estava em grande desespero, surgiu a Professora Dra. Jussara Santos Pimenta, minha admirável orientadora, que me trouxe de volta às margens.

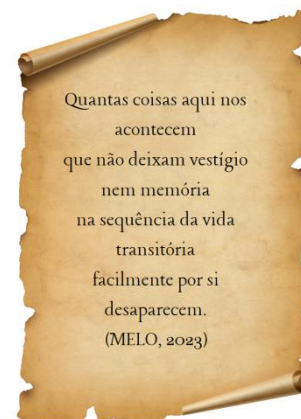
Na primeira orientação, sua sensatez me permitiu manter a cabeça fora da água, quando respirei um pouco, recuperei-me do esgotamento físico em que me encontrava em dar braçadas sem sair do lugar, para que, tão logo o rio se acalmasse, pudesse então seguir o curso natural da pesquisa. Finalmente, senti-me preparada para iniciar a *pesquisa-ação*; fiz, então, o primeiro contato com os professores participantes da pesquisa e, ao compartilhar as informações materiais obtidas desde o início da investigação, juntos decidimos os passos iniciais da parte prática.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, é compreensível que se inicie com a identificação de um problema e desdobre-se no ciclo descrito por Tripp (2005): planejar, implementar, monitorar a solução, para, por fim, avaliar a sua eficácia. Alguns direcionamentos indicados no projeto de pesquisa passaram por mudanças para garantir eficácia ao que os participantes - docentes e discentes colaboradores - apontaram como de maior relevância para a comunidade. A seguir, detalharemos os passos teórico-metodológicos da pesquisa.

apenas à sexualidade (embora desempenhe papel de destaque em sua teoria); é importante enfatizar que o autor também reconhecia outros fatores psicológicos e experiências de vida como responsáveis pelo desenvolvimento de conflitos internos. Aqui tomamos a liberdade de atribuir a obsessão ao momento de aflição que passamos no percurso da escrita acadêmica.

1. INTRODUÇÃO: HORIZONTES DA PESQUISA

Outra vez, o poeta Melinho nos inspira a pensar nos pedaços da história perdidos no transcorrer do tempo e na importância de interrogarmos a história tradicional com o intuito de evocar fragmentos esquecidos. A busca pela história de uma instituição não é uma tarefa fácil, pois exige um olhar atento, a começar pelo fato de que são poucos os historiadores que se dedicam ao estudo da Educação (Ciavatta, 2015), além do reduzido número de produção científica no que se refere às escolas agrícolas/agrotécnicas (Ribeiro, 2015). Outro desafio de que fui aos poucos tomando consciência é o fato de ser uma investigadora formada em Letras principiando no caminho de *historicizar* uma instituição educativa. A cada passo/nado, percebo a Educação como um fenômeno complexo e multidimensional que exige uma investigação meticulosa, pois dela participam sujeitos *criativos* em sua prática cotidiana e *construtivos* no que se refere à relação entre seus participantes e a comunidade (Magalhães, 2004, p. 127).



Esta pesquisa objetiva conhecer e explorar o passado da instituição, lócus da pesquisa, e por meio de um processo metalinguístico¹¹ registrar parte da história que será tecida nas escritas desta tese. A reconstrução histórica servirá para entrelaçar os fios do passado e do presente conectando ainda mais a instituição e a comunidade escolar, além de resultar em um produto que servirá de base para práticas pedagógicas a serem executadas por professores da instituição, que simultaneamente avaliarão o Produto Educacional.

Sabemos que não é possível obtermos total neutralidade científica (Japiassu, 1975), visto que, de alguma forma, mesmo que inconsciente, os caminhos que trilhamos no entorno

¹¹ O processo metalinguístico é inerente ao trabalho criador e está relacionado ao trabalho mais elaborado e complexo da linguagem, em que se utiliza código para se explicar o próprio código. Exemplos: utilizar a fotografia para explicar a fotografia, produzir uma música que fala sobre o próprio processo de criação da música. Na tese, utilizaremos a própria história pesquisada (na qual pesquisadora, estudantes e professores da instituição pesquisaremos sobre a sua instituição) como fonte material para explicar a própria história da instituição, o que servirá, conseqüentemente, de inspiração para o Produto Educacional. O produto didático não só contribuirá para o conhecimento acadêmico, mas também almejamos que se torne um recurso apropriado para futuras práticas educacionais.

da pesquisa estão estritamente relacionados com os vestígios de nossa formação acadêmica e as preferências teórico-metodológicas com as quais nos identificamos. Ao reconhecermos a memória como uma “reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (Bosi, 1994, p. 46), arriscamos que a escolha em nos debruçamos em temas como *a memória*, *a história* e *a educação* já transporta parte subjetiva da pesquisadora mesmo quando alicerçada em conhecimentos objetivos, pois minhas representações de vida estão intrinsecamente presentes em minhas ações cotidianas como professora-pesquisadora.

Sou inevitavelmente uma pessoa nostálgica, daquela que preserva o Caderno de Estágio da época do Magistério, que guarda cartinhas das amigas, que cuida dos cadernos com mensagens dos colegas de escola, que mantém comunicação com uma das primeiras professoras primárias¹², mesmo separadas geograficamente..., que é feliz rememorando o passado pessoal e procura sempre se interconectar com pessoas de outrora, pois de forma similar ao que o poeta ji-paranaense transmite em seu poema, na epígrafe, a professora/pesquisadora tem grande receio de que a vida transitória oculte os acontecimentos memoráveis.

¹² Cursei o primeiro e o segundo ano do Fundamental I na Escola Alberto Bacan, em Guarulhos, São Paulo (1991-1992), até que minha família precisou mudar para o estado de Rondônia. Mesmo distante, mantive contato por cartas com a professora Lisete Alves Lima Gomes de 1992 a 2007, quando, por motivos de mudanças locais, perdemos a comunicação. Contudo, no ano de 2014, ao criar minha conta na rede social *Facebook*, comecei uma saga para reaver contato com a professora e consegui obter êxito em setembro de 2018, quando a professora aceitou minha amizade de forma virtual. No dia 8 de outubro do respectivo ano, a professora me respondeu no aplicativo *Messenger*, efetivando o retorno do nosso vínculo de escrita, não mais por carta, mas sim por redes sociais diversas, inclusive de modo mais instantâneo, com o *WhatsApp*. Em consequência do vínculo afetivo, após 30 anos sem nos vermos, um reencontro presencial ocorreu em 20 de janeiro de 2022 (ver Figura 112, em Apêndice).

Figura 2 - Carteirinha Estudantil (1991 - SP) e Trecho do Caderno de Estágio (2001 - RO)

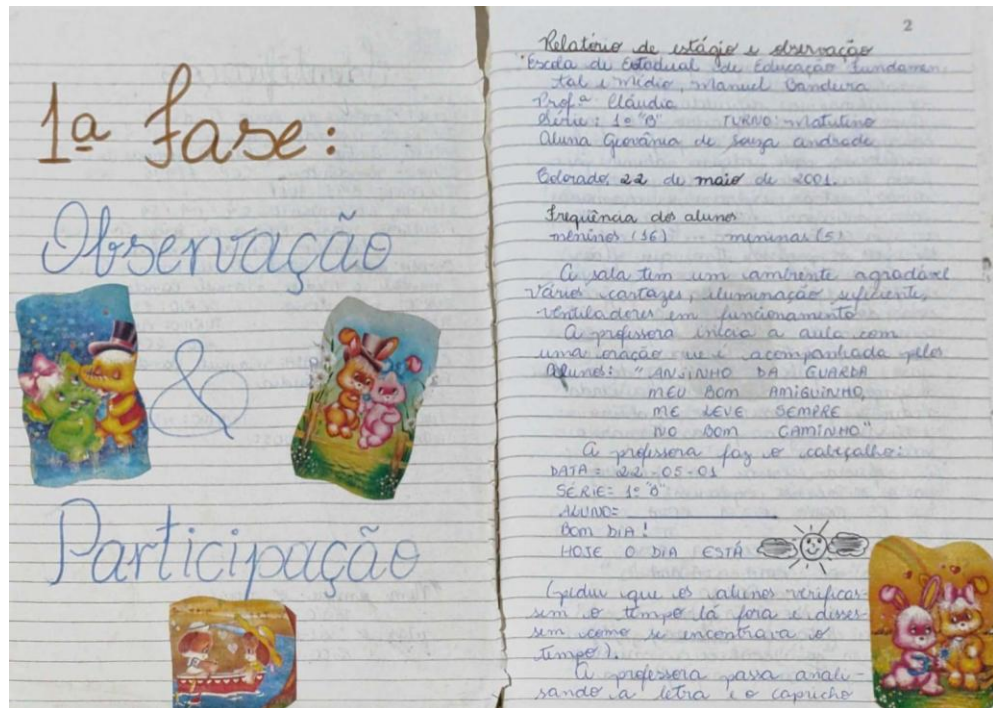
IDENTIDADE Ano Letivo 1991

Aluno: Geovânia Souza Andrade
 Filiação: Edmilson José de Andrade
Maria Ediane de Souza Andrade
 Natural de: Colazera PA
 Nascto. 04 de 04 de 1984
 Resid. _____

Edilson Silva Martins
 DIRETOR
 RG 4.937.702
 CS Scanned with CamScanner
 Diretor de Escola

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 COORD. DE ENS. DA REGIÃO METROPOLITANA
 DA GRANDE SÃO PAULO
DRE-4-NORTE-2 - D.E. GUARULHOS
EEPSG PROF. ALBERTO BACAN
 Rua Jaguaribe n° 20
 Jd. Nova Umbica - Guarulhos
 Fone: 912-1162 - CEP 07230

GRAU	SÉRIE	TURMA	Nº
1º	1º	F	20



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

De acordo com Gatti (2008), o método se constrói no processo da investigação científica e, por isso, é reconhecido como algo concreto, revelado a partir da forma como o pesquisador olha as coisas do mundo e consequentemente age, organiza e desenvolve seu trabalho de pesquisa. Assim, torna-se perceptível que “o afloramento do passado”, combinado “com o processo corporal e presente da percepção” (Bosi, 1994, p. 46), carrega na ação

investigativa um toque pessoal que conecta de forma *subjetiva e crítica* “o que uma tradição em certa área de investigação produziu historicamente” (Gatti, 2008, p. 73).

Ampliamos a fundamentação de nossa pesquisa nos aspectos da Nova História Cultural, que, segundo Burke (2011), contribui para abrangência do território histórico, vinculando-o a novas fontes, explorando novos métodos e unindo diferentes áreas científicas, “da geografia à linguística, da economia à psicologia” (Burke, 2011, p. 89). Na perspectiva do grupo dos Annales, em especial a terceira geração, consigo me posicionar como pesquisadora formada em Letras a contribuir no campo da História, explorando as linguagens do ciberespaço, de documentos diversos e, principalmente, das fotografias resgatadas que contam sobre o passado da instituição pesquisada.

No final do segundo ano (2023), a pesquisa passou a ter uma melhor estrutura, e iniciamos a parte de campo com o apoio de 5 (cinco) docentes. Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação consiste na resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Na primeira reunião, os professores ficaram instigados com o quantitativo de fotografias que conseguimos recuperar, dentre outros documentos; em especial, a professora de História teve *insight* de práticas didáticas a serem executadas com seus estudantes. As reuniões evidenciaram ainda mais a necessidade de sistematizar um espaço para a guarda de parte da história da instituição. Aos poucos, iniciamos a prática da pesquisa-ação, que, conforme Thiollent (1986, p. 15), ocorre quando “houver realmente ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. O autor afirma, ainda, que a pesquisa-ação é uma estratégia da pesquisa social, e aproveitamos os principais aspectos expostos por ele para fazer um quadro explicativo de nossa pesquisa-ação.

Quadro 2 - Aspectos da pesquisa-ação

ASPECTOS DA PESQUISA-AÇÃO SEGUNDO THIOLLENT (1986)	ASPECTOS OBSERVADOS NOS PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISA-AÇÃO APLICADA
a) Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;	Realizamos 4 reuniões, nas quais todos os participantes presentes sugeriram ideias e contribuíram com as práticas no percurso da pesquisa.
b) Dessa interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas, sob forma de ação concreta;	A partir das interações, decidimos priorizar o problema a respeito da ausência da guarda de fotografias e demais documentos que contam a história da instituição. Encaminhamentos: • priorizar a organização de um acervo fotográfico do passado institucional • produzir um <i>site</i> ou página <i>web</i> para tornar o acervo de acesso público à comunidade.
c) O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas, e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nessa situação;	A prática da pesquisa-ação comprovou que a situação e os problemas foram surgindo e conduzindo a investigação, por isso ocorreram algumas mudanças com relação ao projeto inicial. O objeto de investigação por nós apresentado inicialmente remetia ao histórico da matriz curricular da Língua Portuguesa, contudo percebemos, no percurso da investigação, outras prioridades para a comunidade. A fotografia se tornou um valioso instrumento e objeto de pesquisa para o resgate da memória, da história e do cotidiano educacional do IFRO. Consequentemente, pensar estratégias de organização e conservação das fotografias e demais documentos resgatados passaram a ser priorizados na pesquisa.
d) O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;	Procuramos resolver parte da falta de arquivos documentais da antiga instituição Agrotécnica e do Centro Tecnológico Sílvio Gonçalves de Faria, que antecederam o IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i> .
e) Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;	Durante o percurso, o grupo esteve avaliando as decisões e ações em prol de minimizar o problema e contribuir com o resgate da história institucional, o que possivelmente contribuirá para estabelecer maior aproximação entre a instituição de ensino atual e a comunidade.
f) A pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o nível de consciência das pessoas e grupos considerados.	O resgate histórico da instituição aumentará o conhecimento da comunidade a respeito das contribuições proporcionadas pela instituição de ensino ao longo dos anos, e consequentemente aumentará seu prestígio e reconhecimento na atualidade. Há possibilidade de contribuir com a construção da identidade da instituição.

Fonte: Produzido pela pesquisadora a partir de Thiollent (1986, p.16).

Por ser uma pesquisa com abordagem *qualitativa*, nos aprofundaremos “nas relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, interagindo “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2001, p. 22), priorizando a compreensão do grupo social pesquisado. Segue um detalhamento da sustentação da pesquisa:

a) Do coração à razão da pesquisa: do problema aos objetivos da pesquisa

Sabemos que o problema é o coração da pesquisa e o fio condutor para desenvolver qualquer trabalho científico. Assim, as perguntas que fundamentam essa investigação são:

- O que as pesquisas e os documentos oficiais dizem sobre a Educação Profissional, sobre os IF's e sobre o IFRO, em especial o *Campus Ji-Paraná*? (Almejamos conhecer um pouco da narrativa macro até alcançar uma narrativa micro, da ESGF ao IFRO.)
- Quais são as possíveis interpretações que as fotografias e os arquivos oficiais nos revelam a respeito do cotidiano da antiga EASGF?
- A memória, a cultura e a identidade da Educação Profissional Técnica das décadas de 1980 dialogam com o cotidiano do atual Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*?
- Como contribuir para o ensino da Língua Portuguesa e das demais disciplinas técnicas na Educação Profissionalizante na EASGF?

Para orientar o percurso da pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Reviver a trajetória histórica do IFRO, *Campus Ji-Paraná*, no intuito de inspirar e fomentar práticas pedagógicas que se conectem de forma mais profunda com as práticas sociais e escolares dos estudantes, em diálogo intrínseco com suas vivências e aspirações.

Objetivos específicos:

- Mapear a produção acadêmica e documentos oficiais sobre a Educação Profissional no Brasil, com foco nos Institutos Federais e no IFRO, para construção de uma narrativa macro-micro;
- Interpretar o cotidiano da antiga Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria (EAESGF), a partir da análise de fotografias e arquivos oficiais, revelando aspectos sobre a vida escolar, as práticas escolares e a cultura da época. Isso inclui recorrer a acervos escolares (como relatórios, atas e planos de ensino...), legislações (como decretos e portarias...) e registros iconográficos (fontes visuais) que abarcam a Educação Profissional Técnica em nível nacional e local, oportunizando maior destaque, desde a iniciação do processo do Ensino Médio Técnico local até a atualidade (momento que a Escola Sílvio Gonçalves de Faria cedeu espaço para a implantação da Escola Técnica Federal de Educação Tecnológica em Ji-Paraná/RO);
- Aprimorar o ensino de Língua Portuguesa na Educação Técnica Profissional de Ji-Paraná, desenvolvendo coletivamente um Produto Educacional que, fundamentado na perspectiva dialógica da linguagem, nos multiletramentos e nas memórias da instituição, contribua para o ensino e aprendizagem dos estudantes do Curso Técnico do IFRO, *Campus* Ji-Paraná, e, ao mesmo tempo, fomente a produção de outras práticas pedagógicas interdisciplinares.

b) O *corpus* da pesquisa e os procedimentos metodológicos

A pesquisa começou a ser desenvolvida junto aos docentes das disciplinas de História e Língua Portuguesa e estudantes do Ensino Médio Técnico¹³. Iniciamos com a

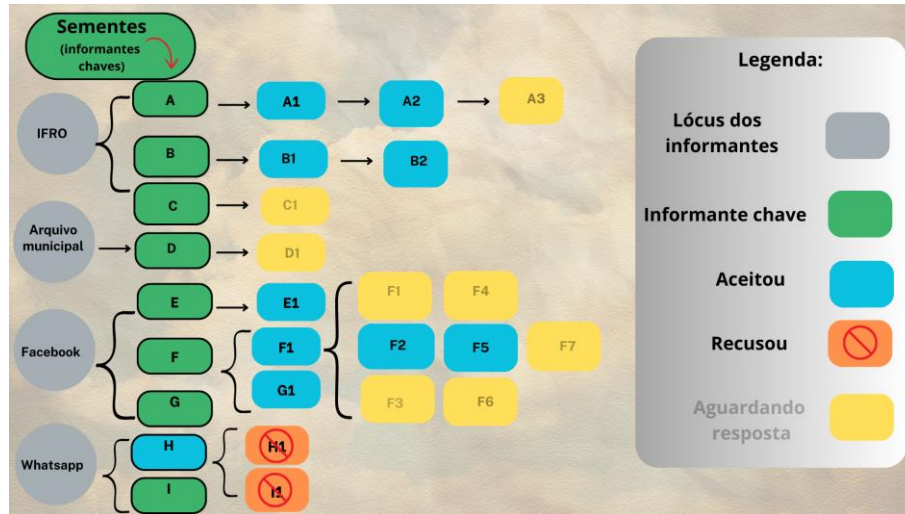
¹³ Inicialmente, teríamos como participantes os estudantes do Curso Técnico em Floresta; todavia, o início da greve trouxe algumas inviabilidades, tornando necessário divulgarmos a pesquisa para os demais cursos ministrados no *Campus* (Floresta, Química e Informática), no intuito de conseguirmos estudantes dispostos a auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, durante o período da paralisação. Com o retorno da greve, optamos por eleger uma turma, no intuito de obtermos uma colaboração mais efetiva.

formação de um Grupo Focal formado por docentes e delimitamos os passos seguintes da pesquisa-ação:

- 1) convite aos alunos participantes passíveis de contribuir voluntariamente com a pesquisa-ação;
- 2) organização dos dados já coletados sobre a história da instituição pela pesquisadora;
- 3) estruturação da coleta de dados;
- 4) distribuição, entre os participantes do grupo, do trabalho auxiliar de escaneamento e catalogação das fotografias adquiridas no percurso do estudo;
- 5) organização do roteiro para a realização das entrevistas;
- 6) auxílio na realização das entrevistas (gravação e filmagem, enquanto a pesquisadora efetivava entrevistas e transcrição).

Ao percorrermos o ciberespaço, o grupo *Escola Agrotécnica de Ji-Paraná Sílvia Gonçalves de Faria* nos ofereceu pistas de pessoas ligadas à história inicial da nossa instituição. A criação do grupo partiu da administradora, Neira Claudia, com a qual entrei em contato; na sequência, fui apresentada virtualmente a vários estudantes da primeira turma, de 1981-1983. Um estudante egresso foi *linkando* a outras pessoas e aumentando o número de colaboradores, em redes, que queriam participar, seja compartilhando fotografias, seja divulgando documentos ou memórias inesquecíveis a respeito da instituição de ensino, materiais estes escaneados e organizados pela pesquisadora. Estávamos diante do procedimento da pesquisa que utiliza cadeias de referência, nomeado como “bola de neve”, que resulta no momento de identificação (ou recrutamento) dos participantes da pesquisa (Baldin; Munhoz, 2011). Iniciamos a investigação com os informantes-chave, também chamados de sementes, a fim de localizar e evidenciar os primeiros contatos que apresentassem o perfil necessário para a pesquisa, conforme explicita a ilustração a seguir:

Figura 3 - Técnica Bola de Neve, aplicada para encontrar os estudantes e funcionários egressos



Fonte: Produzida pela pesquisadora, 2024.

Conforme a ilustração, percebemos que, além do lócus presencial (IFRO e Espaço de Arquivo Municipal), as redes sociais - *Facebook* e *WhatsApp* - também foram locais de busca importantes para contactar os informantes-chave. O espaço virtual funcionou como recurso útil para estabelecer a continuidade no diálogo com os participantes distantes que vivenciaram a história da instituição pesquisada. Tivemos 9 (nove) informantes-chave (sementes) que nos direcionaram aos possíveis participantes da pesquisa, dos quais: 2 (duas) pessoas recusaram participar da investigação; 8 (oito) mostraram interesse inicialmente, porém não responderam após novos contatos, indicando possível desistência; e 10 (dez) aceitaram participar da pesquisa (seja contando as suas memórias e/ou compartilhando materiais da época, como fotografias).

Uma pesquisa de teor histórico pode seguir caminhos diversos em busca de algo que nem se sabe quando/como será encontrado. Como se fôssemos garimpeiros em busca de metais preciosos, procuramos, com dificuldade, extrair quaisquer resquícios que nos levassem ao passado da instituição investigada. Um trabalho com rigor científico, mas nutrido de subjetividade, à medida que tecemos teoria, empirismo e até poesia, na busca por explicar conceitos, ao mesmo tempo que desnudamos histórias colhidas em traços fugidios de memórias vividas, contadas, quase esquecidas, guardadas por anos em um cantinho pessoal e,

às vezes, compartilhadas em redes virtuais, modificando o espaço da *memória-individual* para o *coletivo-virtual*.

Além da *revisão bibliográfica* sobre o tema, para a constituição dos dados definimos algumas técnicas a serem utilizadas no transcurso da pesquisa de campo, como *grupo focal*, *entrevista semiestruturada* e uso do *diário de campo*. Utilizamos, ainda, a *análise de conteúdo*, para examinar *fotografias e documentos* históricos relacionados à instituição, procurando identificar padrões, temas e mudanças ao longo do tempo, sob o aporte metodológico de Bardin (1977). Conforme a autora, é importante adotar uma abordagem sistemática e controlada, para que a pesquisa possa ir além da superfície do conteúdo e possa alcançar maior profundidade nos dados, por meio de três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

Ainda como forma de construir um roteiro para auxílio na leitura e análise dos textos imagéticos, utilizamos como base o *modelo de ficha* criado por Costa (2008) em sua tese de doutorado - *Imagens Fotográficas de professoras: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX*. Costa (2008) efetivou um estudo aprofundado sobre a categorização de Boris Kossoy (2007), a categorização de Ana Maria Maud (2004), a semiótica visual de Lorenzo Vilches (1984) e a análise semiótica de Ruggero Eugeni (2004), para, assim, confeccionar em sua tese a ficha de categorização, exposta a seguir:

Figura 4 - Fichas para categorização fotográfica

ASPECTOS TÉCNICOS	CODIFICAÇÃO CULTURAL
I – Quanto à produção da foto	III – Elementos explícitos – o visível
1 – tipo –	Marcos simbólicos, vestuário, mobiliário, cenário
2 – data/ época –	
3 – autoria -	
4 – de que trata/ assunto -	
5 – local -	
6 – inscrições na foto -	
7 – fonte –	
II – Descrição técnica do produto	IV – Elementos implícitos – os expressivos
6 – tipo de foto –	
7 – recursos técnicos –	
8 – enquadramento:	
A - Sentido da foto -	
B - Direção da foto –	
C - Distribuição de planos –	
D - Objeto central, arranjo e equilíbrio –	

Fonte: Costa (2008, p. 82).

A ficha foi fundamental nos procedimentos para a categorização e criação da narrativa visual das fotografias analisadas na tese de Costa. Em seu quadro de categorização é possível notar a importância de análise tanto dos *aspectos técnicos* (quanto à produção da foto e quanto a descrição técnica do produto) quanto dos *aspectos de codificação cultural* (como elementos explícitos e implícitos no texto visual).

Adaptamos a ficha de Costa (2008) para produzir um formulário que fosse utilitário para os objetivos de nossa pesquisa. Inicialmente, eliminamos todos os elementos dos aspectos técnicos quanto à descrição do produto, visto que diferente do trabalho de Costa (2008), nossa pesquisa não analisou fotografias escolares produzidas por profissionais, portanto não fazendo necessário manter o preenchimento de percepções técnicas sobre a fotografia, como enquadramento, direção de foto, entre outros.

Quadro 3 - Ficha para categorização fotográfica

Nº	Título/Assunto:	
ASPECTOS TÉCNICOS		
I – Quanto à produção da foto		
Tipo:		
Data/época:		
1. Local:		
Autor/Doador/Link da Rede social:		
Inscrição na foto:		
2. Fonte:		
CODIFICAÇÃO CULTURAL		
III – ELEMENTOS EXPLÍCITOS – O VISÍVEL (marcos simbólicos, vestuário, mobiliário, cenário)	III – ELEMENTOS IMPLÍCITOS – OS EXPRESSIVOS	

Fonte: Adaptado pela pesquisadora a partir de Costa (2008, p. 82).

Outros acréscimos e mudanças também se fizeram necessários: adicionamos a *autoria*, o termo *doador* (para os casos em que a fotografia é pertencente a algum participante da pesquisa que fez a cessão do material, mas não sabe quem é o autor da foto) e o termo *link da rede social* (já que muitas fotografias analisadas são *prints* de compartilhamentos realizados na comunidade virtual em análise). De forma complementar, utilizamos como base o *Manual para Catalogação de Documento Fotográfico* (da Silva *et al.*, 1997) no que diz respeito às regras gerais, aos indicativos de título, local e data da imagem, além da indicação de responsabilidade.

Sendo assim, as fotografias foram catalogadas de forma digital em arquivo da pesquisadora, utilizando os recursos da plataforma *Canva*, conforme o exemplo exposto a seguir:

Figura 5 - Exemplo de fotografia categorizada na pesquisa



Fonte: Produzida pela pesquisadora, 2024.

O trabalho interdisciplinar por meio da técnica do grupo focal contribuiu para o fortalecimento da “competência pedagógica das equipes escolares em prol de estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas” (Brasil, 2018, p. 16). A proposta inicial gerada no grupo foi a de trabalharmos juntos na reconstrução e produção do acervo, para que pudéssemos criar e disponibilizar as fotografias que contam a história da instituição em um *site*.

O grupo focal surgiu como método de estímulo ativo para o grupo de docentes e discentes da pesquisa, de maneira a conduzir a discussão e garantir que o grupo conversasse entre si, expressando as diferentes perspectivas da realidade investigada. De tal forma, utilizamos o grupo focal na fase exploratória do trabalho, com “o propósito de desenvolver e refinar os instrumentos da pesquisa”, como na formulação de questionário e entrevista (Barbour, 2009, p. 38), já que tal método tem apresentado melhor desempenho para formular *insights* dos processos que dos resultados (Barbour, 2009).

Utilizamos, também, a *entrevista semiestruturada*, que foi mediada pela pesquisadora. Na primeira reunião do grupo focal, discutimos a importância de conhecer os arranjos histórico-culturais, desde a constituição do *Campus Ji-Paraná*, para, assim, melhor compreender as necessidades dos sujeitos da comunidade, voltando-se para um ensino-aprendizagem significativo. O convite foi enviado aos participantes, selecionados por meio do

WhatsApp, e divulgado nas demais redes sociais (*Facebook e Instagram*). Dessa forma, mais pessoas da comunidade, que vivenciaram momentos importantes na trajetória da instituição, sentiram-se à vontade para participar da pesquisa e enriquecer o conhecimento sobre a História da Educação Profissional em Ji-Paraná, Rondônia.

Figura 6 - Convite destinado aos participantes da pesquisa



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2024.

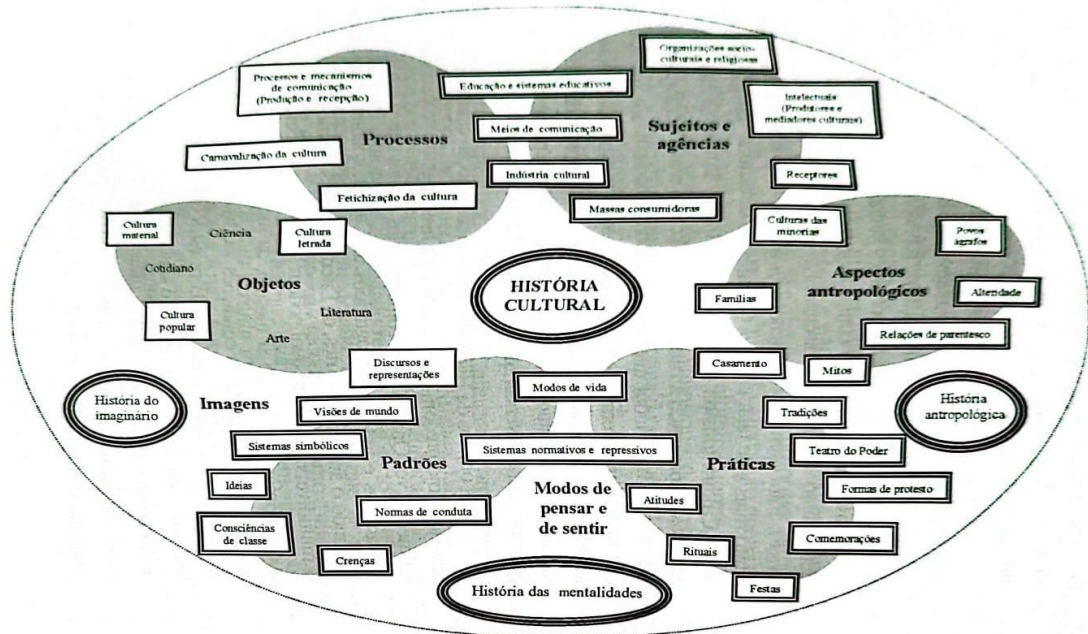
A utilização concomitante de fontes diversas, como escritos, oralidade e iconografia nos possibilitaram a complementaridade de uma pesquisa portadora de múltiplos significados, para a investigar a história da instituição educativa. Ao buscarmos informações, respostas, interpretações, relatos, descrições, alcançamos impasses, novos questionamentos, ou mesmo sentimos a plenitude de encontrar memórias que dialogassem com o momento presente. No percurso da pesquisa, foi possível encontrar “monumentos/documentos” portadores do passado institucional, e quiçá conseguimos contribuir para transferência desse “documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica” (Le Goff, 1990), ou quem sabe, como supõe Pierre Nora (1993), refletimos sobre os novos lugares de memória.

Ao valorizar variadas fontes, no intuito de historicizar a partir da trajetória de pessoas comuns e suas experiências sociais (Burke, 1992, p. 13), nos fundamentamos na

Nova História Cultural (NHC), que abriu campo para inserção da cultura popular e da história das instituições, superando práticas da história elitizada. Barros (2004, p. 8) nos apresenta três critérios em que se sustenta parte das modalidades historiográficas contemporâneas: *Dimensões* (enfoques); *Abordagens* (modos de fazer história); *Domínios* (áreas de concentração e objetos possíveis).

No que tange à teoria e à metodologia diversa que a própria historiografia contemporânea comporta, nosso trabalho apresentará como foco a *dimensão* da História Cultural, interessando-se pelos *sujeitos produtores e receptores* da cultura no âmbito da instituição escolar, locus da pesquisa, procurando decifrar valores e normas culturais no cotidiano escolar, mas sobretudo memórias que resgatam noções como “representações”, “práticas”, “mentalidades” e “imaginário”. Essas noções, segundo Barros (2004), ainda estão sendo experimentadas nas Ciências Humanas e, mesmo no campo da História, tais expressões estão presentes somente a partir de 1960.

Figura 7 - Objetos da História Cultural, proposta por José D'Assunção Barros



Fonte: Barros 2004, p. 60.

Por meio da ilustração de Barros (2004), conseguimos captar alguns dos percursos possíveis para essa pesquisa:¹⁴

- produção e recepção dos agentes escolares (*processos*);
- educação e sistema educativo (*sujeitos e agência*);
- alteridade e família (*aspectos antropológicos*);
- atitudes, teatros de poder, comemorações (*práticas*);
- sistemas normativos e repressivos, normas de conduta, crenças, ideias (*padrões*);
- cultura material, popular e letrada (*objetos* do cotidiano, da ciência, da arte, da literatura).

Utilizamos, sobretudo, a fotografia como instrumento de pesquisa e produção de conhecimento histórico, sendo o elo afetivo que nos aproximou com o passado, tornando possível a recuperação de acontecimentos. Segundo Costa (2008, p. 24), “lançar mão da

¹⁴ É importante lembrar que a escola, por ser um ambiente complexo e múltiplo, abrange na história de sua cultura outros elementos da história que são indissociáveis, como a antropologia, o imaginário e a mentalidade dos sujeitos propostas por Barros (2004).

fotografia como fonte histórica” é compreender que a fotografia é um texto que deve ser lido pelo pesquisador, pois ela não é apenas um complemento visual, como erroneamente já pensamos. Além de objeto histórico, a fotografia possui informações autônomas que outros documentos não são capazes de fornecer, como informações sobre vestuário, arquitetura, paisagens, costumes e relações sociais, entre outros aspectos, que podem não estar presentes em documentos escritos. A fotografia é, portanto, outro texto a ser lido e jamais apêndice do que se escreve. Por ser um texto visual, requer chaves diferenciadas para a codificação e decodificação. Para tanto, a intertextualidade será procedimento adequado no sentido de buscarmos em outros documentos informações, auxiliando-nos na tessitura da história da instituição.

Para Ciavatta (2023), a fotografia sintetiza o pertencimento a um determinado passado. De modo similar, Chartier (2002) nos leva a refletir que os textos, bem como as imagens, (des)figuram numa teia, atribuindo significados e representação do mundo presente. Por isso, destacamos neste parágrafo o uso da fotografia na análise dos processos de produção e subjetividade sobre a vida dos que participaram da história da instituição IFRO *Campus Ji-Paraná* quando ainda era denominada Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (doravante EAESGF). Os dados visuais nos permitem capturar momentos e detalhes que poderiam passar despercebidos nas falas dos entrevistados, além de trazer a representação de questões relacionadas a identidade, memória, cultura e relações sociais, auxiliando na compreensão do *espaço/tempo* construído pelas experiências do cotidiano escolar em análise.

c) Organização das seções da Tese

Na **primeira** parte do estudo, almejamos efetivar uma Revisão de Literatura, com levantamento de pesquisas relacionadas ao tema trabalhado, no intuito de fornecer uma visão geral dos conceitos sobre a Memória e a História da Educação Profissional, de maneira a reunir e sistematizar estudos anteriores. Na sequência, foi possível traçar o Referencial Teórico que melhor pudesse subsidiar a nossa pesquisa.

Na **segunda** parte do estudo, procuramos compreender a localização do *Campus Ji-Paraná* em âmbito regional e nacional, percorrendo brevemente a história e os documentos oficiais que apresentam a Educação Profissional no Brasil, até chegarmos ao contexto da

EAESGF, do CEEPSGF e, posteriormente, do IFRO, *Campus Ji-Paraná*. Também buscamos revisitar os espaços e tempos do cotidiano escolar por meio das fotografias e das entrevistas, no intuito de trazer à tona as memórias das duas instituições que antecederam o *Campus Ji-Paraná*, em benefício de compreender as rupturas e as continuidades no Ensino Técnico de 1980, até alcançarmos o atual Instituto Federal de Rondônia. Ao prosseguir o estudo, fizemos uma análise das fotografias, interpretadas à luz da teoria de Barros, servindo como um elo visual para conectar o passado da instituição com o seu presente, uma abordagem essencial para contextualizar e dar significado à evolução da instituição até a configuração atual.

A **terceira** etapa da pesquisa consistiu no desenvolvimento de um Produto Educacional que abordasse a história da instituição. Trata-se de um *site* como suporte de memória, no intuito de interconectar a memória da instituição com as práticas sociais e escolares dos estudantes, por meio de uma prática pedagógica. Ainda nesta última etapa da pesquisa, consta um Roteiro de uma Oficina Pedagógica (Produto Educacional 2) elaborada e aplicada pela pesquisadora e docentes colaboradores, com intuito de validar o Produto Educacional 1, buscando contribuir para preencher algumas das lacunas, no que tange à história da Educação Técnica/Profissional em nosso município.

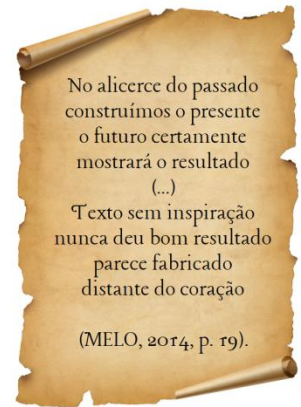
E, assim, aos poucos a escrita da Tese foi-se delineando, corroborando para percebermos que quando algum empecilho, como troncos de árvores, surgirem no percurso, mesmo que dificultem a nossa travessia, podemos esperar o próprio itinerário ter força suficiente para carregar o tronco para longe, desobstruindo o caminho ou, ainda, podemos buscar novos meios para superá-lo. É muito importante um momento de pausa que nos forneça vigor para perceber novos cursos e mudar o trajeto. É preciso persistir no desafio, esperar a água baixar, para tão logo, porventura, contemplar “*a terceira margem do rio*” (Rosa, 1994) no universo da academia científica.

É por isso que prosseguimos com as próximas tessituras desta tese como se me depositassem “também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e,

eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro - o rio” (Rosa, 1994, p. 413), para seguirmos no percurso da escrita.

1.1. LUPA HISTÓRICA: O PANORAMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM PESQUISAS ACADÊMICAS

Neste primeiro momento, buscamos explorar o passado da Educação Profissional em pesquisas acadêmicas, especificamente as que contenham a história do *campus* que é foco de nossa investigação. Nosso intuito foi obtermos resultados que direcionassem não apenas a esta pesquisa, mas também orientassem as investigações futuras. Embora essa seção envolva muitos números, desejamos equilibrar com a subjetividade, seguindo assim os conselhos do poeta Melinho, a respeito da importância de construirmos o presente com base no passado, atentando-se ao fato de colher resultados que aqueçam o coração, mesmo dentro da objetividade científica.

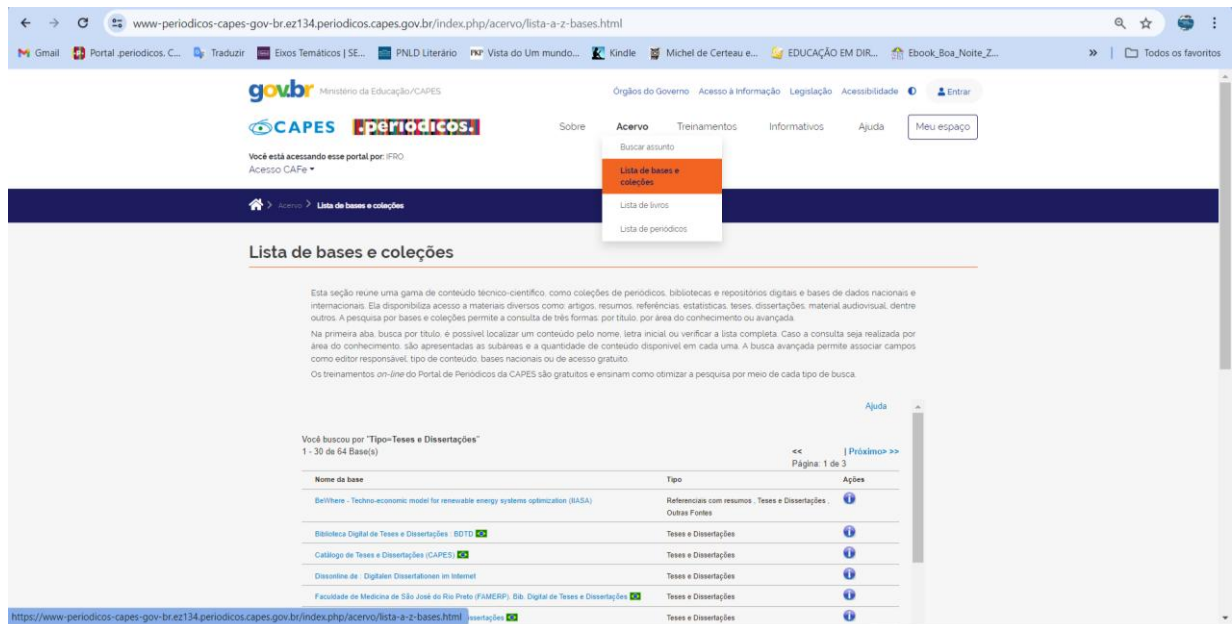


Realizamos um primeiro levantamento no final de 2022 e início de 2023, utilizando o conteúdo disponível no acervo do Portal de Periódicos da CAPES, que possui assinatura com editoras científicas, com fins de disponibilizar conteúdo aos IPS ¹⁵ (*Intrusion Prevention System*) identificados das instituições participantes. Para tal vantagem, optamos por efetuar login pela Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), já que acessamos fora da rede institucional. Dentre as várias vantagens no uso da Plataforma CAPES, podemos citar a facilidade de acesso à informação científica, reunindo em um único espaço virtual as melhores publicações não apenas no Brasil, como também o conhecimento científico internacional, garantindo a democratização do acesso à informação (Universidade Federal de Uberlândia, 2020).

A aba *Acervo* oferece as opções *Lista por bases e coleções*; *Lista de Livros* e *Lista de periódicos*. Optamos pela opção *Lista por bases e coleções* (cor laranja), conforme mostra a Figura 8. Na sequência, clicamos em *Busca avançada*, e ao preenchermos o campo *Tipo*, digitamos *Teses e dissertações*.

¹⁵ IPS, abreviatura de “*Intrusion Prevention System*”, pode ser traduzida como “Sistema de Prevenção de Intrusos” ou seja, o sistema auxilia as organizações a identificar o tráfego de computadores mal-intencionados e impedir proativamente que esse tráfego entre em sua rede, com medidas de segurança como o bloqueio do IP suspeito, alerta à equipe de segurança, encerramento da conexão perigosa e remoção de conteúdo malicioso, dentre outras ações de segurança.

Figura 8 - *Print screen* da tela inicial de acesso aos Periódicos



Fonte: *Print screen* da Plataforma Portal de Periódicos CAPES, mai. 2024.

A Plataforma oferece 64 (sessenta e quatro) bases de repositórios digitais em nível nacional e internacional, e dentre os inúmeros indexadores que integram os sistemas de informação de pesquisas acadêmicas, priorizamos utilizar o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Os dois portais são importantes repositórios de teses e dissertações, com a diferença que o primeiro é um sistema *online* oficial vinculado ao Ministério da Educação (MEC), no qual as universidades possuem a obrigatoriedade de depositar o resumo dos trabalhos acadêmicos defendidos em programas de pós-graduação em nosso país, além dos metadados e demais informações necessárias referentes à pesquisa; já o segundo portal é um mecanismo de busca das universidades brasileiras vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), que, embora não seja obrigatório o registro dos dados, possui como vantagem o armazenamento na íntegra das produções acadêmicas por meio de *link* para o arquivo no repositório da universidade em que o trabalho se originou. Quando clicamos na base de dados escolhida, somos direcionados para a interface da própria base e passamos a utilizar os recursos que cada base localizadora oferece (Universidade Federal de Uberlândia, 2020).

Ao pesquisarmos descritores como “Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria”, “Escola Estadual Sílvio Gonçalves de Faria”, “Centro Tecnológico Sílvio Gonçalves de Faria”, “Centro Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria” - termos que retomam à instituição de ensino anterior a efetivação do Instituto Federal de Rondônia na cidade de Ji-Paraná - nenhuma pesquisa apareceu, o que justificou a enorme necessidade de que páginas sobre a história dessa instituição de ensino fossem escritas antes que uma prática pedagógica pudesse ser realizada. Não era questão de apenas revisitar a história por meio de uma prática educativa: era primordial a necessidade de registrar os primeiros passos da origem da instituição anterior ao que hoje é conhecido como IFRO, *Campus Ji-Paraná*.

Ao pesquisarmos “Ensino Técnico em Ji-Paraná”, a Plataforma CAPES recomendou quatro estudos, mas nenhum especificamente abordava a história da instituição pesquisada. Três pesquisas se referiam à Escola Família Agrícola (EFA)¹⁶ Itapirema (também localizada no município de Ji-Paraná), e a quarta pesquisa, intitulada *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA): um Ressignificar da Prática Docente*, analisava a contribuição do curso PROFA a partir da prática pedagógica de professores alfabetizadores participantes do PROFA 2021 (Machado, 2007), não havendo nenhuma relação com o que pesquisamos. A base de dados da BDTD sugeriu dois trabalhos, porém eram produções do estado do Paraná.

Ao pesquisarmos o descritor “Educação Profissional em Ji-Paraná”, identificamos apenas um trabalho com a finalidade de refletir sobre *A Educação Profissional no Instituto Federal de Ji-Paraná e os limites objetivos para a inclusão socioprofissional de seus egressos* (Sodré, 2013), mas que ainda não dialogava com o tema da nossa pesquisa, apesar de ter sido desenvolvida no *campus* de investigação.

Efetuamos novo mapeamento dos trabalhos acadêmicos a partir do descritor “*Campus Ji-Paraná*” e, conforme dados da CAPES, apareceram 10 (dez) pesquisas, enquanto os dados da BDTD apontaram 15 (quinze) trabalhos. A tabela abaixo procura comparar a

¹⁶ As pesquisas são: *Pedagogia da Alternância sob a Perspectiva dos estudantes da EFA-Itapirema de Ji-Paraná* (Valadão, 2011); *Contribuições dos Centros Familiares de Formação por Alternância para o Desenvolvimento Rural Sustentável: Estudo da Escola Família Agrícola Itapirema de Ji-Paraná* (Valadão, 2009); e *Avaliação de aulas temáticas sobre agrotóxicos no curso técnico agropecuária em Ji-Paraná para o ensino de química orgânica* (Ferreira, 2022).

busca inicial nos catálogos de dados da CAPES e da BDTD, esclarecendo a nossa escolha em priorizar o primeiro em detrimento do segundo.

Tabela 1 - Comparação entre os dados catálogo da CAPES e catálogo da BDTD

	DESCRIPTORES	Nº Pesquisas sugeridas	nº de buscas inconsistentes*
CAPES	1. “Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	2. “Escola Estadual Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	3. “Centro Tecnológico Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	4. “Centro Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	5. “Ensino Técnico em Ji-Paraná”	4	0
	6. “Educação Profissional em Ji-Paraná”	1	0
	7. “ <i>Campus</i> Ji-Paraná”	10	1*
	TOTAL	15	1*
BDTD	1. “Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	2. “Escola Estadual Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	3. “Centro Tecnológico Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	4. “Centro Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria”	0	0
	5. “Ensino Técnico em Ji-Paraná”	2	2*
	6. “Educação Profissional em Ji-Paraná”	4	4*
	7. “ <i>Campus</i> Ji-Paraná”	15	7*
	TOTAL	21	13*

Fonte: Dados da pesquisa – Elaborado por Geovânia Maciel, 2023.

Com a análise dessas primeiras buscas, ficou perceptível que a BDTD apresentou maior inconsistência nas buscas dos mesmos descritores utilizados no banco de dados da CAPES. Das 15 (quinze) sugestões da CAPES, apenas 1 (um) estudo não tinha qualquer relação com o solicitado. Quanto à inconsistência das pesquisas sugeridas pela BDTD, obtivemos 13 (treze) inadequações, dentre as 21 (vinte e uma) sugestões de estudos. Mesmo com o uso das aspas (“”), que priorizam pela busca de frases, expressões ou termos compostos exatos, em especial ao utilizarmos o descritor “*Campus Ji-Paraná*”, fomos direcionados “erroneamente” pela BDTD a pesquisas com termos correspondentes ao estado do Paraná, por isso optamos em priorizar as buscas somente no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES.

Sobre as 10 pesquisas sugeridas pelos descritores “*Campus Ji-Paraná*”, quando efetuamos uma análise mais cautelosa identificamos que 4 pesquisas faziam referências ao *Campus Ji-Paraná* da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e 2 por ser anterior a plataforma sucupira não obtivemos maiores informações que pudessem esclarecer sobre a pesquisa. Sobraram apenas 4 referentes ao *campus* de estudo, conforme é possível verificar no quadro a seguir:

Quadro 4 - Assunto e localidade sugeridos aos descritores “*Campus Ji-Paraná*”

CAMPUS JI-PARANÁ IFRO	CAMPUS JI-PARANÁ UNIR	ANTERIOR À PLATAFORMA SUCUPIRA (ausência de dados/resumo da pesquisa)
Formação Docente e Egressos de Pedagogia (2013)	Políticas Públicas de acesso e Permanência de Indígenas (2012)	Cultivo de café (2005)
Formação Docente e Conselho de Classe (2019)	História do curso de Licenciatura em Matemática (2015)	Atividades Toxicológicas dos Frutos do CAMU-CAMU Myrciaria dubia H. B. K. (McVaugh) (2011)
Narrativas Gráficas; Mangás; Educação Ambiental; Prática educativa em língua Inglesa (2019)	Licenciatura de Matemática, Educação Inclusiva; Alunos Surdos (2021)	*****
Educação Ambiental; Tecnologias da informação e comunicação; Ensino da Química (2021)	Captação e Armazenamento de Águas Pluviais (2021)	*****

Fonte: Arquivo da pesquisadora a partir de dados da Plataforma CAPES (2023).

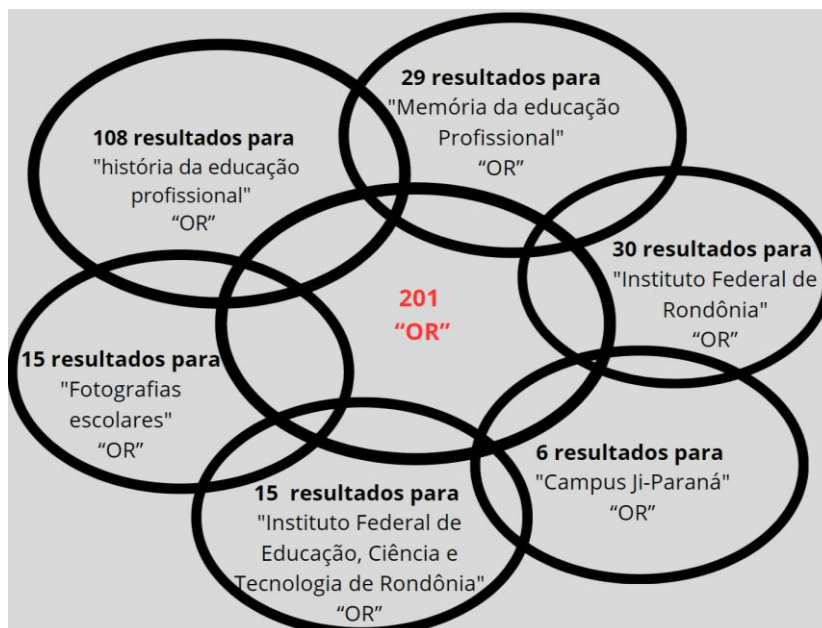
Nenhum dos estudos analisados objetivou conhecer a história do Instituto Federal de Ji-Paraná. A pesquisa mais próxima à temática (em destaque no Quadro anterior) aborda *Uma construção histórica do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Rondônia Campus Ji-Paraná* (Cândido, 2015). Com um mapeamento rápido, ficou perceptível a ausência de teses e dissertações que abordassem a história do nosso *campus*, justificando a relevância dessa pesquisa. Ao mesmo tempo sentimos a necessidade de encontrar pesquisas que dialogassem com a nossa temática em nível nacional.

No início de 2024, iniciamos um novo levantamento de dados e procuramos utilizar uma estratégia de busca mais eficiente. Optamos pelo uso dos *operadores booleanos* representados pelas terminologias “AND”, “OR” e “NOT”, termos que colaboram para tornar a busca mais concentrada e produzir resultados mais precisos. De acordo com Saks (2005, p. 4):

A busca booleana é a aplicação da Lógica de Boole a um tipo de sistema de recuperação da informação, no qual se combinam dois ou mais termos, relacionando-os por operadores lógicos, que tornam a busca mais restrita ou detalhada. As estratégias de busca são baseadas na combinação entre a informação contida em determinados documentos e a correspondente questão de busca, elaborada pelo usuário do sistema.

No intuito de aumentarmos as possibilidades em recuperar maior número de trabalhos, utilizamos alguns termos similares ou que estivessem de alguma forma relacionados ao contexto de pesquisa. Assim, priorizamos o uso do operador *booleano* “OR” (traduzido por “ou”) com o intuito de estabelecer maiores combinações com as palavras-chave que buscamos na localização de teses e dissertações. Os descritores utilizados foram "História da Educação Profissional" OR "Memórias da Educação Profissional" OR "Instituto Federal de Rondônia" OR "*Campus* Ji-Paraná" OR "Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia" OR "Fotografias escolares" que proporcionaram 201 teses e dissertações possíveis a nossa análise. Para melhor entender como ocorreu a busca com o operador “OR” fizemos a representação quantitativa dos registros recuperados para assim percebemos como essa estratégia desempenha a função aditiva dos descritores até resultar, em nosso caso, na soma lógica das 201 pesquisas.

Figura 9 - Resultado de nossa busca com o operador Booleano “OR”



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2024.

Ao realizarmos essa primeira busca *booleana* utilizando a estratégia do operador “OR”, recuperamos todos os arquivos existentes no sistema que correspondiam a qualquer um dos seis (6) termos usados nesta busca: 1. História da Educação Profissional (total de 108 pesquisas); 2. Memórias da Educação Profissional (total de 29 resultados); 3. Instituto Federal de Rondônia (30 resultados); 4. *Campus Ji-Paraná* (total de 6 pesquisas); 5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (total de 15 pesquisas); 6. Fotografias escolares (total de 15 resultados). Ao somar todos os resultados por parte, atingimos o total de 203 pesquisas, porém o sistema exclui os casos em que se repete uma mesma pesquisa contendo mais de um dos descritores sugeridos na busca, alcançando o valor de 201 pesquisas para a primeira análise.

Dispomos em tabela no *Word* e gráficos no *Excel* os resumos das 201 produções, bem como outras informações relevantes (palavras chaves, nome do autor, nome do Programa de Pós-Graduação, entre outros). Efetuamos a análise dos títulos e resumos sugeridos pela plataforma com o objetivo de verificar se realmente tratavam de pesquisas sobre a História da Educação em alguma instituição federal de ensino técnico do nosso país.

Além de selecionarmos os dados ofertados pela própria plataforma, após a leitura cuidadosa de todos os títulos e resumos disponíveis, os trabalhos foram listados em planilhas próprias com a finalidade de termos um mapeamento para posterior categorização abrangente sobre a temática. A organização teve a seguinte separação no Diário de Campo da pesquisadora (caderno físico e documentos *online* em *Word* e *Excel*):

1. Pesquisas sobre/no *campus* Ji-Paraná
 - por tema;
 - por ano;
2. Pesquisas sobre o IFRO
 - por tema;
 - por *campus*;
 - por ano;
3. Pesquisas sobre a história institucional nos Institutos Federais do Brasil
 - por tema;
 - por ano;
4. Pesquisas que se relacionam de alguma forma com nossa pesquisa;
5. Pesquisas excluídas por não dialogarem com a pesquisa;
6. Pesquisas excluídas porque a plataforma não possui o trabalho publicado na íntegra (mesmo tentando outros meios não conseguimos recuperá-lo em outro site e as informações disponíveis no catálogo da CAPES foram insuficientes para classificar o trabalho).

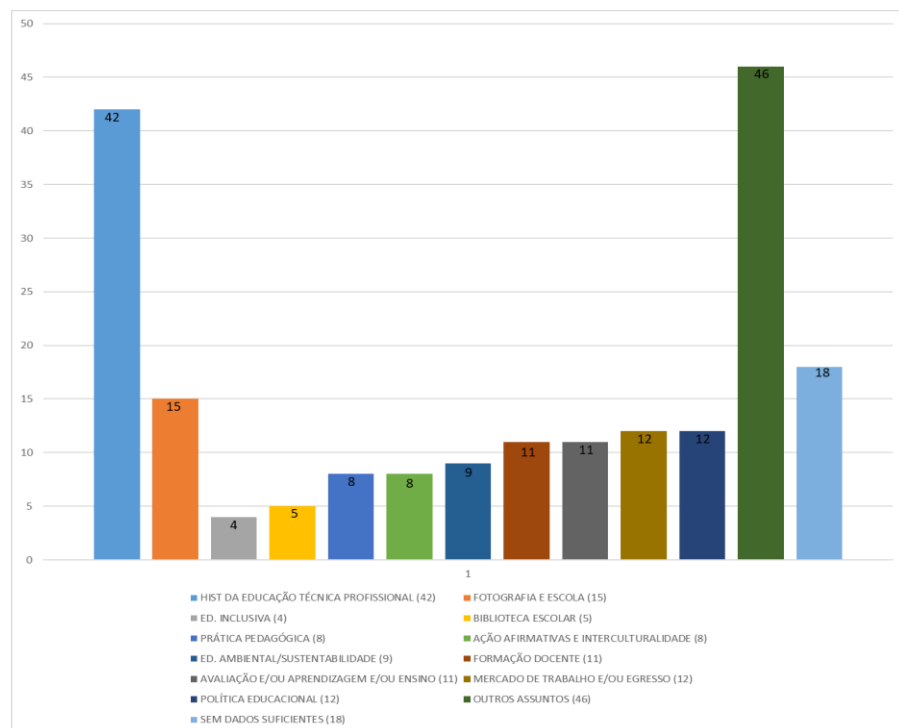
Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2023.

Importante frisar que mesmo procurando abarcar o maior número de teses e dissertações que representassem a temática da História da Educação Profissional e Tecnológica (doravante HEPT), fica reconhecida a impossibilidade no âmbito desta parte da pesquisa, já que a plataforma só conta com trabalhos publicados na íntegra a partir de 2013. Outros motivos que dificultaram localizar um universo mais abrangente de publicações ocorreram diante da superficialidade de alguns títulos, ou mesmo os resumos e palavras chaves que por vezes não transmitiam as ideias centrais desenvolvidas nos estudos. Nesta análise obtivemos como amostragem inicial 201 estudos, dos quais 39 são em nível de Doutorado e 162 em nível de Mestrado, publicados entre 2001 a 2023. Realizamos leitura dos 201 resumos e quando necessário recorremos ao texto completo.

A partir das leituras e separações conforme os critérios já apresentados fomos excluindo certas pesquisas. Por conseguinte, a seleção dos trabalhos que compuseram a

amostra final, considerou, em especial, o critério de exclusão quanto a ausência da temática História da Educação Profissional Tecnológica (HEPT) como assunto principal da pesquisa, conforme expõe o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Temática principal nas pesquisas analisadas



Fonte: Produzido pela pesquisadora (2024).

Conforme mostra o gráfico anterior, identificamos a temática principal de cada uma das pesquisas, para assim eliminarmos aquelas que fugiam à questão da História da Educação Profissional. Rejeitamos, inicialmente, 18 trabalhos por ausência¹⁷ de dados (última coluna em azul claro). Com exceção da primeira e segunda coluna do gráfico (correspondentes a “História da Educação Profissional Técnica” e “Fotografia e Escola”), todas as demais pesquisas listadas nas colunas do gráfico foram excluídas por não dialogarem diretamente

¹⁷ Ocorreu a ausência de dados de alguns trabalhos anteriores a 2013, pois a plataforma não o contém na íntegra e as informações no resumo e palavras chaves em algumas pesquisas foram insuficientes para efetivarmos a classificação. Há casos em que o autor não autorizou a publicação da pesquisa e não a encontramos hospedado em outro *site*.

com o tema desta pesquisa (respectivamente Educação Inclusiva; Biblioteca Escolar; Prática Pedagógica; Ações Afirmativas/Interculturalidade; Educação Ambiental/Sustentabilidade; Formação Docente; Avaliação/Aprendizagem/Ensino; Mercado de Trabalho/Egresso; Política Educacional e Outros Assuntos¹⁸) ficando para a nossa análise mais aprofundada 57 dos estudos sugeridos pela plataforma: 42 pesquisas que segundo o resumo e as palavras chaves apresentava como assunto importante a História da Educação Profissional, somadas a outras 15 pesquisas na qual a fotografia aparece no contexto da história escolar.

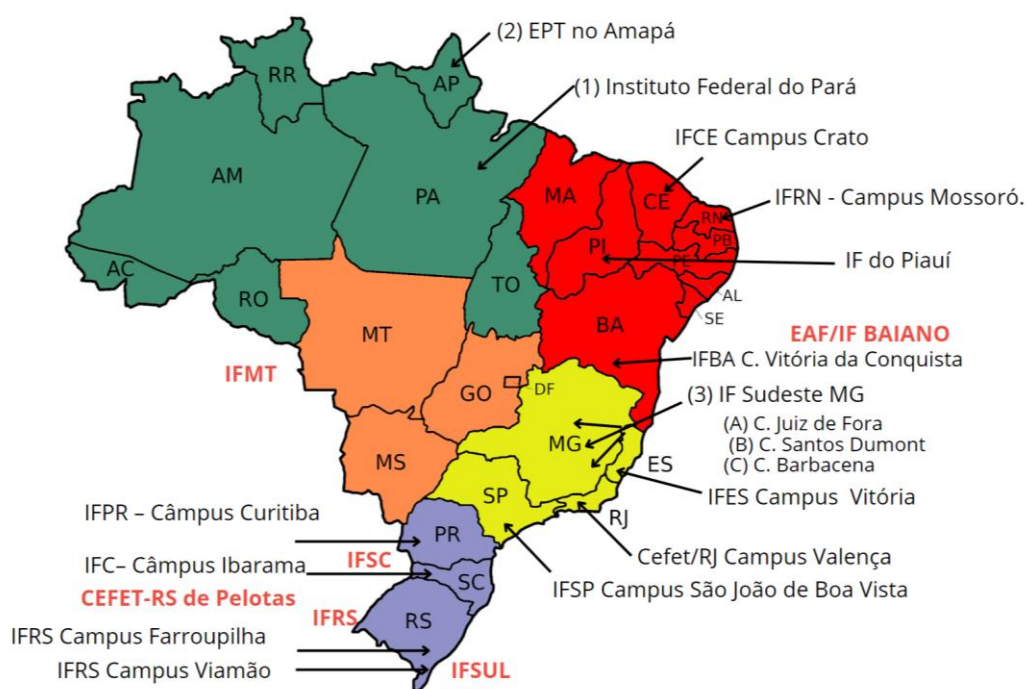
Objetivamos efetivar uma leitura mais atenciosa dos 42 arquivos a fim de verificar quais realmente possuíam relação com a temática História da Educação Profissional (HEP) em ao menos alguma instituição federal em território nacional. Ao acessar o trabalho na íntegra, verificamos que as palavras chaves e resumos dos trabalhos muitas vezes eram frágeis em informações, pois as ideias expostas ora no resumo, ora nas palavras chaves que induziram a pesquisadora estar relacionando o estudo com a temática HEPT, não foi confirmada quando efetuamos a leitura do trabalho completo. Assim, após leitura do texto na íntegra eliminamos mais 16 estudos por apenas abordarem superficialmente a HEPT, uma vez que a preocupação central dos trabalhos em análise era outra, ou por demais motivos conforme apresentamos a seguir:

- a) 3 estudos priorizavam a educação profissional em ambiente não escolar;
- b) 1 pesquisa dedicava atenção a biografia de uma professora importante para a educação profissional;
- c) 1 estudo enfatizava o ensino do desenho por meio das obras de Rui Barbosa;
- d) 5 estudos abordaram uma escola profissionalizante que não faz parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica;
- e) 2 trabalhos concentraram em temas particulares (um “Cultura escolar” outro a “Colonialidade/Decolonialidade”),
- f) 1 apresentava uma proposta de ensino da história local e não da instituição educativa;
- g) 1 analisava as disciplinas de Cultura Geral e Práticas Educativas;
- h) 1 pesquisa concentrava o estudo na disciplina de Desenho;
- i) 1 não conseguimos o texto na íntegra (defesa anterior a 2013, encontramos apenas trechos do trabalho)

¹⁸ Todas as temáticas que aparecem no gráfico tiveram até 4 pesquisas produzidas sobre o tema. Na opção “Outros assuntos” aparecem 46 pesquisas em que o tema aparece abaixo de 3 recorrências, como Assistência Estudantil (3), EAD (2), Evasão (2) e demais temas que se encontram mapeados individualmente nos arquivos complementares desta pesquisadora e achamos prudente juntar em um único item deste gráfico.

Sabendo que a revisão da literatura auxilia em compreender o panorama de conhecimento existente e a abrir caminho para contribuições significativas no campo de atuação, ficamos com 26 pesquisas para análise mais cuidadosa, e preferimos apresentá-las em um mapa ilustrado a seguir:

Figura 10 - Mapeamento dos Institutos Federais que tiveram parte de sua história escrita em tese ou dissertação



Fonte: Dados da pesquisa – Elaborado pela pesquisadora, 2024.

A imagem anterior apresenta o mapeamento das pesquisas¹⁹ (dissertações ou teses), por estado/região, que contribuíram no aprofundamento da temática sobre a História da Educação Profissional e Tecnológica da Rede Federal. Os nomes escritos com fonte na cor preta correspondem às pesquisas realizadas em nível local/município/*campus*; os seis casos de escrita em cor vermelha correspondem a pesquisas realizadas em nível regional/estado/*campi*.

¹⁹ No universo das 26 pesquisas revisitadas nessa parte da revisão sistemática, produzimos e anexamos como Apêndice II (pág. 345) um quadro informativo com a referência, o objetivo e os procedimentos metodológicos adotados por cada um dos trabalhos analisados.

Conforme exposto no mapa, temos logo acima a região Norte (cor verde) contemplada com 3 trabalhos. Desta região duas dissertações se preocuparam em esmiuçar a História da Educação Profissional no Amapá: Silva (2022) procurou compreender as bases conceituais que percorreram o currículo da EP (Educação Profissional) e Lobo (2022) apresentou o histórico da Escola Técnica de Comércio (ETC) entre 1949 a 1961. Já o estado do Pará destacou-se com o estudo de Lobato (2012) ao investigar a Educação Profissional quando o atual Instituto Federal do Pará era denominado Escola Técnica Federal do Pará (ETFPA) no período de 1967 e 1979.

A região Nordeste (cor vermelha) foi agraciada com 5 pesquisas. Começando pelo Ceará, Feitosa (2010) averiguou como ocorreu a implementação das reformas do Ensino Profissionalizante no âmbito da Escola Agrotécnica Federal do Crato, entre os anos de 1996 a 2006. No Rio Grande do Norte, Silva (2021) por meio de uma pesquisa aplicada aos servidores do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus Mossoró*, materializou um curso de formação a respeito da história da EPT no Brasil e seus marcos regulatórios, características e finalidades dos IF. No Piauí, Santana (2015) valeu-se da narrativa memorialista de docentes aposentados do IF do Piauí para reconstruir e compreender a história de criação da ex-Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI) até se transformar no Instituto Federal do Piauí (IFPI). Já na Bahia dois estudos foram apresentados: um em âmbito regional/estadual (por isso a fonte da palavra escrita aparece em vermelho no mapa) e outro estudo mais local/*campus*. Ou seja, enquanto Silva (2017) analisou em sua tese a Educação Profissional desde a criação do Curso Técnico em Agropecuária nas antigas Escolas Agrotécnicas Federais na década de 1960 até alcançar a EP em diferentes *Campi* do Instituto Federal Baiano (IFBA); Fernandes (2011) investigou no *Campus Vitória da Conquista* (IFBA) a situação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

A Região Sudeste (cor amarela) teve 6 pesquisas, das quais 3 ocorreram em Institutos Federais do Sudeste de Minas Gerais:²⁰ Gomes (2023) por meio de sua pesquisa

²⁰ O Instituto Federal em Minas Gerais se subdivide em 6 Instituições para compor a rede (Instituto Federal de Minas Gerais, do Norte de Minas, Sudeste de Minas, Sul de Minas, Triângulo Mineiro e ainda o CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). É possível conhecer melhor toda a rede federal e

resgatou a memória da instituição e produziu um museu virtual intitulado por *Museu de Memórias do Campus Juiz de Fora*²¹ (similar ao que pretendemos fazer como Produto Educacional - PE - em nosso trabalho), contribuindo para a História da Educação em âmbito nacional e local. De modo similar, Silva (2020) produziu como PE virtual o *Museu de Memórias Um espaço de conhecimento e Reconhecimento*²² resgatando a história do *Campus Santos Dumont*; ainda contribuindo com o resgate da história Profissional no IF do Sudeste de Minas Gerais, temos a pesquisa de Barroso (2010) que investigou a formação do Técnico em Agropecuária na antiga Escola Agrotécnica Federal de Barbacena no período da modernização da agricultura, entre os anos de 1965 a 1985. No Espírito Santo a pesquisa de Sousa (2019) contribui com a sistematização de um acervo de memória, por intermédio de um *software* arquivístico (*ATOM*) na qual fotografias foram selecionadas e catalogadas por temas, com a finalidade de contar a história do IF do Espírito Santo (IFES), *Campus Vitória* do século XX até 1998. No Rio de Janeiro, Pinho (2022) analisou as Reformas da Educação Profissional partindo do contexto Brasil, até alcançar o cenário do CEFET/RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca) que se subdivide em nove (9) UnED (Unidades de Ensino Descentralizado),²³ destacando os cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, em especial a realidade do *Campus Valença*. Em São Paulo, a investigação em nível de mestrado ocorreu no *Campus São João de Boa Vista* (IFSP), na qual Gianelli (2010) realizou um estudo de caso considerando a aproximação e o distanciamento da Educação Profissional com relação aos Fundamentos da Escola Unitária Gramsciana.

A região Sul (cor roxa no mapa) teve 8 estudos contemplando a HEPT, das quais 4 pesquisas se atentaram a nível estadual e 4 a nível local/*campus*. No Paraná, destacamos a pesquisa de Krugel (2020) que resgatou a história da Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná (ET-UFPR) no período de 1988 até os anos 2000, por meio de legislação, documentos históricos e, especialmente, pela produção de um documentário que valoriza e conta a memória do Instituto Federal do Paraná (IFPR), *Campus Curitiba*. Em Santa Catarina,

suas subdivisões por meio do mapa acessível no link: <http://redefederal.mec.gov.br/mapa#cb-estado>. Acesso em: 10 jun. 2024

²¹ Disponível em: <http://200.131.96.36/museummemorias/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

²² Disponível em: <https://museudememorias.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

²³ As Unidades são: Maracanã, Maria da Graça, Nova Iguaçu, Petrópolis, Nova Friburgo, Itaguaí, Angra dos Reis e Valença.

Sobral (2023) resgatou as expectativas, os receios e os entendimentos dos servidores que vivenciaram a transformação institucional do CEFET-SC em Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC); enquanto Back (2023), com base no material obtido durante o percurso da pesquisa documental e das entrevistas realizadas com os servidores do *Campus Ibirama* no Instituto Federal de Santa Catarina, produziu Produto Educacional (PE) que contextualiza a História da Educação Profissional em contexto nacional, regional e local, intitulado como *Tour pela história do IFC Ibirama*.²⁴ No Rio Grande do Sul, duas pesquisas ocorreram em nível local, enquanto três a nível de vários *campi*. Krüger (2007) resgatou o perfil do alunado do Centro Federal de Educação Tecnológico de Pelotas (CEFET-RS) cruzando dados dos Censos Educacionais entre 2001 a 2006, analisando as possíveis influências ocasionadas pelas legislações, como a LDB nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases para Educação) e o Decreto 2208/97. Cataneo (2020) por intermédio de entrevistas semiestruturadas e questionários a respeito do Programa Institucional Núcleo de Memórias do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) produziu um Compêndio intitulado *Implementação de um núcleo de memória: como desenvolver projetos e ações em memória e identidade institucional*.²⁵ Ainda em âmbito estadual, Schwalbe (2023) analisou as ações de memórias desenvolvidas no Instituto Federal do sul-rio-grandense (IFSUL) e por meio da pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas desenvolveu um minicurso intitulado *Construindo as memórias do/no IFSul*²⁶ no intuito de contribuir com a formação dos servidores da instituição. Em nível local/*campus*, o Rio Grande do Sul foi contemplado com duas pesquisas: Dagnese (2021), por meio de uma pesquisa documental e análise do acervo fotográfico no *Campus Farroupilha* (IFRS), analisa o PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional) e produz uma Coleção (composta por 1 documentário e 6 episódios de podcasts)²⁷ possíveis de contribuir com a preservação e valorização da história e da identidade institucional; Já Nevado (2023) realizou 21 entrevistas com gestores, coordenadores e colaboradores do *Campus Viamão* do IF do Rio Grande do Sul, a fim de compreender o papel da extensão, ao mesmo tempo em que

²⁴ Disponível em: <https://ifctour-ibirama.com.br/> Acesso em: 10 jun. 2024.

²⁵ Disponível em: https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/07/Implementa%C3%A7%C3%A3o-de-um-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria_compressed.pdf Acesso em: 13 jun. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/739180> Acesso em: 13 jun. 2024.

²⁷ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701310?mode=full>. Acesso em: 12 jun. 2024

elaborou PE em forma de documentário intitulado *Memórias Extensionistas*²⁸, almejando contribuir para que a comunidade obtivesse conhecimento sobre os projetos e programas de extensão desenvolvidos pela instituição.

Somente um estudo referente a região Centro-Oeste (cor laranja) foi reportado pela plataforma em nosso mapeamento: a pesquisa de Barros (2018) procurou compreender o processo de implantação e desenvolvimento do Curso Técnico em Estradas iniciado pela antiga Escola Industrial de Cuiabá e na sequência pela Escola Técnica Federal de Mato Grosso, atualmente Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT). Conforme Barros (2018), a instituição contribuiu para qualificar mão de obra atuante nas frentes de trabalho ligadas à construção de estradas no estado do Mato Grosso.

Em nosso mapa, tivemos a representação de 23 pesquisas sobre a História da Educação Profissional. Três estudos não puderam ser representados no mapa, visto que investigaram em âmbito geral/nacional ou em período muito remoto as origens das primeiras instituições de Educação Profissional. São eles: A tese de doutorado de Rosa (2018) que reconstruiu o contexto histórico e as relações de Trabalho-Educação Profissional no período que corresponde de 1909 a 1985. A pesquisa descreve o trabalho de resgate e organização do acervo fotográfico realizado pela Comissão do Centenário constituída por representantes de dezenove (19) Instituições da Rede Federal; Ramon Oliveira (2023) produziu um inventário das Políticas de Financiamento da Educação no Brasil, desde o período Colonial até a Segunda República; e a tese de Andrade (2023) investigou as Instituições de Ensino Profissional durante o período Joanino (1809-1819), procurando compreender a formação dos Aprendizizes Artífices no Rio de Janeiro.

Por meio dessa revisão sistemática, contextualizamos nossa pesquisa ao mesmo tempo que por meio da análise e síntese selecionamos referencial teórico (Faria, 2016) possível de sustentar nosso estudo. Nesse momento da pesquisa, nos perguntamos: *E as teses e dissertações sobre a Educação Profissional em nosso Estado?* Assim, consideramos prudente retomar uma das categorias do Caderno de Campo para entender por que nenhuma das pesquisas sobre o *Campus/IFRO*, entrou nessa etapa de revisão.

²⁸ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fDFJPt7liqk&list=PLHPtZdLRpmhFPGfh5OeCDwIFjDvDBqYYh&index=2>. Acesso em: 13 jun. 2024

No universo das 201 teses e dissertações sugeridas pela plataforma, fizemos distintas categorias de exclusão e inclusão, criando grupos e subgrupos conforme já exposto anteriormente. Assim, conseguimos representá-la respectivamente em um subgrupo por *Campus*/IFRO que a seguir expomos com o respectivo número de pesquisas realizadas sobre a/pela Instituição Federal presentes em alguma cidade de Rondônia: Colorado do Oeste (10) pesquisas; Porto Velho Calama (7); Ariquemes (6); Ji-Paraná (4); Cacoal (3); Vilhena (2); Porto Velho Zona Norte (2); Jaru (1); Guajará-Mirim (1); (3) estudos fazem a comparação entre dois ou mais *campi* que compõem a Rede Federal de Ensino em nosso estado; e ainda foram sugeridos (9) estudos que se preocupam com a dinâmica do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) em âmbito mais global, conforme aparece mais detalhado no quadro a seguir:

Quadro 5 - Pesquisas sobre o IFRO por *campus* e temática principal

<i>Campus</i> e total de pesquisas	Temática Principal
<i>Campus</i> Colorado do Oeste (10)	Políticas de Ações Afirmativas; Inclusão digital Educação ambiental e êxodo rural Educação Ambiental Desenvolvimento agrícola sustentável Currículo e diversidade Evasão e permanência Frutos e Sazonalidade climática; Formação de Professores Educação ambiental e desenvolvimento agrícola sustentável
<i>Campus</i> Porto Velho Calama (7)	Educação ambiental e Ensino Superior Reprodução e transformação social; Inclusão, diversidade, alunos Haitianos; Prática didática e desenho técnico; Biblioteca escolar, letramento e informação Mercado de trabalho e egressos Mercado de trabalho e expectativas políticas
<i>Campus</i> Ariquemes (6)	Assistência estudantil Educação Ambiental Educação Ambiental Educação Ambiental Formação Docente Mercado de Trabalho

<i>Campus</i> Ji-Paraná (4)	Prática Educativa Biblioteca Escolar Formação Docente Educação Ambiental
<i>Campus</i> Cacoal (3)	Biblioteca Escolar Currículo Intercultural Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.
<i>Campus</i> Vilhena (2)	Avaliação, Conhecimento matemático Síndrome de Burnout
<i>Campus</i> Porto Velho Zona Norte (2)	EAD Educação Inclusiva e evasão
<i>Campus</i> Jaru (1)	Biblioteca Escolar
<i>Campus</i> Guajará-Mirim (1)	Interculturalidade, estudantes indígenas
Estudos Comparativos envolvendo mais de um <i>Campus</i> (3)	<i>Campus</i> Colorado e Ariquemes: Mercado de trabalho <i>Campus</i> Porto velho Zona Norte e Calama: Educação ambiental <i>Campus</i> Colorado e Ji-Paraná: Política educacional
Estudos realizados em âmbito do IFRO (9)	Compras públicas Aceitação e Uso da Tecnologia UTAUT Formação docente, licenciatura em ciências da natureza Política educacional Governança eletrônica Educação Inclusiva Assistência estudantil Ensino aprendizagem Ensino de filosofia
TOTAL (48)	Teses ou Dissertações pesquisaram um ou mais <i>campi</i> do IF de Rondônia.

Fonte: Dados da pesquisa – Elaborado pela pesquisadora, 2024.

O Quadro anterior revela que nenhuma das 48 pesquisas tiveram como tema principal a História da Educação Profissional e Tecnológica, seja em nível local (qualquer cidade/*campus* de Rondônia) ou estadual (abordagem de diferentes ou todos os *campi* que compõem a rede IFRO). Por isso, as pesquisas acima foram excluídas de nossa atenção final e também não fizeram parte do mapa ilustrado anteriormente, embora façam menção ao histórico do IFRO em algumas delas.

Com receio de que talvez estivéssemos deixando de analisar alguma tese ou dissertação que abordou a HEPT em nossa região ou em algum *campus* do Instituto Federal de Rondônia, voltamos à Plataforma CAPES e digitamos cada *campus* e seu respectivo nome cidade, analisando o tema principal de todas as pesquisas sugeridas. Do quantitativo de 250 estudos sugeridos pelos novos descritores por *Campus*, nenhum versava sobre a história do IFRO.

Figura 11 - Resultados de pesquisa por *Campus*/IFRO

6 resultados para " Campus Ariquemes " Exibindo 1-20 de 6	4 resultados para " Campus PORTO VELHO CALAMA " Exibindo 1-20 de 4
9 resultados para " Campus Cacoal " Exibindo 1-20 de 9	5 resultados para " CAMPUS PORTO VELHO ZONA NORTE " Exibindo 1-20 de 5
12 resultados para " Campus Colorado do Oeste " Exibindo 1-20 de 12	4 resultados para " Campus Vilhena " Exibindo 1-20 de 4
4 resultados para " Campus Guajará-Mirim " Exibindo 1-20 de 4	93 resultados para " Campus Porto Velho " Exibindo 1-20 de 93
2 resultados para " Campus Jaru " Exibindo 1-20 de 2	16 resultados para " INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDONIA " Exibindo 1-20 de 16
6 resultados para " Campus Ji-paraná " Exibindo 1-20 de 6	87 resultados para " IFRO " Exibindo 1-20 de 87

Fonte: Adaptado pela autora a partir de *print screen* do portal CAPES, 2024.

Após ler o título (e quando necessário alguns resumos) das 250 pesquisas sugeridas por *Campus*/IFRO, realmente constatamos que nenhum estudo registrado na Plataforma CAPES abordava a HEPT no IF de Rondônia. Os dados reforçam a importância de estudos sobre esse tema em âmbito nacional, mas principalmente em nosso estado representado pela instituição denominada IFRO. A precariedade de estudos sobre a História da Educação há tempos preocupa estudiosos brasileiros como Warde (1998); Bontempi Junior (1995); Nunes e Carvalho (1993), entre outros. Warde (1998) afirma que pequenas mudanças começaram a se efetivar nessa área de pesquisa, mesmo que de forma tímida, a partir do momento que a História da Educação se tornou disciplina a partir da década de 1930, nos cursos de formação do magistério, “unida ou vinculada à Filosofia da Educação” (Warde, 1998). Mudanças

também ocorreram nas décadas seguintes por intermédio de outros acontecimentos, como a abertura dos cursos em Educação na USP (Universidade de São Paulo) e de Pós-Graduação em demais instituições nacionais, além dos esforços mediados pelos Grupos de Pesquisas, dos quais Nunes e Carvalho (1993) destacam o Grupo de Trabalho de História da Educação, da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd). Bontempi Junior (1995) expõe em sua dissertação os progressos e retrocessos da história em educação nos estudos acadêmicos:

[...] de 1972 a 1988, a produção de trabalhos de natureza histórica sobre a educação brasileira nos programas de pós-graduação apresentou crescimento, em números absolutos, principalmente a partir de 1982. A curva desse crescimento é bastante irregular, com oscilações anuais acentuadas e caracterizadas por três "picos", localizados nos anos de 1977, 1982 e 1986 (Bontempi Junior, 1995, p. 34).

Na análise do tempo passado com o tempo presente, percebemos que os programas de graduação, sediados nas universidades, constituem a principal base para o estímulo de pesquisas relacionadas à História da Educação. Posto isto, fica compreendido por que a proposição do Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT) tem se mostrado importante instrumento para o fortalecimento de pesquisas sobre a HEPT, visto que das 42 pesquisas analisadas com relação aos Programas de Pós-Graduação, 22 pesquisas foram realizadas no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT)²⁹.

O Mestrado Profissional é o primeiro ofertado em rede nos Institutos Federais, fato que reforça pesquisas serem realizadas em âmbito de seus próprios *campi*. Outro motivo que torna mais consistente a contemplação da HEP diz respeito a uma das Linhas de pesquisa do Programa em rede federal - *Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)* - na qual o Macroprojeto 4 - denominado *História e memórias no contexto da EPT* - possui como objetivo trabalhar questões relacionadas à história e memória da EPT local, regional e nacional (Brasil, 2019). Um estudo voltado para as pesquisas desse Programa traria novos resultados, haja visto que nem todos os trabalhos

²⁹ Quanto às demais pesquisas: 17 foram realizadas por algum Programa de Mestrado ou Doutorado em Educação e 3 estudos foram elaborados pelo Programa de Educação Agrícola e pelo Programa Memória: Linguagem e Sociedade.

defendidos encontram-se disponíveis na Plataforma CAPES, como por exemplo a recente dissertação realizada no *Campus Ji-Paraná: Experiências de Educação Profissional e Tecnológica em Ji-Paraná/RO: História Oral de Vida de Egressos e Servidores* (Oliveira, E. D., 2023). Nesta pesquisa, Edeli Oliveira (2023) comparou as concepções da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) da extinta instituição de ensino Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria, e o atual Instituto Federal de Rondônia, criado em 2008. Por ser a primeira pesquisa a contemplar a História da Educação no *Campus* de nossa pesquisa, será referência importante ao nosso estudo.

Retomamos agora as 15 (quinze) pesquisas que foram sugeridas pela plataforma e que remetem aos descritores “fotografias escolares” (segunda coluna do Gráfico 1, página 29). Por considerarmos um universo ainda incipiente de contribuição à investigação, partimos para uma segunda etapa de busca, na qual optamos por somar essas 15 pesquisas³⁰ em uma análise mais aprofundada com outros estudos obtidos nessa segunda estratégia de busca que descrevemos a seguir.

1.1.1. A fotografia como fonte de pesquisa: capturando memórias da Educação Profissional Tecnológica

Os descritores escolhidos para essa nova busca foram “fotografia” e “história da educação”, contudo precisávamos de uma busca mais específica e direcionada. Optamos por utilizar o operador *booleano* “AND” (traduzido por “e”), já que era preciso restringir a busca, ao mesmo tempo que pretendíamos localizar documentos que tivessem ambos os termos solicitados, conforme ilustra a imagem a seguir:

³⁰ Essas 15 pesquisas da primeira busca serão adicionadas a análise aprofundada com as 143 pesquisas sugeridas por esta segunda busca de dados que investiga estudos em que a fotografia colabora como fonte de pesquisa na educação profissional.

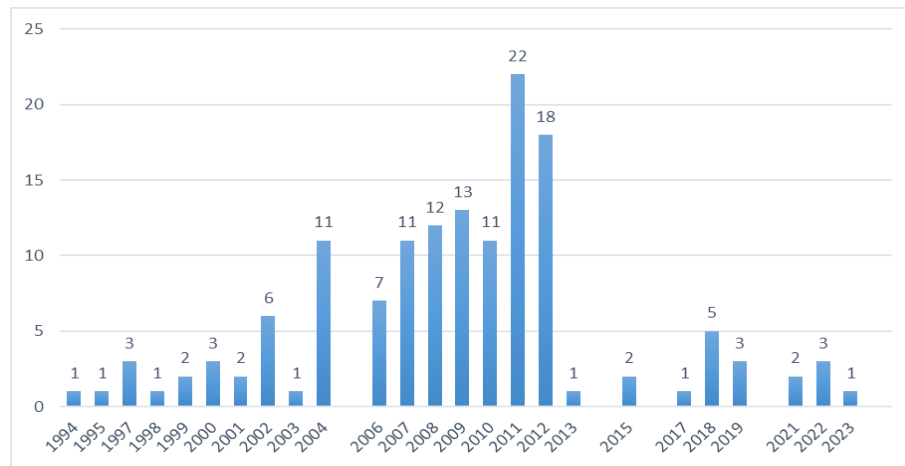
Figura 12 - Resultado de nossa busca com o operador Booleano “AND”



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2024.

Vale observar que tanto para “fotografia” (9586 resultados) quanto para “história da educação” (7472 resultados), o quantitativo de pesquisas sugeridas foi exorbitante. Ao utilizarmos os termos (palavras ou expressões) entre aspas ligados por este operador (AND), a busca foi afunilada para 143 estudos ligados pelos operadores solicitados, assim recuperando os registros nos quais ambos os termos de busca estavam presentes em algum lugar do documento. Tivemos bastante dificuldades em encontrar os trabalhos na íntegra, uma vez que a maior parte dos estudos se concentraram entre os anos de 1994 e 2012 (ver gráfico a seguir), quando a Plataforma disponibilizava apenas o resumo da pesquisa. Assim, só buscamos recuperar o trabalho completo quando ao lermos o título, palavras chaves e resumo era notável a relação temática e metodológica com o nosso estudo.

Gráfico 2 - Uso de fotografias nas pesquisas que envolvem a História da Educação

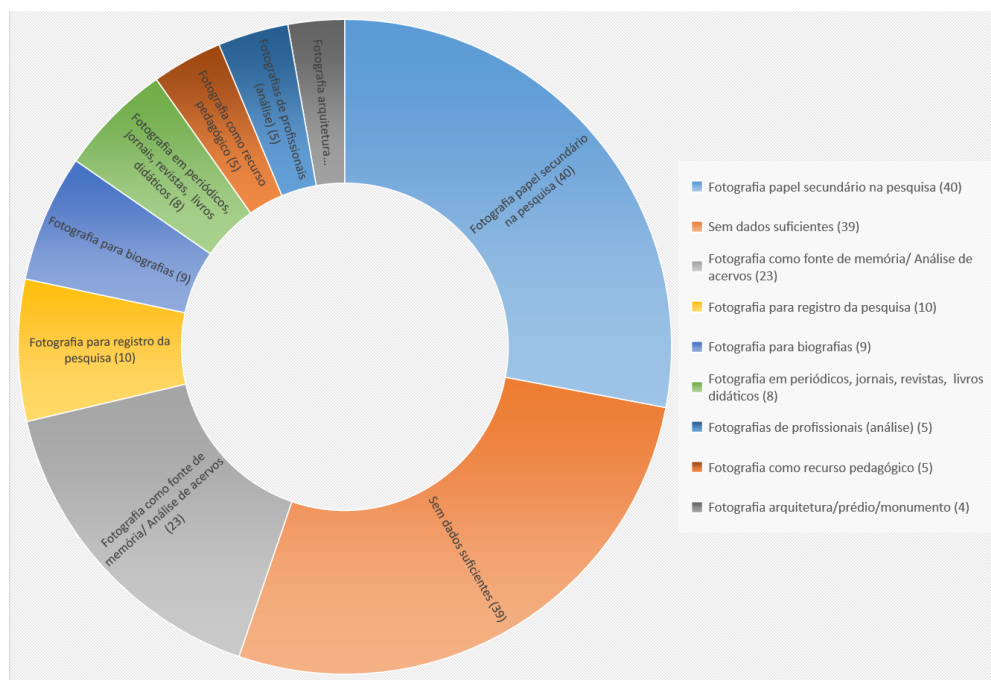


Fonte: Dados da pesquisa – Elaborado pela pesquisadora, 2024.

O Gráfico nos permite afirmar que o uso de fotografias nas Pesquisas que versam sobre a História da Educação teve maior ocorrência na década do ano dois mil (2000), com especial atenção aos anos de 2011 (22 estudos) e 2012 (18 pesquisas). Todavia, é perceptível um declínio com relação ao uso de fotografias como fonte de Pesquisa em Educação. Do total de 143 produções, a partir de 2013 foram sugeridos apenas 18 estudos, o que nos faz deduzir que a fotografia tem deixado de ocupar espaços nas pesquisas educacionais.

Ao efetuarmos leitura atenciosa dos títulos, resumos e palavras chaves das 143 pesquisas com foco na “fotografia” e na “História da Educação”, separamos por categorias de uso da fotografia, ilustradas na legenda do gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Uso da fotografia nos estudos sugeridos para “Fotografia” AND “História da Educação”



Fonte: Dados da pesquisa – Elaborado pela pesquisadora, 2024.

O Gráfico nos anuncia que em 40 estudos a fotografia foi citada esporadicamente, ocupando papel secundário na pesquisa, portanto sem papel relevante à nossa revisão bibliográfica; 39 estudos não tinham informações suficientes na Plataforma e também não conseguimos localizar o documento em outro *site*, por isso também foram excluídos da análise; 10 pesquisas citaram a fotografia como fonte de registro no momento da realização, ou seja a fotografia exerce função de comprovação da pesquisa de campo; 9 trabalhos foram excluídos por abordar a fotografia como fonte para pesquisa de teor biográfico de alguém importante na área educacional; 8 trabalhos analisaram revistas, jornais ou periódicos da área da Educação por intermédio de fotografias e/ou ilustrações fotografadas; 5 estudos analisaram fotografias de acervo produzido por profissionais³¹ da área fotográfica, que, em algum

³¹ Segundo Müller, “fotografia é resultado de um olhar, de uma intenção do autor” (2006, p. 43), partindo desse princípio excluímos os trabalhos em que predominavam fotografias produzidas por profissionais, pois não queríamos correr o risco de analisar materiais que por vezes foram produzidos por fotógrafos contratados para fotografar a partir de um viés de propagar benfeitorias em prol de quem estava na representação da política educacional de determinado lugar e época.

momento, capturaram instituições educacionais em nosso país; 5 pesquisas utilizaram a fotografia como recurso em sala de aula nas disciplinas de história, ciências, arte ou língua portuguesa; 4 estudos investigaram a arquitetura predial, a estrutura física ou monumentos presentes nas instituições escolares e por isso recorriam aos registros fotográficos.

Dessa forma, 120 teses e dissertações foram excluídas, visto que não se mostraram potencialmente relevantes acerca da questão que nos propomos a pesquisar: a fotografia como fonte de pesquisa da HEPT, ou mesmo não capturava a essência de perceber a fotografia como “elo afetivo que nos relembra, emociona e aproxima do passado” (Kossoy, 2023, p. 17). Seguindo a perspectiva do autor:

Ela [a fotografia] importa para a identidade do indivíduo, da família, da comunidade, ela importa enquanto fonte histórica e como instrumento da memória, e esse é um fator comum nas diferentes abordagens da história. Ela é memória pelo que mantém perenemente gravado: o fragmento visual dos cenários e personagens imobilizados no gesto, presentes na representação, porém ausentes da vida. São as suas duas realidades que se superpõem sempre, conceito que abre caminho para a compreensão de sua essência. (Kossoy, 2023, p. 17).

Restaram, assim, 23 estudos dessa análise, somado aos 15 estudos da primeira, para que pudéssemos revisar detalhadamente não apenas o resumo, mas o texto na íntegra em busca de encontrarmos informações relevantes e igualmente aprofundarmos a fundamentação teórica de nossa pesquisa. Ao prosseguirmos na leitura completa dos 38 trabalhos, identificamos alguns que não dialogavam com o pretendido em nosso estudo (por exemplo trabalho em que objetivava analisar fotografias de pichações em determinada escola; ou estudo de fotografias (atuais) produzidas em sala para compreender a perspectiva do estudante, dentre outros). Desse modo, restaram 21 pesquisas que contribuíram para percebermos as principais referências utilizadas quando a Pesquisa em Educação envolve fotografia e resgate da história.

A seguir, apresentamos os principais autores citados, na qual o respectivo quantitativo é representado pelo tamanho da fonte na nuvem de palavras (os autores mais citados estão grafados em letras maiores e os autores menos citados estão dispostos em letras menores).

Figura 13 - Frequência de autores citados nas pesquisas sobre Fotografia e Educação



Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2024.

A nuvem de palavras apresenta um panorama dos autores mais influentes que interligam os campos da Memória, História e Educação. Destacam-se nomes como Boris Kossoy, Peter Burke, Roger Chartier, Jacques Le Goff e Michel de Certeau, que são fundamentais para compreender a fotografia como documento histórico, fonte cultural e ferramenta de análise do cotidiano e das memórias. Sua relevância é inegável para qualquer estudo que explore a imagem no contexto educacional.

Outros autores, como Maria Ciavatta, Justino Magalhães e Diana Vidal, também aparecem com relevância, indicando a força da pesquisa brasileira e portuguesa em História da Educação, que utiliza a fotografia como lente para investigar currículos, práticas e culturas escolares. A presença de nomes como Michel Pollak, Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs sublinharam a importância da dimensão da memória e da construção identitária através da imagem. Os autores citados em menor quantidade estão relacionados a temáticas - como Currículo (a exemplo de Ivor Goodson), Cultura (como Canclini), Poder (Foucault) e Juventude (Dayrell) - comuns ao cotidiano das escolas e que geralmente são resgatadas pelas fotografias, a depender do aspecto que cada pesquisa propõe averiguar em sua totalidade. Percebemos que as diferentes referências que remetem a memória e a história da educação

expostas na nuvem de palavras já foram utilizadas ou serão reportadas em momento oportuno em nossa pesquisa.

Vale salientar que a nossa revisão sistemática focou apenas em pesquisas acadêmicas (teses e dissertações) e utilizamos apenas um repositório de busca de dados. Poderíamos ampliar o olhar a partir de outros repositórios e incluir artigos e livros. Entretanto, não objetivamos uma pesquisa tipo Estado da Arte, mas sim conhecer e organizar parte do acervo bibliográfico dentro do saber da HEPT e da fotografia. As demais referências que formam o nosso acervo são de leituras realizadas durante as disciplinas do curso de Doutorado em Educação Profissional (UNIR/2021-2022), sugeridas pela orientadora e pelos docentes que compuseram a banca avaliadora, entre outros meios. Não podemos deixar de citar determinadas buscas realizadas sem tanto rigor científico, mas que nos levaram a referências que se tornaram importantes na pesquisa, como a coleção com quatro *e-books* que utilizam o resgate de notícias do *site* da instituição para contar a história do IFRO (Gonçalves; Silva, 2002), ou as produções de Juarez Dayrell (2007), que discutem as relações entre escola e juventudes contemporâneas (uma importante base teórica a ser utilizada na seção 2).

Dentre os trabalhos analisados chamamos atenção para a tese de Rachel Duarte Abdala (2013), *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*. Abdala (2013) apresenta a fotografia como o centro da pesquisa, expondo seu caráter não apenas enquanto objeto e fonte de investigação, mas para além de uma linguagem visual complexa. A autora investiga a singularidade dos retratos e álbuns, bem como a relação entre esses suportes de memória, revelando como a cultura escolar produz representações únicas. Em nosso estudo enfatizamos a relevância dessa abordagem ao considerar a fotografia um poderoso suporte de memória afetiva escolar. Algo que nos chamou atenção foi o número de fotografias do Acervo da Escola Caetano de Campos (AECC). Abdala pode contemplar um conjunto de quase 3 mil (2748) fotografias avulsas que recuperam a história da instituição no período de 1895 a 1966. A quantidade de fotografias de uma mesma instituição nos fez refletir sobre a *instantaneidade* do nosso tempo e espaço (Bauman, 2001). Vivemos hoje as vantagens fornecidas pela diversidade de artefatos tecnológicos da atualidade, contudo até que ponto estamos atentos em

deixar registrado o presente para a geração futura? Serão as plataformas e os repositórios digitais novos suportes para a memória da humanidade?

Segundo Fabris (1991, p. 17), o processo de aperfeiçoamento da fotografia passou por três etapas: I) de 1839-1950 – período que a fotografia se restringe a “um pequeno número de amadores, provenientes das classes abastadas, que podem pagar altos preços”; II) a partir de 1854 - a descoberta do cartão de visita fotográfico, por Disdéri, facilita o acesso de muitos, confere dimensão social e consequente barateamento ao produto fotográfico; III) e por volta de 1880 – processo de massificação, quando se torna fenômeno comercial, além do espaço que vai ocupando como arte. De modo correlativo, no Brasil, entre o final das décadas do século XIX e início do século XX, eram poucos os fotógrafos profissionais munidos com seu instrumento de trabalho. Possuir uma máquina fotográfica para registrar momentos, lugares e pessoas era privilégio de poucos pertencentes à elite. Ao longo do século XX com o acelerado meio de produção aos poucos a fotografia “passa por uma grande democratização real” (Paganotti, 2016, p. 24). Ainda assim, tínhamos que esperar dias para a revelação do filme e por não sermos profissionais da área fotográfica, quando buscávamos as fotografias nos estabelecimentos responsáveis pelo processo de revelação analógica quase sempre éramos surpreendidos por fotos diferentes das que desejávamos no momento do clique. Sem falar as que saíam tremidas ou queimadas.

Nos dias de hoje são cliques de e para todos os lados. Olhou a foto, não gostou, é só deletar e fotografar mais quantas quiser. Antes a preocupação era o filme que estava para acabar, só tínhamos direito a doze, vinte e quatro ou trinta e seis poses. Na atualidade a preocupação é o espaço de armazenamento disponível no celular. Em um mundo cheio de oportunidades, quase todos têm um celular para registrar o seu momento a partir da sua perspectiva; não dá tempo para revelação. Em muitos casos, a fotografia perde seu valor inicial segundos após ser postada no *status* da rede social. Sem álbuns para registrar como outrora, em que lugar estarão guardadas as fotografias que contarão as nossas histórias? Segundo Bauman (2001, p. 162), “A duração deixa de ser um recurso para tornar-se um risco” e logo adiante assevera que “o que a história faz corriqueiramente é um desafio, uma tarefa e uma missão para o poeta” (Bauman, 2001, p. 251). Por isso, nos empenhamos a seguir no desafio de escrever parte da história da instituição de ensino, EAESGF - atual IFRO, *Campus*

Ji-Paraná - de modo a intencionar a duração de sua memória mesmo diante das transitoriedades da vida moderna.

2. DO MACRO AO MICRO: DOS IF'S ATÉ O IFRO

A revisão bibliográfica, na primeira seção, nos permitiu mapear as pesquisas sobre a História da Educação Profissional Tecnológica (HEPT) nos Institutos Federais do Brasil, revelando um desequilíbrio significativo na produção acadêmica entre as regiões do país. Essa disparidade sublinha a urgência de pesquisas que valorizem as memórias e experiências locais, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da história dos IFs.

Iniciamos essa seção traçando um panorama sucinto do desenvolvimento dessas instituições, desde as pioneiras Escolas de Aprendizes Artífices até a sua configuração atual. Na sequência, a fim de contextualizar o estudo, apresentamos a criação do Instituto Federal de Rondônia, em 2008, e consequentemente do *Campus* Ji-Paraná. A origem do *Campus* está intrinsecamente ligada a duas instituições que o precederam: a Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria (EAESGF), que desempenhou um papel fundamental na formação profissional da região entre 1981 a 1999, e o do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria (CEEPSGF), que procurou continuar esse legado entre 2001 a 2007.

As memórias dessas duas instituições são fundamentais para compreendermos as particularidades da HEPT na região Norte e ressaltarmos a importância do resgate da memória institucional. Ao fazermos uma breve contextualização em nível macro, passamos para a contextualização micro que será o ponto central da seção: a análise dos dados coletados por meio das entrevistas e fotografias recuperadas durante a pesquisa de campo. Essa análise nos permite oferecer uma perspectiva visual da história da instituição, enriquecendo a compreensão das transformações que moldaram o *Campus* Ji-Paraná, ao longo do tempo.

2.1. Recorte da História da Educação Profissional Tecnológica

Ao aprofundarmos na HEPT, percebemos que cada instituição da rede federal tem a sua história fomentada em um espaço/tempo que se estruturou a partir de modelos já existentes, como: os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), as Escolas Técnicas Federais, as Agrotécnicas e as vinculadas às Universidades Federais (Brasil, 2008a).

Algumas instituições de ensino se estruturaram a partir de outra com história mais antiga³², outras se originaram de instituição advinda de formação mais recente³³, contudo todas vindas de um episódio antigo na história da educação de nosso país. Trata-se do Decreto 7566, de 23 de setembro de 1909, no qual o Presidente da República Nilo Peçanha exigiu a criação de um conjunto de *Escolas de Aprendizes Artífices* para o ensino primário e gratuito em cada capital federativa³⁴ (Brasil, 1909), num total de 19 instituições.

Com as inúmeras transformações ocorridas, na atualidade a rede de ensino federal é composta por 41 instituições³⁵, que são arquitetadas em 647 escolas distribuídas em 651 municípios brasileiros, conforme expõe os dados no *site* do CONIF - Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF, 2024a). No portal CONIF, também é possível ter acesso a um mapa³⁶, que oferece acesso por estado à trajetória de cada uma das instituições (CONIF, 2024b).

Por meio da pesquisa de Back (2023, p. 25-26), é possível encontrar um quadro com síntese das principais legislações em torno da Educação Profissional no Brasil, categorizado pela pesquisadora em 3 períodos, que procuramos resumir a seguir:

³² Como exemplo de instituição antiga temos a trajetória do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), pesquisada por Sobral (2023), que aprofundou desde o início da instituição quando era denominada Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina (Sobral, 2023, p. 19).

³³ Como exemplo de instituição mais recente o IFRO, assunto de nossa pesquisa.

³⁴ Apenas duas Escolas de Aprendizes Artífices não estavam situadas nas capitais: a de Campos (no estado do Rio de Janeiro) e a de Pelotas (no estado do Rio Grande do Sul).

³⁵ Essas 41 Instituições são os 38 Institutos Federais, somados a 2 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e ao Colégio Pedro II.

³⁶ Caso tenha interesse em acessar o mapa e conhecer o histórico de cada instituição, acesse o link <https://portal.redefederal.org.br/instituicoes> e escolha o estado da respectiva instituição de ensino da rede federal.

- a) **Primeiro Período** - políticas educacionais assistencialistas, no começo em prol do setor industrial, na sequência atendendo as demandas do comércio e da indústria:
- Institui as Escolas de Aprendizes e Artífices (EAA) (1909).
 - Transforma os EAAs em Liceus (1937)
 - Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (1942)
 - Extingue os Liceus, transformando-os em Escolas Industriais e Técnicas (EIT), equipara a oferta do ensino profissional e técnico ao nível médio (1942)
 - Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) (1946)
 - Estabelece as bases de organização e de regime do ensino a agrícola, até o segundo grau, destinado essencialmente à preparação profissional dos trabalhadores da agricultura (1946)
 - Institui as Escolas Técnicas Federais (ETF) como autarquias a partir das EITs.(1959)
- b) **Segundo Período** - tentativas frustradas tanto em incorporar habilitações profissionais no segundo grau (atual ensino médio) quanto em reordenar a rede de educação profissional:
- A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), permite a equivalência ao nível médio aos concluintes de cursos de educação profissional, permitindo a continuidade de estudos no nível superior (1961)
 - Transfere do Ministério da Agricultura, as Fazendas Modelos para o Ministério da Educação e Cultura, sob a denominação de Escolas Agrícolas Federais (EAF) (1967)
 - Determina diretrizes para que segundo grau seja ofertado obrigatoriamente com habilitações profissionais (1971)
 - Transforma três ETFs em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) (1978)
 - Altera dispositivos da Lei n. 5.692/1971, retirando a obrigatoriedade da oferta do segundo grau com habilitações profissionais (1982)
 - Institui o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando as ETFs em CEFETs e permitindo que as EAFs pudessem ser transformadas em CEFETS (1994)
- c) **Terceiro Período** - a educação profissional torna-se uma modalidade educacional que resulta em sua expansão e consequente ordenamento das instituições por meio da criação da Rede Federal:
- A segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), contendo um capítulo exclusivo à educação profissional (1996).
 - Autoriza a expansão da oferta de educação profissional, momento em que a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) cria o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional (2005).
 - Altera a Lei n. 9.394/1996, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica (2008).
 - Cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) (2008).

Fonte: Adaptado pela pesquisadora, a partir de Back (2023, p. 25-26).

Percebemos que a legislação acompanhou as necessidades de cada época, e se inicialmente o foco era a indústria, com o passar dos anos a necessidade do comércio e da agricultura também foram integradas. O desenvolvimento da Educação Profissional no Brasil reflete as mudanças ocorridas tanto nas demandas do mercado de trabalho, quanto nas políticas educacionais, e a criação da Rede Federal e dos Institutos Federais representa um marco importante na consolidação e expansão do Ensino Profissional e Tecnológico no país.

Importante constatar que apesar de todas as instituições de ensino pertencentes à rede federal serem resultantes da mesma raiz histórica exposta anteriormente, cada uma possui formação peculiar que às vezes são desconhecidas até pela memória da própria comunidade. O próprio Instituto Federal de Rondônia, criado a partir da Lei nº 11.892/2008 (Brasil, 2008a), possui particularidades em sua história, conforme percebemos nas palavras de Raimundo Vicente Jimenez (reitor do IFRO no período de 08/01/2009 a 15/03/2013), em entrevista publicada na coletânea *IFRO na História* (Volume 1):

[...] conforme estabelecido pela lei 11892, de 29/12/2008, a rede IFRO passou a contar com uma Reitoria, com sede em Porto Velho, e quatro campi: Colorado do Oeste (ex-EAF Colorado), Porto Velho Calama (ex-ETF Rondônia em Porto Velho), Ji-Paraná (ex-Uned Ji-Paraná) e *Campus* Vilhena (ex-Uned Vilhena). **Considerando a realidade histórica da Rede Federal, em que as escolas técnicas centenárias só possuíam em média duas unidades, podemos afirmar que o IFRO já nasceu grande, com quatro campi.** (Gonçalves; Silva, 2022, grifo nosso).

Raimundo Vicente (o entrevistado), antes da incumbência de implantar o IFRO era Reitor do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e sua experiência contribuiu para o desenvolvimento do Instituto Federal em Rondônia que, portanto, surgiu da integração de uma Escola Agrotécnica Federal (EAF) em Colorado do Oeste, de uma Escola Técnica Federal (ETF) em Porto Velho, além do desenvolvimento das Unidades descentralizadas (UNED) em Ji-Paraná e Vilhena.

Vale enfatizar que, das quatro unidades expostas anteriormente, na prática dois *campi* já perfaziam atividade de ensino em suas respectivas localidades (no caso a EAF Colorado e o Centro Tecnológico e Profissionalizante em Ji-Paraná) o que contribuiu para que fossem os primeiros da rede IFRO a entrar em atividade. Contudo, a instituição de Ensino em Ji-Paraná havia passado por um período de abandono e busca por revitalização (o que será detalhado na próxima subseção). De modo similar, Ariquemes e Cacoal também continham instituições de ensino que tiveram seus espaços e estruturas reutilizados para fazerem parte do plano de expansão em Rede Federal de Ensino, continuando, assim o percurso com uma nova e mais eficiente “roupagem educacional”, conforme ilustramos a seguir:

Figura 14 - Histórico de quatro instituições de ensino antes de fazerem parte da Rede IFRO



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

Pela imagem, observamos que Colorado do Oeste e Ji-Paraná detêm um papel histórico, sendo os primeiros a iniciar suas atividades como instituições de ensino pertencentes à Rede Federal de Rondônia, em conformidade com a Lei nº 11.892/2008 (Brasil, 2008a). Igualmente, a inclusão dos campi de Ariquemes e Cacoal, em 2010, fortaleceu a presença do IFRO por toda a região, ampliando o acesso à Educação Profissional e Tecnológica para um número maior de estudantes.

Apesar de ter sido criado em 1993 como Escola Técnica Federal de Porto Velho, por meio da Lei nº 8670, de 30/06/1993 (Brasil, 1993), o *Campus* Porto Velho Calama só iniciou suas atividades em 2010, nas dependências do Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia (Cetene), passando a integrar a nova rede instituída em 2008. Vilhena, que havia iniciado a construção em 2009, recebeu a autorização para funcionar em 2010, e nesse mesmo ano, Porto Velho Zona Norte teve autorização para funcionar como Núcleo Avançado. Em 2012, ocorreu a implantação de um novo *campus* avançado na cidade de Guajará-Mirim e nos anos seguintes surgiram os *campi* avançados Jaru e São Miguel do Guaporé.

No início de 2024, o Governo Federal anunciou um plano de expansão para a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, com a criação de 100 novos

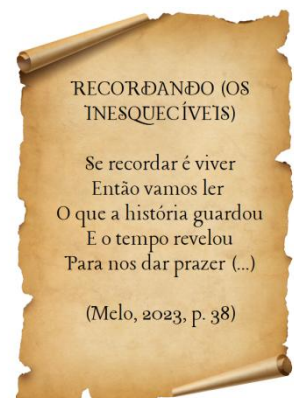
campi dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologias (IF's) em todo o país. A Região Norte foi contemplada com 12 novas unidades, sendo que uma das unidades de ensino corresponde à cidade de Buritis, em Rondônia. Com a inclusão do *campus* de Buritis, o Instituto Federal de Rondônia (IFRO) expandiu sua rede para 11 unidades, fortalecendo seu papel como um centro de excelência em Educação Profissional no estado.

A Rede Federal de Ensino em Rondônia cresceu rapidamente na primeira década de existência, continua crescendo e contribuindo para o desenvolvimento da região por meio do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. O IFRO está composto atualmente por 10 *campi*³⁷ presenciais; uma Reitoria (em Porto Velho); 44 Polos de Educação a Distância (EaD) no estado de Rondônia; 15 Polos EaD em outros estados brasileiros³⁸ e 12 Polos EaD executados por meio de parcerias com a CAPES (UAB – Universidade Aberta do Brasil), segundo dados e informações atualizadas em março de 2022, no portal da Instituição (IFRO, 2024).

Informações mais detalhadas de cada *campus* estão expostas em Quadro no Apêndice III. No mais, seguimos na próxima subseção, com destaque para a história do *campus*, lócus de nossa pesquisa, a partir da apresentação das vozes dos entrevistados e das fotografias que contam a história de uma instituição de ensino que marcou gerações e colaborou com o desenvolvimento da cidade de Ji-Paraná e parte do Estado.

2.2. Da EAESGF ao IFRO, *Campus* Ji-Paraná: uma análise multidimensional por meio de vozes e imagens

O despertar por meio da poética ji-paranaense encoraja essa pesquisadora a se aventurar no território da Educação rondoniense, mais especificamente na Educação Técnica Profissional de Nível Médio na qual atua na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, no Instituto Federal, *Campus* Ji-Paraná. A epígrafe de Melo (2023)



³⁷ Os *campi* são: Colorado, Porto Velho Calama, Porto Velho Zona Norte, Ji-Paraná, Vilhena, Ariquemes, Cacoal, Guajará Mirim, Jaru, São Miguel do Guaporé. Em 2024 a rede IFRO foi contemplada com um *campus* avançado em Buriti.

³⁸ A saber: 11 polos EaD na Paraíba, 1 polo EaD no Pernambuco, 2 polos em Minas Gerais e 1 Polo Internacional em Guayaramerín (Bolívia).

nos convida a "ler o que a história guardou", um chamado que ecoa na presente pesquisa sobre a transformação da EAESGF no IFRO, *Campus Ji-Paraná*. A análise multidimensional proposta se concretiza no resgate das vozes dos protagonistas dessa história, suas memórias e experiências, e nas imagens que documentam as mudanças ao longo do tempo. Ao unir esses elementos, buscamos compreender o legado da instituição e a sua importância para a Educação no Estado de Rondônia.

Ao afirmar que “a modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração”, Bauman (2001, p. 143), nos antecipava sobre a consequência da relação entre tempo e espaço na sociedade contemporânea: são mutáveis, dinâmicas e indeterminadas. Tais características desencadeiam a necessidade da história se articular de maneira mais contínua com as memórias que emergem dos grupos, com a finalidade de abarcar os acontecimentos diversos.

Conforme Pierre Nora (1993), a memória é, pois, um objeto de história possível, por isso toda e qualquer história existe porque recorreu de alguma maneira às memórias de uma coletividade. Dessa forma estaremos empenhados em voltar ao passado no intuito de reconstruir parte do legado do *Campus Ji-Paraná*, uma vez que são poucos os registros sistematizados que remetem a história dessa instituição de ensino, especialmente a época de sua origem quando era denominada por Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria e Centro Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria.

Para melhor situar o leitor dividiremos o percurso da análise dos dados em 3 períodos distintos:

- I) de 1981 a 1999: a fase de criação ao fechamento da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria;
- II) de 2000 a 2007: a transição para o Centro Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria;
- III) 2008 - a integração à rede Federal e a consolidação como *Campus Ji-Paraná* do IFRO.

A organização cronológica desta seção, que abrange especialmente os períodos I e II, busca proporcionar uma compreensão profunda das transformações que moldaram o cotidiano escolar. Para alcançar esse objetivo, utilizamos um acervo fotográfico de mais de 200

imagens, coletadas pela pesquisadora e trechos de 10 entrevistas que revitalizaram as memórias do passado institucional.

A seguir, apresentamos um quadro com o perfil dos entrevistados, detalhando informações como nome, período em que frequentaram a instituição, função desempenhada e modo da entrevista.

Quadro 6 - Perfil dos entrevistados

NOME DO ENTREVISTADO	PERÍODO EM QUE ESTEVE LIGADO À INSTITUIÇÃO	FUNÇÕES DESEMPENHADAS	ENTREVISTA
Maria Lucia da Silva	1981-1999 (EAESGF)	Funcionária de apoio a merenda e limpeza (ou auxiliar de copa cozinha)	Pelo <i>Whatsapp</i> (mora em Campinas/SP, perguntas todas feitas em áudio)
Maria Luzia Auer (entrevista intermediada pelo filho Marcos Antônio Thomas)	1981-1999?(EAESGF)	Funcionária de apoio a merenda e limpeza (ou auxiliar de copa cozinha)	Pelo <i>Whatsapp</i> (mora em Domingos Martins/ES em região de difícil acesso de celular. ³⁹)
Edinalva Oliveira dos Santos	1981-1983 (EAESGF)	Estudante	Pelo <i>Whatsapp</i> (mora em Porto Velho/RO)
Carlos dos Santos Brandão	1981-1995 (EAESGF)	Professor e vice-diretor	Pelo <i>Whatsapp</i> (mora em Ouricuri/PE)
Hugo de Alencar Coelho	1982-1991 (EAESGF)	Professor, vice-diretor e diretor	Presencial (na casa da entrevistada em Ji-Paraná/RO)
Braz Jerônimo da Silva	1987-1997 (EAESGF)	Chefe de disciplina	Presencial (na Secretaria Estadual de Educação/Seduc-RO/REN de Ji-Paraná/RO)
Moisés Pereira Barros	1994-1996 (EAESGF)	Estudante	Presencial (na casa do entrevistado em Vilhena/RO)
Belmiro Barriviera	2001-2007 (CEEPSGF)	Área de Gestão	Virtual (pelo <i>google meet</i> - depois transcrição das falas)
Elenir Rodrigues Muniz	1989-1999 (EAESGF) e 2002-2007 (CEEPSGF)	Bibliotecária (inicialmente), Secretária nas duas instituições.	Presencial (na casa da entrevistada no Distrito de Nova Londrina, em Ji-Paraná/RO)
Eliene Nantes Oliveira	2002-2007 (CEEPSGF)	Área de Integração escola /comunidade	Presencial (na casa da entrevistada em Ji-Paraná/RO)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

³⁹ Após várias tentativas frustradas, contamos com a colaboração do filho Marcos, que reside na mesma cidade, próximo a região rural onde mora sua mãe. A intermediação de Marcos possibilitou que a história da mãe fosse registrada e suas fotografias compartilhadas. Essa abordagem demonstrou a flexibilidade e o respeito da nossa pesquisa pelas circunstâncias individuais, garantindo que a voz da entrevistada fosse ouvida.

O quadro anterior apresenta a diversidade de funções dos funcionários, desde o pessoal de apoio até os cargos de gestão, de modo a garantir uma visão abrangente do funcionamento institucional. Cada função representa uma perspectiva sobre o cotidiano escolar, sem deixarmos de apresentar a ótica escolar dos estudantes, que são peças fundamentais na construção da história e da identidade da instituição. A divisão entre a EAESGF e o CEEPSGF indica mudanças na estrutura e no foco de ensino da instituição, que serão explorados nas análises a seguir.

I) A Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria: Educação e Trabalho (de 1981 a 1999)

Diante do estado fragmentário de informações a respeito das primeiras décadas de funcionamento da instituição, tentamos colher e compartilhar memórias resgatadas em lugares diversos, oferecendo uma miniatura de um quebra-cabeça da história dessa instituição, colaborando para o despertar de que outras pesquisas busquem muitas outras peças que faltam.

A instituição, criada pelo Decreto 1.224 de 19 de fevereiro de 1981 (Ji-Paraná, 1981), entrou em exercício no mesmo ano de criação. Ficou sob gestão da Prefeitura Municipal de Ji-Paraná durante o primeiro triênio de seu desenvolvimento (1981-1983). Em 10 de fevereiro de 1984, a Governadora do Estado de Rondônia em exercício, Janilene Vasconcelos de Melo, assinou o decreto nº 1.884 (Anexo I), integrando a Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria à estrutura da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (Seduc) por meio da portaria publicada no Diário Oficial do Estado (DOE), nº 521, de 25 de fevereiro de 1984. Assim, a Escola Agrotécnica *Municipal* Sílvia Gonçalves de Faria (EAMSGF), passou a ser administrada pelo estado e com nova denominação: Escola Agrotécnica *Estadual* Sílvia Gonçalves de Faria (EAESGF).

- *O espaço da Instituição*

Ao revisitar as memórias dos entrevistados, constatamos que, antes de ser uma instituição de ensino, o prédio servia como parte do hospital Nossa Senhora Aparecida⁴⁰. Os relatos indicam que a Escola Agrotécnica operava suas atividades no local onde hoje se encontra a Universidade Federal de Rondônia (UNIR, *Campus Ji-Paraná*). Por volta do ano de 1989, a Escola Agrotécnica mudou-se para um espaço construído ao lado - atualmente ocupado pelo Instituto Federal de Rondônia (*Campus Ji-Paraná*) - cedendo o antigo prédio para a Universidade Federal de Rondônia.

Olha, teve sim, o Hospital Regional que hoje está lá no SESP⁴¹ Ele era... antigo Hospital Aparecida que era aí no Centro (da cidade). Na época era esse nome. Então, ele passou a Regional, ele passou para aí (referindo ao espaço que atualmente está a UNIR). Primeiro foi o hospital mesmo. Eu morava aí, pertinho. Tem a igreja aí, São Sebastião, eu morava pra baixo da igreja, na rua Rio Negro. Então, fui fundadora desse bairro. Fui a primeira moradora. Quando eu mudei para esse bairro, estava fazendo o colégio, que hoje é UNIR. Então, primeiramente foi mesmo o hospital. E depois ele mudou lá pro quilômetro 7, o Regional esteve lá um bom tempo. Depois, passou tudo lá pro SESP. Então, inaugurou o Colégio Agrícola⁴². E aí, foi, ficou aí muitos anos. Depois, o Colégio Agrícola passou para baixo. Reformou, passou a UNIR aí em cima. E o Colégio Agrícola ficou em baixo. (Maria Lucia da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

As narrativas nos indicam que, desde 1981 até por volta de 1989, a instituição de ensino Sílvio Gonçalves de Faria se localizava no local que hoje se situa a UNIR, *Campus Ji-Paraná*. Vários entrevistados reafirmaram essa mudança de espaço:

⁴⁰ A saber: O Hospital Nossa Senhora Aparecida foi fundado em 1966 pelo padre Adolfo Rohl, que era o responsável por gerir a verba vinda da Alemanha. A sede do Hospital era localizada onde atualmente (2024) funciona a I Delegacia Regional de Saúde, na Avenida Júlio Guerra, nº 388, no centro de Ji-Paraná. O prédio que ficava em área rural, nas décadas de 70 e 80 era também ocupado de forma *complementar* pela saúde jiparanaense principalmente quando o Hospital do centro da cidade ficava lotado de pacientes. O governador Jorge Teixeira, do ainda Território Federal de Rondônia, solicitou o espaço como alternativa para a implantação e funcionamento da EASGF. Diante disso, nos anos 80 o hospital “complementar” mudou-se para o espaço situado na Br 364, Km 7, saída da cidade em direção a Ouro Preto (RO) - atualmente o espaço é ocupado pelo Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) de Ji-Paraná. Conforme a pesquisa de Bezerra (2005), por volta dos anos de 1989, quando inicia o processo de fusão do Hospital Regional (que pertencia ao Estado) com a Fundação - SESP (Serviços Especial de Saúde Pública), é que o hospital se mudou do Km 7, para a localização em que se faz presente até os dias de hoje: bairro Dom Bosco, no primeiro distrito da cidade de Ji-Paraná.

⁴¹ SESP- Serviço Especial de Saúde Pública.

⁴² A expressão *Escola Agrícola* é comumente usada entre os funcionários e estudantes egressos como sinônimo à Escola Agrotécnica. Da mesma forma, o vocábulo *agricolino(a)* é utilizado pelos entrevistados para fazer referência aos ex-alunos dos Cursos Técnicos das áreas agrícolas, como Técnico em Agricultura, Agropecuária, Florestal, entre outros. Neste trabalho utilizaremos os termos técnicos de forma indistinta com os termos de uso comum entre os entrevistados.

A Escola Agrícola desde a primeira turma, acho que foi em 80 que ela começou. Foi. Primeira turma 83. De 80, deixa eu fazer umas contas aqui, até o ano que eu cheguei na escola, que foi no começo de 89. Eu cheguei no começo de 89. Até metade. Até metade do ano, eu acho, a Escola Agrícola funcionava lá onde hoje é a UNIR. Era toda de madeira. Tinha um alojamento. Tinha um refeitório. Tinha um refeitório grande. Tudo era muito... era bem bonito. Porque antes já tinha sido hospital.

(...) Para montar a UNIR (leve pausa). **A Escola Agrícola, estava mudando e a UNIR estava já entrando.** Então, você já não sabia o que era de UNIR, o que era de Escola Agrícola para tirar. Foi assim: não deu tempo nem de como a gente brinca, né? Não deu tempo nem pra passar uma vassoura, pra ver o que que ficou. Então, a Escola Agrícola foi sair e eles (UNIR) já estavam lá. Quando você via, meio assustada, tinha professor, pessoal da administração ali dentro, junto. Circulando ali dentro. (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

A partir dos fatos apresentados pelos entrevistados, percebemos a possibilidade de ter ocorrido um certo conflito por espaço entre as duas instituições de ensino: EAESGF x UNIR. Por meio da Portaria nº 183 de 1º de junho de 1988 foi implantado o *Campus* Urupá⁴³ que começou a desenvolver suas atividades no prédio do antigo Supletivo. Apesar de não mencionar quaisquer embates, o estudo de Albuquerque (2014) nos oferece indícios para esse cenário, visto que a prefeitura ao efetivar convênio com a Universidade Federal de Rondônia ficou com a incumbência de ceder um espaço para as atividades educativas. A área primeiramente cedida localizava-se no Segundo Distrito⁴⁴ de Ji-Paraná, além das dificuldades burocráticos e legais para a transferência efetiva do espaço, houve uma recusa indireta pela Universidade que preferiu exercer suas atividades no espaço antes ocupado pela Escola Agrotécnica:

Ficou sob a responsabilidade do município, de acordo com a cláusula segunda do Convênio 001/88, a doação de terreno para implantação do *Campus*. Antes mesmo da assinatura e oficialização do convênio, o prefeito Roberto Jotão Geraldo, publica o Decreto de nº 941 datado de 23 de junho de 1988, **autorizando a UNIR a ocupação de um terreno urbano no segundo distrito do município**. Entretanto, esse Decreto é citado na cláusula segunda do convênio de criação do *Campus*, ressaltando que fica como obrigação do município tomar todas as providências no

⁴³ Primeira denominação recebida para o *Campus* Ji-Paraná que constitui a Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

⁴⁴ A cidade de Ji-Paraná tem acesso rodoviário pela Br 364 e o Rio Machado (ou Rio Ji-Paraná) divide a cidade em dois distritos conectados pela ponte: a parte mais antiga da cidade é o centro do Primeiro Distrito; já o centro comercial maior, do outro lado da cidade, constitui o Segundo Distrito. Vale lembrar a existência de uma segunda ponte no Rio Machado que permite acesso ao anel viário, na qual a expansão de loteamentos notáveis resulta no surgimento de um Terceiro Distrito na cidade.

sentido de consumir a doação dos terrenos cuja posse precária foi transmitida pelo Decreto 941/88. Em atendimento ao que estava posto no convênio UNIR e Município de Ji-Paraná, no dia 23 de março de 1990, o prefeito José de Abreu Bianco, sanciona a lei nº 261 doando a área de 37.377 metros quadrados para construção do *Campus Ji-Paraná*, **entretanto a Universidade nunca chegou a funcionar no local que fica localizado no segundo distrito da cidade.**

O Campus passou funcionar à Rua Rio Amazonas, todavia a doação efetiva, só ocorreu em 18 de setembro de 1992, através da Lei n. 448 do Município de Ji-Paraná sancionada também pelo prefeito Bianco. No artigo primeiro da respectiva lei, o Poder Executivo Municipal ficou autorizado a doar a UNIR, o lote urbano com área total de 36.372 metros quadrados. **É neste local que a UNIR funciona desde 1988 até a atualidade. Anteriormente a doação definitiva, funcionava neste mesmo imóvel a título de empréstimo.** (Albuquerque, 2014, p. 100., grifos nossos).

No estudo de Albuquerque (2014) não há informação clara sobre os motivos à recusa da área doada no Segundo Distrito, mas fica evidente a preferência da Universidade em permanecer no espaço antes ocupado pela Escola Agrícola, mesmo sabendo que o local de empréstimo não apresentava estrutura predial a contento:

Observamos no documento que os prédios de madeira tinham sido construídos na década de 1970 quando funcionou um hospital até o início dos anos 1980. Com o deterioramento das instalações, houve algumas reformas e no local passou a funcionar a Escola Agrícola que após alguns anos também saiu e passou a funcionar em outro local. A UNIR passou a funcionar nestas instalações, dada à precariedade, o diretor cobrava investimentos urgentes de reforma (...) (Albuquerque, 2014, p. 105.)

O pesquisador reafirma a ordem cronológica dos órgãos que ocuparam o espaço analisado (Hospital/Escola Agrícola/UNIR) e esclarece que o diretor da Universidade Federal de Ji-Paraná enviou documento para a Reitoria em agosto de 1993, exigindo investimentos urgentes diante da precariedade das instalações. Essas exigências foram solicitadas exatamente um ano após a prefeitura oficializar a área ocupada pela Universidade.

Se voltarmos a Ji-Paraná em 1981 e olharmos para a Escola Agrotécnica, foco do nosso estudo, veremos uma instituição localizada em uma área rural, distante da cidade que vivenciava um processo de crescimento urbano em expansão para o espaço rural. Conforme Decreto 3.011 de 07 de agosto de 1986, publicado em Diário Oficial do Estado de Rondônia, um “*lote de Terra Rural nº 3 da Seção A, área remanescente da SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste) lado “A”, localizado na Gleba Pyrineos, no município de Ji-Paraná*” (Rondônia, 1986), foi averbado como de utilidade pública, para fins de

desapropriação amigável ou judicial pelo Poder Executivo do Estado, diante da necessidade de ampliação da Escola Estadual Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria. Assim, nas primeiras décadas a Escola Agrotécnica estava localizada na zona rural da cidade, fazendo limites com o rio Urupá e o Igarapé Taboca em uma área que perfazia 103,05 (cento e três hectares e quinhentos metros quadrados).

Figura 15 - Antiga Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria vista do alto



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Podemos vislumbrar, na imagem exposta, a estrutura predial em madeira, situada em meio à vegetação. Apesar da fotografia não ser tão nítida, é visível o destaque das árvores e plantas ao redor da instituição, que contribuem para um cenário harmonioso, integrando os aspectos da natureza ao ambiente de uma escola rural.

Diante da escassez de documentação da época, recorreremos às entrevistas e fotografias para inferir que a Escola Agrotécnica Estadual Gonçalves de Faria, apesar de ser administrada pelo recém-estado de Rondônia, familiarizava-se com o Sistema Escola-Fazenda (SEF), tão peculiar ao contexto do ensino agrícola no Brasil desde as décadas de 1960 e 1970. O Sistema Escola-Fazenda foi fortemente influenciado por iniciativas internacionais e recebeu

aporte financeiro do Banco do Brasil, com o objetivo de implementar a tecnologia de produção agropecuária da Revolução Verde.

Para concretizar essa visão, o Governo Federal criou no dia 9 de julho de 1973, por meio do Decreto nº 72.434/73, a Coordenação Nacional de Ensino Agrícola – COAGRI (Brasil, 1973). Segundo Koller (2003, p. 47): a COAGRI tinha a missão de gerenciar a rede de educação agrícola em nível médio no Brasil e implementar o Sistema Escola-Fazenda, com base no princípio do “*aprender fazer fazendo*”. Percebemos a adoção de práticas semelhantes ao SEF pela Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, mesmo que não documentada formalmente, sugerindo uma conexão relevante com as políticas de desenvolvimento agrícola da época.

Quanto ao reconhecimento da instituição escolar, ela ocorreu por intermédio do Parecer 144/CEE/RO de 12 de dezembro de 1991 (Anexo IV) e da Resolução 130/CEE/RO de 12 de dezembro de 1991 (Anexo V). As informações constantes no parecer de reconhecimento nos permitem conhecer melhor o espaço e a estrutura da instituição no ano de 1991. Conforme a análise do Parecer de Reconhecimento, podemos saber sobre: a) aspectos físicos; b) administrativos e pedagógicos; c) instalações e equipamentos de apoio; d) educação física, esporte e lazer.

Percebemos que alguns dos aspectos constantes no parecer são retomados pelas entrevistas e fotografias recuperadas em nossa pesquisa - que exporemos mais a frente – e, igualmente, trazem indícios da perspectiva Sistema Escola-Fazenda (SEF), buscando conciliar o ensino-aprendizagem à tríade: Educação, Trabalho e Produção (Brasil, 1990a).

Quadro 7 - Aspectos físicos da EAESGF, descritos no Parecer nº 144 de 1991

1) Aspectos físicos: Suas instalações construídas em alvenaria, cobertura de telhas de fibrocimento com pisos de cimento “queimado” compõem-se de seis blocos que compreendem:				
1º Bloco	2º Bloco	3º Bloco	4º Bloco	5º Bloco
*6 salas de aulas	* Laboratório com equipamentos para pesquisa	*Biblioteca *Sala de vice direção *Sala de cooperativa *Secretaria *Sala de supervisão *Banheiro feminino *Banheiro masculino *Almoxarifado *Sala de orientação e supervisão *Sala de mimeógrafo	*Sala da Direção *Sala de Reuniões *Sala de Agricultura *Sala dos Professores *Sala de Zootecnia	*Refeitório *Cozinha *Sala da nutricionista *Banheiros
O conjunto é circundado por extensa área livre, toda gramada e arborizada.				

Fonte: Produzido pela pesquisadora a partir do Parecer 144/CEE/RO (Anexo IV), 2024.

O Sistema de Escola-Fazenda, além de priorizar o período integral e o sistema de internato, interligava “quatro áreas distintas que funcionavam integradas: Salas de aula; Laboratórios de Práticas e Produção (LPP), Programa Agrícola Orientado (PAO), Cooperativa Escolar Agrícola (COOP)” (Brasil, 1976, p. 194). Os termos em destaque no quadro (salas de aulas, laboratório, sala de cooperativa, sala de agricultura e sala de zootecnia) nos fazem subentender que por mais que fosse uma instituição estadual, a EAESGF seguia alguns dos princípios e diretrizes no âmbito do Sistema Escola Fazenda.

Ao analisarmos as informações constantes no *Relatório do 1º Seminário de Supervisão Pedagógica* (Brasil, 1976) - um documento histórico de grande relevância para compreendermos o contexto do ensino agrícola no Brasil na década de 1970 - conseguimos inferir com mais convicção que a EAESGF adotava práticas e estruturas semelhantes às recomendadas pelo SEF:

- Sobre o *Laboratório de Práticas e Produção (LPP)*, o relatório afirma que “constarão os setores agropecuários existentes nos Colégios Agrícolas: Agricultura, Zootecnia, Horticultura, Indústrias Rurais, Oficina Rural e outros constantes do currículo” (Brasil, 1976, p. 227). O Parecer 144/CEE/RO do Conselho Estadual de Educação de Rondônia descreve que, no ano de 1991, havia um Laboratório com equipamentos para pesquisa, uma sala de Agricultura e outra de Zootecnia na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná.
- Quanto ao *Programa Agrícola Orientado (PAO)*, o Relatório define como conjunto de projetos que resultam em um número variado de práticas, e acrescenta que para a execução dos projetos, muitas vezes seriam necessárias “construções, como aviários, pocilgas e outras” (Brasil, 1976, p. 228). As memórias e fotografias resgatadas no percurso desta pesquisa trazem à tona várias edificações construídas na EAESGF de Ji-Paraná, como aviário, pocilga, curral, apiário e horta (exponemos registros mais à frente).
- Por fim, o relatório explica que a *Cooperativa Escolar Agrícola (COOP)*, além de ser uma parte essencial ao funcionamento do Sistema Escola-Fazenda, tem o benefício de proporcionar “aos educandos a possibilidade de tomarem iniciativas, assumirem responsabilidades, conhecerem as leis e se educarem dentro dos princípios de cooperação e auxílio mútuo” (Brasil, 1976, p. 228). Conforme apresentado no Quadro 7, o parecer apontou a presença de uma sala destinada às atividades da Cooperativa existente nas dependências da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná. Os participantes da pesquisa relataram a importância da referida Cooperativa para a organização e, em alguns casos, a comercialização da produção, gerando receitas para a escola. A cooperativa funcionava como um laboratório para aprender na prática os princípios cooperativistas, a gestão de recursos e a tomada de decisão.

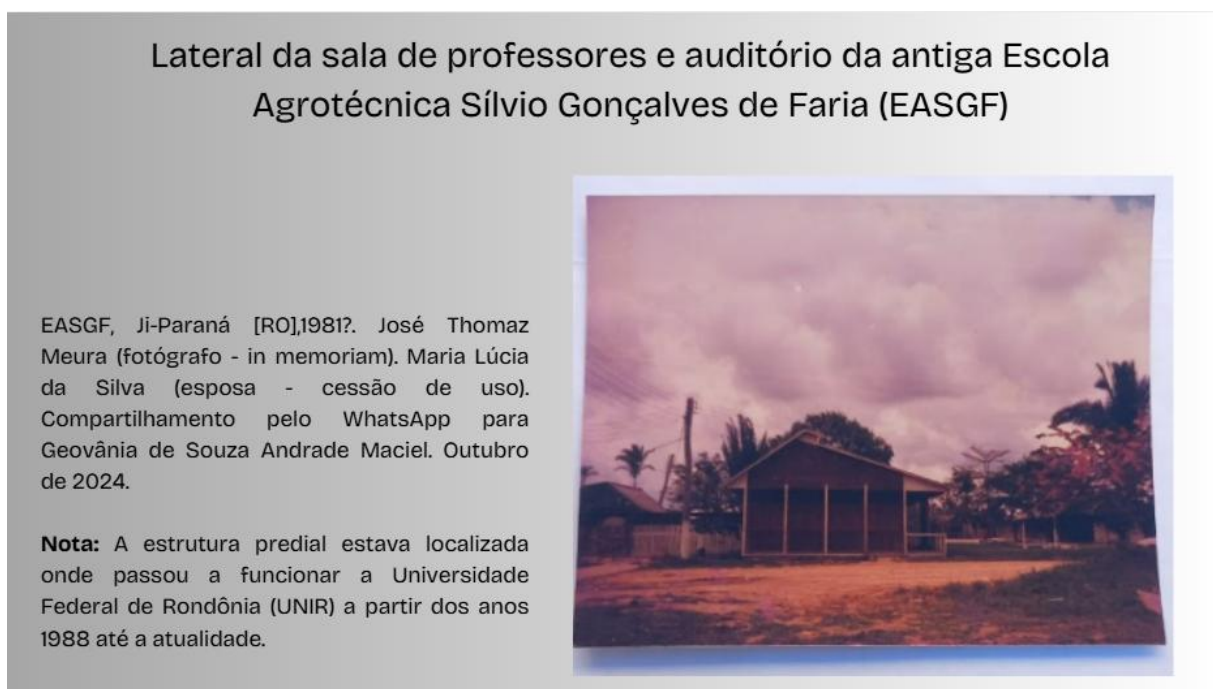
Vale esclarecer que as fotografias expostas nesta pesquisa, que estejam datadas entre 1981 a 1988, retratam o cotidiano da Escola Agrotécnica em funcionamento desde a estrutura predial que pertence atualmente à Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e se deslocam

até áreas campestres, nos limites com o rio Urupá e o Igarapé Taboca, segundo consta no Livro 2 de Registro, Matrícula 6777, de 15 de agosto de 1985 (Anexo III).

A partir de 1989, o acervo fotográfico registra o desenvolvimento da infraestrutura predial do atual IFRO, *Campus Ji-Paraná*, concomitantemente à parte rural que ainda compunha a área da instituição. O encerramento das atividades da Escola Agrotécnica, em 1999, desencadeou a invasão de áreas florestais e agrícolas, impulsionando o crescimento da cidade no entorno, com a formação de um novo bairro e setor chacareiro. Esse processo de expansão urbana resultou em uma significativa redução da área disponível para as atividades do IFRO, em comparação com a vasta extensão territorial da antiga Escola-Fazenda.

A localização da Escola Sílvio Gonçalves de Faria em área rural, nas décadas de 80 e 90, impunha uma logística específica aos seus docentes: em sua maioria dependiam do transporte coletivo para chegar à instituição e por isso nela permaneciam durante os períodos matutino e vespertino, de modo que era preciso almoçar na instituição. Diante da necessidade de cuidar dos estudantes que viviam em sistema de internato, alguns funcionários eram designados a residir nas dependências da escola. A documentação fotográfica a seguir nos faz voltar ao tempo para apreciar as características uma das primeiras estruturas predial em madeira:

Figura 16 - Lateral da sala de professores e auditório da antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Como um portal para o passado, cada fotografia desvela um pouco das memórias dos entrevistados, apresentando uma escola composta por sua infraestrutura em madeira, complementada por salas envidraçadas e pisos assoalhados, circundada por vegetação abundante. A estudante Ednalva, pertencente à primeira turma, evoca a rotina laboral dos internos: *“A escola agrícola, especialmente para nós internos, envolvia muito trabalho nos finais de semana. No sábado, limpávamos a escola e encerávamos as passarelas de madeira, que eram de assoalho”* (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2014).

[...] passávamos muito tempo nas pedreiras que faziam divisa com o colégio agrícola. Lá levávamos roupas, passávamos hora ali tomando sol, nadando, às vezes só lendo literatura portuguesa e brasileira. Tínhamos um grupo viciado em leitura. Muito competitivo. Na escola tinha uma única televisão no auditório. A gente na verdade nem quase assistia. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

A entrevistada recorda, ainda, os momentos de lazer proporcionados pelo curso d'água adjacente à instituição.

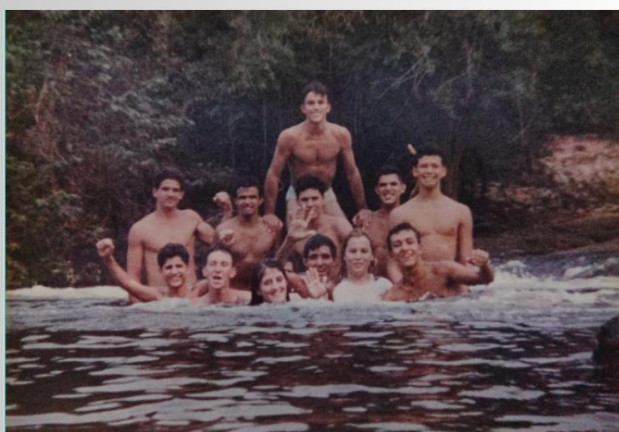
- *O rio e outros entretenimentos*

Transcorrida uma década, o rio permanecia como um lugar de entretenimento para os alunos da Escola Agrícola, conforme observamos nas fotografias da turma dos anos de 1994-1996.

Figura 17 - Após coletar insetos, banho na pedreira do senhor Nenê

Após coletar insetos, banho na pedreira do senhor Nenê.

EASGF, Ji-Paraná [RO], 1994-1996. Foto cedida por Moisés Pereira Barros (entrevistado). Digitalização da fotografia original por Geovânia de Souza Andrade Maciel. 26 de outubro de 2024, casa do entrevistado.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Em diferentes fotografias, o rio aparece como espaço para confraternização, descanso ou lazer. Cada fotografia encontrada nos permite imaginar o dia a dia de uma escola rural em sistema de internato e semi-internato. Na fotografia exposta anteriormente, o banho de rio ocorreu logo após o grupo de estudantes trabalharem em prol da coleta de insetos para uma atividade solicitada em uma das disciplinas do currículo do curso de Técnico Agrícola. O

contraste entre o trabalho árduo e o lazer no rio fica evidente nas palavras de um dos estudantes:

Olha, a nossa turma era uma turma bastante unida, porque assim, quando o professor chegava e dava uma ideia, todo mundo colava na ideia. Se tivesse um ou dois que não concordasse, era muito... Uma vez o professor Jair resolveu criar um insetário. Ele falou: “Vamos criar um insetário?” Não me lembro mais qual era a razão de criar um insetário. No outro dia, estava todo mundo catando insetos e aplicando formol. Nós tínhamos formol no quarto. Aplicava formol com uma seringa nos insetos, para poder não apodrecer. Colocava um alfinete e pregava lá no mural. De repente, nós tínhamos um monte de insetos. Era tarde da noite, estava negro para quicença afora procurando insetos. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024)

O rio se faz presente na memória não apenas dos estudantes, mas também da equipe de servidores da instituição. O entrevistado Hugo Coelho nos explica como era abrangente a área da escola nas primeiras décadas, informando que: *“A gente tinha floresta. A gente tinha igarapé. O rio era vizinho. Aquilo era um espetáculo (...)”*. Já que muitos estudantes permaneciam o ano todo na escola, sem ter condições financeiras para visitar os pais que moravam em outros municípios do estado, a Equipe Gestora optava por não proibir a opção de divertimento dos jovens: *“Até porque era uma opção de lazer deles. Era a opção de lazer deles. Não tinha como proibir.”* (Entrevistado Hugo de Alencar Coelho, 2024).

Ao coletarmos os relatos de alunos e funcionários da primeira turma (1981-1983) e daqueles que vivenciaram a escola uma década depois (1994-1996), percebemos a notável repetição de memórias, revelando uma conexão duradoura entre os diferentes tempos vividos na instituição. No mesmo sentido exposto por Halbwachs (2003), ao afirmar que por vezes a nossa memória se aproveita da memória dos outros, já que existem “muitos pontos de contato entre uma e outras (memórias) para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum” (Halbwachs, 2003, p. 39). Somente quando vamos tecendo memórias uns dos outros e buscando recuperar os detalhes dos momentos vividos sucessivamente, conseguimos recuar no passado e ir mais ou menos longe, para alcançarmos uma memória coletiva com exatidão.

As memórias de estudantes e funcionários revelaram outras formas de entretenimento, que incluíam esportes como futebol, karatê e capoeira, e o hábito de assistir televisão:

[...] o Roldão⁴⁵ era quem patrocinava o colégio agrícola, os alunos do colégio agrícola para futebol, que eram destaque. Todo ano a gente ganhava os prêmios nos esportes. E eles tinham um patrocínio de roupa, chuteira, de comida, de alimentos quando iam, e os agricólinos tinham os melhores jogadores de bola. (...) Os agricólinos construíram uma boa história, junto ao Vila Nova. Nos esportes eles eram destaques. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Eles gostavam de jogar bola, só que não durante o dia. A maioria deles era mais à quadra. Porque durante o dia, eles sempre estavam bem ocupados. Eles tinham tarefas para fazer. (...) a maioria lavava as roupas deles. (...) Ah, a diversão que tinha lá, para falar a verdade, era televisão. Só uma televisão daquela de “bunda” bem grandona. Quer dizer TV à tubo (risos). Só tinha uma. Ficava numa sala (...) lado do pavilhão. Inclusive teve um (estudante) que foi expulso por causa dessa televisão. (Braz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A prática do karatê e capoeira, que emergiu das memórias de estudantes e funcionários, revela uma iniciativa interessante: nos finais de semana, alunos com maior proficiência compartilhavam seus conhecimentos com os demais. Essa prática, segundo um dos entrevistados, representava uma forma de autodefesa, pois sofriam retaliações de outros adolescentes da cidade. Este aspecto será explorado mais adiante no tópico: *Como a sociedade enxergava os agricólinos*.

Segundo Moisés, os estudantes que davam aulas de karatê e capoeira para os demais estudantes não recebiam nenhum tipo de remuneração pela atividade. A seguir, podemos observar os jovens estudantes praticando as artes marciais em frente ao prédio da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná.

⁴⁵ Roldão Alves é um dos pioneiros de Ji-Paraná. Chegou a cidade em 1964, quando ainda era denominada Vila de Rondônia. Aos 15 anos de idade, montou o primeiro time de futebol e sempre foi muito atuante no cenário esportivo: foi secretário de esportes por duas vezes, presidente da liga de esportes por 16 anos, organizou mais de 200 competições esportivas, além de ter sido o fundador do principal time da cidade *Ji-Paraná Esporte Clube*, em 1991 (Globo Esporte, 2015).

Figura 18 - Karatê na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

A fotografia revela a engenhosidade dos estudantes que tanto improvisavam no espaço quanto no uniforme. Embora as normas competitivas do karatê preconizem a utilização de um tatame padronizado (tapete quadrado com 8 metros de cada lado) e quimonos específicos (ou *karategi*), os estudantes mantinham as atividades nas dependências da instituição durante os finais de semana, mesmo não possuindo todos os equipamentos necessários. O importante era a socialização, o momento de distração e o alívio das tarefas acadêmicas.

As reminiscências dos entrevistados revelam outros passatempos marcantes, como as festas sociais às quais compareciam sem ser convidados, as festas clandestinas, para as quais precisavam sair escondidos (a fim de evitar a supervisão escolar), e as comemorações na cidade, mesmo nos locais onde não eram bem-vindos. Os relatos evidenciam a busca por diversão e certas atitudes de rebeldia dos estudantes, conforme ilustram as memórias a seguir:

Do lado da igreja São Sebastião, ali, tem um clube e quando a gente via movimento estranho lá no clube, decorando e tal, imaginava: “tem casamento”. A gente ia por trás do clube, o muro era baixinho, na hora da festa, a gente pulava o muro e ia pra festa do casamento, dançar e comer de graça, nas custas do casamento dos outros.

Então, a gente fazia isso, mas nunca fomos lá, causar escândalo, briga, confusão, nada. (Moisés. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Nosso rio aí era o nosso *point*, que era na fazenda do seu Neném, atrás da fazenda tinha o rio Urupá, era onde a gente ia lavar as roupas, a gente passava, a maior parte do nosso lazer era nesse rio. Ou então a noite, quando a gente fugia para as discotecas, tudo escondido do diretor, que a gente saía, quando a gente via o “fiatzinho” do diretor vindo, a gente se jogava dentro dos matagal, dos capinzal, porque às vezes a gente fugia para ir para alguma festa na cidade. (...) A gente não perdia uma festa ali naquele bairro Urupá. Até dentro do cabaré, que era no meio de Ji-Paraná, passava ali dentro do cabaré, que se chamava *Cai n'água*, ali também nós tínhamos um colega (...) Ele sempre sabia das festas lá (...) Os meninos iam com a gente, e eles nos protegiam, os colegas. A gente ia para o *Arco-Íris*, para as festas que tinha em Ji-Paraná. (Ednalva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Na época tinha um lugar, uma festa pública na rua chamada Toca. A *Toca ficava perto do Bradesco*, perto da igreja São João Bosco. Com arquibancadas assim, e o movimento era na rua. (...) (Moisés. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

Na fala dos entrevistados, descobrimos nomes de lugares que carregam a história de muitos outros adolescentes daquela época. Locais como *A Toca*, *Cai n'água* e *Arco-íris* eram espaços conhecidos por grande parte dos jovens ji-paranaenses das décadas de 80 e 90. A seguir apresentamos o *print* da publicação de Adonias Leite na comunidade do *Facebook* denominada *Fatos e Fotos Pioneiros de Vila de Rondônia*. Importante informar que se trata do *link* da matéria publicada pelo Portal Rul, *site* de notícias da região, que produziu uma série de pequenas reportagens retratando fatos marcantes sobre a história da cidade de Ji-Paraná e dentre uma das matérias escolhidas foi o espaço de divertimento nas décadas de 90: a *Toca Drinks*, que ficava próximo a calçada do Bradesco e foi rememorada entre nossos entrevistados agricólinos.

Figura 19 - Fatos e Fotos Pioneiros de Vila de Rondônia - *Toca Drinks*



Fonte: Calandrelli, 2020. Portal Rul. Via *Facebook*.

Verificamos, na imagem, a Rua Toca narrada pelo entrevistado Moisés, na qual há pessoas andando, outras parecem dançar, enquanto algumas estão sentadas observando o movimento dos pedestres que passam ou festejam. A notícia publicada por Hudson Calandrelli no Portal Rul e postada no *Facebook* por Adonias Leite, reafirma as memórias dos estudantes entrevistados: “a foto registrada há mais de 30 anos é a Toca Drinks, localizada no centro antigo de Ji-Paraná próximo ao Banco Bradesco”. O autor da reportagem acrescenta que nessa época o lugar era conhecido por ser o “*point* da cidade sendo um dos principais locais de entretenimento da população” (Calandrelli, 2020).

Ainda no *Facebook*, encontramos uma fotografia do lendário *Cai n’água*, citado pela entrevistada Ednalva. Pelos comentários, inferimos que, apesar de ser um lugar bastante conhecido, é frequentemente recriminado devido às memórias de que, naquela época, algumas casas funcionavam como prostíbulos.

Figura 20 - Lendário Cai n'água



Fonte: Amadeu Hermes, via Facebook. Disponível em:

https://www.Facebook.com/photo/?fbid=2434865573264620&set=pcb.2434868049931039&locale=pt_BR

Acesso em: 16 jan. 2025.

A fotografia resgata a simplicidade de um aglomerado de casinhas em madeira, rua sem asfalto, próximo ao rio Machado, na cidade de Ji-Paraná. À frente, há mais casas, conforme demonstra a sombra captada pela fotografia. A publicação do pioneiro Amadeu Hermes obteve 434 curtidas, 73 compartilhamentos, além de 58 comentários. Alguns comentários dos participantes da rede fazem ironias com relação a determinada atividade ilegal presente no espaço: “O pessoal não pagavam a conta caíam n'água mesmo”; outro participante da rede afirma: “Famoso Cai n'água, o maior *puteiro* de Ji-Paraná hoje Beira Rio”; e um terceiro faz uma observação à foto: “Olha a marca da água nas paredes da casa”, chamando nossa atenção para um problema enfrentado por aqueles que moram na beira do Rio Machado e são constantemente afetados pelas chuvas.

As memórias escolares são também heranças das memórias de uma sociedade. Ao recordar vivências da Escola Agrotécnica, consequentemente estamos resgatando aspectos socioculturais de uma coletividade que vai muito além dos ‘muros’ escolares.

Importante ressaltar que, ao pesquisarmos as fotografias que narram a história da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, fomos observando outras comunidades virtuais em Rondônia que adotam as redes sociais como um rico repositório de memórias. Esses espaços digitais transcendem a função de meros arquivos, transformando-se em vibrantes pontos de encontro e reencontro não somente para aqueles que viveram os tempos pioneiros do estado,

mas até mesmo para a recordação de seus descendentes. Ao se unirem para compartilhar fragmentos de suas vivências, essas comunidades do *Facebook* na Amazônia Ocidental tecem narrativas coletivas que além de preservarem o passado, também revigoram identidades individuais e visões de mundo. Como bem pontuam Maciel e Pimenta (2024), as memórias em redes “criam conexão e são contadas por muitas vozes presentes no ciberespaço” criando “laços fortes e fracos na nova arquitetura social proposta pelas redes conectivas digitais”. As interconexões dessas memórias revelam uma história em constante construção, um legado que clama por ser lembrado e registrado, conforme exposto no resumo expandido “Teias de memórias: registro dos pioneiros de Rondônia⁴⁶” (Maciel; Pimenta, 2024).

- *Os trotes e apelidos*

As memórias que emergem deste período não são apenas doces recordações, mas também feridas e espinhos. Um dos funcionários que dedicou anos à vigilância dos estudantes em sistema de internato relata que o peso dessa função cobrou um alto preço de sua saúde mental:

Só que lá no comecinho do trabalho meu, fui inventar de querer endireitar o mundo de uma vez só, aí o Sistema de Internato era muito complicado. **Os antigos gostavam muito de judiar dos novatos, que eram chamados de Bagaço⁴⁷.** E eu para não deixar eles judiarem demais, bagunçar muito, eu fiquei, bem dizer, **trabalhando de manhã, à tarde e à noite**, cuidando, que nem que eu ia endireitar o mundo todo. **Depois de três meses entrei em estafa física e mental. A física virou mental, aí entrei em depressão.** Aí tive que sair para fora, para Campo Grande. Fiz tratamento lá, fiquei um tempo bem bom lá, depois voltei e continuei. Só que a depressão me acompanhou até hoje, ela é minha parceira. Ela vem e volta, né? Vem e volta, vem e volta (...) (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

⁴⁶ Este resumo Expandido foi publicado nos Anais da XX Semana da Educação promovido pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-2024) - uma análise que procura contribuir para a compreensão da história e da memória social na Amazônia Ocidental, a partir da análise de 16 comunidades virtuais, das quais 12 grupos eram públicos e 4 grupos privados. Cada grupo analisado traz em seu nome uma cidade de Rondônia centro do resgate das memórias (como por exemplo Porto Velho, Colorado do Oeste, Presidente Médici, Vilhena, Corumbiara, Cerejeiras, Ariquemes, Cacoal e Cabixi). Disponível em: file:///C:/Users/geova/Downloads/galoa-proceedings--sedu-2024--190280.pdf Acesso 05 mai. 2025

⁴⁷ Bagaço é o termo utilizado no Universo dos agricolinos para se referir aos alunos do primeiro ano, uma espécie de ‘apelido’. Os alunos do segundo ano são chamados de Pé Quebrado e os do terceiro ano são denominados veteranos.

Braz exercia, na época, a função de inspetor de disciplina e explica que inicialmente queria estar presente o tempo todo com os estudantes, acreditando que pudesse impedir os maus tratos que os mais velhos destinavam aos mais novos. Todavia era impossível essa missão, já que no sistema de internato há momentos em que os estudantes precisam ficar em espaço privativo, como no quarto dos alojamentos, ou nos banheiros de uso coletivo. Justamente nesses momentos os estudantes aproveitavam para subverter as regras. A fotografia a seguir ilustra um desses momentos, revelando a vulnerabilidade dos jovens e as dificuldades enfrentadas pelo inspetor em sua missão:

Figura 21 - Burlando as regras escolares: colegas de quarto no alojamento interno da EAESGF

Burlando as regras escolares - Moisés, Claudomiro e Renato: colegas de quarto no alojamento interno da EAESGF.

Alojamento da EAESGF, Ji-Paraná [RO], 1994-1996. Foto cedida por Moisés Pereira Barros (entrevistado). Digitalização da fotografia original por Geovânia de Souza Andrade Maciel. 26 de outubro de 2024, casa do entrevistado.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

A fotografia realça que, apesar dos cuidados da equipe escolar, os estudantes improvisavam *artimanhas* e por meio de *táticas*, burlavam e escapavam das *estratégias* de disciplinamento escolar. Aos modos *certeuniano* (Certeau, 2014) podemos dizer que os estudantes sempre buscavam *mil maneiras de se reapropriar do espaço* escolar, superando as repressões vivenciadas no sistema de internato. A estrutura do local, com seus espaços privativos e momentos de menor vigilância, criava brechas para que os alunos desafiassem os preceitos da instituição. Ao invés de seguirem as normas estabelecidas, os indivíduos adaptavam tais regras, muitas vezes subvertendo-as de maneira a atender suas ‘necessidades’ e recriando o próprio cotidiano dos alojamentos sem que a direção de ensino tomasse conhecimento. Os alunos conseguiam introduzir bebidas alcoólicas e consumi-las em seus aposentos, longe dos olhares atentos e a fotografia, um flagrante do ocorrido, serve como prova irrefutável dessa transgressão.

Outra *artimanha* estudantil que dependia de muita estratégia por parte da equipe pedagógica eram os trotes entre os *agricolinos*. O antigo inspetor de disciplina reforça que diferente dos trotes universitários que ocorrem uma semana ou apenas em um dia, naquela

época era muito pior, *“porque era um trote continuado. Trote um atrás do outro e sem parar. Eles gostavam de judiar”*. Braz continua suas memórias afirmando que eram *“troles fora do comum, que eu não seria nem capaz de falar aqui na hora que está gravando”*, o que nos leva a imaginar a audácia e malícia dos trotes vividos ocultamente sob os muros da Escola Agrotécnica.

Os estudantes entrevistados afirmam que o excesso de atividades práticas e as exigências por parte de cada disciplina eram muito desafiadoras. A combinação desses fatores com as *“brincadeiras sem limites”*, tornava o ambiente escolar um lugar hostil, que ocasionava a desistência como única saída para os considerados mais ‘fracos’ pelo sistema.

A estudante Ednalva confirmou que os trotes eram frequentes, revelando que algumas situações ultrapassavam os limites da confidencialidade *“a minha filha sempre fala para eu escrever alguma história sobre o colégio agrícola, porque tem muitos outros **lados obscuros** que eu não ousa nem contar por aqui, só contaria pessoalmente. Coisas que nós passamos, vivemos, sobrevivemos. Somos sobreviventes!”*. Os relatos de Moisés, ex-agricolano, a respeito das inúmeras zombarias às quais ele e outros estudantes foram submetidos, prova que os trotes não eram simples brincadeiras:

Eu me lembro que eu cheguei na secretaria e tava conversando com a Elenir. (...) Aí meu pai foi levar eu e meu irmão. Foi eu e meu irmão pra escola agrícola, juntos. Graças a Deus nós conseguimos sair de uma escola de Tancredópolis⁴⁸. Tancredópolis é Distrito de Alvorada. A gente não falava que era de Tancredópolis. Era feio falar que era de Tancredópolis. Se falasse que era de Tancredópolis, na Escola Agrícola você levava murro. (...) Se você falasse assim, “Você é da onde, Bagaço?”, “Sou de Tancredópolis”. Ele nunca ouviu falar em Tancredópolis. **Ele já te dava um murro debaixo da costela. Você já ficava logo sem fôlego. Era murro, era porrada.** (...)

Quando o antigo viesse de encontros com você, você estava indo almoçar, o antigo vinha de lá para cá, você tinha que sair pelo mato, porque não podia cruzar com ele por cima do cimento (calçada).

Ele chegava da rua, qualquer hora da noite, bêbado, te acordava e falava assim: “Vai lá para o pomar buscar acerola. Fazer suco para mim.” Você ia buscar a acerola para ele, se não fosse, apanhava. Não tinha regra, cara! **A regra era a força.** Jogar futebol: o Bagaço não jogava futebol, mas era obrigado ir para o campinho, ficar lá no meio do mato. Quando a bola fosse no mato, o Bagaço buscava e devolvia. O antigo não ia lá, porque tinha aquela dormideira que tinha espinho, e o antigo não ia pisar no espinho. Não tinha chuteira, não tinha nada, porque era tudo sem dinheiro, era descalço. Quem ia? Bagaço, Bagaço! (...)

⁴⁸ Tancredópolis é um distrito pertencente ao município de Alvorada do Oeste (Rondônia).

(...) Televisão, o Bagaço não assistia. Debruçava por cima da janela... tinha uns bancos que até dava para todo mundo sentar, mas o antigo ficava deitado, e o Bagaço não tinha onde sentar. E não podia entrar na sala (da televisão) nos primeiros 90 dias. Aí a gente debruçava na janela e ficava ali vendo a televisão. Quando o antigo olhava e via o Bagaço ali, ele pegava a jarra de água gelada dele, que sempre estava do lado, e atirava para a cara do Bagaço: “Sai daí, fedido!”. Então a gente nem ia, ficava mais no quarto.(...) O estudo era prejudicado por que a sobrevivência daquele estilo, você não tinha. **Você ficava traumatizado o tempo todo. Você não conseguia se concentrar na aula.** Então eu fui para a recuperação em cinco disciplinas no primeiro ano. Eu caí num pranto de choro, porque eu não sabia o que era ficar de recuperação. (...) E se reprovasse, perdia o alojamento, o direito do internato. Graças a Deus, eu passei. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024)

Diante da narrativa do estudante, compreendemos algumas situações alarmantes. Não eram condutas de passatempo, eram ações que poderiam trazer consequências para toda a vida. Moisés fala que outro irmão teve a oportunidade de ingressar na instituição sem passar pelo processo seletivo comum à época, mas o mesmo não se adaptou ao ambiente:

Tive um terceiro irmão que entrou na escola, sem seleção. Quando esse índio⁴⁹ desistiu, na primeira semana de aula, Luiz, meu irmão, foi no diretor e pediu se não tinha possibilidade de ceder aquela vaga aberta para o irmão que estava em casa. E o diretor falou: “manda ele vir, que eu dou a vaga para ele”. Ficou vinte e quatro horas na escola. Olhou para o céu e falou assim: “Não vou ficar nessa desgraça não, vou embora”. Perdeu a oportunidade. E foi embora. E perdeu a oportunidade. E talvez hoje estaria com a gente no mesmo órgão que a gente está. As escolhas na vida têm um preço. Hoje ele está pagando um preço alto. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024)

Quando o entrevistado afirma que seu irmão ao desistir da Escola Agrotécnica “perdeu a oportunidade”, nos deixa compreender que apesar de todas as dificuldades vivenciadas, ele reconhece a instituição como a grande responsável por estar em um bom emprego, junto com o outro irmão que o acompanhou até o final do curso. A entrevistada Nalva também apontou inúmeras falhas vivenciadas no sistema de internato, ao tempo que ressaltou o cumprimento da missão em mudar a vida dos estudantes: “Foi uma escola que realmente preparou o aluno para a vida e para o trabalho. E todo mundo que saiu do lixo, hoje pode pelo menos ter uma vida digna”.

⁴⁹ Durante a entrevista, Moisés já havia contado outra situação vivenciada pelo estudante indígena que ingressou na Escola Agrotécnica nos meados da década de 90.

Vale salientar que os estudantes da primeira turma, em grande parte, eram maiores de 18 anos, o que dificultava o controle de obediência às regras. Por isso, eram comuns narrativas com foco na saída escondida do alojamento para participar de festas e o uso de bebida imprópria para menores. Essas atitudes possivelmente passaram a ser replicadas pelas turmas posteriores, mesmo quando compostas por estudantes menores de idade. Conforme a entrevistada Maria Lucia: *“Os alunos, todos adultos. Porque os primeiros alunos, tudo, já eram adultos. Depois que pegou vinha os mais novos. Cada ano entrava uma turma, né? E foi assim.”* O entrevistado Braz evidenciou essa característica como a principal problemática em gerir a disciplina no sistema de internato das turmas dos anos 80 e 90:

E lá tinha esse problema maior. Tinha essa disparidade de idade. Tinha uns na fase normal, de 14-15 anos. E tinha outros com 20. Teve um que veio, igual te falei, estava com a espingarda 12. Já tinha matado um *cabra*⁵⁰ lá na linha. Entendeu? A gente não podia proibir de estudar um *cabra* desse. Complicado. Cada mal elemento dava dó! Então a gente pensa que o problema é só de hoje, mas não é. **Indisciplina, indisciplina sempre teve. E em internato é pior ainda.** Entendeu? (...) Eles eram incapazes de escovar o dente, colocavam um novato pra escovar o dente. (...) (...) A maioria (dos trotes) era escondido que eles faziam. Quando chegava a mim, eu *‘descia a barba’*⁵¹ porque não adiantava ir comigo. Entendeu? Por exemplo, o trote mais simples, né? Mais simples: quando chegava, os novatos tinham que lavar a roupa dos antigos. E se eles se recusassem, apanhavam. Não tinha jeito de recusar. Apanhavam. E isso eles faziam no horário que eu não tinha tempo (de cuidar). Eu não via isso. (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

Ao ouvir os entrevistados, percebemos que estamos diante da exposição de “relações conflituosas ou pacíficas” (Julia, 2001) que a instituição de ensino mantém em cada período de sua história. Consoante ao que propõe Dominique Julia (2001), somente quando nos voltamos ao funcionamento interno da escola, por meio das histórias de vidas dos sujeitos escolares ou das narrativas orais, é que descobrimos o que resistiu “a tentativa de aculturação da escola, tudo que também pôde acolhê-la e sustentá-la” (Julia, 2001, p. 36). Quando nos

⁵⁰ *Cabra*: expressão de origem nordestina, sinônimo de pessoa, indivíduo, sujeito. Pode ainda se referir a uma pessoa temida pela frieza e crueldade, quando aliada ao adjetivo peste (“cabra da peste”). Ou seja, a depender do contexto e do adjetivo que acompanha a palavra “cabra” poderá variar o seu sentido como algo bom ou mau. Exemplo: cabra safado, cabra ligeiro.

⁵¹ *Descia a barba*: Expressão utilizada pelo entrevistado para expressar sua ação em chamar atenção dos estudantes e efetivar punições possíveis para a época. Em outro momento da entrevista, Braz afirmou que: *“Sempre quando a gente expulsava alguém daqui, já estava sendo encaminhado para uma escola agrícola no Acre. (...) a maioria mudava de vida lá. (...) Ou no Acre ou numa escola que abriu também depois de uma escola agrícola. Não sei se existe ainda em Ariquemes (...) Parece que era da CEPLAC.”*

propomos a abrir a ‘caixa preta’ da escola é que nos deparamos com o conjunto de normas e práticas (vividas, transmitidas, descontinuadas ou permanecidas), que compõem a cultura escolar.

O entrevistado Moisés aponta que alguns trotes aconteciam com certa regularidade como uma espécie de “ritual de passagem”:

Todo final de ano tinha uma caixa de cimento quadrada (...) nos enchia de água, ia num ninho de formiga lava pé, com a pá, enchia de formiga, jogava dentro daquela água pra pegar os Bagaço e jogar dentro daquela água com formiga. Pra tirar o fedor dos Bagaço, né? Deixou de ser Bagaço. Vai pro segundo ano, tem que tirar a catinga, que bagaço fede. É assim que eles falam, fia, é vida de cão aquilo lá. (...) As meninas não, porque elas não moravam na escola. As meninas ficavam na casa de familiares, de amigos, algum local na cidade, não podia dormir lá. Só as primeiras turmas que tiveram. (...) E essas bagunças eram feitas à noite. Isso aí começava às onze horas, pra pegar no quarto. O cara ia dormir de repente quatro, cinco, o agarravam e ele vai escapar como? “Bora, levar e jogar dentro da água com formiga”
 (...) Eu tive que tirar o fedor de Bagaço pra virar no segundo ano. E quem faz isso são os antigos. Ai depois quando você vira do segundo ano, você vira: **tudo que você sofreu, você desconta nos outros, por isso que a brincadeira não acaba.** (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024),

Atitudes como essa nos fazem refletir que a memória também é moldada por um processo de inculcação. O trote, ao ser inculcado na vida cotidiana do internato, pode transformar-se em uma ‘falsa cultura’⁵² escolar. Inclusive, para alguns estudantes, trotes como os narrados são justificados como um processo necessário à socialização dos internos. Aliada a essa prática houve a memorização dos apelidos que em sua maioria realçavam alguma característica do novato em desvantagem ao grupo hierárquico que organizava a prática do trote.

Obtivemos, por intermédio da entrevistada Maria Lucia (2024), a cópia do convite de formatura da Turma dos Formandos de 1986, no qual consta ao lado do nome do estudante o respectivo apelido, o que frisa a presença de uma cultura institucionalizada para os apelidos entre/dos estudantes.

⁵² Utilizamos aqui o termo *falsa cultura*, porque nos posicionamos a favor da reflexão de Adorno (1995) em sermos contrários a todo “tipo de *folkways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física - muitas vezes insuportável - a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro coletivo” (Adorno, 1995, p. 127-128).

Figura 22 - Convite Formandos 1986 - Nomes e Apelidos



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024. Créditos a Maria Lucia.

A análise do convite demonstra que a atribuição de apelidos era uma prática universal entre os estudantes, evidenciada pela substituição dos sobrenomes de cada estudante listado pelo seu respectivo apelido. Consoante aos estudos de Pais (2018), para uma melhor compreensão da simbologia de cada apelido, seria necessário entrevistar os membros da turma de 1984-1986. Isso porque as circunstâncias sociais contribuem para a produção e circulação dos apelidos, além de fornecer subsídios para interpretar as metáforas e os sentidos expressos (afetos, estigmas, ironias e vivências), uma vez que “Sendo artefatos de subjetividade, as palavras criam mundos de significado ao serem tricotadas nas interações cotidianas” (Pais, 2018, p. 210).

O entrevistado Moisés nos relatou que, ao ser avistado por um veterano, recebia um apelido que o acompanharia durante todo o percurso da vida estudantil. Ele exemplificou que, em sua turma, os apelidos permaneceram para a vida toda, sendo utilizados normalmente em seus contatos via grupo de *Whatsapp*. O entrevistado compartilhou detalhes sobre o seu ‘ritual de batismo’:

O primeiro antigo que lhe encontrasse pelo caminho, ele olhava para você e falava assim: “E aí Bagaço, está chegando agora? Como é seu nome?” Você falava o nome. “A partir de agora você vai se chamar assim, assim, assim” E **já te colocava um apelido e você tinha que falar para todo mundo dali para frente que o seu nome era aquele nome, que ele foi colocado.** Seu nome de batismo era abolido. (...). E eu era muito magrinho, meu nome dali para frente foi *Saracura*. E até hoje é *Saracura* com os colegas da escola. Todo mundo tinha um apelido. E tinha que gostar (do apelido), se tornava o nome da pessoa ali dentro. Todo mundo te chamava por aquele nome. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

As entrelinhas dessa narrativa nos fazem perceber uma ideologia, propagada pelos corredores, de que era melhor o aluno aceitar o apelido para não sofrer perseguições futuras, mesmo que o apelido significasse uma referência identitária pejorativa.

O trote escolar é tema abrangente que já foi temática central de alguns estudos, dos quais destacamos: a tese de Diefenbach (2013) que apresenta o trote como uma das memórias mais lembradas pelos egressos do curso em Agropecuária (1972-2010), na composição da cultura escolar do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão; a tese de Silva (2015) que analisou a cultura do trote no Colégio Agrícola de Uberlândia, por meio de entrevista de sujeitos que vivenciaram o período de 1969 a 1985, apresentando o trote como sinônimo de “barbárie na educação agrícola” na qual “só vencem os fortes”, conforme expressam as próprias palavras que intitula a pesquisa. No contraponto temos a tese de Castillo (2020) que defende uma nova perspectiva: o “Trote Acolhedor” realizado no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão, na qual a experiência educativa buscou promover “a inserção através da acolhida, permanência e êxito no caminho de uma inclusão efetiva.” (Castillo, 2020, p.43).

Os trotes e apelidos, revelam tramas sociais tecidas no cotidiano das escolas. Como a escola é uma parte do global, precisamos compreender os fios que tecem toda a trama, despertando um cuidado especial para trotes e apelidos que exigem ações de conscientização e combate ao *bullying* e atos discriminatórios - ações extremamente relevantes em toda e qualquer instituição - servindo como meio eficaz de prevenção.

Trabalhar a memória da instituição corrobora para a assertiva de Bloch: “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.” (Bloch, 2001, p. 75).

Memorar os erros e acertos do passado é também olhar para dentro de nós mesmos e procurar reconhecer que se não é possível mudar o que foi, será ao menos possível melhorar o porvir.

- *O perfil dos estudantes*

Por intermédio das memórias da egressa Ednalva, formanda da primeira turma da escola Agrotécnica de Ji-Paraná, tomamos conhecimento com relação ao perfil de grande parte dos estudantes de 1981 a 1983:

Ah, gente! Foi um tempo de muita emoção! Nós éramos muito unidos, era um irmão do outro, **todo mundo altamente vulnerável, pobre, tirando assim cerca de uma dúzia de pessoas que tinham condições**, o resto era tudo filho de mães aqui do Porto Velho, que eram zeladoras, ribeirinhas. Eu mesma não tinha nem onde morar, quando eu saí do colégio agrícola eu fiquei apavorada porque eu não tinha (onde morar). Meus pais moravam no sítio, na zona rural, e eu não tinha uma casa onde ficar. Entendeu? Como eu, tinha outras pessoas. Então esse projeto do governador de abraçar esses alunos foi maravilhoso, é muito interessante, isso é muito emocionante, eu até me emociono quando eu lembro do governador Jorge Teixeira, o carinho, o amor que ele tinha pela nossa escola. Tinha muita gente de Guajará, o pessoal de Guajará também, era todo mundo pobre, e de agricultores de Ji-Paraná, de Vilhena, de Pimenta Bueno. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A vulnerabilidade social dos estudantes que frequentaram a instituição Sílvia Gonçalves de Faria também foram informações presentes na fala dos estudantes egressos entrevistados por Edeli Oliveira (2023, p. 76) em sua dissertação: *“Na maior parte, eram alunos de famílias muito, muito humildes, muito pobres, que não tinham nem como voltar para as suas casas”* (entrevistado Sandro Marcos Castro de Araújo, por Oliveira, E. D., 2023).

Por estarem em sistema de internato, muitos passavam o ano inteiro sem ver os pais que, na maioria dos casos, moravam em outras cidades de Rondônia. Além da dificuldade financeira citada, outra memória muito presente faz referência a carência de afetividade familiar, o martírio em estar distante dos pais:

Eu descreveria como muito carente. E eles eram assim... Parece que era carente, mas ao mesmo tempo eles tinham muito amor para dar. Eles tinham isso. Era carente, mas eles vinham conversar com a gente. Ficava ali na hora vaga. Quase você tinha que empurrar os alunos da secretaria, porque eles gostavam de estar ali conversando

e contando histórias. (...) Acho que é por isso que eles tinham a gente como mãe deles. Porque a gente ouvia muito. Mas eles eram muito carentes. É o que eu sempre falo. Muitos deles não iam (para casa). Iam só em junho e dezembro. (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

De alguma maneira a instituição estava cumprindo o papel inicial demandado pelas Escolas de Aprendizes Artífices (EAA), que, no Decreto 7.566, anunciava a criação do Ensino Profissional e gratuito em favor da população socioeconomicamente vulnerável, já que em suas palavras, o Decreto considerava de grande relevância “não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo” (Brasil, 1909).

Outras memórias dos participantes captam a carência dos estudantes da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (EAESGF) em atitudes simples do cotidiano, narradas com a inocência de quem buscava, nas interações diárias, pequenas fontes de afeto. Se outrora passaram despercebidos, nos dias de hoje são lembranças queridas que aquecem o coração de quem viveu:

A gente escrevia muitas cartas na época, mas não tínhamos dinheiro para o selo. Então a gente desenvolveu uma técnica de apagar o carimbo dos correios e reutilizávamos os selos. Era tão comum a gente sentar para apagar os selos para enviarmos nossas cartas. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A rica fenomenologia da lembrança, evoca a ligação contínua entre Memória e Sociedade, nos guiando a uma prática social remota que acompanha a história da escrita: o envio de cartas. O processo de criação do selo tem origem nos “truques” que ocorriam no momento da entrega e do pagamento, tradicionalmente vinculados ao destinatário da carta (Fiegenbaum, 2017). Uma das *artimanhas* utilizadas pelo remetente e destinatário era fazerem combinações entre si e, no preenchimento do envelope, utilizavam símbolos para comunicar mensagens específicas: um círculo significava “eu te amo”, uma cruz poderia expressar “estou doente”, e isso já era suficiente para o destinatário entender o conteúdo sem precisar abrir e pagar pela carta.

Essa vulnerabilidade do sistema postal motivou a reforma dos correios britânicos, por volta de 1840. Rowland Hill foi o grande idealizador desta reforma, que incluía a

introdução do selo postal adesivo e a transferência do pagamento para o remetente. Essa simples medida impulsionou a demanda e a rentabilidade do serviço postal (Fiegenbaum, 2017). Porém, a criatividade humana encontrou novas *táticas* para contornar o sistema. Segundo as memórias de Ednalva, os estudantes da EAESGF desenvolveram meios para remover o carimbo dos correios, reutilizando os selos e evitando despesas adicionais.

As experiências do cotidiano revelam as *astúcias* juvenis e constituem pistas sobre as dinâmicas de viver em sociedade. Diante da falta de recursos básicos, outra sagacidade foi lembrada pelos estudantes:

[...] A gente não tinha cadernos ou livros de graça. A gente não tinha sabonete, absorvente, ou sequer usava shampoo, a gente usava qualquer coisa. Mesmo sendo um internato de adolescentes pobres, não tinha bolsa escola ou ajuda de custo. Então havia alunos que não tinham caderno às vezes para estudar. E como a gente morava na escola, deixávamos o caderno lá, começou a ter roubos de folhas escritas, então a gente rubricava as folhas. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

A tática de rubricar as folhas do caderno, como forma de prevenir roubos, revela a engenhosidade dos estudantes que utilizavam suas assinaturas ou as iniciais para identificar facilmente o proprietário das páginas. Essa “arte de fazer”, como descreve Certeau (2014), demonstra a capacidade de inventar o cotidiano e lidar criativamente com as dificuldades.

A fotografia a seguir captura um momento de estudo no alojamento da EAESGF, durante os anos de 1994 a 1996. A imagem nos transporta para um contexto de simplicidade, onde um jovem estudante se concentra em ler, sentado à beira da janela, tendo como plano de fundo a paisagem fora do alojamento.

Figura 23 - Estudando para as provas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

A imagem, gentilmente cedida por Moisés, nos transporta para um contexto de simplicidade, na qual os estudantes, longe dos pais, criavam estratégias de autonomia para a concentração aos estudos. Ao mesmo tempo que aprendiam lidar com os desafios da vida escolar, aprendiam a viver em coletividade.

Sem dúvida, o Sistema de Internato trouxe a oportunidade sonhada por muitos estudantes oriundos de famílias carentes. Em meio à rigidez dos horários para a realização de atividades em sala de aula e as práticas na área rural, a fotografia pode captar um momento significativo de dedicação suplementar do estudante. Mesmo sendo um espaço um tanto quanto improvisado, para Moisés a imagem representa a concretização de um sonho: simboliza os momentos de dedicação e estudo para as inúmeras provas, na esperança de um futuro melhor por meio da educação.

Durante a entrevista, Moisés nos contou sua emoção ao descobrir a Escola Agrotécnica. Antes de conhecer a instituição, ele sonhava acordado com a possibilidade de continuar seus estudos, mas a ‘pobreza’ dominava seus sonhos, a ponto de ele imaginar que seu sonho não pudesse se tornar realidade:

Então, assim, eu me lembro... Antes de eu entrar naquela escola... Eu tive um ápice, um dia, um pensamento, uma coisa assim... Eu estava indo para o vilarejo (Tancredópolis) levar o almoço para a mamãe. A mamãe trabalhava de costureira lá.

E eu pensei “Cara, seria ideal se tivesse uma escola, onde a gente morasse dentro da escola”. Pelo fato de morar na zona rural e não ter condições de bancar uma moradia na cidade. “Seria bom se tivesse uma escola onde a gente morasse na escola. Se alimentasse, estudasse, trabalhasse... Sem custo”. Mas pobre tem uma síndrome de inferioridade que é uma desgraça! Você já viu pobre? Ele não é pobre porque falta dinheiro. É porque o espírito dele é pobre. Então, veio aquele espírito de pobre e falou assim: “Quem vai ter interesse nisso? Quem vai financiar?” Eu não sabia que existia sistema de governo, naquela ideia. Eu morava num lugar onde o vento fazia curva antes. Não tinha informação, não tinha energia, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada. Então... “Não, isso não existe”. Isso é um pensamento que veio e deixei ir embora, porque não existe essa possibilidade. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

É emocionante ouvir a experiência vivida na pele, a narrativa de um estudante egresso ecoa o cotidiano de muitos outros jovens brasileiros que não desistem de sonhar. De repente, alguém com informação sobre a instituição de Ji-Paraná plantou em Moisés uma semente de esperança:

Passados alguns dias, eu estou na casa da mamãe, no centro de costura dela, eu estava no quarto lá pra dentro. Chegou uma funcionária da Emater, uma secretária, conversando com a mamãe. E ela disse que havia chegado um servidor para trabalhar na Emater. E que esse servidor havia estudado numa escola. Assim, assim, assim... E falou mais ou menos o tipo da escola. E eu escutei aquilo e falei: “Aquele escola que eu almejei existe. O que estava no sonho, agora estava na realidade. O que foi uma imaginação, realmente era uma realidade. Existia!” Mas ela (a secretária) não sabia onde e nem nada. Mas existia. Aí veio aquele pensamento miserável de novo: “Jamais, esquece. Papai não vai deixar eu trabalhar”. Eu tinha quinze anos. E o papai era um homem muito linha reta. Passados alguns dias, o papai foi lá na Emater, que ele gostava de ir lá direto. E chegou numa certa manhã em casa, enquanto eu e meu irmão estávamos debulhando milho para tratar das galinhas, ele falou assim - isso era num sábado. Ele falou: “Chegou um rapaz para trabalhar na Emater e estudou numa escola lá em Ji-Paraná com essa natureza, assim... Vocês dois vão lá e conversam com ele. Se realmente a informação procede, eu vou botar vocês para estudar naquela escola”. Eu olhei para o papai, falei: “Ele não está bem, não? O papai sugeriu isso para nós?” (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

Moisés conta que ficou incrédulo com a atitude de seu pai de incentivá-los a ingressar na Escola Agrotécnica. Ele ainda enfrentava o problema da timidez ao ter que conversar com o rapaz da EMATER, pedindo informações a respeito da Escola. Por sorte, seu irmão estava determinado em descobrir mais sobre a instituição:

Ele (o irmão de Moisés) era um ano mais velho do que eu, apesar de ser um cara, assim decidido, eu sou muito falastrão e ele é um cara mais contido. Mas ele teve coragem de ir lá falar com o funcionário da Emater. E eu não tive. Cara, besteira.

(...) Eu sempre achei que isso seria como se eu fosse lá pedir uma esmola. E, para mim, isso é vergonhoso. Meu irmão foi. O cara explicou para ele. Era na segunda-feira, no final do dia. Todo dia saía o ônibus para Ji-Paraná. Na terça-feira ele deu o recado para o papai. O papai falou: “Na quarta-feira, nós vamos lá conversar, nessa escola para saber como funciona”. Na quarta-feira, papai e meu irmão vão para a Escola Agrícola de Ji-Paraná. Chegou lá se informar, como é que fazia para matricular a gente. Aí eu fui informado que tinha que fazer uma prova de seleção. E, por incrível que pareça, a prova de seleção já era no domingo seguinte. Se papai não tivesse ido naquele dia, nós tínhamos perdido o ano da seleção.

(...) **Graças a Deus, eu entrei na escola que um dia eu havia imaginado. E essa escola mudou a minha vida. Tudo que eu tenho hoje...** (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

Uma narrativa subjetiva que espelha muitas outras narrativas, na qual o Sistema de Internato ofereceu oportunidades educacionais e apoio para jovens de áreas rurais e economicamente desfavorecidos. Para muitos estudantes, o internato oferecido pela EAESGF representou uma oportunidade crucial na superação de obstáculos impostos pela ausência de escolarização em áreas remotas.

Não somente Moisés, mas também outros entrevistados, ressaltaram que a instituição, apesar das crises vivenciadas, colaborou significativamente no sucesso acadêmico e profissional dos estudantes, abrindo portas para oportunidades que, de outra forma, poderiam ter sido inacessíveis.

- *O perfil dos cursos: Agropecuária e Florestal*

O curso Técnico em Agropecuária de Nível Médio, foi o primeiro a ser oferecido pela instituição, em 1981, e a partir de dezembro de 1993, foi autorizado o funcionamento do curso Técnico Florestal⁵³. Para obter o título como Técnico Agropecuário ou Técnico Florestal de nível médio, o estudante necessitava cumprir a carga horária distribuída em três anos de atividades, conforme exposto na tabela seguinte:

⁵³ Conforme Parecer 075/93 - CEE/RO e Resolução 058/93- CEE/RO, homologados em 08/12/1993 (Anexo VI).

Tabela 2 - Carga horária dos cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Floresta

Técnico em Agropecuária	1º ano	2º ano	3º ano	TOTAL
Carga horária	960 horas	1230 horas	1560 horas	3750 horas
Técnico em Floresta	1º ano	2º ano	3º ano	TOTAL
Carga horária	1050 horas	1050 horas	1548 horas	3648 horas

Fonte: A pesquisadora, a partir de informações presentes no ofício 005/2021-SIE/CRE/Seduc/JP.

A Tabela apresenta a carga horária total dos cursos ofertados na EASGF, discriminando-a por ano letivo. Notamos que o curso Agropecuária possuía uma carga horária total de 3.750 horas, enquanto o curso Floresta totalizava 3.648 horas. Ambos os cursos apresentaram uma progressão na carga horária ao longo dos três anos, sendo que o terceiro ano concentrava o maior número de horas, provavelmente em decorrência do estágio a ser cumprido.

A imagem a seguir reúne duas fotografias justapostas que documentam o estágio prático dos discentes do curso Técnico em Agropecuária, compreendido entre os anos de 1995 e 1996. Na primeira imagem, os estudantes vestem trajes casuais, alguns utilizam chapéus para se protegerem do sol e aparentam ser jovens, com a presença de poucas mulheres no grupo. O registro da turma em um campo de cultivo de mandioca, representa um momento da vida estudantil dos futuros técnicos em agropecuária. Devido à insuficiência da carga horária cumprida, a segunda fotografia registra a etapa final do estágio, ocorrida no ano seguinte, com os estudantes reunidos em um viveiro de mudas de café.

Figura 24 - Estágio da mandioca e estágio de viveiros de mudas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

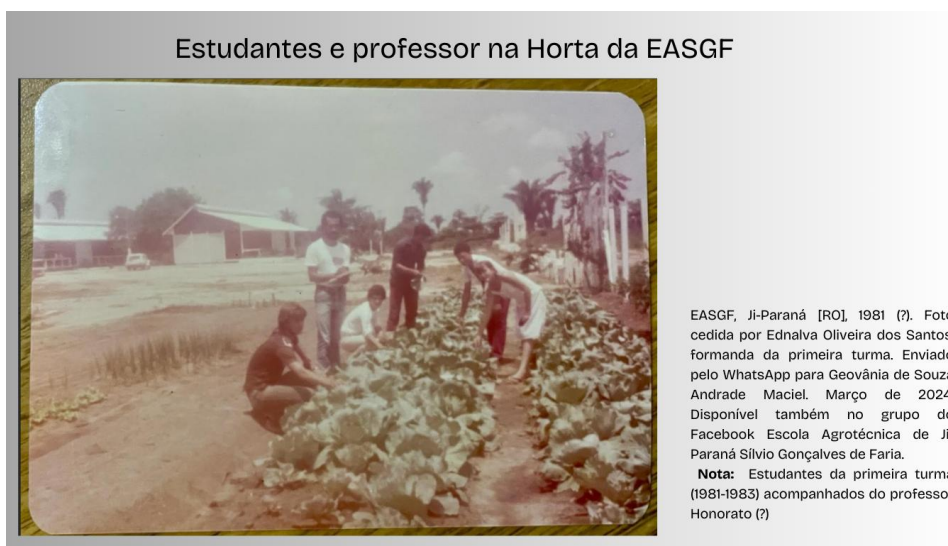
As mudas enfileiradas, na segunda fotografia, sugerem uma produção organizada em grande escala. Os quatro estudantes, em trajes informais, sugerem um ambiente de trabalho físico colaborativo em meio ao calor da região amazônica. A fotografia evoca uma memória importante para os formandos de Técnico em Agropecuária de 1996, que, diante da falta de recursos para a formatura, implementaram um Projeto Inovador. Segundo Moisés, a iniciativa, idealizada pelo professor Jair Seixas, consistiu na produção e venda de mudas de café, permitindo a arrecadação de fundos para a cerimônia. O sucesso do projeto culminou em uma festividade com cerca de 400 convidados, financiada integralmente com os recursos obtidos, além de possibilitar a complementação da carga horária para a conclusão do estágio. Nas palavras de Moisés:

Nós produzimos 45 mil mudas de café e 20 mil mudas de cerca-viva entre agosto e início de dezembro. Era uma turma unida. No finalzinho do terceiro ano, mês de agosto, voltando das férias do meio do ano. Não tínhamos um centavo para fazer a formatura. O professor chegou e falou assim: “Como é que vai ser a formatura? Tem dinheiro?”. “Não tem não, está todo mundo liso. Difícil o dinheiro”. Ele falou: “Eu tenho uma ideia”. “Então fala”. “Surgiu um projeto do governo federal chamado Plante Café. Muitas pessoas vão querer plantar café, com financiamento do governo. E a gente pode produzir muda de café e vender a muda para quem quiser comprar.” Explodiu a ideia. Professor Jair Seixas, ele era professor de agronomia. Hoje ele

mora em Curitiba. Está bem debilitado com o Alzheimer. Então assim, surgiu aquela ideia e nós vamos para cima. Fizemos um viveiro, inclusive tem foto do viveiro. Dali saiu R\$7.500. Fizemos uma festa para nada, nada quatrocentas pessoas. (...). (...) Todos nós fizemos o estágio de final de curso com o viveiro de café. O que produziu dinheiro, produziu as horas de aula prática para a gente concluir o curso. Então, já foi um lucro para todo lado. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

A prática do trabalho foi dentre os assuntos mais rememorados por grande parte da fala de nossos entrevistados e são aspectos apresentados em outras fotografias recolhidas. Conforme Costa (2008), a partir dos aspectos de interesse da História Cultural, é possível captarmos por meio da fotografia o cotidiano “de um tempo em que seus usos e costumes contam sobre os modos e maneiras de viver à época” (Costa, 2008, p. 14). A seguir é possível observarmos estudantes e professor cultivando hortaliças:

Figura 25 - Estudantes e professor na Horta da EASGF



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

De acordo com uma das entrevistadas: “*essa foto é da primeira turma, aula do professor Honorato se não estou enganada.*” (Ednalva Santos de Oliveira. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024). O trabalho era parte constante na vida dos estudantes. Eles auxiliavam na limpeza da instituição e, além do conteúdo teórico, a carga horária da

instituição se completava com trabalho prático, como o cultivo da horta cuidada pelos estudantes, sob a supervisão dos professores técnicos.

Segundo o entrevistado Braz, havia a plantação de alguns alimentos para consumo próprio, contudo *“A escola nunca foi autossuficiente. Foi um dos motivos que fechou (..) Dependia tudo de Porto Velho”* (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). Com as vozes de outros entrevistados percebemos que o desenvolvimento das atividades passava por inconstâncias de resultados, oscilando entre momentos de grande produtividade e períodos de dificuldades. Carlos Brandão, ao compartilhar suas memórias, ilustra essa dualidade:

No início, foi um pouco difícil, porque a parte prática, praticamente, foram os professores, a boa vontade dos professores e dos alunos que implantaram. Nós tínhamos um funcionamento muito bom da horta, **que chegou até a fornecer a parte de horta, de fruto e granjeiro para o hospital regional.** Era muito boa. (Carlos Brandão. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

Assim, é perceptível que em alguns momentos a produção se expandia ao ponto de compartilhar com a comunidade. Em outros momentos a escassez comprometia a instituição a depender de complementos dos órgãos gestores. Nas palavras de Hugo Coelho (2024): *“Então, na hora do aperto, quando a gente corria para Porto Velho, pedir auxílio, pedir para o pessoal, sempre foi muito bem atendido. O pessoal tinha muito respeito por nós. Muito respeito.”* (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024).

Dentre alguns alimentos produzidos na horta da instituição o inspetor disciplinas cita mandioca, verdura, mamão e acerola. Outras atividades práticas também foram desenvolvidas pela instituição, como avicultura, suinocultura, apicultura e ranicultura. Importante frisar que nem todo ano o estudante realizava as mesmas atividades. Suinocultura e bovinocultura eram atividades que ocorriam todos os anos. O estudante Moisés, informou que, por exemplo, a avicultura não tinha todos os anos, nem a apicultura. Geralmente, no primeiro ano havia a escala de molhar a horta no final do dia; já no segundo ano havia a incumbência de cuidar dos porcos, enquanto outros cuidavam das abelhas, e dessa forma se organizava a escala, às vezes modificando um pouco de um ano para o outro de acordo com as circunstâncias.

Um pouco das atividades desenvolvidas na instituição pode ser visualizado no compilado de imagens a seguir:

Figura 26 - Compilado das principais atividades práticas da EAESGF



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Na compilação de fotografias vemos o curral, a pocilga, o galinheiro e o apiário da instituição. A respeito da criação de bovinos, Braz afirma que *“Tinha mais de 10 (vacas). Para sustentar os 120 (alunos). Mas sempre tinha vaca no leite.”* (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). O leite era servido no café da manhã dos estudantes internos, para tanto era necessário seguir a escala de quem seria o responsável do dia para ordenhar. As memórias do antigo agricolino Moisés traz informações sobre esse cotidiano:

No primeiro ano eu estudava à tarde e trabalhava de manhã. No segundo ano eu estudava de manhã e trabalhava à tarde. E no terceiro ano eu estudava de manhã e trabalhava à tarde. Então, quem estava na escala de tirar leite tinha que levantar quatro horas da manhã. Quatro e meia. Para tirar leite. Porque às sete horas tinha que estar na sala de aula. O leite tinha que ser fervido para tomar café. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024)

Segundo Braz, essa rotina às vezes sofria uma ‘quebra’ quando um ou mais estudante não conseguia acordar para tirar o leite, sobrando para o ele a função de leiteiro, cobrindo a ausência dos estudantes: *“às vezes os ‘pesteados’ iam para a festa e esqueciam do leite, de tirar o leite. Não acordavam. E eu sempre gostei (de tirar leite). Aí eu tirava o leite para eles.”* (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). Os

estudantes sabiam que o inspetor de disciplina gostava de tirar o leite, pois durante a entrevista, o estudante da época lembrou que: “*O Braz era uma máquina para tirar leite*” e na sequência de suas informações ele nos permitiu compreender que algumas atividades eram obrigatórias para que os alunos obtivessem pontos, já outras atividades eram escaladas de acordo com a habilidade do estudante:

Então, assim, todo dia de madrugada o Braz estava no curral para tirar leite. Então, eu não tirava leite. Porque assim, eu não aguento. Porque é um esforço muito grande nessa parte do braço. Que quem não é treinado, sofre demais. Então, tinha quem tirasse. Eu nunca tive escala para tirar leite. Justamente por isso. Algumas vezes que eu fui, era só para liberar o bezerro do curral. (Moisés Pereira Barros. Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2024)

O entrevistado Braz também nos revela que os professores faziam a escala dos estudantes que ficariam responsáveis por cuidar da limpeza do local e da alimentação dos animais. Contudo a atividade de supervisionar ficava sobre competência dele, inspetor de disciplina da instituição:

Porque o professor ia para casa no final de semana e eu morava lá. Sempre morei lá. Tinha que supervisionar se estava fazendo tudo isso. Se não tivesse, eu tinha que fazer. Se não desse água para a galinha, a galinha ia morrer. Mas eles (estudantes) estavam sempre, era um ou outro que às vezes falhava. Falhava um ou outro, porque se valia a nota também, né? Entendeu? (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A respeito da apicultura Coelho enfatizou que a Escola Agrotécnica de Ji-Paraná se destacava a nível estadual, sendo “*a melhor apicultura do Estado*” (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). O antigo diretor teceu elogios em como a instituição foi importante para desenvolver habilidades em muitos estudantes, citando com orgulho a respeito de um, em particular que, a partir de conhecimentos adquiridos inicialmente na instituição, cresceu no cenário nacional da apicultura:

E tinha um aluno⁵⁴ que foi meu monitor em apicultura, ele era do Espigão do Oeste, ele foi para Espigão do Oeste, como Vilhena é uma região de Cerrado. Cerrado é um grande produtor de mel. (...) Hoje, ele é um dos apicultores mais fortes do Estado. Só que esse ‘cara’ é tão inteligente que ele tem uma capacidade de adaptar as máquinas tradicionais de apicultura para o jeito dele, sabe? Esse rapaz hoje, ele importa peças da China, da União Soviética, da Rússia. Morando em Vilhena, ele faz inseminação artificial em rainhas e abelhas. Olha, você imagina o cara chegar hoje a fazer a inseminação artificial em abelhas, você imagina o tanto que esse cara evoluiu? Resultado daqui dessa escola. Nós temos muitos alunos assim que se destacaram (...) (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Coelho destacou a informação de que a apicultura de Rondônia nasceu na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, com o professor Roberto Botelho e sobre a tentativa da criação de rãs na instituição que, contudo, não obteve êxito:

Roberto Botelho, zootecnista. Aposentou pelo Ibama em Pernambuco. Ele que começou esse movimento. Começou abelha e rã, criou abelha e rã. O ranário foi ele que começou, mas o ranário ele não conseguiu (prosseguir). É mais difícil. Você vê como é que são as coisas. Deveria ser mais fácil, né? Porque não pica, rã não pica, abelha pica. Mas ela é problemática, até se acostumar com comida estável, ela tem que ter comida móvel. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O entrevistado Carlos Brandão reafirmou a relevância da equipe docente e discente para que as atividades fossem desenvolvidas na instituição: *“Parte da suinocultura e avicultura foram os próprios alunos e professores que implantaram, com muita dificuldade, pedindo ajuda nas madeiras, com madeira para fazer as instalações.”* (Carlos Brandão. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O Parecer 144/CEE/RO/91 (Anexo IV), no item 3 (Instalações e Equipamentos de Apoio) reforça os aspectos existentes no espaço da prática da EAESGF no início da década de 1990:

A escola possui (...) um apiário com dez colmeias; uma horta com vários tipos de verduras e legumes, contando com três hectares de área plantada, uma pocilga com capacidade para 100 porcos; possuindo 24 matrizes; 2 reprodutores e 30 leitões; um rebanho bovino com 38 cabeças; duas represas destinadas à piscicultura; uma sala de

⁵⁴ O estudante a que Hugo faz referência chama-se Juarez Bruno Silveira, proprietário de 25 apiários em Vilhena e *Campus* de Julho, segundo reportagem do dia 15/12/2012, disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/10/apicultores-de-vilhena-ro-esperam-colher-80-toneladas-de-mel.html>. Acesso em: 27 jan. 2025.

equipamentos para apicultura e uma área destinada ao plantio de culturas anuais e perenes. (Parecer 144/CEE/RO/91, Anexo IV, p. 320-326).

Com as atividades descritas anteriormente, fica mais notável que a criação da Escola Agrícola se constituiu no intuito da formação do trabalho agrícola, agropecuário entre outras atividades, sempre em prol das demandas socioeconômicas daquela época e do desenvolvimento do Estado de Rondônia.

- *O protagonismo das agricolinas*

A fotografia a seguir captura a entrada da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria, por volta dos anos de 1996. Nela observamos, em primeiro plano, a paisagem do campo marcada pela grama e pelos coqueiros. Ao centro, observamos a placa de identificação da instituição que remete à sua função educativa e formativa. Ao fundo, observamos a mesma estrutura predial da atualidade, só que com traços arquitetônicos antigos. A imagem, portanto, constitui um registro histórico relevante, permitindo a análise da evolução da Escola Agrotécnica Estadual de Sílvia Gonçalves de Faria ao longo do tempo.

No entanto, o que realmente chama a atenção é a figura do jovem que repousa sobre a placa. Sua presença, ao mesmo tempo casual e desafiadora, introduz um elemento humano e pessoal à cena, convidando-nos a refletir sobre a relação entre o indivíduo e a instituição, entre a juventude e o futuro. A imagem, portanto, transcende a mera representação de um local, tornando-se um registro histórico e cultural que nos permite viajar no tempo e imaginar a vida dos estudantes que ali passaram.

Figura 27 - Placa da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria com estudante (1996)



Fonte: Cedido por Tânia para a professora Mônica Apolinário. Parte do acervo da pesquisadora (2024).

Ao sentar-se na placa, percebemos uma demonstração de identidade e orgulho da instituição, mas para além disso, relembramos que o número maior de estudantes atendidos eram meninos e que o alojamento era um benefício que apenas eles tiveram vantagens. Assim, testemunhamos a fotografia como uma representação simbólica que atravessa ao tempo num impulso de ‘marcar o território’, destacando a presença e domínio dos meninos no ambiente da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria. A fotografia transcende a mera representação visual, configurando-se como um artefato histórico que evidencia as dinâmicas de gênero e poder vigentes na educação técnica agrícola durante as décadas de 1980 e 1990, refletindo concomitantemente certas normas e costumes daquele tempo. A centralidade da figura masculina na imagem, revela a existência de hierarquias e desigualdades baseadas no gênero e indícios de um viés androcêntrico na instituição.

Em seu primeiro ano de atividade, a instituição agrotécnica foi planejada para funcionar como internato para estudantes do sexo masculino. Por ausência de informações claras no edital (infelizmente não conseguimos encontrar nenhum edital da época), mulheres também se inscreveram e foram aprovadas no processo seletivo de ingresso. A aprovação foi apenas o começo de uma batalha, pois as estudantes que necessitavam estudar na instituição

na modalidade de internato, precisaram lutar para ter esse direito respeitado. Uma das entrevistadas, ao compartilhar suas memórias, recorda:

E tem uma história curiosa, porque quando foi feito o edital, era só para homens que a escola agrícola daria o internato. E aí a gente foi de sítio, igual eu, foi um monte de gente, e chegou lá e não tinha alojamento para nós, para nós mulheres. Aí foi uma guerra para conseguir a gente, mulheres, conquistar o nosso direito de permanecer na escola como internas, tanto que só teve internato para mulheres, só a nossa turma de 83. Eu tive que levar no Ministério Público porque o diretor, por eu estar morando no sítio do município, meus pais moravam na Itapirema, na linha, ele não queria deixar eu ficar interna, aí eu tinha que dormir escondido porque o diretor não me aceitava, porque ele não queria problema que já tinha cinco mulheres internas. Aí faleceu uma, a Valquíria, mas eu ficava lá e eles não sabiam, depois eu tive uma briga, eu fui na prefeitura, no Ministério Público, e consegui o meu direito de permanecer no internato até formar. E um erro de edital, e nós trabalhamos nesse erro e conseguimos manter o nosso alojamento de mulheres, que nós éramos cinco mulheres internas, no meio de mais de 180 homens, entendeu? E depois faleceu uma, a nossa querida Valquíria, que faleceu de hepatite, aí nós ficamos quatro mulheres no internato até o fim. Fui eu, a Neira Cláudia, a Sueli e a Raimunda Keila, só nós quatro. E aí a turma que foi já para o segundo ano, que entrou depois, a segunda turma, já tiveram que alugar uma casa, as meninas, porque fecharam o internato. Quando nós saímos, o diretor não deixou mais entrar nenhuma mulher interna, foi só nós. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Conforme Maurice Halbwachs (2003), as ideias relacionadas ao primeiro plano da memória de um grupo, são marcadas pelas “lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele” (Halbwachs, 2003, p. 51). A sucessão de lembranças da entrevistada teve a capacidade de evocar lembranças de outros estudantes que participaram da etapa de sua vida correspondente à experiência de cursar o Ensino Médio em Técnico Agrícola, como a colega de internato que faleceu. Em outras palavras podemos afirmar que os aspectos evocados pela memória, mesmo quando nos remete a parte da lembrança individual, também se apoia na memória coletiva. Nossas lembranças não são apenas individuais, mas também coletiva, pois refletem interação entre nossa história pessoal e a memória compartilhada em sociedade com as pessoas que convivemos.

Outro aspecto que nos chama atenção em sua narrativa de vida diz respeito à astúcia por ela vivida em ter “*que dormir escondido porque o diretor não me aceitava, porque ele não queria problema que já tinha cinco mulheres internas*” (Edinalva Oliveira dos Santos.

Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). Certeau (2014) diferenciou estratégias e táticas, ao afirmar que estratégias são ações que determinam o lugar de poder de quem elabora e aplica suas forças, teoricamente por meio de sistemas e discursos; enquanto tática são procedimentos que de acordo com as circunstâncias podem transformar intervenções em situações favoráveis. Sob a ótica de Certeau (2014, p. 96): “A *tática* é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder”, são elas que estabelecem o jogo entre o forte e o fraco. Foi exatamente o que aconteceu com Edinalva (2024): “*um erro no edital*”, auxiliou para que sua transgressão no internato se tornasse uma situação aceitável.

Assim, outro entrevistado, corroborou com memórias similares dos acontecimentos apontados por Nalva. Entretanto somos levados a enxergar sob uma nova perspectiva, agora exposta sob o ponto de vista de quem exercia na época a função de professor e vice-diretor na instituição de ensino:

Então, além da sala de aula, tinha também o quarto interno para os adolescentes, os alojamentos. **No início tinha alojamento para os meninos e um menor para as meninas.** Mas, no decorrer do tempo, a gente viu que ficava difícil de controlar. A gente, na época, não tinha condição de ter alojamento masculino e feminino. Aí foi suspenso o alojamento feminino e aí ficamos só com o alojamento masculino. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. (Grifo nosso).

Os dois entrevistados recordam o fato de o internato ser priorizado para os rapazes, mas apresentam perspectivas diferentes. O modo de perceber, analisar e recordar determinado acontecimento tem relação direta com a influência que exercem sobre nós. Ednalva apresenta sua perspectiva de estudante que precisou se fundamentar em uma ‘brecha’ presente no edital e subverter a lógica de internato só para meninos, utilizando *táticas*. Como o ambiente não estava preparado para suprir a demanda de agricolinos e agricolinas, as relações de *forças de poder* definiram a suspensão do alojamento para meninas, e o corpo diretório da instituição formulou *estratégias de controles* para que a partir dos próximos editais de seleção, no sistema de internato, houvesse disponibilidade de vagas somente para rapazes, conforme esclareceu o entrevistado Hugo Coelho.

Ednalva também nos informou que no início do curso eram em torno de 11 mulheres, mas a dificuldade de conciliar as atividades práticas e as disciplinas de Cálculo resultou em algumas reprovações e desistências. Havia outro transtorno aos estudantes agricolinos da década de 1980: a distância da família que era enfrentada por todos. Vários estudantes eram de municípios distantes, como Costa Marques e Guajará-Mirim. A memória da participante da entrevista realça em outros momentos o fato de que *“as mulheres ganharam na briga”* o direito de ficar no internato, até porque *“chegou lá de mala e cuia”*. Sabemos que toda sociedade é composta por regras e convenções, que com a passagem do tempo muitas vezes são modificadas. Para tanto, em um primeiro momento são necessárias *astúcias* para superá-la. E foi o que essas jovens tentaram fazer. Infelizmente foi um direito conquistado só pela primeira turma, posteriormente o internato continuou apenas para os estudantes masculinos. Nos anos seguintes, para as estudantes mulheres restou o sistema de ensino conhecido como semi-internato:

No próximo ano, no chamamento, já falaram que não teria internato. Para a mulher teria que ser o sistema semi-interno, porque você passava o dia inteiro lá, almoçava, jantava e vinha embora. Ou então você poderia já vir embora sem comer. Se ficasse por lá, terminava jantando. Mas, geralmente, o pessoal terminava as aulas às seis horas da tarde e ia para casa. Assim como os professores. Só morava lá o diretor e um casal de professor. O resto tudo ia para casa. Mas, para as mulheres, eles não programaram. A partir da primeira turma que teve essas revoluções todas, no segundo mandato, segundo ano, **já em 1982, já foi só internato**, era bem claro que estava internato, **somente para o homem**. Os pais que mandavam as meninas de Guajará, de outro lugar, alugavam a casa próxima lá, na cidade próxima. Lá elas iam e dividiam as despesas. (...) Estudavam o dia inteiro no colégio agrícola e, à noite, iam para casa. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. (Grifo nosso).

De tal forma, as estudantes da primeira turma estiveram unidas desde o início do curso, principalmente pelo fato de lutarem pelo direito de um lugar para ficarem em tempo integral na escola, assim como seria ofertado para os rapazes. Sempre é evocada a palavra união e trabalho no decorrer das entrevistas. A entrevistada Nalva, que também foi oradora da turma na época da formatura, recorda que o seu discurso foi elaborado tendo como base a *“meta do governador Jorge Teixeira de Oliveira, que era nosso padrinho, vivia lá, comia com a gente e tal, a gente fazia teatro na escola para o receber”* (Entrevistada Nalva, 2024). A

fotografia resgata parte da característica e essência da primeira turma de estudantes da EAESGF:

Figura 28 - A força feminina (Turma de 1981-1983)



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2024.

Enfatizamos, nesta fotografia, a presença das estudantes agricolas. Ao rever a fotografia, Ednalva aponta as colegas e descreve a profissão que cada uma exerce na atualidade, ao mesmo tempo que recorda as desigualdades por elas enfrentadas tendo em vista estarem cursando uma atividade, na época, consagrada para o universo masculino:

Como sempre, a discriminação pelo sexo, não importava o quanto a gente trabalhava duro na roça, na agricultura, lá que a gente plantava mamão, cuidava de porco. Aprendemos mesmo: tratorava a terra e castrávamos os animais, tudo. **Prepara bem, foi uma excelente escola, mas não queria dar internato, não foi dado alojamento para as mulheres.** Então, nós, eu mesmo tive que batalhar. Por eu ser residente do município, meus pais tinham sítio lá, em Ji-Paraná, e eu tive que brigar, eu tive que ir na Prefeitura, eu tive que ir de um lugar para outro, bater em porta e dizer “eu não tenho como ir para o sítio e voltar todo dia”. Aí eu tive que, aí tiveram que me acolher. Aí nós ficamos cinco mulheres e por fim terminou o curso, nós, quatro mulheres internas. (Ednalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024, grifo nosso).

Na fala da entrevistada percebemos o reconhecimento pela qualidade de ensino oferecido: “*Prepara bem, foi uma excelente escola*”, aliado a um sentimento contraditório de

luta pela igualdade de direitos com relação aos gêneros. A entrevistada demarca a pioneirismo e a determinação das estudantes mulheres para adentrar em uma área qualificada pela sociedade como sendo para homens, em meio aos tratamentos desiguais, uma vez que só os rapazes seriam beneficiados com o sistema de internato. Por outro lado, o professor justifica a ausência de internato para mulheres devido ao pouco interesse por parte das mulheres: *“Colégio Agrícola e tal, a procura era muito pouca. As meninas não tinham muito (interesse). Hoje não existe mais isso, mas naquela época existia um pouco. Poucas meninas que queriam seguir esse caminho”*. (Hugo Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O cotidiano da primeira turma vivenciou momentos e diálogos que ao modo certauniano resultaram em práticas transformadoras “de situações de palavras”, na qual uma conversa possuiu efeito provisório e coletivo “na arte de manipular ‘lugares-comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’” (Certeau, 2014, p 49). Sem dúvida, mesmo não permanecendo o internato para mulheres, as práticas dessas primeiras estudantes serviram de fortalecimento para que outras mulheres se encorajassem ao reconhecimento da capacidade feminina em obter formação de nível médio em Técnico Agrícola.

Conforme texto nostálgico (reescrito na íntegra após a fotografia) publicado no grupo do *Facebook*, a entrevistada Nalva compartilhou seu sentimento de pertença realçado pela frase *“uma vez agricolinos, sempre agricolinos”*, provando que seu amor pela instituição ultrapassou os limites das dificuldades vividas:

Figura 29 - Relembrando a formatura da primeira turma (1981-1983)



Fonte: *Print Screen* do Grupo do Facebook. Acesso em: 25 abr 2024.

1ª turma de formandos da Extinta Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria, em Ji-Paraná Rondônia, **fomos apadrinhados por alguém nada menos nada mais que o nosso saudoso Cel Jorge Teixeira de Oliveira**, que nós sempre cantávamos quando ele nos visitava na escola... Esses seus cabelos brancos bonitos... (Roberto Carlos), nosso prefeito Assis Canuto (1981-1983) e no final o Padrinho da Turma Deputado José de Abreu Bianco... nessa foto, esse dia foi a primeira turma de formandos em dezembro de 1983... somos hoje uma família de vencedores nós agricolinos... somos, advogados, engenheiros ambiental, professores, agrônomos, veterinários, políticos, médicos, fisioterapeutas, técnicos agrícolas, profissionais liberais, e outros funcionários públicos, pastores e tantos outras profissionais que trabalham e executam profissões para a sociedade. Éramos na escola filhos de agricultores analfabetos, outras pais analfabetos funcionais, faxineiras, cozinheiros, zeladoras, **éramos 99 % adolescentes oriundos de famílias de baixa renda de grande vulnerabilidade social**, (principalmente eu, não tinha nem dinheiro para o uniforme, na formatura fui a oradora, não tinha o dinheiro para comprar a meia-calça, até o vestido de formatura era fruto de doações), o projeto foi uma porta de oportunidades para pessoas como nós... por isso os políticos deveriam ficar atentos e ousar em projetos de sustentabilidade, geração de emprego e renda, nós agricolinos somos prova que funciona... nossa homenagens a todos que investiram na Escola Agrícola de Ji-Paraná, lamentamos por aqueles que extinguiram a escola profissionalizante, um projeto para políticos com coragem e amor ao social, **como tivemos a sorte de conhecermos alguns, como Cel. Jorge Teixeira de Oliveira, Prefeito Assis Canuto de Ji Paraná, ex-deputado José de Abreu Bianco, homens que fizeram a travessia entre Território de Rondônia e Estado de Rondônia...** Saudades de nossa extinta Escola Agrotécnica - Agrícola.. que nossas gerações futuras tenham pela frente políticos que invista no social na educação, na profissionalização na sustentabilidade, pois só assim pode se reverter o social, vencer a pobreza, combater a violência social..., Deus abençoe Rondônia, Deus abençoe meus irmãos e irmãs agricolinos onde encontrarem cada um de nós. Sempre agradeço a oportunidade que tive, hoje sou, historiadora, jornalista e advogada,

tenho um casal de filhos um será médico em breve, minha filha já está na prova da OAB, sem esquecer sou técnico agrícola e extensionista rural, **(uma vez agricolino, sempre agricolino)**, mas a minha ponte para sonhar em ter ao menos uma casa com energia elétrica ou fogão a gás foi estudar na Escola Agrícola. Sempre eu digo: Obrigada Deus pela Escola Agrícola e Pelos amigos e irmãos agricolinos.(Ednalva Santos, via mensagem no *Facebook*. Grifo nosso).

A fotografia, seguida da mensagem, foi publicada em 4 de novembro de 2020. O caráter efêmero da *internet* nos coloca diante de um trabalho não só de escolha e análise perante a nova categoria de fonte, como também nos coloca diante da responsabilidade de salvar informações importantes que podem ser perdidas em caráter definitivo no suporte virtual. No ciberespaço é possível encontrar memórias que contam o cotidiano da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria e parte significativa do acervo fotográfico desta pesquisa foi obtida por meio dessa fonte.

Em seu texto, Nalva relembra as dificuldades financeiras dela e de outros colegas, ao tempo que agradece a oportunidade de ter seu destino transformado a partir do ingresso na Escola Agrotécnica, lamentando o fato do fechamento da instituição (ocorrido em 1999). Nos comentários disponíveis pela rede social, os colegas interagem com mensagens que:

- fortalecem o sentimento de pertença: *“Parabéns pelas palavras nesse texto realista, sua história são a de todos irmãos agricolinos... saudades”* (D.M);
- reforçam a vulnerabilidade de alguns estudantes: *“Muito orgulho de ser formando desta turma todos eram humildes eu mesmo vesti o terno de casamento de meu pai”* (D.F);
- enfatizam a contribuição da instituição no futuro dos estudantes: *“Durante o período de 81 e 83 decidi o que realmente queria e seria. Na nossa Escola, aprendi que as individualidades devem ser respeitadas, assim como todos somos diferentes, por isso nos completamos (...)”* (S.F.F).

São palavras que expressam sentimentos de gratidão com relação às aprendizagens oportunizadas no dia a dia da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná. Os sorrisos e os olhares, capturados na fotografia de formatura, servem como passaportes para uma viagem no tempo, permitindo-nos sentir o valor simbólico que um certificado de ensino técnico representava para esses alunos. Na época, emergiam como técnicos agrícolas no auge do recém-criado

Estado de Rondônia⁵⁵. Percebemos que a história de qualquer instituição escolar, geralmente escrita por documentos oficiais, também pode ganhar vida e representação, por materialidades não documentadas, como fotografias extraoficiais e as memórias escolares dispersas nas diversas redes sociais da contemporaneidade, como o *Facebook*.

Nesse contexto, a fotografia analisada ganha um significado maior, configurando-se como um testemunho do pioneirismo das estudantes agricolinas. A imagem, ao retratar quatro jovens mulheres em meio a uma comunidade de mais de cem estudantes homens, evidencia a coragem e a determinação dessas pioneiras, que desafiaram as normas de gênero e abriram caminho para futuras gerações de mulheres na educação técnica agrícola em Rondônia.

- *Como a sociedade enxergava os agricolinos*

Como já mencionado anteriormente, as primeiras turmas de agricolinos, especialmente nos primeiros anos da década de 1980, eram compostas por estudantes com uma grande diferença de idade. Na década seguinte, essa faixa etária tornou-se mais homogênea. O público-alvo passou a ser majoritariamente formado por jovens que ingressavam nos cursos, Técnico Agrícola ou Técnico Florestal, por volta dos 14 anos e o concluíam próximo à maioridade (assim como nos dias de hoje ocorrem nos diversos cursos integrado ao Ensino Médio ofertado pelo IFRO em toda Rede Federal de Rondônia).

Ao pensarmos a juventude como uma construção social mutável de acordo com situações específicas - como classe social, linguagem, gênero, raça, modo de vestir, lazer - podemos observar que, embora a faixa etária exerça um papel considerável para caracterizar a vivência dos jovens, jamais deve ser o único fator a ser considerado diante da multiplicidade de juventudes existentes. Em outras palavras, podemos afirmar que “Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere” (Dayrell; Reis, 2007b, p. 3)

⁵⁵ Um breve resumo da constituição de nosso Estado: Em 1943, ocorreu o desmembramento de parte do Mato Grosso e do Amazonas, para a constituição do *Território Federal do Guaporé*. Em 1956 em homenagem ao sertanista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o Congresso alterou o nome “Guaporé” para Território Federal de Rondônia, permanecendo até o ano de 1981 quando o território finalmente foi efetivado como o 23º estado da Federação Brasileira, ocorrendo sua instalação em 1982, confirmando-se Porto Velho como a capital rondoniense.

Abramo (1994, p. 3) assevera que “Os grupos etários funcionam como ponto de encontro entre os sistemas de personalidade de seus membros e o sistema social, articulando-se um com o outro”. Se por um lado esses jovens se unem em grupos para poderem vivenciar desejos em comum, receber e oferecer apoio, por outro lado é costumeiro ocorrerem “conflitos com a família e com outras instituições encarregadas da socialização dos adolescentes, a partir dos contrastes entre as orientações, apelos e referenciais distintos e às vezes opostos” (Abramo, 1994, p. 13). Estamos diante de conflitos entre gerações e uma crise de identidade: o adolescente se vê dividido entre ouvir os pedidos dos colegas ou seguir as orientações dos adultos, mas ao optar pela segunda opção corre o risco de ser excluído do grupo a qual pertence.

Durante nossa pesquisa, chamou-nos atenção a especificidade de um conflito preservado na memória dos estudantes e funcionários da instituição: a maneira pela qual a sociedade percebia os jovens estudantes da Escola Agrícola Sílvia Gonçalves de Faria. Na narrativa de Moisés vislumbramos um pouco desse desentendimento:

Mas os pais não confiavam em deixar as suas filhas conversarem com agricolinos. **Porque o agricolino era um mal elemento.** Era uma espécie de **forasteiro**. Eles não estão aqui com raiz. Eles estão aqui de passagem. Vai lhe fazer mal e vão embora. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. (Grifo nosso).

O estereótipo de ‘forasteiro’ carregava um peso significativo, que poderia ser justificado pelo fato de muitos estudantes não serem residentes de Ji-Paraná - em geral eram estudantes oriundos de Guajará-Mirim, Porto Velho, Costa Marques e outras cidades próximas, ou não, da cidade coração de Rondônia. No entanto, ao analisar as narrativas, percebemos que a questão vai além dessa expectativa. Aqui vemos uma brecha para falar de um assunto abordado por estudiosos que pesquisam sobre juventude: a *moratória social* como estratégia na preparação dos jovens. Segundo Margulis:

A noção de “moratória social” alude um prazo concedido a certa classe de jovens, que lhes permite gozar de uma menor exigência enquanto completam sua instrução e alcançam sua maturidade social e econômica. É um período de permissividade, uma espécie de estado de graça, uma etapa de relativa indulgência, em que não lhes são aplicadas com todo seu rigor as pressões e exigências que pesam sobre as pessoas adultas. A moratória tem referências históricas e sociais: no século XVIII, um certo

setor juvenil começou a emergir como uma classe social que gozava de certos privilégios e, pouco a pouco, mas especialmente a partir da segunda metade do século XIX, a extensão foi incentivada no período dedicado à educação dos jovens - a princípio quase exclusivamente meninos - pertencentes às famílias relativamente bem de vida. (Margulis, 2001, p. 43 - tradução nossa).⁵⁶

O conceito de moratória social reconhece a adolescência como um período de transição na qual o jovem deve se preparar para a vida adulta, tornando-se 'aceitável' o jovem postergar algumas decisões (como trabalho, casamento) para explorar diferentes identidades e experiências, buscando compreender melhor a si e ao mundo ao seu redor. Segundo Erik Erikson (1976), a ideia de moratória abrange-se para o psicológico do indivíduo, denominando-a de *moratória psicossocial*. O autor descreve o período em que os adolescentes enfrentam crises de identidade, determinados pela natureza da espécie humana, até alcançar uma identidade mais sólida.

Alguns estudiosos consideram que o adolescente passa por uma espécie de luto - a morte da criança que era, para o nascimento do adulto que será. O psicólogo Stanley Hall (1904), considerado pai da Psicologia da Adolescência, no início do século XX já definia a puberdade como o período de crises, tempestades e estímulos, na qual o jovem está mais propenso a agir inconscientemente, ocasionados por uma instabilidade emocional. Tais ações, por vezes instintivas, são alvo de crítica do mundo adulto, e a incompreensão mútua entre adultos e jovens aumentam a discriminação por idade e acende um grande conflito geracional.

É perceptível que muitos adultos e idosos não veem o lado positivo desse adiamento para ser adulto, na verdade esse hiato na adolescência faz alguns adultos enxergarem o jovem como incapaz, um desocupado que não consegue ter a seriedade do mundo adulto. Também não devemos pensar a *moratória* de forma fantasiosa, uma vez que ela não é uma possibilidade vivenciada igualmente por todos os jovens: de um lado temos o *'playboy'*,

⁵⁶ Texto original: La noción de "moratoria social" alude a un plazo concedido a cierta clase de jóvenes, que les permite gozar de una menor exigencia mientras completan su instrucción y alcanzan su madurez social y económica. Es un período de permisividad, una especie de estado de gracia, una etapa de relativa indulgencia, en que no les son aplicadas con todo su rigor las presiones y exigencias que pesan sobre las personas adultas. La moratoria tiene referencias históricas y sociales: en el siglo XVIII comienza a perfilarse cierto sector juvenil como una capa social que goza de algunos privilegios, y poco a poco, pero sobre todo a partir de la segunda mitad del siglo XIX, se propicia la prolongación en el período dedicado a la educación de los jóvenes -en un principio casi exclusivamente a los varones-, pertenecientes a familias relativamente acomodadas.

filhinho de papai’⁵⁷ que tem a sua moratória privilegiada, do outro encontramos o ‘menino das laranjas’⁵⁸ que “acorda cedo tentando encontrar um pouco pra poder viver, até crescer e a vida melhorar”.

Assim, além de estarem afastados da orientação familiar, os jovens estudantes da EAESGF precisaram aprender a lidar com a rejeição social. Mais do que serem considerados forasteiros, presumimos que a ideia da *moratória social* aplicada aos jovens de ‘fora’ era ainda mais inaceitável, e quando os estudantes buscavam novas experiências contrárias às demandas éticas da sociedade surgiam inúmeros julgamentos, por parte da comunidade jiparanaense.

Muitos julgavam o fato de os estudantes ‘apenas estudarem’, outros acreditavam que esses estudantes eram filhos dos quais os pais queriam se distanciar e que, incapazes de cuidar deles, passavam essa responsabilidade para o Estado, que os acolhia em sistema de internato. Como os jovens estavam sempre à procura de alguma distração na cidade, ao observá-los em diversão, era inaceitável admitir que estivessem em festas, fugindo de seu principal objetivo, que deveria ser o estudo.

O antigo estudante procura entender o porquê da reprovação da sociedade, já que eles participavam de outras atividades moralmente aceitas, como frequentar a igreja:

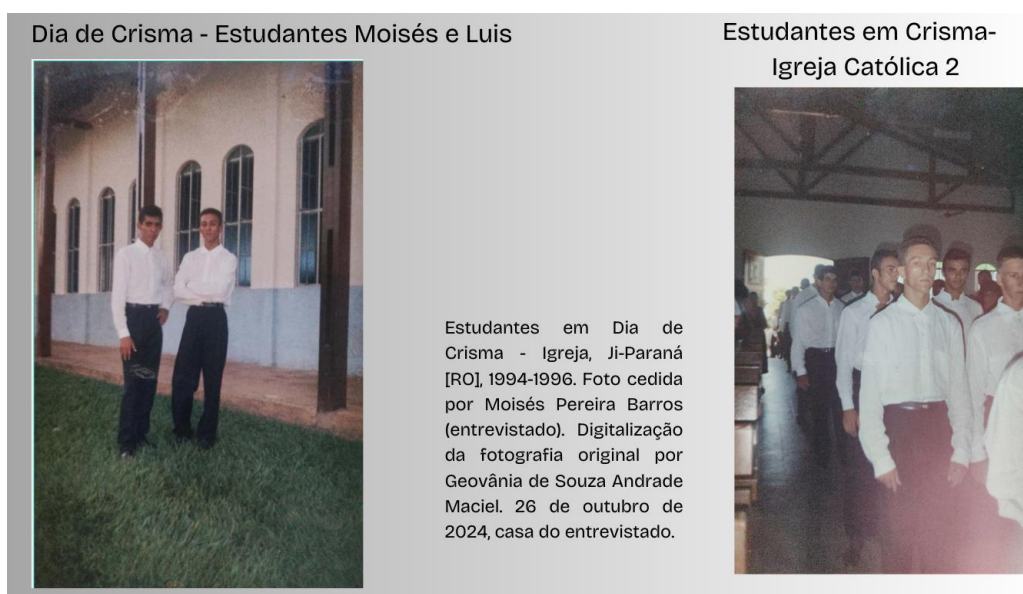
Mas a gente frequentava a igreja. Eu fiz o Crisma, o livro de espontânea vontade. Comecei a fazer catequese. Fiquei dois anos fazendo catequese, até 1996. Antes de me formar, eu fiz o meu Crisma na Igreja Católica. A gente frequentava a igreja e era um grupo grande que ia pra igreja. Uns pra Igreja Católica, outros pra Igreja Assembleia de Deus, ficava na Monte Castelo, logo ali abaixo. Outros iam pra Presbiteriana. O padre Toninho dava palestra desde sempre na escola. A gente frequentava os grupos de jovens das igrejas. Não era um de tudo bandido. A gente era adolescente que gostava de se divertir. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

⁵⁷ Referência a música *Retrato de um Playboy*, de Gabriel, o Pensador. A canção é narrada pelo protagonista, um jovem que vive sem responsabilidade à custa dos pais (curtindo praia, *surf* e *chopp*) e ainda zomba da cara do trabalhador e dos mais vulneráveis. Letra da música disponível em: <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/gabriel-o-pensador-canta-retrato-de-um-playboy/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

⁵⁸ Referência a música *O Menino das Laranjas*, interpretada pela ilustre Elis Regina. Narra o cotidiano de uma criança pobre, que acorda de madrugada para vender laranjas, ajudando no sustento do lar, sem esquecer do trecho que aborda a ameaça de violência doméstica caso não cumpra o seu dever a contento “Porque se o cesto não voltar vazio (...) Esse filho vai ter que apanhar.”. Letra da música disponível em: <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/elis-regina-canta-menino-das-laranjas/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

O estudante egresso, durante a entrevista compartilhou fotografias que são testemunho visual do compromisso dos estudantes com a religiosidade, mesmo em meio às demandas e desafios da vida escolar. A fotografia a seguir apresenta o estudante Moisés e seu irmão Luís, no dia da Crisma, que ocorreu no mesmo ano em que se formaram.

Figura 30 - Estudantes da Escola Agrotécnica em Crisma



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2024.

Enquanto conversava com o entrevistado, suas memórias foram despertando as minhas. Em 1998, eu estava na 8ª série (atual 9º ano) na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manuel Bandeira, em Colorado do Oeste, Rondônia. Era um momento decisivo para a escolha do curso de ingresso ao Ensino Médio. Vale lembrar que em minha cidade, Colorado do Oeste, a história da instituição federal começou com a criação da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste (EAFCO), em 1993, oferecendo sistema de internato para os estudantes de outras cidades e semi-internato para aqueles que podiam voltar para casa à noite. Lembro que uma equipe da instituição visitou nossa escola para divulgar o processo seletivo. Eles explicaram todas as vantagens de estudar lá, como a oportunidade em obter o certificado de Técnico Agrícola Integrado ao Ensino Médio, com Habilitação em Agropecuária. Cheguei em casa entusiasmada e compartilhei com meus pais meu desejo de

ingressar na instituição. No entanto, fui surpreendida pela negativa decisiva de meu pai: *“Jamais, filha minha estudará em Escola Agrícola. Lugar de vagabundo, maconheiro, que não tem pai, nem mãe. Eu sei muito bem o que acontece lá dentro, menina que entra lá, o que ganha é uma barriga. O certificado que recebe é um filho para criar”* (memórias da pesquisadora). Assim, optei por ingressar no Curso de Magistério e cheguei até aqui. Contudo, quero enfatizar que muitas vezes ouvi narrativas semelhantes, imersas em preconceitos, em relação aos estudantes da escola agrotécnica da minha cidade. Bastava ver um grupo de estudantes agindo contra os princípios morais de alguns, para que toda a instituição ganhasse uma má reputação.

Nesse ponto em que chegamos, não é possível deixar de citar Bhabha (2013), que analisa o estereótipo como principal estratégia discursiva do colonizador. A sociedade em si é uma grande luta de poderes, em que uns estão lutando contra os outros. Para Bhabha é “a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ele garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutuamente” (Bhabha, 2013, p. 118). Durante as entrevistas, muitos rótulos foram citados como lembrança do imaginário enxertado por alguém da comunidade, como vemos na memória a seguir:

Quanta história boa ela (escola agrícola) também produziu. A escola agrícola não produziu **bandido** como a sociedade de Ji-Paraná olhava. A sociedade olhava pra dentro da escola como um local de risco. Passar em frente à escola era perigoso. Era sério! A sociedade temia que uma mocinha dessa passasse em frente à escola. Na escola agrícola não tinha **marginal**. A escola agrícola “tinha”... Mas por quê? Porque a gente tinha uma **má fama** de que aluno da escola agrícola era **bandido**, que aluno da escola agrícola era **brigão**, era **agressivo**, era uma **gangue**, era um local de **maus elementos**. Mas a escola agrícola tinha bons clubes, bons times de futebol, de salão, disputava vôlei na cidade de igual pra igual. Era uma escola muito boa. A sociedade enxergava de maneira invertida. Se você procurar alguns policiais hoje da reserva antiga, eles vão dizer que a escola agrícola era difícil de controlar. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. Grifo nosso)

A sociedade replicava “uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos” (Bhabha, 2013, p. 134) rotulando os estudantes como “bandidos”, “brigões”, “maus elementos”, “gangueiros” com o intuito de oprimir e discriminar a alteridade dos estudantes. Como resultado, criava-se uma falsa representação que, por meio da repetição, tornava a ideia fixa. Conforme Bhabha: “O fetiche ou estereótipo dá acesso a uma ‘identidade’ baseada tanto

na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento e recusa da mesma” (Bhabha, 2013, p. 130).

O estereótipo envolvia a recusa em aceitar estudantes de outras cidades e a incapacidade de aceitar que outros pudessem fazer o que você desejava fazer, mas que por algum motivo não pôde. Por exemplo, muitos não procuravam se informar sobre o processo seletivo de ingresso na Instituição Federal, porque imaginavam que a Escola Agrotécnica era uma instituição particular. Quantas vezes ouvi pessoas dizerem que na *“Escola Agrícola só estudava filhinho de papai”*, já que apenas *“estuda lá adolescentes que não tem a responsabilidade de estudar e trabalhar”*. Com o passar dos anos, a evidência de sucesso no mercado de trabalho, por parte dos estudantes egressos, foi aos poucos mudando a percepção da comunidade local com relação à instituição. A divulgação constante do processo seletivo também contribui para dissipar equívocos e consolidar a compreensão de que se trata de uma instituição pública e de qualidade.

Vale enfatizar que o conflito também existia entre os jovens da cidade e os jovens agricólinos, como se estivessem em uma disputa por espaço. Na minha cidade, lembro que os estudantes da Escola Agrotécnica costumavam andar em grupos e eram identificados pelos jovens locais como “os periquitos do governo” (referência ao uniforme verde e ao fato de a instituição ser financiada pelo governo). Enquanto as meninas da cidade se encantavam pelos “forasteiros”, os garotos só queriam encontrar meios para afastá-los e isso frequentemente resultava em brigas. Confusões assim igualmente ocorriam com os agricólinos de Ji-Paraná, conforme narrativa do inspetor de disciplina:

Na época tinha mais um problema. Na época tinha umas gangues aqui (em Ji-Paraná) de rua. Aí eles (os agricólinos) fundaram a ‘gangue’ deles, dos agricólinos. Mas não era uma gangue. Era o grupo deles. Tinha que sair na rua. Eles saíam na rua em grupo grande para não apanhar. Saíam só para apanhar. Mais do que um macaco para poder descontar dinheiro na feira. Era isso. Quando era para sair, tinha uma rixa. Tinha, era briga feia. Saia briga feia. Tem um dia que eu levantei duas, três horas da manhã para ir na delegacia (...) A delegacia tinha um ônibus para carregar adolescente. Entrava cheio. Tinha uns 20 adolescentes lá presos na delegacia. Esperando o pai. Quem era o pai? O pai estava em outra cidade? Tudo era eu. (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Braz explica sua responsabilidade em responder pela ausência dos pais. Apesar das orientações para que os rapazes não saíssem, devido aos perigos das ruas e embora fosse

proibido, era impossível manter os estudantes na instituição o tempo todo. Afinal, “*o internato não era uma prisão e nem mesmo tinha muros*” (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024), diferente do que ele observou em visitas custeadas pela instituição, em outras Escolas Agrotécnicas, para verificar a validade do sistema de lá com o intuito de replicá-lo aqui:

Inclusive esqueci de falar, havia uma escola em Goiás, em 87. Naquele tempo o governo tinha dinheiro e essa escola era a menina dos olhos dele. Então eles deram uma passagem, deram um ônibus pra gente visitar umas plantações de café, de cacau. Na Bahia, Itabuna, Ilhéus, a gente foi lá visitar. Aí visitaram a Escola Agrícola para ter uma experiência. Na escola agrícola, eu vi lá que existia a separação dos menores com os maiores, era um muro de 5 metros. Pra eles não se matarem. É isso aí. Guarda de um lado e guarda do outro, né? E aqui não tinha separação, era só pavilhão tal, pavilhão tal. Mas era uma escola ou uma prisão, né? Essa lá de Goiás era a prisão. Porque eles eram muito danados. Escola antiga e tinha muita, muita... deveria ter tido até morto lá. (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Por meio da fala de Braz, percebemos que em outras instituições a disparidade de aluno era solucionada com a separação dos estudantes por faixa etária. Inferimos que, em alguns pontos, a memória das instituições se encontra (os estereótipos dos agricolinos em Colorado e Ji-Paraná), mas existem outros aspectos que cada instituição possui sua especificidade (Ji-Paraná sem muro, enquanto a instituição visitada se assemelhava a um cárcere).

Mas uma vez o ciberespaço se torna fonte para buscarmos marcas da veracidade dos fatos. No dia 11 de outubro de 2024, o administrador do grupo *Galera dos anos 80 e 90 Ji-Paraná/RO*, Máryo Oliveira, postou uma fotografia com 5 jovens e ao lado da imagem fez o seguinte comentário: “*Quem lembra dos agricolinos finalzinho da Monte Castelo, quando a gente ia para Pedreira tinha que encarar eles na volta era muita peia.*”

Figura 31 - Os agricolinos da década de 1980



Crédito: Máryo Oliveira, administrador do Grupo *Galera dos anos 80 e 90 Ji-Paraná/RO*.

Disponível em:

https://www.Facebook.com/photo/?fbid=1723421425094369&set=gm.772889684920206&id&orvanity=386130280262817&locale=pt_BR. Acesso em: 18 jan. 2025.

A publicação obteve 56 curtidas, 1 compartilhamento e 16 comentários que responderam à indagação do autor da publicação a respeito das desavenças entre os jovens da cidade contra os agricolinos. Observamos que, assim como os adolescentes da cidade defendiam seu espaço de lazer - por exemplo a *Toca Drinks* -, não aceitando a presença dos agricolinos; os agricolinos, por sua vez, também rejeitavam a presença de outros no rio, que delimitava o espaço institucional e que era consagrado como *point* de diversão dos estudantes.

Um participante da rede ficou entusiasmado com a memória resgatada e disse: “*Essa lembrança foi f#d@ kkk acho que muitos aqui já passou uma treta com esses caras e com a galera do Cercame lá no bairro Santiago.*” (usuário da rede C.S.A). Outra participante reforça que os atritos ocorriam de maneira constante: “*Morei sempre na monte castelo... perto do colégio Gonçalves Dias... e a treta com eles era pesada e diariamente* 😂😂😂” (Usuária da rede S.S.C). Outro comentário reafirma as brigas com o uso da palavra ‘taca’: “*Eita como lembro kkk nois ia numa galera pra pedreira na volta era taca* 😂😂😂” (Usuário D.L.S). Houve participante que reforçou as discórdias dos estudantes com gangues da cidade: “*Lembro que tinha muita treta deles com a gangue do Josi*” (Usuário da rede R.A).

É perceptível que os estudantes da EASGF reinventarem o cotidiano ultrapassando as dificuldades em ser agricolinos. Podemos citar algumas táticas, como as tentativas em aprender lutas marciais, saírem sempre juntos, um ajudando a cuidar do outro e até mesmo eximir-se do uso do uniforme em ambiente externo à instituição, conforme dito nas entrevistas. Neste sentido, concordamos com Certeau (2014), quando pondera que a tática é a arte do fraco, e este sempre surpreende com a astúcia, quando consegue chegar no lugar em que ninguém esperava. Outra tática que nos chamou atenção foi o uso de cadeado como instrumento de defesa:

A gente era adolescente que gostava de se divertir. Mas a gente já ia pra rua prevenido, porque sabia que podia acontecer uma briga. **Aí levava um cadeado preso na fivela da cinta. Pra brigar**, levava a cinta e dava. Sabia que podia acontecer! Em 94, eu estava recém-chegado na escola e já foi dito. Na época tinha um lugar, uma festa pública, na rua, chamada Toca. A Toca ficava perto do Bradesco, perto da igreja São João Bosco. Com arquibancadas assim, e o movimento era na rua. E era dito: “**na Toca, agricolino não vai, porque se for e pegar, pode nem escapar**”. E aí, andar de uniforme da escola, na rua, nem pensar. Proibido! Porque a qualquer momento você poderia cruzar com o inimigo, e você estava identificado. Um índio, F.R.C, lá de Guajará Mirim, ele foi pra Toca com o uniforme da escola. Inocente. Quando ele foi chegando na calçada do Bradesco, os agricolinos vinham fugindo de uma briga que tinha acontecido lá no ‘Barababá’, lá da festa. Os agricolinos fugiram para um lado, e os gangueiros vinham correndo atrás. Quando chegou na calçada, viu aquele índio com o uniforme da escola, o cara só parou e deu no meio do olho dele. Pau!!! O índio estendeu. Ele ficou uns 30 dias com o olho todo preto, e foi levado pro hospital. Quase quebrou a cara do índio. Então, assim, era perigoso. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O relato de Moisés Pereira Barros oferece um vislumbre da tensa atmosfera que permeava a vida dos estudantes da Escola Agrotécnica nos anos 1990, marcada por rivalidades entre grupos e o risco constante de confrontos violentos. A necessidade de portar armas improvisadas, a proibição de circular com o uniforme escolar em locais públicos e o episódio do ataque ao estudante indígena ilustram a gravidade da situação, fazendo a insegurança moldar o comportamento e as decisões dos jovens estudantes.

A fotografia a seguir nos ajuda a antever que não era fácil cuidar 24 horas de adolescentes cheio de energias, com *'hormônios a flor da pele'*⁵⁹, marcados pelo afastamento dos pais em um momento da vida que passavam por tantas mudanças fisiológicas:

Figura 32 - Estudantes em placa institucional- turma de 1992-1994

Alunos da EASGF em placa institucional (turma-1994)



EASGF. Ji-Paraná [RO], 1992-1994. Créditos a Denilson de Araújo Barbosa Oliveira. Material cedido por WhatsApp por Enaldo para Geovânia de Souza Andrade Maciel, entre os dias 16 e 18 de janeiro de 2025.

Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2025.

Podemos observar na fotografia a pose coletiva dos estudantes em volta da placa com o nome da instituição. Alguns estão sentados em frente à placa, sorrindo e com leves gestos despojados capturados pelo *flash* da câmera; enquanto outros adotam uma postura mais séria, sem tanta liberdade. Alguns estão sem camisa, desfrutando o espaço escolar com a mesma liberdade de estarem em casa; outros vestem *jeans* e sapatos, trazendo mais seriedade ao momento congelado. Chamam a atenção os meninos que subiram na placa, como se quisessem demarcar a conquista do território - um espaço predominantemente masculino, mesmo em se tratando de 1992. Não poderia faltar a famosa travessura 'dos chifrinhos com dedos' na cabeça do colega desprevenido, capturando a essência do brincar e adicionando o toque de camaradagem ao grupo. E para finalizar, a astúcia dos garotos é evidenciada na

⁵⁹ Expressão bastante utilizada para explicitar emoção intensa e no caso do adolescente, expressa um sentido literal de que ocorre uma explosão hormonal, causadora de tantas mudanças não apenas emocionais, mas também físicas.

fotografia, que instantaneamente simboliza o gesto de conquista, como se estivessem erguendo a mão dos colegas para comprovar a vitória do grupo.

A entrevistada Elenir também fala a respeito do desprestígio dos estudantes com relação a pessoas de fora da instituição; contudo, reforçou a união entre os estudantes e o quanto a escola contribui para a formação de cidadãos que na atualidade estão retribuindo à sociedade profissionalmente:

Pelo contrário, até comentei, que teve alunos aí que parecia que era o pior aluno da escola e hoje ele é um médico. Então, isso daí, a escola serviu para... Ela cumpriu o papel dela. Ela cumpriu o papel dela, com certeza! De repente, o menino não valorizou naquele período, mas a semente foi plantada. Inclusive, outros... **Eu vejo que os alunos da escola agrícola, eles não eram bem vistos na comunidade.** Por aí, **tinha muita gangue na cidade na época.** Eu não cheguei a presenciar essas gangues, mas eles eram muito ciumentos. Eles poderiam ter briga entre eles ali na escola, mas se alguém de fora olhasse de cara feia com algum aluno, todos pegavam as dores desse aluno. Então, às vezes, criavam um certo atrito com pessoas de fora, mas entre eles, não. Não existia isso. E eu fico feliz de saber hoje quantos alunos que se formaram engenheiro, agrônomo, veterinário, médico, enfermeiro, advogado. Tem muitos advogados. Então, isso é muito gratificante. Passaram por você (se referindo a ela) esses meninos. Então, é muito bom. (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

O sentido grupal expresso na fotografia, bem como a fala de vários entrevistados que enfatizaram a união entre os estudantes trazem à tona percepções postas por Erik Erikson (1976) ao afirmar que os adolescentes se ajudam mutuamente no período conturbado que é a adolescência. Em contrapartida, o adolescente lança constantes estereótipos para os de seu grupo e para os inimigos, vivendo um intenso jogo de lealdade e conflitos.

- *Um viés político*

É perceptível na fala dos entrevistados (alunos e funcionários) que vivenciaram a primeira década do desenvolvimento da instituição de ensino, a ênfase ao lembrar o governador Jorge Teixeira. A instituição parava e se preparava para recebê-lo com apresentação de música e teatro: *“nós sempre cantávamos quando ele nos visitava na escola: Esses seus cabelos brancos bonitos... (Roberto Carlos)”* (Memórias de Nalva, 2024).

Alguns dos entrevistados recordam que o Chefe de Estado esteve acompanhando de perto os passos da instituição com um discurso político alicerçado em trabalho e respeito, e

mesmo sendo uma figura representativa da ditadura Militar, o coronel ficou marcado positivamente no imaginário da comunidade escolar. A respeito disso, Paola Foroni (2014, p. 69-70) afirma que:

Jorge Teixeira de Oliveira, conhecido como “Teixeirão”, foi o último governador do Território Federal de Rondônia e o primeiro governador do Estado de Rondônia, militar nomeado pelo último presidente do Regime Militar, João Baptista Figueiredo. Teixeira é sempre lembrado por memorialistas e pessoas que viveram àquela época como um dos governadores mais marcantes de Rondônia, devido às mudanças estruturais e à transformação em Estado, mudando completamente o cenário regional. (Foroni, 2014, p. 69-70).

Uma das funcionárias de apoio na limpeza e cozinha da instituição também ressaltou os aspectos da presença do governador quando em uma das visitas à escola atendeu prontamente ao pedido de construção da cozinha que havia sido destruída em um acidente ocorrido no primeiro ano de funcionamento da instituição:

[...] No início, nós sofremos pra caramba, viu? Eles fizeram um digestor. Um gás, eles furaram um buraco aí e formou um negócio de gás. E pôs um muito de fogão. E a gente foi acender aquele fogão, pegou fogo naquele cano e saiu queimando. Foi parar lá no buraco. E acabou. Fizeram um fogão a lenha. Um fogãozinho grande, sabe? E ali nós ficamos. Na luta. Uma “varandona” fora. Era só coberto, mas era aberto. Tinha uma mesona grande. Que era o lugar de escolher arroz, feijão. Porque às vezes vinha em saco e tinha muita escolha. E daí nós reclamamos. **Na época era o governo aí de Porto Velho. Era o Teixeira. Era gente boa demais. Acho que foi um governo e tanto aí, viu? Aí a gente conversou com ele, porque ele visitava muito o colégio. Quase toda semana ele aparecia. A gente conversou com ele e ele mandou um fogão industrial.** Aí já ficou, melhorou bastante. Mas foi muita luta, viu? Muita luta no começo do colégio. Mas foi muito bom, né? Os alunos, todos adultos. Que os primeiros alunos aí tudo foi já adultos, né? Aí depois que pegou vinha os mais novos. Cada ano entrava uma turma. E foi assim. E assim continuou a luta. E foi aumentando também. E foi contratando mais, as zeladoras. (Maria Lucia da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

A entrevistada Maria Lucia reafirma a presença do governador (*ele visitava muito a escola*), expõe sua opinião sobre ele como representante político (*foi um governo em tanto*) e legitima sua admiração por causa do pedido atendido (*A gente conversou com ele e ele mandou um fogão industrial. Aí já melhorou bastante*).

O servidor Carlos Brandão que também esteve presente desde o início da instituição afirmou o quanto o governador do ex-território e recém-criado Estado de Rondônia foi fundamental para a concretização da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria:

Essa escola agrícola foi criada pelo coronel Jorge Teixeira de Oliveira, o primeiro governador de Rondônia, que era um governador também nomeado, não existia eleições. Era nomeado porque era território. Jorge Teixeira de Oliveira, o coronel Jorge Teixeira de Oliveira. Inclusive, toda semana ele estava aí na escola porque era um objeto que ele tinha o maior carinho e o maior amor por essa escola aí. (Carlos dos Santos Brandão. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A antiga residência oficial do primeiro governador do estado, localizada na cidade de Porto Velho, foi revitalizada para abrigar um acervo pessoal e de trabalho de Jorge Teixeira de Oliveira, servindo para exposição e pesquisa para toda a sociedade. Conforme a historiadora Yêdda Borzacov, responsável pela coleta do acervo que constitui o *Memorial Governador Jorge Teixeira*, o lema do Chefe de Estado era “*trabalho, trabalho e trabalho*” (G1 Rondônia, 2015). Em entrevista, a estudante Ednalva lembra que aproveitou o lema Trabalho - destaque nos discursos do governador Teixeira - e colocou como ponto central no discurso da formatura da primeira turma de agricolinos. Assim, evidenciou-se um forte compromisso de que todos os agricolinos da primeira turma teriam garantido um espaço para trabalhar após estarem formados:

[...] como aquele discurso que eu falei para o Jorge Teixeira, que ele deveria abraçar todo mundo, ia empregar, queremos trabalho, que a meta dele era trabalho, como oradora da turma, meu discurso foi esse. Que a gente confiou na ideia do governador Jorge Teixeira, abraçou a ideia. Deixamos os pais, nossas famílias, nossos afazeres, e ali era tudo filhos de agricultores, de mães solteiras, de pessoas de colégios, serventes, mas nós acreditávamos no sonho de ser um profissional e fazer a diferença. E a nossa meta, a meta do governador, era clara: trabalho. E a gente também tinha como meta, nós não queríamos nada, nenhum favor, **a gente queria só trabalho, que fossem abraçados os agricolinos da terra de Rondônia, os primeiros formandos**. E o governador deu a promessa que todo mundo seria (empregado). (...) aí todos os colegas foram contratados, todos, bastava ser agricolino já era o seu concurso público, ele honrou muito a nossa turma, então a gente tem muita gratidão. (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A fotografia abaixo resgata o momento único vivenciado pelos primeiros agricolinos: a solene cerimônia de formatura. Registra o abraço entre a oradora da turma, Edinalva Oliveira dos Santos, com o Secretário de Educação do Estado de Rondônia, Álvaro Lustosa. Conforme consta em convite resgatado em nossa pesquisa, a missa de Ação de Graças ocorreu na Catedral São José, Rua Maringá, Bairro Nova Brasília, às 18 horas do dia 22 de dezembro

de 1983. A partir das 20 horas a colação de grau ocorreu no Cine Bom Jesus, Rua Amazonas 123/n3.

Figura 33 - Oradora da Primeira Turma e Secretário de Educação do Estado – 1983



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2024.

A primeira turma da EASGF teve a oportunidade de testemunhar um dos momentos históricos da nossa região, que foi a elevação do Território de Rondônia à categoria de Estado da federação, presenciando a administração do último governador do Território e primeiro do Estado de Rondônia: Jorge Teixeira. Embora não apareça na foto, o seu legado político persiste na memória popular: *o Jorge Teixeira era tipo um mito na época, o pessoal amava ele lá do quartel, que ele tinha sido chefe lá do quartel (...)* (Ednalva Oliveira dos Santos, Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Segundo Hugo Coelho, para ganhar o respeito da comunidade local e estadual, a instituição sempre prezou por estar aberta para todos os representantes políticos, assim quando a Escola Agrotécnica precisava de qualquer tipo de investimento ou auxílio poderia recorrer ao apoio de todos:

É o seguinte, nós tivemos muita sorte nessa parte política. Como a gente, lá, **nunca fez política partidária** lá, nós tivemos o cuidado de não deixar isso acontecer. Nós fazíamos uma política aberta. Então, o pessoal sempre apoiou muito a gente. Muito, muito. E a gente sempre fez questão de deixar a escola aberta para isso. Para que as pessoas tivessem contato com a política local. Local e estadual também. Então, na

hora do aperto, quando a gente corria para Porto Velho, pedir auxílio, pedir para o pessoal, sempre foi muito bem atendido. O pessoal tinha muito respeito por a gente. Muito respeito. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Se por um lado a gestão procurava manter a neutralidade política, uma vez que poderia a qualquer momento necessitar de pedidos de urgências para os mantimentos da instituição, por outro lado, o entrevistado Braz traz à tona a influência política nas escolhas de algumas pessoas indicadas para atuarem na gestão da instituição:

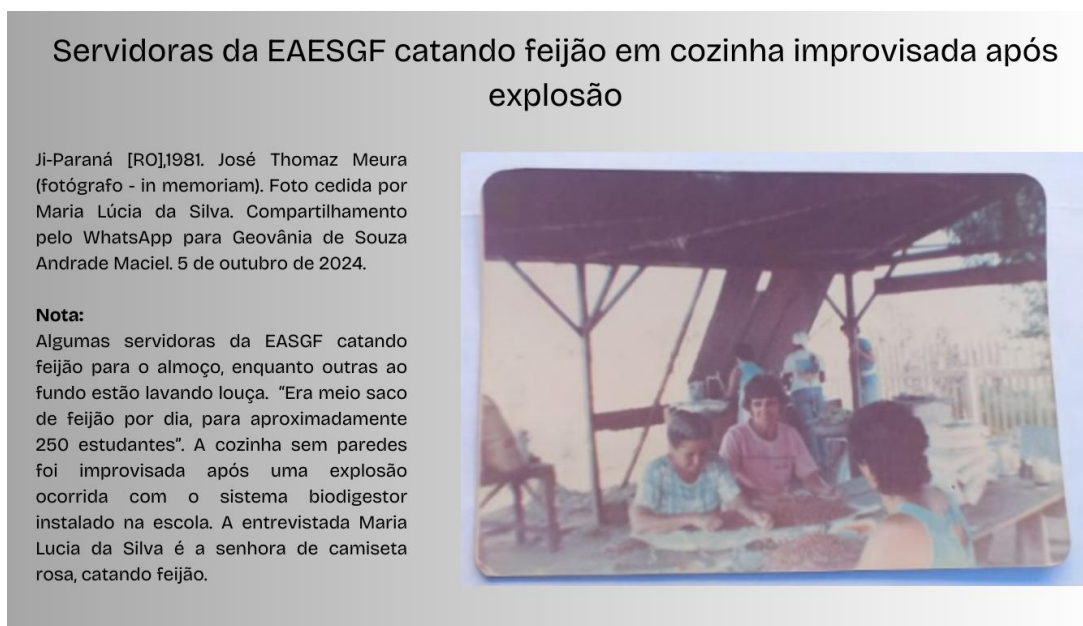
Outra coisa que eu não vou falar pra não complicar, trocaram uma pessoa supercompetente só por problema político, porque a ingerência política ali também era demais. Trocava direto. Podia entrar um ótimo (diretor), mas tirava aquele ótimo por puxa-saco do político. Aí atrapalhava toda a gestão pessoal. Atrapalhava. O único ali, os dois que entrou que tinha competência e que não entrou por puxa-saquismo, por competência, foi o Alexandre e o nosso amigo, o Hugo também, quando foi convidado para trabalhar (...) (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O depoimento de Braz lança luz sobre a influência da política na gestão da Escola Agrotécnica, evidenciando que a troca de diretores competentes por indivíduos alinhados politicamente, por vezes resultaram em um padrão de ingerência que prejudicava a administração da instituição.

- *O cotidiano dos funcionários*

Alguns dias após a entrevista, Maria Lúcia entrou em contato pelo *WhatsApp* e nos enviou as fotografias da Escola que ela guarda com tanto carinho. Foram registros feitos despropositadamente pelo seu esposo José Thomaz Meura (*in memoriam*), e que agora nos auxiliam a contar as memórias que sobreviveram com o passar do tempo. A fotografia nos apresenta um fragmento do real, permitindo visitar o ontem da Escola Agrícola e descortinar o cotidiano do preparo para a alimentação dos estudantes e funcionários.

Figura 34 - Servidoras da EAESGF catando feijão em cozinha improvisada, após explosão



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

As dificuldades de outrora - como o tempo que se perdia na ‘escolha’ do feijão - hoje representa nostalgia, saudades do momento de conversa com as companheiras de trabalho. A fotografia se torna a ligação mais forte entre passado e presente: *Foi muito pesado (o trabalho). Mas foi bom. Que deixou muita lembrança boa. Era divertido. A gente era muito unido, as companheiras de serviço. Realmente hoje a gente já perdeu bastante delas.* (Maria Lucia da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024). A entrevistada fala com voz embargada a lembrança das colegas que morreram e finaliza afirmando que quando é possível, conversa com outros colegas daquela época.

Ao analisar o testemunho de todos os participantes, percebemos que o cotidiano escolar sempre esteve caracterizado por meio de palavras pertencentes ao âmbito familiar, como família, união e irmão; elementos que refletem um ambiente de acolhimento e solidariedade, reforçando a ideia de que a Escola Agrotécnica funcionava como uma extensão ao núcleo familiar:

Alunos, companheiros de serviço. Nossa, muita gente boa, uma **família**, né? Vivia mais com eles do que em casa, né? Todo dia, passava o dia todo junto ali, naquele corre-corre. Mas muito gostoso. Às vezes, tem hora eu fico lembrando. Ah, que

tempo bom! Se voltasse, eu queria estar nesse tempo. Porque foi muito, muito divertido, muito... (Maria Lucia da Silva - apoio na limpeza e merenda).

Naquela época, sair para ir para casa era um problema. É por isso que deu certo. Porque aí a gente ficava tudo junto. Tudo junto. Era uma **família. Professor e aluno viravam uma família. (...) Não, nós éramos irmãos. Nós éramos irmãos.** Era uma coisa muito boa. Lógico, algum desentendimento tem. Mas foram muitos, muito pouquinhos. Nada assim que chamasse um pouco mais a atenção. Nossa turma (referência à turma de funcionários) era tanto que a escola, na época, era muito bem-conceituada. Isso foi uma das coisas que fez com que a escola fosse bem-conceituada. Porque nós éramos um corpo docente espetacular. Eu tinha uma admiração por aquele pessoal. Eu não tinha não. Eu tenho uma admiração. Era uma coisa incrível. Porque com tão pouca condição que a gente tinha na época, fazer uma escola funcionar do jeito que aquela escola funcionava, não é fácil. Não era fácil. Não era fácil. E funcionava. Isso aí eu digo com toda tranquilidade. Funcionava muito bem. (Hugo Alencar Coelho - professor e diretor).

(...) a gente vê que ela (instituição) conseguiu cumprir a missão dela, o propósito da escola era formar profissionais de cidadão. A escola agrícola Silvio Gonçalves Faria fez isso. Na minha turma saíram 26 profissionais. Uma escola que fez a diferença. Nesse momento, tem um grupo dessa turma reunido. **Em família**, comemorando. **Formou um vínculo muito forte. Formou uma coisa fundamental, necessária: uma família que cresceu. Essa família hoje tem filhos e netos. E quando se reúne, os netos vão.** (Moisés Pereira Barros - estudante).

(...) Ficava ali na hora vaga. Quase você tinha que empurrar os alunos da secretaria, porque eles gostavam de estar ali conversando e contando histórias. Então a gente era... Até aqueles que estavam namorando e vinham contar histórias da família. Então essa parte, eu lembro que era... Acho que é por isso que eles **tinham a gente como mãe deles.** Porque a gente ouvia muito. (Elenir Rodrigues Muniz - Secretária).

A fotografia a seguir é carregada de lembranças e identidade, indissolivelmente ligadas ao vínculo familiar no trabalho. A servidora Maria Luiza Auer (a jovem mais alta na fotografia, que se encontra de vestido florido) guardou em seus pertences algumas fotos que servem hoje como elo ao seu passado. Junto a mais quatro amigas de trabalho, também servidoras responsáveis pela limpeza e a alimentação na EAESGF nos anos iniciais da instituição, a fotografia se torna um testemunho da importância do trabalho dessas mulheres na construção e no funcionamento da escola:

Figura 35 - Servidoras da merenda e limpeza da EASGF



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

As servidoras pausaram brevemente seus afazeres para que o Senhor Estefanio Floriano Thomas (*in memoriam*), esposo da servidora Maria Luiza Auer, registrasse o instante simbólico que reforçou o sentimento de pertencimento coletivo da/na instituição. As janelas grandiosas ao fundo, pertenciam ao antigo prédio da Escola Agrotécnica que, anteriormente emprestado, agora faz parte da propriedade da Universidade Federal de Rondônia. As janelas duplas, estilo veneziana francesa, eram de madeira, pintadas em tom bordô, com pequenas vigas horizontais que sugerem a presença de frestas para permitir um pouco de ventilação.

Na cozinha, tivemos declarações positivas a respeito do trabalho em harmonia e das amizades valiosas. Todavia, memórias de sofrimento com relação aos males acarretados pelo trabalho em excesso, trouxeram à tona lembranças dolorosas que refletem as nuances da vida:

Que a gente acabou com muita saúde, hein? No agrícola. O serviço aí... foi complicado. Muita coisa que a gente mexia, ainda ali do calor demais: Fogão a lenha, mexia com câmara fria e isso aí fez mal. Eu sei que a turma que trabalhou, entrou aí no agrícola primeiro, várias delas já foram. Tem umas bem novinhas que morreram. Foi muito complicado para a saúde. Eu também. Minha saúde, até hoje, eu tô na luta aqui. Em tratamento. Tudo por causa do trabalho aí (na Escola Agrotécnica). Que foi muita coisa que a gente mexia, ainda ali da caloria com friagem. E... Muito produto também, que a gente mexia aí. Também a gente intoxicou, pegou alergia. Essas coisas todas, né? Eu mesma machuquei a coluna, que até hoje eu faço tratamento. Machuquei a coluna aí. É, minha filha, é uma história

bem prolongada, viu? Se eu contar os mínimos detalhes, é muita coisa, viu? Não é pouco, não. (Maria Lucia da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

O serviço de limpeza e merenda era realizado por dois plantões composto por 4 pessoas, responsáveis por dar conta de todos os afazeres de limpeza e alimentação na instituição. Maria Lúcia, em suas memórias, descreve a intensidade do trabalho:

Aí fui pra cozinha ajudar as mulheres. Então nós éramos oito. E fazia, era um plantão sim, outro não. Então eram quatro num plantão e quatro no outro. Então a gente trabalhava um dia sim, um dia não. Aí fazendo as “comedeiras”. Era muita comida, viu? É muito pesado, minha filha. (Maria Lucia da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Um dos grandes desafios enfrentados pelo sistema de internato era garantir um número adequado de servidores para o bom funcionamento da instituição. Em virtude das exigências de algumas funções, certos funcionários precisaram vivenciar o Sistema Internato em sua totalidade. Isso exigiu que alguns servidores trouxessem suas famílias para morar nas residências destinadas aos funcionários, enfrentando diversos dilemas. Hugo, ao rememorar sua contribuição na gestão da EASGF, declarou que:

É, a minha esposa reclamava muito. Na época que eu entrei para ser vice-diretor, eu já morei lá antes de ser vice-diretor. Mas depois que eu passei a ser vice-diretor, eu começava a acordar de madrugada, dar uma volta, ver como é que estavam os alojamentos. Ela falava muito “você é vice-diretor, você não é guarda”. Ficava brava, mas eu achava que era obrigação minha. E a gente era muito cobrado. Os pais tinham confiança na gente. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

O entrevistado Braz também enfatizou a cobrança dos funcionários em estar o tempo todo preocupado com os estudantes do alojamento, o que ocasionou prejuízos em sua saúde mental: *Depois de três meses entrei em estafa física e mental. A física virou mental, aí entrei em depressão.*

Por estar localizada no sítio, havia a desvantagem da distância da cidade, então mesmo quem não residia na própria instituição, permanecia tempo integral na escola, só retornando para casa ao pôr do sol. Segundo Hugo, *É por isso que deu certo. Porque aí a gente ficava tudo junto. A aproximação da equipe resultou em um trabalho de qualidade, na qual a palavra união e família se fizeram presentes, em contrapartida não podemos fechar os*

olhos para o lado obscuro de quem trabalhou nas instituições de ensino que priorizava o sistema de internato: havia um excesso de carga horária, o que foi expresso pelos testemunhos.

Na secretaria, também ouvimos o sentimento de sobrecarga, especialmente quanto ao uso da máquina de datilografar. Infelizmente, quando a instituição introduziu o computador para facilitar o trabalho e convocou um funcionário adicional para auxiliar Elenir nos serviços da secretaria escolar, logo a instituição encerrou suas atividades.

Passei muita raiva ali na época por causa da máquina de datilografia. (...) Você fazia principalmente final de ano, que você tinha que trabalhar com... Você já ia preparando os históricos dos alunos. Mas quando começou mesmo a questão do computador, aí já veio o Claudionor, um menino que veio para ajudar ali e foi muito bom. Ele fez um trabalho bacana e ele entendia disso (de computador), que não era o meu caso. E aí foi o que foi dando um alívio na secretaria. Mas aí já fechou. (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

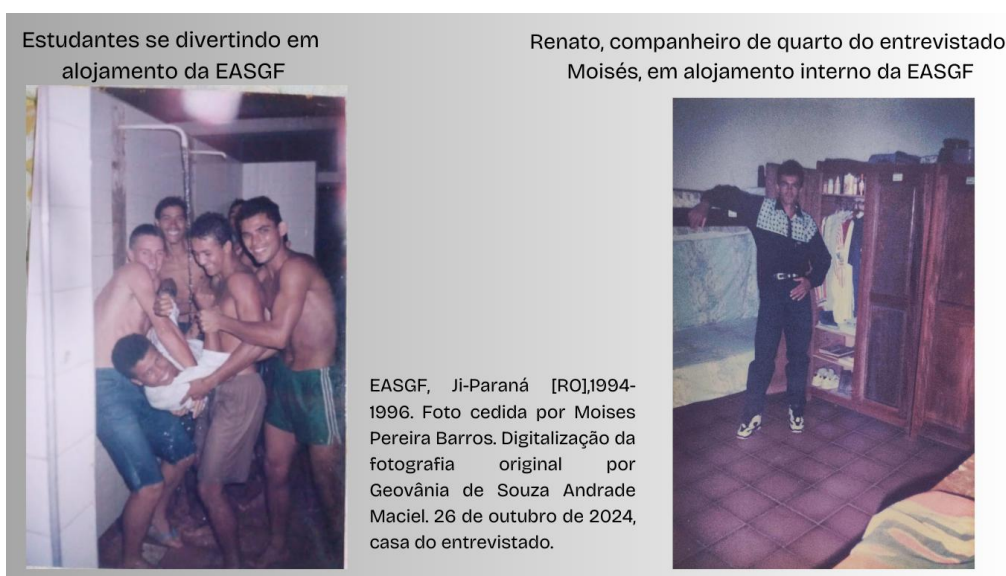
Diante da sobrecarga enfrentada pelos servidores, é provável que os estudantes acabassem realizando atividades complementares para auxiliar os funcionários, o que foi evidenciado nas queixas de exaustão relatadas pelos alunos entrevistados sobre o sistema de escala. Inclusive, o documento *O Internato nas Escolas Agrotécnicas Federais*, produzido em 1994, apontou o fato de que diante “das dificuldades orçamentárias para se manter um quadro de funcionários adequado ao funcionamento da Escola”, comprometia-se a missão da instituição, fazendo o uso “indiscriminatório dos alunos internos como mão de obra barata para as tarefas rotineiras de manutenção dos *Campus*” (Brasil, 1994a, p. 12). Esse e outros aspectos negativos expostos neste documento serão retomados nos próximos tópicos.

- *O cotidiano dos alojamentos*

A fase da adolescência se constitui em um período de descobertas, e no sistema de internato isso ocorre em meio ao disciplinamento das condutas individuais e coletivas, por parte dos servidores responsáveis (diretor, professor, inspetor, equipe de apoio). Além do controle de horários (hora marcada para levantar-se, comer, estudar, dormir...) o cotidiano do internato centrava-se em tarefas regradas e muitas vezes os costumes trazidos de casa tornavam mais complexas as relações de obediências às regras por parte de alguns internos.

Já vimos transgressões às regras na Figura 21, na qual os adolescentes amontoados comemoravam a entrada de bebida proibida no quarto de dormir coletivo. A figura a seguir traz duas fotografias que descortinam um pouco mais o dia a dia nos alojamentos da EAESGF.

Figura 36 - O cotidiano no alojamento da EAESGF



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Na primeira fotografia, um grupo de estudantes segura um colega sob o chuveiro, enquanto todos sorriem, incluindo o garoto que está sendo segurado. Brincadeiras como essa são comuns no universo adolescente, quando jovens buscam vivenciar novas experiências e momentos de diversão, fundamental ao processo de socialização e construção de identidades pessoais e coletivas.

Quanto à segunda fotografia, o quarto - um espaço que reflete o íntimo e pessoal - é colocado em evidência para que possamos perceber aspectos simbólicos de privacidade e coletividade. No internato, os quartos dos alojamentos adquirem dualidade: ao mesmo tempo que ajudam a estabelecer um vínculo coletivo, contribuindo para criar um senso de comunidade entre os estudantes, também refletem a individualidade de cada um, colaborando para potencialização das diferenças e geração de conflitos.

Na fotografia vemos um adolescente com um dos braços apoiado na cama de cima do beliche e outra mão abaixo da cintura. Atrás dele, há um guarda-roupa com duas portas fechadas e, logo atrás, uma porta aberta, revelando itens de uso individual. No compartimento menor superior há produtos de perfumaria; logo abaixo, camisas penduradas em cabides e calças dobradas; na terceira prateleira, há livros ou cadernos; e no último compartimento, dois pares de sapatos. Os lençóis nos colchões, o piso em cerâmica e o guarda-roupa de madeira espelham a simplicidade do ambiente do internato da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná. A presença do guarda-roupa nas fotografias evocou em Moisés a memória de um trote comum nos alojamentos da EASGF: o furto de bolachas. Apesar da aparente segurança proporcionada pelas chaves individuais dos quartos e dos guarda-roupas, a criatividade dos veteranos encontrava brechas para os pequenos delitos:

Cada um andava com a sua (chave) pendurada no pescoço. Um barbante pendurado no pescoço. Cada um tinha a sua chave. E aí tinha os furtos. Furtava a bolacha dos outros. (...) Alguns iam para casa no final de semana. E quando ele ia para casa no final de semana... O guarda-roupa era de madeira. Aí puxava o guarda-roupa e arrancava o fundo do guarda-roupa para não estourar o cadeado da porta. O camarada saía e trancava a porta do guarda-roupa dele. E a gente arrancava o fundo do guarda-roupa para saquear as bolachas que ele tinha. Então tudo isso podia. Tudo isso existia. Isso não era crime, não. Era regra. Era uma espécie de... Não era punido por isso não. **Não era roubo. Era necessidade** (...). Eu não tinha dinheiro para comprar bolacha, comia a do outro. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. Grifo nosso)

É importante notar a distinção feita por Moisés entre "roubo" e "necessidade". A ausência de punição para tais atos indica que a comunidade escolar compreendia a situação, reconhecendo a fome como um fator determinante. Essa perspectiva humaniza os estudantes, mostrando que suas ações eram motivadas por uma carência básica, não por intenções criminosas.

Segundo o Parecer 144/CEE/RO/91 (Anexo IV), na descrição das instalações e equipamentos de apoio - Item 3 -, a escola possuía *duas casas de alvenarias e duas de madeira, destinadas à residência dos diretores e dos professores*. Apesar de detalhar outros espaços como cozinha, refeitório, supervisão, e até espaços de esporte e lazer, o Parecer de Autorização não fez nenhuma menção à quantidade ou à qualidade dos quartos dos alojamentos presentes na instituição.

Conforme as fotografias e as memórias tecidas nas entrevistas, compreendemos que havia na instituição quartos menores que foram projetados para acomodar quatro estudantes. Cada quarto estava equipado com duas camas beliche e um guarda-roupa de madeira com quatro portas. Cada quarto abrigava de 3 a 4 estudantes, e o guarda-roupa era distribuído uma porta para que cada estudante pudesse guardar seus pertences pessoais. Essa configuração visava proporcionar um ambiente compartilhado, mas ao mesmo tempo oferecer um espaço individual para que cada aluno organizasse seus itens.

Moisés nos contou um pouco mais sobre suas memórias dos quartos dos alojamentos: *Quando era Bagaço, eu morei num alojamento de madeira velho que tinha, já foi destruído, debaixo de um pé de cajá-manga, onde era a lavanderia.* O entrevistado recorda que quando chegou à instituição outros quartos estavam em construção e era uma estrutura maior com o intuito de abrigar um número superior de estudantes:

[...] Um quarto tinha trinta (estudantes) de um lado, trinta do outro, daquele prédio branco que até hoje tá lá, era um alojamento que até hoje tá lá no IFRO. Foi construído no meu tempo... Quando eu cheguei, eles estavam construindo, eu não cheguei a morar. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Moisés não chegou a viver na nova estrutura⁶⁰ que abrigava em torno de 30 estudantes em um único quarto. Ele dividiu seu quarto com o irmão, Luiz, e mais dois colegas: Renato e Claudomiro. O convívio nos alojamentos fortaleceu uma amizade para uma vida toda: (...) *essas pessoas que a gente dividiu o alojamento, são pessoas que a gente tem um carinho muito grande.* Em outro momento da conversa, o entrevistado descreveu os detalhes da precariedade do lugar: *O nosso quarto era uma miséria, não tinha nem um ventilador. Era uma pobreza que dava desgosto.* As memórias nem sempre surgem em uma ordem linear, falar do alojamento se misturava com outras memórias, como ao lembrar das viroses que acometia a instituição e na sequência lembrar do sofrimento nos alojamentos sem ventiladores ou ar-condicionado:

⁶⁰ Durante uma visita às instalações do IFRO, Campus Ji-Paraná, em 14 de fevereiro de 2025, Moisés, em um passeio guiado pela pesquisadora, identificou o prédio onde atualmente funciona a biblioteca como a antiga estrutura construída para abrigar esse alojamento descrito, com capacidade para aproximadamente 30 internos.

Eu adoeci uma vez. Era normal a gente pegar alguma **virose** na escola. Convívio junto, quando pegava um... Pegava todo mundo. Eu peguei uma e fiquei acamado cinco dias. E o Braz me levava para tomar ASS⁶¹ e chá de eucalipto quente. Era o que tinha. O chá vinha das tias lá (da cozinha). Ele mandava as tias fazerem. E aí vinha ele com a caneca de chá de eucalipto e falava assim: “É isso aqui: ASS e chá de eucalipto quente. E não sai lá fora para não pegar vento!” E um calorão! Mas não tinha dinheiro para ter um ventilador. Era triste. Não tinha ar-condicionado no alojamento. (...) Então tinha essas mazelas que vinha quando acometia. Todo ano pegava. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A virose e o chá - apresentados como um dos recursos para minimizar a doença que afligia aos alojamentos - fora citada também pela estudante Ednalva da primeira turma (81-83) e pelo servidor Braz (87-99):

Quando ficávamos doentes, **as cozinheiras faziam um chá caseiro**, ou a gente ficava lá com febre, dor de garganta, febre, abandonados à sorte. Hoje tem tanta rede de proteção e direitos ao educando, pois não se fala mais aluno, e temos uma evasão escolar desmedida, o pouco que se tem é por conta dos programas de bolsa, pois tem que estar na escola. (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

[...] de vez em quando **era uma epidemia de conjuntivite, de gripe**, derrubava todo mundo. Derrubava todo mundo. Quando era gripe, lá tinha uma carreira de eucalipto atrás, não sei se existe ainda hoje na Unir, tem uma carreira de eucalipto. Era um monte de galho de eucalipto colocado dentro de uma panela grande, colocava para ferver, metia açúcar dentro. Aí, dava para eles: “**Olha o chá. Olha o chá.**” (Braz Jerônimo da Silva. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Enquanto as memórias escolares convencionais se restringem às salas de aula e aos intervalos, o sistema de internato expande o campo da lembrança para os espaços de convívio, como os alojamentos. Seguindo a perspectiva de Michel de Certeau (2014), que valoriza as práticas cotidianas e as formas de resistência dos indivíduos, podemos analisar a ocorrência de doenças infecciosas nos dormitórios como um elemento que moldava as estratégias de sobrevivência e as táticas de resistência dos internos. O relato do egresso Moisés, ao trazer à tona outra doença infecciosa que perturbava os alojamentos, revela como os internos lidavam com a vulnerabilidade e buscavam formas de preservar sua saúde em um ambiente coletivo e muitas vezes precário:

⁶¹ O ASS (sigla para Ácido Acetilsalicílico) é um dos medicamentos mais conhecidos e vendidos no mundo. Também conhecido como aspirina, geralmente é prescrito para o alívio de dor de cabeça, inflamação e febre e já teve seu uso contestado devido a acidentes hemorrágicos.

Então tinha essas mazelas que vinha quando acometia. Todo ano pegava. Era virose que acometia alguns. E tinha uma outra uma doenzazinha que pegava todo mundo. Isso aí escapava o que a gente chamava de **curuba**⁶². Era uma espécie de coceira que pegava nas partes íntimas. Mas era coceira, coceira de arrancar sangue. Devido àqueles colchões que ficavam tudo empilhado lá numa sala. E quando chegava cada um ia lá pegar. Ninguém botava colchão para pegar sol nem nada. E não tinha aquele negócio de ser o seu colchão. Não. Você chegava no começo do ano e ia lá na pilha de colchão lá e pegava um colchão, botava na cama. Então tinha essa coceira que pegava todo mundo. Passou ali em 60 dias, curava todo mundo. Tinha um remedinho para comprar que se chamava *micotics*. E aquele remédio era a salvação de todo mundo. Então, a escola agrícola fez seu passado. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Discussões preliminares realizadas na SEMTEC - Secretaria de Educação Média e Tecnológica, em 1993, juntamente com os Relatórios elaborados a partir de Encontros Regionais das Escolas Agrotécnicas do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, colaboraram para a produção do documento *O Internato nas Escolas Agrotécnicas Federais* (Brasil, 1994a), que apresentou diagnósticos, sugestões e melhorias para as instituições que mantinham o sistema de internato. Além da utilização de estudantes que residiam no internato para realizar atividades e serviços que normalmente seriam atribuídos a funcionários contratados, outra problemática apontada pelos relatórios, que muito se assemelham ao exposto pelos entrevistados, era a presença das doenças infectocontagiosas nos alojamentos:

Destacou também o Relatório-síntese que a "experiência tem mostrado que o fator superlotação (nos alojamentos do Internato) propicia a indisciplina e a disseminação de doenças infecto-contagiosas causadas pelo uso coletivo e pela dificuldade de higienização das instalações". Reconhece, ainda, o Relatório-síntese "os efeitos negativos causados pela ausência da família". (Brasil, 1994a, p. 14).

Segundo o Documento, outro desafio a superar, estava relacionado às atividades desenvolvidas no sistema de escala, uma vez que o Relatório evidenciou o aproveitamento dos estudantes "em atividades rotineiras que nada tem a ver com o desenvolvimento de práticas agrícolas de natureza pedagógica" (Brasil, 1994a, p.17-18). As memórias de Ednalva, evocaram a transferência das funções de servidores disfarçadas em atividades pedagógicas:

⁶² A Sociedade Brasileira de Medicina de família e Comunidade (SBMFC) define a curuba como um nome popular da Escabiose (sarna): "Popularmente conhecida como sarna, pereba, curuba, pira ou quipá, a escabiose humana é uma doença de pele causada por um ácaro, o *Sarcoptes scabiei*". Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/escabiose-sarna/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Dedé desistiu da escola agrícola porque a gente tinha que fazer o serviço, por exemplo, lavar banheiro, limpar as passarelas, essa era a parte nossa, e a gente trabalhava muito na roça, no sol quente. Aí a Dedé, é filha de um pessoal assim, imigrantes italianos aqui de Ariquemes, e ela tinha uma vida muito boa, então ela não se adaptou, ela falava: “meu Deus, vou ser a “lixicultura”, não vou ser”... dizia essas coisas. E também era minha melhor amiga, (...) Ela desistiu da escola agrícola. (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

As atividades que não faziam parte do currículo não eram vistas com bons olhos por todos os estudantes, contudo a desigualdade na escolha em permanecer ou sair da instituição deve ser enfatizada, já que aqueles com boas condições financeiras tinham a opção de desistir do curso e os estudantes com um nível socioeconômico menor se submetiam em silêncio a quaisquer atividades exigidas, para poderem obter o certificado no final do curso.

Outro desafio diário enfrentado pelos estudantes internos da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Farias diz respeito à higiene e manutenção de suas vestimentas. A rotina exigia adaptação, pois a lavagem de roupas era uma responsabilidade individual, realizada em tanques ou, quando disponível, em uma máquina de lavar de capacidade limitada. A demanda superava a capacidade da máquina, resultando em longas esperas e, frequentemente, na necessidade de lavagem manual com escova. As fotografias compartilhadas pelo egresso Moisés, nos faz voltar ao tempo, permitindo uma compreensão mais completa da rotina e dos desafios enfrentados pelos alunos da EAESGF.

Figura 37 - Lavando roupa no alojamento da EAESGF

Lavando roupa no tanque coletivo
do alojamento da EASGF.
Estudante da turma 94-96.



Estendendo roupa no alojamento
da EASGF, turma 94-96. .



Fotografias cedidas por Moisés Pereira Barros. Digitalização da fotografia original por Geovânia de Souza Andrade Maciel. 26 de outubro de 2024, casa do entrevistado.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

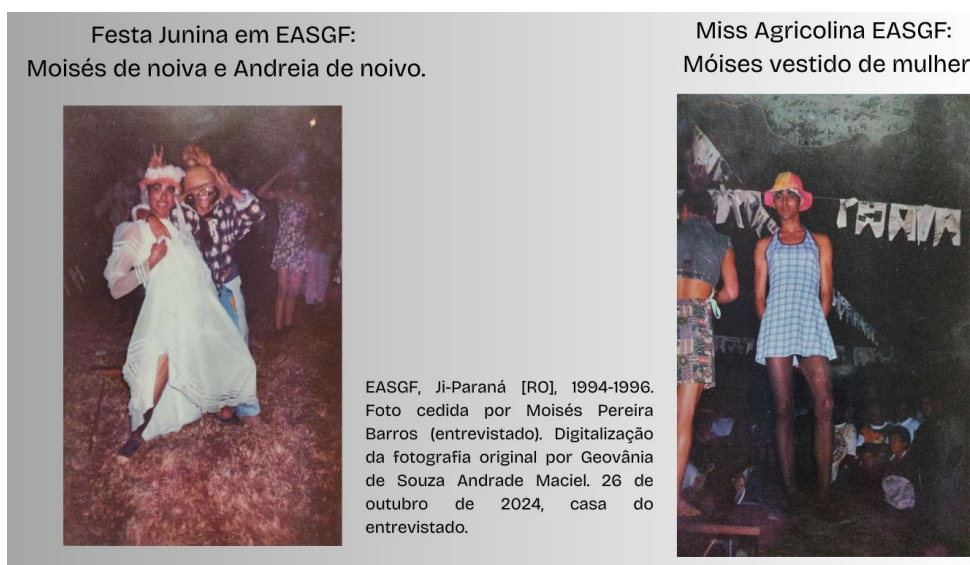
As duas fotografias funcionam como um registro histórico, documentando aspectos da vida na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, que poderiam se perder com o tempo. As imagens, ao documentarem a lavagem de roupas em tanques coletivos e a extensão das mesmas em varais, transcendem a mera representação visual, servindo como um portal para o passado. Elas nos transportam para um tempo em que a autonomia e a resiliência eram qualidades essenciais para a sobrevivência no ambiente escolar, pois as lembranças da proatividade do trabalho, também está relacionado a estratégias de defesa a alguns trotes comuns nos alojamentos:

Mas, normalmente, não dava pra lavar a roupa de todo mundo. Então, quem chegava primeiro, lavava na máquina. E os outros partiam para a escova. E botava no varal e ficava na sombra, esperando secar. Porque, se você virasse as costas, quando você voltasse, sua roupa estava mexida. Pegava a calça jeans, por exemplo. Dava um nó na calça, uma perna na calça. Um pegava de um lado, o outro do outro. Puxava, puxava, até não desatar mais aquele nó. Nunca mais. Então, você não podia deixar a roupa no varal. Pra você não chegar lá e estar tudo dado nó. Trote, filha. Tudo na escola era trote. Trote, trote. Não podia facilitar com nada. Você não podia deixar um tênis ali. O cadarço tudo dado nó um no outro. Tinha que jogar fora o cadarço. Tudo era trote. Passa a não confiar em ninguém. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A ausência de supervisão sobre as roupas estendidas nos varais expunha os alunos a trotes, nos quais suas peças eram deliberadamente amarradas em nós complexos, exigindo esforço para serem desfeitos. Essa prática, embora considerada uma brincadeira pelos veteranos, impunha uma vigilância constante sobre os pertences pessoais, desenvolvendo nos alunos um senso de precaução e desconfiança. Apesar das dificuldades e da natureza por vezes incômoda dos trotes, os alunos reconheciam a importância de aprender a conviver com tais situações. A resistência individual era superficial diante da cultura estabelecida, e a aceitação das regras do jogo tornava-se essencial para a integração e a sobrevivência no ambiente escolar.

As festividades juninas, elementos intrínsecos à cultura brasileira, também se constituem em memórias vivas para os egressos da Escola Agrotécnica. As imagens a seguir revelam a criatividade e a expressividade dos alunos, que se engajavam nas brincadeiras e encenações típicas das festas juninas.

Figura 38 - As comemorações na EAESGF



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

A primeira foto registra a inversão de papéis dos noivos, uma prática comum nas *festas juninas* que simboliza a inversão de papéis sociais e a quebra de normas tradicionais. Essa inversão, presente tanto na escolha dos trajes quanto na encenação do casamento caipira,

representa um momento de diversão e descontração, onde os participantes podem se libertar das convenções e expressar sua criatividade.

Na segunda imagem o desfile tradicional para a escolha da *Miss Agricolina*. A participação masculina no concurso, vestindo trajes femininos, não apenas supria a ausência de candidatas, mas também representava um momento de humor e descontração, além de revelar a adaptabilidade e a capacidade de improvisação dos alunos, que encontravam formas criativas para manter a tradição do concurso. Enquanto registros históricos das celebrações na EASGF, as imagens revelam aspectos da cultura e dos costumes da comunidade escolar durante o período retratado.

A presença do trator na imagem a seguir, ressalta o cotidiano do manuseio de maquinário agrícola na formação dos estudantes, representando a prática e o aprendizado que marcaram a formação de muitos agricolinos.

Figura 39 - Uso do trator na escola Agrotécnica de Ji-Paraná



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Dois estudantes são o foco da imagem. O estudante mais velho, presumivelmente com mais experiência, está instruindo o aluno mais novo sobre como realizar a manobra de estacionamento. A fotografia, datada de 1996, nos permite refletir sobre o contexto histórico

da época e sobre as transformações pelas quais a Escola Agrotécnica passou ao longo dos anos. Moisés nos contou com nostalgia o momento congelado no tempo por essa fotografia:

Zé Roberto, ele estava tentando colocar esse trator carregado de milho e não conseguia. E vai, e vai, porque era um trator CBT, queixo duro, ruim de lidar. Aí eu cheguei e falei: “Bagaço é Bagaço, por isso que não serve para nada. Senta aí do lado, vou mostrar para você como é que faz.” Fui lá na frente com o trator e o irmão já estava entrando de ré. Estava ensinando para ele como é que colocava, porque eu já era antigo e ele era Bagaço. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Antes de apresentar a fotografia analisada, o entrevistado já havia rememorado a oportunidade que teve em aprender a dirigir um trator, quando estava no primeiro ano, ou seja, no período em que ele era denominado Bagaço:

[...] eu aprendi a dirigir dentro da escola, aulas práticas. Tinha um tratorista que era contratado, o Severino. Quando a gente saía para fazer alguma atividade, normalmente o Bagaço. Bagaço é pau para toda obra! “Ah, preciso buscar água para molhar” ou qualquer coisa. Vai com o trator na carreira buscar água e aí o Bagaço que vai ajudar o Severino. “Ah, preciso buscar pó de serra para botar no galinheiro, na cama das galinhas”. Maravilha, essas coisas. Bagaço que faz essas coisas. Então, o Bagaço tinha muito acesso ao tratorista. **E ele tinha esse capricho de começar a ensinar a gente quando era um local que não tinha risco**, ele falava assim: “senta aqui, vou ensinar você a dirigir”. Aí você ia, passava umas dicas para a gente e todo mundo que entrou na escola saía tratorista. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

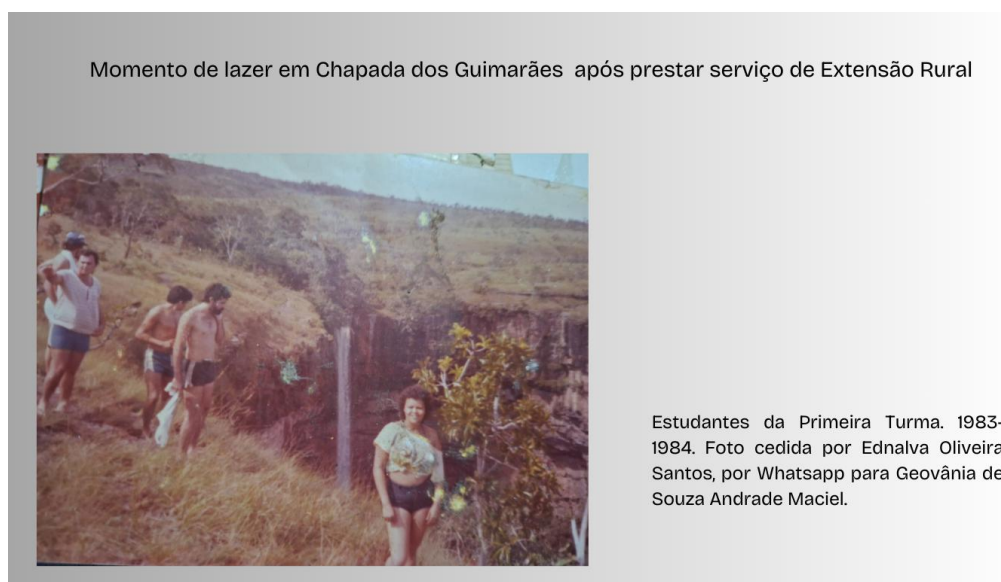
Os testemunhos vividos mostram uma trajetória marcada por experiências significativas, para muitos uma esperança, uma luz no fim do túnel. Oportunidades que ficaram na memória de quem viveu. Alguns lembram da participação representando a escola em uma competição esportiva, outro lembra do trator que aprendeu a dirigir, há aqueles que como Nalva recorda com nostalgia a experiência no curso de extensão oportunizado para os formandos das primeiras turmas:

Aqui é nas chapadas, quando estávamos fazendo o pré serviço de Extensão Rural fui na primeira turma de extensionista ao passar no concurso da EMATER (...) Esse dia foi um dos dias que íamos passar o dia de lazer nas Chapadas dos Guimarães, Veu da Noiva (...) foi uma extensão do nosso curso de Técnico Agrícola, uma preparação para atuar junto ao produtor rural. Aprendemos metodologias de falar simples, sem falar errado; conviver com o produtor rural; a gente tinha que ficar um mês na linha rural, vivendo com o produtor, ajudando-o em todas tarefas; desde tirar o leite a

cortar o arroz para colher. (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024)

Edinalva preservou este momento significativo, registrado em fotografia, e o compartilhou conosco, contribuindo para a memória institucional:

Figura 40 - Momento de lazer em e imersão na prática de Extensão Rural



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Após a formação como Técnico Agrícola, Ednalva e sua turma viveram uma imersão prática que foi fundamental para capacitá-los a atuar de maneira mais eficiente e compreensiva junto aos produtores rurais. Ela recorda que em Várzea Grande o curso oportunizou outras aprendizagens, como:

Fazer folders, folhetos, carta convite ao produtor para eventos; fazer instrumentos para ilustrar palestras; tivemos uma semana de aula para trabalhar no rádio, em programas rurais, para orientar o pequeno produtor via rádio sobre a importância de vacinar o gado, cuidar da higiene, da água potável, da importância de vermifugação dos animais domésticos e da família; Receitas de aproveitamento de alimentos; receita de medicamentos biológicos como remédio a base de folha de fumo para pulgão, *citronella*, para mosquitos. Na rádio fazíamos dois programas por semana. Aí passávamos informativos ao produtor rural, campanhas de vacinas, prevenção à malária, e lógico os produtores escreviam as dúvidas para gente falar no ar... Exemplo: como combater a *cochonilha* do laranjal. Então a gente falava e mandava as receitas. Esse curso me ajudou até hoje. Aprendi a fazer projetos sociais, fazer estatutos, abrir cooperativas. Fiz muitos projetos nessa vida, inclusive fazia de

mestrado e tudo. (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Como retratado nas fotografias e nas lembranças dos entrevistados, percebemos o quanto a vida nos internatos era cheia de aprendizagens e desafios. O documento “*O Internato nas Escolas Agrotécnicas Federais* (Brasil, 1994a) procurou refletir sobre a organização e o funcionamento dos internatos nas Escolas Agrotécnicas de nosso país, buscando estratégias para promover um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades técnicas, sociais e pessoais. Esse documento evidenciou o quanto algumas Escolas Agrotécnicas mantinham raízes históricas com o sistema Patronato Agrícola (previsto no Decreto nº 12.893/1918), e muitas vezes estava servindo como mero pensionato, preocupados com acomodação e alimentação dos estudantes (Brasil, 1918). Por isso, o texto sugere “a desativação gradual do Internato tipo ‘patronato agrícola’, passando a Escola a manter um equilíbrio mais consentâneo entre os alunos externos e semi-internos e os alunos, em caráter permanente” (Brasil, 1994a, p. 18-19). Sem dúvida esse documento foi um dos que colaborou para a perspectiva de fechamento de muitas escolas, principalmente aquelas que não se adaptaram às novas diretrizes e não conseguiram implementar um modelo de internato mais flexível e adequado às necessidades dos alunos.

Na atualidade, o antigo Sistema de Internato é denominado Residência Estudantil⁶³(RE), assim como a tríade Educação, Trabalho e Produção cederam espaço para o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, no âmbito dos Institutos Federais.

Os atuais Programas de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia são regidos e organizados conforme o Regulamento dos Programas de Assistência Estudantil do IFRO que para o atendimento aos estudantes socioeconomicamente vulneráveis propõem os seguintes Programas:

⁶³ A Residência Estudantil é uma modalidade do Programa de Auxílio Moradia (PROMORE) que tem como objetivo ampliar as condições de permanência e êxito dos estudantes matriculados nos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Para tanto, os estudantes devem comprovar vulnerabilidade socioeconômica e que a família seja oriunda da zona rural ou em localidade diferente do município do *campus* inscrito, que seja menor de 18 anos, esteja matriculado em curso de período integral. Mais informações: <https://portal.ifro.edu.br/editais-proen> Acesso em: 25 jan. 2025.

I - *Programa de Auxílio à Permanência* – PROAP: um auxílio que visa contribuir com a alimentação, transporte, entre outras, que possam interferir na permanência e conclusão do curso.

II - *Programa de Auxílio Moradia* – PROMORE: viabilização de auxílio moradia ao estudante socioeconomicamente vulnerável oriundo de outras cidades ou da zona rural, podendo ser em forma de residência estudantil

III - *Programa de Auxílio Complementar* – PROAC: auxílio financeiro ao estudante socioeconomicamente vulnerável que não foi atendido em outros programas de assistência estudantil que impliquem na permanência e conclusão no curso. (Adaptado de IFRO, 2018).

Importante destacar que nos Institutos Federais de Rondônia, nem todos os campi possuem estrutura para a RE. O IFRO de Ji-Paraná é um exemplo de *campus* que não funciona a Residência Estudantil, em decorrência da perda de seu espaço após a ocupação ocorrida entre o final de 1999 e inícios dos anos 2000. Uma vez que a instituição não dispõe do sistema de Residência Estudantil - como ocorre em outros *campus* - o estudante de Ji-Paraná recebe, por meio de edital específico, o auxílio financeiro de acordo com a disponibilidade de recurso disponível na instituição. Dando sequência à nossa análise, exploraremos os critérios de seleção de funcionários e, posteriormente, os de estudantes da referida Escola Agrotécnica.

- *O ingresso dos funcionários na Instituição*

Diferentemente da maioria das instituições Agrotécnicas, que eram administradas no âmbito federal, a escola, por ser estadual, enfrentou dificuldades devido à ausência de um modelo adequado à sua situação. A gestão estadual impedia o acompanhamento das diretrizes, documentos e mudanças organizacionais da rede de Escolas Agrotécnicas Federais, resultando principalmente na falta de funcionários, tanto da área técnica quanto administrativa.

A Secretaria de Educação do Estado administrava uma matriz curricular agrícola sem ter conhecimento técnico necessário e enfrentava a ausência de professores especializados na área técnica. No início, a solução encontrada para essa adversidade, foi a promulgação pelo Chefe do Poder Executivo Estadual, do Decreto nº 2123 de 11 de maio de 1984 (Anexo II), efetivando a Desmunicipalização dos servidores da Prefeitura Municipal de Ji-Paraná, relacionados no decreto, para “lotá-los na Secretaria de Educação”.

Assim, inicialmente, muitos dos nomes presentes no decreto eram Engenheiro Agrônomo, Zootecnista, Engenheiro Florestal e Médico Veterinários, mas também havia Auxiliar de Copa e Cozinha, Agente Administrativo, Condutor de Viatura, Vigia e Professores de 1º e 2º Grau. Eram servidores do quadro municipal que passaram a compor o quadro estadual de funcionários, para legalmente poderem atuar na Escola Agrícola Estadual SGF.

As memórias dos servidores entrevistados confirmam a necessidade de profissionais para trabalharem na instituição:

Olha, para chegar na Escola Agrícola, eu tenho que chegar na (escola) 3 de maio. Eu cheguei na (escola) 3 de maio, eu acho que eu tinha 18 anos, sei lá. Eu era da idade dos alunos que tinham lá. Então, **precisava de professora e eu estava lá na minha casa ‘livre, leve e solta’ e a diretora da escola, que eu nem conhecia direito, me chamou para ir trabalhar lá. E eu, de professora, só sabia brincar, de escolinha com criança quando era pequena.** Mais tarde, eu trabalhei lá na 3 de maio, um período até 80 (...) Final de 88. E depois eu fui para a Escola Agrícola. Mas eu saí de lá com muita pena, porque eu fui para a Escola Agrícola trabalhar na biblioteca. (...) E, dali o professor Alexandre, professor Alejandro, me chamou para trabalhar na secretária, para ajudar lá na secretária. E eu fiquei até fechar a escola na secretária, ali. (Elenir Rodrigues Muniz Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. Grifo nosso).

A história de Elenir, que recém completada maioridade e sem formação específica foi chamada para trabalhar no recém-criado Estado de Rondônia, comprova a política de necessidade que acontecia em nosso Estado desde os anos de 1970. Nesta década muitas pessoas mudaram para a Rondônia respondendo a demanda de oportunidades, oferecida pela política de incentivo ao povoamento e desenvolvimento da região, visto que Rondônia era apresentada pelas propagandas estatais como o “Novo Eldorado”. Podemos pensar no salto de desenvolvimento do Estado de Rondônia e consequentemente do município de Ji-Paraná, ao ver as descrições de Hervé Théry quando em 1974 esteve em Rondônia, para assim desenvolver sua tese intitulada *Rondônia: Mutações de um Território Federal na Amazônia Brasileira*. Alguns aspectos da região apontado pelo autor nos faz compreender melhor as necessidades daquela época:

Perante as carências da Secretaria de Educação, o INCRA⁶⁴ implementa seu próprio sistema escolar: escolas primárias espalhadas, primeiro debaixo de palhoças provisórias, depois em prédios padrão que os carpinteiros constroem em alguns dias e que servem também para os cultos, as reuniões de parceiros e as festas. Na sede, deve ser oferecido o ginásio, mas ele só funciona em Ouro Preto e Cacoal, por enquanto. Além disso, o INCRA, em articulação com o Movimento Brasileiro de Alfabetização/ MOBRAL, oferece cursos para os adultos. Um curso de alfabetização funcional é realizado em 5 meses, os livros sendo fornecidos pelo MOBRAL. É possível, depois disso, fazer o supletivo para as crianças, ou o Projeto Minerva pelo rádio para os adultos. (Théry, 1976, p. 112. grifo nosso)

O ginásio,⁶⁵ citado pelo autor, corresponde ao atual Ensino Fundamental, e sua oferta nos anos de 1970 ocorriam apenas nas cidades de Ouro Preto e Cacoal, não sendo citado o colegial que corresponde ao Ensino Médio. O autor apresenta em sua pesquisa a Rondônia de 1974, ou seja, “um laboratório onde grupos humanos bem identificados implementavam, em um espaço ainda quase vazio, novas formas de ocupação do espaço, com inevitáveis concorrências e conflitos.” (Théry, 1976, p. 7).

Nessa época, Ji-Paraná ainda era denominada Vila de Rondônia, mas tinha destaque como um dos principais pólos de colonização do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nas palavras do autor a Vila de Rondônia era a região “mais ativa e a mais povoada”, ainda que não tivesse sido “elevada à categoria de município” (Théry, 1976, p. 151), o que aconteceu somente em 11 de outubro de 1977, por meio da Lei n. 6448, artigo nº 47, em que o Presidente Ernesto Geisel concedeu a emancipação de Vila de Rondônia, instalando-a como Município do Território Federal de Rondônia, e denominando-a de Ji-Paraná (Brasil, 1977).

⁶⁴ O INCRA, estabelecido pelo decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, tinha a missão prioritária de realizar a reforma agrária, promovendo a ocupação de espaços vazios do território nacional, com enfoque principal na região Amazônica, mas com o fluxo de imigrantes e as autoridades sem condições de monitorar e canalizar as transformações atuais, fizeram o INCRA assumir outras funções, dentre as quais: construir escolas e contratar professores, já que profissionais e orçamento eram “muito insuficientes para absorver um número sempre crescente de crianças a escolarizar” (Théry, 1976, p. 68).

⁶⁵ Ao nos voltarmos às legislações que regem a Educação no Brasil encontramos a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) da década de 60 (Lei 4024/61) considerando os níveis *Primário* (1º ao 4º ano), *Ginasial* (5º ao 8º ano) e *Colegial* (1º ao 3º ano). Em 1971, a LDB 5692 introduziu os termos ensino de *1º Grau* (do 1º ao 8º ano) e de *2º Grau* (correspondente hoje ao ensino médio). Somente em 1996 a LDB 9394 trouxe os conceitos *Ensino Fundamental* e *Ensino Médio*.

Considerando o contexto histórico e as especificidades da região, os desafios enfrentados pelo INCRA em Rondônia na década de 1970, foram inúmeras dificuldades no que se refere ao atendimento das demandas educacionais emergentes:

O principal problema encontrado pelo INCRA é o de recrutamento de professores, apesar do fraco nível requisitado (conclusão do primário). O baixo nível de salário (um salário-mínimo, 300 Cruzeiros) faz com que os únicos candidatos sejam as filhas de parceiros, que aumentam, dessa forma, a renda familiar, um pouco mais que com o trabalho da roça. (Théry, 1976, p. 112).

Na fotografia a seguir, Théry capturou a simplicidade das primeiras escolas da década de 1970: construções em madeira sem muita estrutura e que além de servirem para atividades escolares eram aproveitadas para outras demandas religiosas, políticas ou comemorativas.

Figura 41 - Escola rural construída pelo INCRA



Fonte: Hervé Théry, 1976, p. 112.

Portanto, após uma década, podemos afirmar que ocorreu uma significativa evolução na oferta educacional, evidenciada pela expansão e implementação de escolas a nível de ensino médio. Contudo, a presença de docentes com formação adequada ainda era insuficiente. O professor Carlos Brandão relembrou os critérios utilizados para a sua contratação:

[...] para entrar na Escola Agrícola, a gente fez um teste. **Naquele tempo era um teste, não existia concurso. Porque era este território e a necessidade de mão de obra era muito grande. Não tinha ninguém para suprir as necessidades da parte pedagógica.** Inclusive, a gente era, eu como zootecnista, lecionando zootecnia, era leigo, porque não tinha pedagogia. (...)

Porque era o ex-território, depois é que passou a Estado. Esse teste que a gente fez, era um formulário que tinha que atender as necessidades básicas da escola, devido à deficiência. Não tinha professor. Aí a gente fez um teste... Inclusive, teve um psicotécnico também que fazia parte dessa admissão no colégio. (Carlos dos Santos Brandão. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A ausência de professores sem formação foi citada pelo professor Hugo durante a entrevista. Hugo nos informou ainda que *os professores foram contratados pela prefeitura na época*, porém enfatizou a vantagem da Escola Agrotécnica em relação às outras instituições educacionais: *Na época nós tínhamos um corpo de professor muito bom, meio escolhido a dedo mesmo*. Com a anuência da administração, a gestão tinha apoio para escolher os professores mais competentes do município para atuar na instituição: *A gente prezava muito por isso, pela qualidade desses professores* e tão logo eles se efetivaram no quadro de funcionários do Estado.

De acordo com Hugo Coelho, a dificuldade estava no fato de que alguns professores recusavam o trabalho devido à localização remota da Escola Agrotécnica, longe da cidade. No entanto, aqueles que aceitavam a oferta de trabalho, além de serem bons profissionais, demonstravam uma verdadeira vontade de trabalhar: *Na época a gente corria atrás desses professores (...) Sempre que a gente tinha necessidade*. Em outro momento da entrevista, ele complementou dizendo que só aceitava trabalhar na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná *quem queria mesmo, porque não era fácil; as outras escolas eram mais próximas*.

A realidade da Escola Agrotécnica, com a escassez de professores dispostos a trabalhar em sua localização isolada, era um reflexo das dificuldades enfrentadas pela população de Ji-Paraná na época. Marcos Antônio Thomas, filho de Maria Luiza Auer, compartilhou conosco suas lembranças de infância, oferecendo um retrato vívido de como essas dificuldades impactavam o dia a dia das famílias:

Tudo era chão, não existia asfalto nem nada. Eu lembro que nós morávamos no Primeiro Distrito, não, no Segundo Distrito, ali em Nova Brasília. E a escola agrícola era no primeiro distrito e bem longe ainda, bem longe do centro. Eu lembro como se fosse hoje. Então, assim, era uma jornada gigantesca pra eles irem trabalhar. Eu lembro que eu, às vezes, pequeno, fazia comida e ia levar pra eles de

bicicleta. E eram muitos quilômetros, raios de quilômetros, que eu não sei quantos, dez, mais, não sei, quase dez, sei lá. (Marcos Antônio Thomas, intermediário da entrevista com sua mãe, Maria Luiza Auer. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A precariedade da infraestrutura urbana de Ji-Paraná, marcada pela ausência de iluminação pública, deixou marcas profundas na memória de Maria Luiza. Ao ser questionada sobre uma das memórias marcantes da época (positiva ou negativa), ela expressou a essência do seu temor em uma frase concisa: “Medo ao ir pro trabalho na escuridão, pois as ruas não eram iluminadas”.

Maria Lúcia da Silva, que integrava o corpo de funcionários desde os primeiros dias do funcionamento, nos explicou que diante da necessidade urgente de pessoas para trabalhar, ela conseguiu seu emprego na Escola Agrotécnica sem precisar realizar concurso público:

Quando eu entrei lá (na Escola Agrotécnica), **não foi através de concurso, não**. Na época, precisava abrir as coisas, precisava de pessoas para trabalhar, e ela chamava a gente, mas não foi através de concurso, não. Eu já tinha conversado com o prefeito, para ele arrumar um trabalho para mim, porque eu estava precisando de um trabalho. E a gente ficou aguardando. Aí, **quando inaugurou o agrícola, ele mandou me chamar para ir trabalhar lá**. E aí é onde eu fui trabalhar, mas não teve concurso, não. Na época, não tinha, né? Era difícil. Então, foi assim.(...) na época era Assis Canuto, que era o prefeito. (Carlos dos Santos Brandão. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A funcionária pioneira da instituição nos relatou como ocorreu a contratação de seu esposo, José Thomaz Meura (na época ambos não se conheciam). Segundo Maria Lúcia, ela já trabalhava há quatro anos na EAESGF quando o senhor José, recém-chegado à cidade de Ji-Paraná, foi até a instituição verificar a possibilidade de emprego. No mesmo dia, ele conversou com o diretor da Escola Agrotécnica e iniciou sua função como inspetor de alunos, o que lhe rendeu o apelido de ‘seu coronel’.

Fica nítido por meio das entrevistas, que a ausência de mão de obra na década de 70, prosseguiu nos anos 80 quando a Escola Agrotécnica começou suas atividades. Igualmente, Belmiro (participante das memórias que serão apresentadas na próxima etapa referente ao Centro Estadual de Educação) em seu relato, detalhou o processo de contratação ao chegar em Rondônia em 1984, evidenciando a acentuada escassez de pessoal qualificado na região:

Nesse meio tempo, em uma dessas viagens indo e voltando pro Mato Grosso, eu conheci uma moça que trabalhava na secretaria de administração em Porto Velho e ela falou assim: “Mas você tá lutando por um negócio que não existe, Pô não precisa disso! Vai para Rondônia, lá em Rondônia você chega e eu garanto, eu trabalho dentro da secretaria de administração, você vai chegar e vai ser contratado. Qualquer pessoa com ensino médio para frente que chegar em Rondônia hoje é contratado”. Mas a primeiro momento eu achei um absurdo, mas no ano seguinte eu vi que era a solução. Nunca mais encontrei essa querida, não sei se ela ainda existe, nunca mais tive um contato porque eu não peguei nenhum contato dela, foi só uma conversa de ônibus. (...) Para os quatro primeiros anos não (precisou fazer concurso), que foi 82 83 84 e 85 até 85, exatamente, até aí os que chegaram a partir de 86 já tiveram (que fazer concurso), eles foram contratados de imediato, mas posteriormente tiveram que fazer prova. Desculpa, os que já chegaram em 85 tiveram que fazer prova, a minha esposa chegou em 85 e ela teve que fazer prova depois, teve que fazer, passar por um concurso depois. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

O relato de Belmiro ilustra a dinâmica do mercado de trabalho em Rondônia na década de 1980, um período de expansão e demanda por mão de obra, impulsionado pela construção da BR-364, e pela exploração de minérios. A informação recebida no ônibus, embora inicialmente considerada absurda, revelou-se verdadeira quando colocada em execução. A carência de profissionais qualificados era tamanha, que a contratação direta era uma prática comum, até o ano de 1985, mesmo para aqueles com apenas ensino médio completo. Belmiro, recém-formado em Educação Física, foi contratado no mesmo dia que chegou.

Em todos os cargos era notável a necessidade de mão de obra, e no que diz respeito ao levantamento *in loco* realizado pela Secretaria de Educação do Estado de Rondônia em 1988 e explicitado pelo Decreto nº 3.713/1988: “cerca de sessenta por cento dos candidatos aprovados no concurso público realizado em 22/02/88 não têm condições de cumprir as exigências legais de documentação, especialmente os referentes a registro de diploma e carteira do MEC” (Rondônia, 1988a).

Carlos Brandão, durante a entrevista, lembrou do concurso, explicando que *a gente fez um teste naquele tempo. Esse teste equivalia a um concurso, porque naquele tempo não existia concurso*. À medida que nos aproximávamos de 1990, a necessidade de trabalhadores na educação persistia. O Decreto nº 3.713/88 estabelecia que os candidatos aprovados teriam seus contratos rescindidos assim que apresentassem a documentação necessária, para que fosse efetivada a posse e nomeação; em relação aos candidatos não aprovados ou aqueles que

tivessem documentações incompletas, seriam contratados pelo regime celetista, com prazo não superior a 31 de dezembro de 1988 (Rondônia, 1988a).

A mudança nas políticas de contratação, com a introdução de concursos públicos a partir de 1985, reflete as exigências legais de critérios mais rigorosos para a seleção de funcionários. Contudo, devido à ausência de documentação comprobatória por parte de muitos professores que atuavam suprimindo a demanda de recursos humanos do Estado, foi publicado o Decreto nº 3.808 de 22 de junho de 1988, com a intenção de *regularizar a contratação de professores aprovados no concurso público* (Rondônia, 1988b). Esses professores foram contratados até 31/12/1988 pelo regime celetista e, a partir dessa data, foram empossados em regime estatutário, cessando automaticamente todas as prerrogativas do regime de Consolidação das Leis Trabalhistas (com exceção da liberação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), mesmo sem apresentar a devida documentação.

Hugo revelou que foram realizados vários cursos com o objetivo de melhorar a qualificação dos docentes da área técnica da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná:

Na época nós tínhamos muito treinamento. Na época nós fomos muito bem treinados, graças a Deus. Principalmente quando passou para o Estado. É tanto que nós fizemos a **complementação pedagógica**. Isso aí foi um espetáculo. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. Grifo nosso).

Ainda a respeito da melhoria para a qualificação dos professores técnicos, o entrevistado Carlos Brandão recordou que o “*Estado fez essa solicitação da Universidade para que a UNIR pudesse preparar os professores que eram técnicos, mas que não eram*”. Portanto, a História da Educação de Ji-Paraná se entrelaça com a do Estado de Rondônia, formando um capítulo digno de rememorar. Mesmo diante da precariedade de infraestrutura material e recursos humanos, um momento histórico aos poucos se delineava na Educação de Ji-Paraná e demais regiões. Para atender às demandas de uma população em rápido crescimento, foram contratadas pessoas despreparadas, o que fez com que a Formação Profissional e Pedagógica se tornasse uma urgente demanda para o Estado.

- *O ingresso dos estudantes na Instituição*

Atualmente, para ingressar nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), é necessário participar de um Processo Seletivo Unificado (PSU). Não é necessário a realização de uma avaliação. Em vez disso, o candidato deve ler atentamente as regras do edital vigente e se inscrever lançando suas notas do Ensino Fundamental II. As notas/conceitos anuais constantes no histórico escolar (boletim escolar ou documento equivalente) serão a base para avaliar e classificar os candidatos em uma única etapa, considerando o desempenho nas disciplinas de base comum (Língua Portuguesa e Matemática, Ciências, História e Geografia, do 6º ao 8º Ano do Ensino Fundamental). Mas será que foi sempre assim?

Nas décadas de 1910, quando surgiram as Escolas de Aprendizizes Artífices, o propósito era atender os “desfavorecidos da fortuna” e prepará-los para o trabalho técnico e intelectual em favor do desenvolvimento do país. Passado algumas décadas, as Escolas Industriais e Técnicas substituíram o objetivo assistencialistas aos carentes, pela busca da formação de menores para o mercado de trabalho. Segundo Martins e Costa (2021, p. 12), “a partir da década de 1950 contribuiu decisivamente para que os exames vestibulares se tornassem a forma preeminente de ingresso nos cursos”.

Os estudos de Martins e Costa (2021) mostram uma tabela com os tipos de processo de admissão por unidades e vagas da Rede Federal em 2019:

Tabela 3 - Processos de admissão na Rede Federal em 2019

TABELA 1 – Tipos de processo de admissão por unidades da Rede Federal e vagas (2019)		
TIPOS DE PROCESSO	UNIDADES DA REDE	VAGAS OFERTADAS
Sem processo	11 (1,8%)	1.005 (0,7%)
Vestibular	340 (56,8%)	86.597 (57,2%)
Vestibular e redação	56 (9,3%)	12.823 (8,5%)
Vestibular e provas discursivas	8 (1,3%)	1.919 (1,3%)
Análise de currículo	135 (22,5%)	32.969 (21,8%)
Sorteio	11 (1,8%)	5.173 (3,4%)
Vestibular / análise de currículo	1 (0,2%)	258 (0,2%)
Vestibular / sorteio	8 (1,3%)	1.656 (1,1%)
Vestibular / exame de aptidão	2 (0,3%)	1.929 (1,3%)
Vestibular e redação / exame de aptidão	8 (1,3%)	1.927 (1,3%)
Vestibular / entrevista / análise de currículo	1 (0,2%)	185 (0,1%)
Vestibular / análise de currículo / chamada pública	18 (3%)	5.042 (3,3%)
TOTAL	599 (100%)	151.483 (100%)

Fonte: Martins e Costa (2021, p. 18).

A Tabela revela a diversidade de métodos de admissão utilizados pela Rede Federal, refletindo a busca por diferentes formas de avaliar os candidatos e selecionar aqueles mais adequados para cada curso e instituição. A predominância do vestibular indica que ele ainda é a principal forma de acesso. A análise de currículo aparece como o segundo método mais frequente, mas observa-se também a presença de diversas combinações de métodos, como vestibular com redação, provas discursivas e sorteio, indicando a busca por diferentes formas de avaliar os candidatos.

Os métodos de ingresso e os processos seletivos, variando ao longo do tempo e entre instituições, revelam as políticas de acesso ao ensino profissionalizante de nível médio e as particularidades de cada escola. Especificar o perfil de estudante de ingresso é o caminho inicial para compreender as responsabilidades que devem sustentar o Projeto Político Pedagógico de cada instituição. Na atualidade há uma diversidade de formas de ingresso nas diferentes instituições espalhadas pelo país, mas focamos um pouco em reviver o modo de ingresso dos estudantes da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, nas décadas de 1980 e 1990.

Alguns entrevistados compartilharam memórias que reforçam a autonomia pedagógica da instituição de ensino, uma vez que os gestores desde o início possuíam

liberdade em adotar o modelo de seleção de acordo com o perfil do ingresso e com os arranjos produtivos da instituição.

As memórias da primeira turma de agricolinos (1981-1983) reportam sobre a divulgação aos quatro cantos do Estado com o objetivo de fazer o nome da Escola ser conhecido na sociedade rondoniense, construindo assim uma reputação de excelência e atraindo futuros alunos para a instituição. Não houve necessariamente um processo seletivo rigoroso; em vez disso, foi feita uma intensa propaganda para garantir sua aceitação e reconhecimento pela comunidade:

Teve um edital chamando, convocando para se inscrever na Escola Agrícola, que seria um curso técnico, profissionalizante, que teria um internato, que os alunos iam e a escola seria custeada pelo município de Ji-Paraná em convênio da Prefeitura com o Estado de Rondônia. (...) As pessoas dos outros municípios **já vieram embora, já com a transferência e já foram se inscrevendo**. Não teve nenhuma espécie de seleção, como era comum nos anos 80. Nem para trabalhar no governo tinha seleção, era só alguém indicar e você começava. Aí o que pegou foi o edital, que no edital não falava “não teremos alojamento para as mulheres”. Lá falava só que os alunos de outros municípios podiam vir para estudar, que teria alimentação e alojamento para ficar. Sem custos, sem despesas. Aí todo mundo veio para estudar. (...) (Edinalva Oliveira dos Santos. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024. Grifo nosso).

Hugo, que esteve na gestão da instituição, enfatizou a prioridade com relação aos filhos de agricultores, visando garantir o acesso à educação técnica e o desenvolvimento de profissionais qualificados para o setor:

Foi dada assim uma ênfase muito forte nisso. Então, os nossos alunos eram filhos de agricultores, salvo algumas exceções, muito poucas. A grande maioria eram filhos de agricultores. Então, eram as pessoas que já eram do ramo. Sabiam o que queriam. E os pais apoiavam bastante nesse sentido. Então, eu acho que uma das coisas que fez a escola dar certo foi isso. Veio gente do estado inteiro, mas já pessoas do campo. E aí, deu muito certo. (Hugo de Alencar Coelho Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

As lembranças de Braz destacaram as vantagens da Escola Agrotécnica ao receber estudantes das áreas rurais; no entanto, o inspetor de disciplina recordou que ao abrir exceções para o ingresso de estudantes da cidade, surgiam problemas para a equipe resolver: *Eles eram alunos todos assim, dedicados. A maioria deles vinha das áreas rurais. Mas também o que*

estragava na verdade era que eles abriram exceção para o pessoal da cidade também. E uma coisa, não tinha a ver com a outra. (...) Tinha que ser da área rural, tudo.

As primeiras turmas não precisaram realizar qualquer teste para o ingresso na instituição de ensino agrícola. Mas com o passar do tempo, *depois que a escola pegou o nome, na qualidade do ensino* (Hugo, 2024), foi necessário buscar novos meios de seleção para o ingresso escolar. O diretor da época, Hugo, nos contou a respeito do material que passou a ser produzido pela própria equipe de professores da Escola Agrotécnica, com a finalidade de distribuir nas escolas de Ji-Paraná e de outros municípios divulgando o exame de admissão da instituição:

Todo ano, a gente fazia um materialzinho. E antes dos exames de admissão, a gente saía nos municípios, distribuía nas escolas, fazia algumas palestras. Fazíamos uma divulgação ‘corpo a corpo’. Até as cidades mais longe, tipo Costa Marques, Guajará-Mirim. E a gente tinha uma grande procura. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Com o aumento do número de interessados ao ensino médio na Escola Agrotécnica, surgiu a necessidade da realização de teste para admissão. De acordo com Hugo, foi constituída uma comissão para acompanhar o processo de elaboração, aplicação e correção das avaliações. Os professores de Matemática e Língua Portuguesa eram responsáveis pela elaboração das questões da prova. A partir disso a escola passa a ter “*uma clientela mista*”. Hugo enfatiza também a qualidade da instituição na formação dos jovens para a necessidade de mão de obra do Estado em desenvolvimento:

Num contexto geral, assim, o que eu sempre gosto de salientar é o fato de o seguinte: essa escola, quando ela aconteceu, existia uma necessidade enorme desse tipo de mão de obra que ela produziu. Era uma carência no Estado, fora do comum. Então, ela surgiu no momento, até podia ter saído um pouquinho antes. Então, esses meninos que se formaram, do primeiro ano, todos, sem exceção, saíram e foram trabalhar na área. Isso é importante. Todos, cem por cento, saíram e foram trabalhar na área. E esses meninos se projetaram muito. (Hugo de Alencar Coelho. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A respeito do processo de seleção da década de 1990, o agricultor Moisés também nos apresentou suas memórias que revelam aspectos importantes sobre a forma de seleção dos estudantes, aparentemente uma perspectiva com intenção mais inclusiva:

Você fazia duas provas objetivas. Tinha 30 vagas. Nas 30 vagas tinha a cota: 10% era mulher, 10% eram para índio e 10% era para ‘mão fina’. A mão fina era quem morava dentro de Ji-Paraná ou nunca trabalhou na lavoura. Tinha essas cotas. Então assim, na nossa turma de 30, entraram 3 mulheres, 3 mão finas e 3 indígenas. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Durante a entrevista, Moisés nos contou que a seleção acontecia por meio de três etapas: prova objetiva nas cidades polos, prova objetiva em Ji-Paraná e entrevista. A primeira fase era a realização de uma prova em Porto Velho e outras cinco cidades: Vilhena, Ji-Paraná, Ariquemes, Costa Marques e Guajará-Mirim. A partir do resultado dessa prova, selecionavam os 150 melhores estudantes, que participariam da segunda prova em Ji-Paraná; a segunda prova resultaria na classificação de mais 50 estudantes que participariam de uma entrevista e de um teste psicotécnico; selecionando os 30 estudantes a ingressar na instituição desde que preenchesse o número de cotista já citado. Após falar sobre a forma do ingresso, Moisés volta no tempo para rememorar o detalhe do momento em que passou pela etapa da entrevista:

Eu me lembro quando eu entrei na sala. Naquele dia eu tinha 15 anos e ele falou assim, umas perguntas, ele falou assim: “Você quer estudar aqui por que?” E eu falei: “Onde eu moro não tem ensino médio, terminou a oitava série, não tem mais o que fazer”. E ele falou assim: “Você faz o que na vida?” Eu falei “Eu trabalho na roça”. E ele falou: “Deixa eu ver sua mão”. A mão era calejada, de cabo de foice, enxada, serviço de toda a natureza na roça. Ele passou os dedos assim, anotou numa prancheta, lá na ficha dele. E falou assim: “Pode chamar o próximo”. E só entrou 21 cabras da roça. Quem tinha mão grossa, vinte um entrou. Tanto que era essa turma que fazia a frente, para tirar leite, para cuidar, apartar bezerro, tratar de porco, galinha. Tudo era nós que fazíamos. E tinha de tudo, era uma fazenda, coisa linda aquilo ali. Cavalo, pomar, nós produzíamos ovos para a escola, nós produzíamos frango para a escola, nós produzíamos mel para vender na cidade, verdura para sustentar toda a despesa da escola, leite. Era muito bom viver. A escola era bem, bem estruturada. Era bom viver na escola. Nós tínhamos trator, tínhamos ônibus, micro-ônibus, tínhamos maquinário. Bastante coisa. Misturador de ração para as galinhas. Muito porco. Eu amava a escola. Eu fui o último a deixar a escola da minha turma. Todo mundo foi embora e eu fiquei na escola. Não queria sair. Porque aquilo ali foi a salvação da minha lavoura. Eu não tinha perspectiva de escola. Eu conversava com meu irmão: “E agora? Eu termino a oitava série e vou ficar na roça”. E, graças a Deus, surgiu uma luz. Da luz veio aquela escola. Eu fiquei muito feliz. (Moisés Pereira Barros. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A narrativa do agricolino entrevistado evoca uma memória detalhada sobre uma importante época de sua jornada adolescente quando conseguiu a oportunidade de estudar na Escola Agrotécnica. Ele relembra o processo seletivo na qual mostrou suas mãos calejadas do trabalho pesado na roça, ao mesmo tempo que lembra a estrutura da instituição com

plantações, criações de animais diversos, sem esquecer o trator, objeto que remonta outras memórias vividas na EAESGF, já narradas em outros subtópicos.

- *O fechamento da Instituição*

Durante quase duas décadas em funcionamento a instituição ofertou os cursos técnico em Agropecuária e Técnico Florestal, atendendo um total de 2.278 estudantes, conforme informações cedidas pela Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Ji-Paraná.

Tabela 4 - Número de estudantes atendidos nas primeiras décadas

ANO	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
ESTUDANTES ATENDIDOS	105	106	141	107	83	134	192	86	64	84
ANO	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
ESTUDANTES ATENDIDOS	115	171	144	141	155	158	166	86	40	-----

Fonte: A pesquisadora, a partir de Rondônia, 2021.

Diante de tantas vozes emanadas no transcurso das entrevistas e com as fotografias que ressuscitaram memórias vividas, percebemos que a instituição oportunizou contribuições para a sociedade rondoniense. Foram quase dois mil e trezentos estudantes que experienciaram uma educação técnica e a pergunta que inquietou muitos foi: *Por que razão ocorreu o fechamento da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná*, apesar dos inúmeros benefícios oferecidos à sociedade?

Os relatos dos que vivenciaram a história da escola não apenas expressam descontentamento com seu fechamento, mas também oferecem pistas cruciais sobre os fatores que levaram ao fim de suas operações, sintetizados no seguinte Quadro:

Quadro 8 - Possíveis causas para o fechamento da instituição

Razões Possíveis	Memória dos Entrevistados
Falta de autossuficiência: Apesar de produzir utilizando as práticas dos estudantes, em vários momentos a escola não conseguia suprir sua demanda e passava a depender de recursos externos de Porto Velho.	“A escola nunca foi autossuficiente. Foi um dos motivos que fechou. Ela não era autossuficiente. Dependia tudo de Porto Velho. Entendeu? Então, um dos motivos de fechar foi a dificuldade de manter a parte de alimentação, então”. (Braz)
Problemas financeiros: Os recursos ofertados pelo estado eram insuficientes para suprir a demanda da instituição e o diretor não tinha autonomia financeira para resolver os problemas da escola. Falta de apoio governamental: Havia uma percepção de que os governantes não enxergavam a importância da escola da mesma forma que o diretor, os professores e os pais.	“Ah, eu acredito que a dificuldade que existia ali na escola, a gente volta a falar, era financeira, de repente foi o financeiro que pegou mais. (...) O diretor não tinha de repente... não tinha autonomia para ele se virar, porque ele tinha que cantar, como diz, jogar, defender. Ele tinha que chutar e defender numa situação só. Então, a gente via o diretor, eu via o diretor chorando. Isso aí eu vi. Então, da pessoa dizer “eu vou largar isso”. Porque ele não tinha um apoio, de repente, até dos governantes. A escola, em si, fez o papel dela. A gente via que ajudou muito as comunidades, não só de Ji-Paraná, mas do Estado. Porque ali era uma mistura, de ponta a ponta do Estado estava ali nessa escola. Então, o que eu via de maior dificuldade mesmo era a falta de apoio. De repente, os governantes não viam com os mesmos olhos que o diretor via, que o professor via, que os pais viam”. (Elenir)
Dificuldades com alimentação: Houve períodos em que os recursos financeiros eram tão escassos que a alimentação dos alunos se tornou um problema sério. Eles passaram um mês comendo apenas arroz, feijão e abóbora, pois não havia carne ou outros alimentos disponíveis. O professor buscava suprir as necessidades pedindo doações nos comércios de Ji-Paraná.	“Nós tivemos momentos difíceis. Se não me falha a memória, no terceiro ano, quando as questões financeiras do Estado, verbas estaduais que não chegavam, nós passamos um momento muito difícil comendo arroz, feijão e abóbora. Não tinha carne, não tinha nada. Era arroz, feijão e abóbora. Ficamos nessa brincadeira por mais de 30 dias. Muito difícil. Porque ainda bem que tinha abóbora produzida na horta. O professor Seixas, como diretor, tinha que estar pedindo ajuda no comércio. Tinha que pedir arroz de um, pedir feijão de outro pra poder ver se conseguia manter a alimentação da gente pra não ser preciso mandar os alunos embora. Passamos por essa dificuldade na escola no nosso tempo. Qualquer um lembra disso.” (Moisés)
Falta de Recursos Humanos: A saída de funcionários por aposentadoria ou outras razões e a falta de substituições adequadas também contribuíram para a dificuldade de gestão da escola. Incertezas sobre a Federalização: Informações sobre o possível fechamento da escola causaram incertezas e preocupações entre os funcionários, levando muitos a buscar outras oportunidades em outros lugares, o que prejudicou ainda mais o	(...) foi falta de gente para correr atrás disso aí. Correr atrás mesmo. Porque, como eu falei no início, não é fácil tocar uma escola dessa. Só um diretor, um vice-diretor, não toca. Ou é todo mundo, ou nada. Então, eu acho que o segredo é isso. Começaram a sair algumas pessoas, alguns aposentados, já estavam mais velhos, outras pessoas saíram. Na época teve muito comentário assim: “ah, o pessoal que é federal vai ter que ir para a ordem federal”. Então, várias pessoas saíram pensando

funcionamento da escola. Outra informação é que os funcionários federais que estavam atuando na Escola Agrotécnica Estadual deveriam se adequar procurando um órgão federal para trabalhar.	nisso. Porque saía muita informação de que o pessoal que é federal vai ter que ir para a ordem federal. Mas já começou a pensar, então já procurar um lugar, porque senão depois vão te mandar para outro lugar. Eu acho que isso atrapalhou um pouco”. (Hugo)

Fonte: A pesquisadora a partir das entrevistas, 2025.

Importante frisar que a constante transformação da administração política e das demandas sociais, impulsionam, consequentemente, as modificações das estruturas e discursos dos órgãos administrados. Assim, nas décadas de 1990 verificamos uma nova tendência política se desenhando no entorno do Sistema de Internato, principalmente devido ao custo envolvido aos cofres públicos.

Nos deparamos, por exemplo, com o documento "O internato nas Escolas Agrotécnicas Federais" (Brasil, 1994a) (já citado em outros momentos da pesquisa) em que a Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), afirma dedicar atenção especial à questão dos Internatos nas Escolas. Contudo, ao apresentar a situação atual e as perspectivas do Internato, o órgão constata a existência de um “custo elevado resultante da abrangência dada à concepção do Internato” (Brasil, 1994a, p. 9) principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste. Podemos deduzir que o documento traz como alternativa a diminuição do quantitativo de estudantes em sistema de internato, conforme alguns trechos transcritos a seguir:

Nesse sentido, "a maior integração das Escolas com as comunidades circunvizinhas" **poderia criar condições adequadas para diminuir o número de alunos internos em caráter permanente**, e consequentemente diminuir o custo elevado resultante da manutenção das características atuais do Internato. (...) (Brasil, 1994a, p. 10).

(...) não se devendo necessariamente estender o regime de Internato em caráter permanente a todos os alunos indiscriminadamente. Na programação específica da Escola **caberia o oferecimento de vagas em regime de semi-internato e de externato**, em função da integração que se tornasse possível com as comunidades circunvizinhas. (Brasil, 1994a, p. 13).

A Escola Agrotécnica hoje deve caracterizar-se como uma escola de tempo integral para seus discentes, o que entretanto **não a obriga a fornecer alojamento e refeições para todos os seus alunos** no seu próprio *Campus*. (Brasil, 1994a, p. 18). O atendimento a alunos carentes, sob a forma de Internato em regime permanente, nos alojamentos dos *campi* das Escolas **deve ser cuidadosamente substituído por outras modalidades de apoio**, que possam também melhor contribuir para a integração social e a satisfação das necessidades psicológicas dos alunos. (Brasil, 1994a, p. 23).

Além de uma política nacional que visava substituir gradualmente os estudantes internos por externos e semi-externos, notamos aspectos locais importantes. Na época, alguns funcionários fizeram a transição de cargo estadual para federal. Como a instituição era estadual, havia preocupação de que essa mudança poderia prejudicá-los. Isso levou muitos funcionários a buscarem lotação em um órgão federal, consequentemente, a instituição estadual começou a sofrer com a falta ainda maior de pessoal experiente e capacitado.

É imprescindível mencionar que o Decreto 2.208/1997 (Brasil, 1997) - cujo objetivo era regulamentar a Educação Profissional no país - ao efetivar a separação entre a Educação Técnica voltada para a formação Profissional e a modalidade Ensino Médio, culminou no enfraquecimento de algumas instituições, já que o decreto impedia a continuidade da Educação Técnica integrada ao Ensino Médio. Sob esse mesmo ponto de vista, Edeli Oliveira (2023, p. 13) pontua que:

De modo sintético, pode-se dizer que a Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria vivenciou os embates e crises de seu tempo, crise, esta, acentuada com a publicação do Decreto n.º 2.208, de 17 de abril de 1997 (Brasil, 1997), que impôs maior precarização à modalidade educacional de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e subverteu as possibilidades de uma formação integral, favorecendo abordagens tecnicistas e de qualidade questionável. (Oliveira, E. D., 2023, p. 13)

A Escola Agrotécnica de Ji-Paraná era uma instituição de ensino de âmbito Estadual, porém as atividades eram orientadas por diretrizes federais; esse fato também se apresentou como uma problemática, pois muitas vezes a EAESGF ficava aquém do que era normatizado nas instituições da rede federal ou não conseguia seguir os padrões estabelecidos pela falta de investimentos financeiros.

Ao ouvir as memórias, percebemos o sentimento de frustração em razão ao encerramento das atividades escolares:

A escola fechou. Eu tive o trabalho de ver a diretora levar os memorandos de todo mundo, inclusive o meu, lá para REN. E eu fiquei... Tipo, não quero soltar daqui, não quero soltar o osso, mas o osso eu tinha que cuidar dele ali, porque era final de ano. Como que a direção tira os funcionários, sendo que a escola não é uma casa que você fecha e vai embora? (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

Elenir, uma das últimas a sair da instituição, lembra que ainda estava finalizando suas atividades de secretaria da antiga Escola Agrícola quando começou o processo de invasão:

E aí eu tive que fazer toda a documentação de alunos, conclusão de curso, que eram duas turmas ainda, e assistir a invasão. A invasão começou, só estava eu e mais dois funcionários, que eram vigia, e só. E o povo entrava, assim, como se fosse uma enchente subindo, assim, que não tinha mais jeito. A polícia cercava lá no Anel Viário, hoje é o Anel Viário, na época acho que já existia, não me lembro. E quando a polícia estava lá, eles entravam ali pelo portão. E já foram piqueteando tudo, marcando o espaço de cada um, cada um queria o seu espaço. Inclusive, entre as salas de aula, entre o setor administrativo e a sala de aula, até ali tinha piquete. Eu, na época, andei até tirando uma foto, mas não... Eu acho que eu perdi aquela foto. Mas eles colocaram marco, assim, para guardar o espaço ali, entre o setor administrativo e entre as salas de aula e o alojamento. Ali, tudo, tudo. (Elenir Rodrigues Muniz. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2024).

A secretária da Escola Agrotécnica nos contou a indignação em ter que finalizar a documentação dos alunos, enquanto lidava com a invasão em massa. Podemos afirmar que foi um dos momentos mais emotivos da entrevista, uma mistura de nostalgia da sensação de inconformismo com a perda da instituição e o estresse de trabalhar em meio ao caos entre invasores e contenção policial.

Se não temos um motivo exato do fechamento, apenas é certo que a Resolução 081 de 04 de setembro de 2000 revogou o Parecer de Reconhecimento (nº 144/1991) concedido no início das décadas de 1990 e antes de completar um decênio do seu reconhecimento, as atividades da Escola Agrotécnica Estadual de Ji-Paraná encerraram no ano de 1999.

A seguir, um pouco do período de abandono e busca pela revitalização da instituição com a finalidade de atender ao público jovem com um novo foco: a profissionalização.

II) O Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria: Ensino e Profissionalização (de 2000 a 2007)

Precisamos retornar um pouco para o início da pesquisa, pois de certa forma começamos do fim para o começo. Confuso... mas a explicação a seguir o ajudará a entender:

Um dos primeiros passos de nossa pesquisa consistiu em visitar o INCRA e aos arquivos municipais, na qual não encontramos nenhum documento que remetesse à instituição. A visita se estendeu à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Ji-Paraná. Fomos muito bem recepcionados, nos deixaram à disposição, acompanhados de uma pessoa responsável pelo setor de arquivos, para verificar quaisquer pastas dos discentes organizadas por ano (1981-1999) e turmas (agropecuária e floresta). Nestas pastas tivemos acesso aos dados pessoais dos estudantes: históricos, fichas e relatório de estágios, e histórico de conclusão de curso. Praticamente, não foi nos apresentado nenhum documento da parte docente ou institucional (planos de aula, plano de ensino, atas, relatórios, editais, testes, provas, entre outros; apenas as grades curriculares de 1995-1996 foram apresentadas). Dessa maneira, nos sugeriram contactar o Conselho Estadual de Educação de Rondônia (CEE/RO), com sede em Porto Velho, para a busca de outros documentos possíveis.

O Conselho Estadual de Educação de Rondônia, nos atendeu prontamente por *e-mail*, e e por meio do ofício n 113/2023, listou a legislação estadual que normatizou a instituição EAESGF no percurso das duas décadas, sendo eles:

- Parecer n. 03/82-CEE/RO, homologado em 21/03/82 - Aprova Projeto de Manutenção;
- Parecer CEE/RO n. 115/82, homologado em 08/12/82 - Análise do Projeto de Autorização;
- DECRETO n. 1.884 DE 10/02/1984 - Integra a Estrutura da Secretaria de Estado da Educação, a Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria, no município de Ji-Paraná;
- Processo n. 058-CEE/RO/87;
- Parecer n. 038/CEE/RO/87, homologado em 18/05/87- Autorização da Grade Curricular de Habilitação Profissional de Técnica em Agropecuária da Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria, no município de Ji-Paraná;
- Processo n. 271/CEE/RO/90, Entr. 06/07/1990- Solicita o Reconhecimento da Escola Agrotécnica Estadual Silvio Gonçalves de Faria;
- Parecer 144/CEE/RO/91, Resolução n.130/CEE/RO/91, homologados em 12/12/91 - Concede Reconhecimento à Escola Agrotécnica Estadual Silvio Gonçalves de Faria, do município de Ji-Paraná;
- Processo nº 181/CEE/RO/92, Entr. 17/11/92- Solicita Autorização de Funcionamento do Curso de Técnico Florestal, com a implantação no ano letivo de 1993;
- Parecer n. 0075/CEE/RO/93, Resolução n. 0058/CEE/RO/93, homologados 08/12/1993- Autoriza o Funcionamento do Curso Técnico Florestal, Nível Médio, da Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria, no município de Ji-Paraná;
- Resolução n. 081/00-CEE/RO, homologado em 04/09/2000 - Revoga os termos do Parecer n. 144/1991 e da Resolução n. 130/91-CEE/RO, os quais concedem o Reconhecimento à Escola Agrotécnica Estadual Silvio Gonçalves de Faria, no município de Ji-Paraná;
- Parágrafo Único - Ficam encerradas as atividades escolares da escola de que trata o "caput" deste artigo, a partir do final do ano letivo de 1999. E dá outra providência."

Nada a respeito do Centro Estadual de Educação Profissional foi apresentado. Resolvemos fazer uma visita à sede, na esperança de que pessoalmente encontrássemos documentos relacionados ao dia a dia da sala de aula. Em visita ao órgão gestor em Porto Velho tivemos a autorização para escanear os pareceres, decretos e resoluções listados anteriormente (e que já foram citados no contexto da EAESGF); contudo nenhuma informação ou qualquer outro tipo de arquivo que remetesse ao Centro Estadual de Educação Profissional.

Diante da grandiosidade vivida no universo escolar, consideramos minúsculo o material que nos foi apresentado. Somente os arquivos disponibilizados pela CRE (Coordenadoria Regional de Educação) e pelo CEE (Conselho Estadual de Educação) seriam insuficientes para lembrarmos as práticas e representações da Escola Sílvia Gonçalves de Faria e do Centro Estadual de Educação Profissional, fazendo jus às memórias que os sujeitos desejavam perpetuar. Até esse momento estávamos um tanto desanimados, quando de repente parte da história começou a chegar até nós, nos corredores do IFRO, *Campus Ji-Paraná*: em um certo dia, o amigo Mauro de Oliveira Souza, professor de Matemática no *campus*, iniciou uma conversa sobre sua participação de vida na história da instituição quando ocorreu o abandono e invasão da área escolar. Ele estava na representação de ensino e foi um dos servidores que argumentou em razão da necessidade do Estado tomar providências para que não perdesse toda área invadida. Em conversa informal, nos passou o contato do *WhatsApp* e indicou que procurássemos a professora Eliene Nantes Oliveira, que estava em posse de alguns documentos do Centro Estadual Profissionalizante. Naquele momento não imaginávamos que estaríamos diante de fontes iconográficas únicas.

No primeiro encontro, percebemos que Eliene estava um tanto receosa em estar com aqueles documentos guardados em sua casa e esclareceu-nos o seguinte:

Isso aqui, por um pouco, não foi pro lixo. Quando fecharam (o Centro Estadual Profissional Sílvia Gonçalves de Faria), eu não estava mais aqui (em Ji-Paraná). Eu estava em Porto Velho. Aí o Vanderlei, que cuidava do almoxarifado, teve que ir lá tirar as coisas. Ele foi lá e pegou esse material. (...). Ele pegou esse negócio com o maior carinho do mundo e falou assim: “*meu Deus, não. Isso aqui não pode ir pro lixo, não*”. E guardou. Aí, um dia, ele me encontrou. Ele falou assim: “*eu sei pra quem que eu vou dar isso aqui. Eu sei que vai guardar isso com muito carinho*”. Um dia ele me encontrou e ele falou assim “*eu tenho um presente pra te dar*”. E aí, ele me entregou. Falei “*Eu quero*”. “*Você quer?*” Falei: “*Eu quero. Com certeza*”. (Eliene Nantes Oliveira. Entrevista concedida a Geovânia Maciel, 2023).

Foi então que explicamos a ela o quanto tinha sido valiosa a preocupação em guardar os documentos, visto que no decorrer de nossa busca por fontes documentais, um dos principais desafios era encontrar arquivos organizados que apresentassem o cotidiano da instituição. Infelizmente, parece que grande parte da documentação se perdeu com o fechamento da escola, ou está em um lugar acondicionado que não souberam nos direcionar. Inclusive, os estudos de Edeli Oliveira (2023) já haviam lançado luz sobre um preocupante descaso com relação a documentação histórica do Centro Profissional:

No que diz respeito à sua documentação, segundo Antônio Anicete de Lima, que atuou em seus quadros e atualmente é professor aposentado do IFRO, **as caixas de documentos foram colocadas em uma caçamba e levados para Porto Velho, o que demonstra a falta de zelo com a história institucional.** Somente em 2007, quando se discutia a implantação da Escola Técnica Federal de Rondônia, é que a Escola Agrotécnica Silvio Gonçalves de Faria voltou a ocupar espaço no debate público: no ano de 2007, houve uma visita às instalações da Escola Silvio Gonçalves de Faria para avaliar sua estrutura física, com vistas à implantação da Escola Técnica Federal de Rondônia, que seria alocada nas mesmas instalações da que lhe antecedeu. (Oliveira, E. D., 2023, p. 33).

A negligência identificada no tratamento de parte dos registros escolares constitui uma questão de suma importância, exigindo abordagens mais rigorosas na preservação do acervo documental escolar. A fala *“Isso aqui, por um pouco, não foi pro lixo”* nos permite dimensionar o desinteresse, por parte de alguns, em guardar documentos que resgatem informações relevantes para a comunidade escolar, como projetos desenvolvidos, convites de eventos realizados, fotografia dos momentos de deleite e ocasiões especiais... A preocupação em arquivar parece girar em torno de três tipos documentais: os que armazenam os registros de *vida acadêmica* dos estudantes; os *normativos*; e os que envolvem *prestação de contas*.

A dificuldade em encontrar um arquivo variado que preserve a memória da instituição nos levou ao desafio de reencontrar os *sujeitos criativo e construtivos* (Magalhães, 2004) que viveram a história e, assim pudessem compartilhar fontes oportunas para trazer à tona contribuições à História da Educação Profissional de nosso município. Foi assim que encontramos Eliene e aos poucos fomos conhecendo os demais colaboradores da pesquisa que vivenciaram a Educação Técnica e Profissional em Ji-Paraná.

Não podemos esquecer de citar o papel fundamental exercido pelas redes sociais no processo de encontro desses sujeitos, pois na atualidade, as redes sociais têm exercido papel

catalisador para a tessitura de laços sociais e culturais, permitindo que sujeitos distantes se reencontrem em comunidades virtuais, e possam compartilhar suas vivências, rememorar o passado escolar e fortalecer as identidades coletivas.

A ausência de documentos múltiplos, mostrou-se como uma oportunidade para refletirmos a importância de estímulos e estratégias para as políticas de conservação em toda e qualquer instituição educativa. Conforme Justino Magalhães (2004, p. 136):

Frequentemente, a inexistência de um arquivo organizado, a dispersão da documentação por vários espaços e a precariedade das condições de conservação desafiam o historiador, mediante um protocolo, a intervir na construção do arquivo, ou seja, momentaneamente a heurística sobrepõe-se à hermenêutica.

De certa forma, no percurso dessa pesquisa por vezes, priorizamos a interpretação das fotografias e seus contextos (hermenêutica), em detrimento da busca por respostas através de métodos e regras práticas (heurísticas). O material guardado despreziosamente reforça o quanto necessitamos conscientizar as pessoas que vivem a Educação sobre a relevância de guardar fontes históricas diversas para preservação do passado.

O material que conta a história do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria (doravante CEEPSGF), do modo como foi organizado, comprova que a equipe de servidores estava preocupada em conservar os passos da origem e do desenvolvimento da instituição. No entanto, a falta de uniformidade no cuidado com os registros e a negligência de outros comprometeram a integridade do acervo, resultando na perda de documentos importantes.

Analisando o material que chegou até nós, percebemos que a equipe pedagógica do Centro Profissional, imbuída de um senso de legado, construiu um Memorial em tempo presente, motivados em resguardar memórias futuras, conforme demonstra a imagem da capa:

Figura 42 - Capa do Memorial do CEEPSGF



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

O Memorial é composto por fotografias, breves descrições e recortes de jornais, datado desde o início da execução das atividades da Equipe Pedagógica, em 2001, até o ano de 2005. Suspeitamos que a parte do memorial extraviada corresponde ao período de 2006 e 2007. Infelizmente, há uma percepção social de que com o encerramento da instituição, os seus registros consequentemente perdem o devido valor. Foi esse pensamento que resultou na falta de salvaguarda para documentos preciosos da instituição pesquisada. É essencial mudarmos essa mentalidade e reconhecermos a importância de preservar a história e as contribuições das instituições, mesmo após seu fechamento.

Ao longo dos anos, tem crescido o reconhecimento da importância de conservar documentos escolares, contudo a prática de preservação e acesso ainda enfrenta muitos obstáculos que impedem o desenvolvimento eficaz de pesquisas históricas em Educação. Consoante ao que Julia (2001, p. 16) assevera: “é preciso ‘arranjar espaço’ e os documentos não são nem mesmo transferidos para depósitos de arquivos que deveriam legalmente recebê-los”. Conforme ao que foi coletado nas entrevistas, os documentos estavam mal acondicionados em uma espécie de depósito, e por receio de que o destino da documentação estava próximo, alguém interveio coletando parte do material e entregando a Eliene. Graças a

essa atitude, um pouco da memória do Centro Profissionalizante de Ji-Paraná foi preservada e chegou em nossas mãos.

Nem todos os setores pedagógicos e administrativos percebem a importância de resguardar arquivos que colaboram na preservação da memória institucional. Ao longo do percurso dessa pesquisa, percebemos que nosso trabalho alcançaria relevância, quando pudéssemos contribuir de forma a organizar, arquivar e compartilhar as memórias recuperadas, seja em forma de tese ou de produto educacional. Alguns dos entrevistados corroboram com a ideia de significância do trabalho:

É bom. Fiquei contente de você interessar a fazer isso aí. Porque até eu já tive vontade de fazer. Porque é uma coisa que foi muito importante aí em Ji-Paraná, E acabou acabando assim. Terminou só ficando na saudade mesmo. Mas foi uma coisa muito importante aí. Pra nós todos, né?

(Maria Lucia, sobre o resgate das memórias da Escola Agrotécnica. Entrevista cedida a Geovânia Maciel).

Que bom que você resgatou esse Memorial porque eu já estava achando que ele não existisse mais. (...) Eu perguntei várias vezes por esse Memorial, eu disse “gente aquilo é um documento que não pode ser perdido”. “Não, tá lá na representação de ensino, tá lá na CRE, tá lá...” “Gente vocês estão lá, cuide desse material, porque eu tô fora, já não posso ficar mexendo com isso”. Mas que bom, eu fiquei feliz de saber que pelo menos uma boa parte dele ainda existe. (Belmiro, sobre o resgate das memórias do Centro de Educação Profissional. Entrevista cedida a Geovânia Maciel).

A partir do momento que coletamos o primeiro material (o memorial do Centro de Educação Profissional), tivemos certeza de que queríamos abrir a ‘caixa preta’ das instituições que antecederam ao Instituto Federal de Rondônia, *campus* Ji-Paraná. Já tínhamos parte da história do CEEPSGF, e doravante fomos atrás de outras pessoas, inclusive pelas redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*, até conseguir fotografias da primeira parte da história da Escola Agrotécnica que já foram apresentadas nas linhas que antecederam.

Se as memórias da Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria foram contadas do ponto de vista ora dos estudantes, ora dos funcionários, agora estaremos diante das memórias de uma Instituição Profissionalizante a partir do ponto de vista da Equipe Pedagógica responsável pela implantação do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves

de Faria (CEEPSGF) e pela percepção da imprensa jornalística (financiada ou não por figuras da administração pública).

O Memorial originário é composto por folhas avulsas em sulfite, fotografias coladas, com molduras feitas à régua com caneta azul, seguido de descrições escritas à mão pela secretária da época, Elenir⁶⁶. O memorial entregue dentro de uma pasta elástica, estava fora da ordem e nos colocamos à disposição para ler e ordenar todo o material. O fato de algumas fotografias estarem numeradas, geralmente duas fotos por folha, colaborou para que conseguíssemos chegar a uma sequência mais próxima ao que acreditamos ter sido projetado em sua produção original. Após o escaneamento, o Memorial do CEEPSGF ficou com 125 páginas. O material original foi devolvido a Eliene, logo que concluímos o processo de escaneamento.

Além de fotografias produzidas e anexadas ao Memorial pela Equipe Gestora do Centro, há também recortes de jornais da época que trazem informações sobre os procedimentos das obras e projetos de governos referentes à instituição. As reportagens foram alocadas no Memorial de acordo com as datas marcadas pelas legendas. Como são reportagens de diversos meios jornalísticos, veremos as notícias com percepções diferenciadas para o fotojornalismo: ora a imprensa sai da redação e se encaminha até o local do acontecimento, expondo a visão de parte da comunidade Ji-paranaense; ora a imprensa acolhe a notícia (provavelmente recebendo financiamento para sustentar suas operações) e repassa as informações ao público leitor. Devemos ficar atentos para essas diferentes abordagens que podem resultar em variações na forma como os eventos são retratados e como as notícias são recebidas pelo público. A primeira abordagem oferece uma perspectiva mais direta e vivida, enquanto a segunda pode depender mais da interpretação e seleção do material recebido.

Segundo o entrevistado Belmiro, o proprietário da empresa responsável pela reforma, possuía influência política. Diante da obra paralisada e sem o recebimento das verbas combinadas, o empresário buscou resolver a situação conversando com vários políticos locais,

⁶⁶ Elenir colaborou com as memórias da primeira parte da instituição, visto que atuou nas duas instituições: iniciou como bibliotecária na Escola Agrotécnica SGF, em 1988, e logo foi chamada para atuar na secretaria, permanecendo até o fechamento da escola, na qual presenciou a invasão de populares. Com as iniciativas para instalação do Centro Profissional foi convidada a retornar e permaneceu na secretaria até o encerramento das atividades em 2007.

de maneira a conseguir a divulgação na imprensa, com o intuito de que a situação chegasse até os representantes de Brasília:

É mais ou menos assim: a empresa, o dono da empresa, que fazia a reforma, eram políticos ... Era vereador de Ji-Paraná, tem esse envolvimento político. Ele que buscou esse pessoal todo (políticos e mídia), ele que ia atrás e tentar, porque a reforma ficou (parada)... os recursos foram cortados, a obra paralisou e ele ficou numa situação difícil financeira, também. E ele saiu atirando para tudo que lado. (...) quando aparece esse monte de político aí falando da obra e tal, não fomos nós (Equipe Gestora do Centro) diretamente quem procuramos não, (era a própria pessoa da obra tentando resolver), tentando fazer os contatos chegarem até Brasília para que fosse resolvido a situação dele (...) eu acho que (as reportagens) nem foram pagas. Acho que ali todo mundo fazia, um tentando ajudar o outro, todo mundo fazia parte da política. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

O Centro de Educação Profissional de Ji-Paraná esteve marcado por planejamentos e tentativas de vigorar cursos técnicos de curta duração, por isso não teremos memórias de estudantes e funcionários com tanta vitalidade como foi testemunhado pelas duas décadas de existência da Escola Agrotécnica. Enquanto esta vivenciou o currículo integrado que favorecia a vivência completa entre alunos, professores e demais envolvidos; aquela instituição ofertou uma vivência rápida para estudantes, assim em poucos meses não se criava o mesmo vínculo como foi apresentado na primeira fase da instituição. A única conexão afetiva expressa no memorial, advém por parte da equipe escolhida para implantação do Centro em Ji-Paraná, uma vez que os integrantes da equipe permaneceram durante todo o período em que se buscava o estabelecimento do Centro Profissionalizante.

Para que o Centro Profissional efetivasse as atividades educativas, era preciso maior amparo político, todavia no lugar do auxílio e comprometimento com a Educação Profissional de qualidade, o pretexto de revitalizar a instituição passou a ser utilizado como ‘palco’ para campanhas políticas, conforme veremos a seguir com a exposição de alguns registros presentes no Memorial produzido pela Equipe Gestora do Centro de Educação Profissional de/em Ji-Paraná.

1. 2000-2001: O processo de invasão do patrimônio escolar, a partir do Registro Fotográfico do Memorial produzido pelo Centro

Nos primeiros desdobramentos da produção do Memorial do CEEPSGF identificamos quatro (4) páginas dedicadas a Escola Agrotécnica e a descrição de que a instituição foi extinta no ano de 2000, seguida de um texto sobre a vida do capitão Sílvio Gonçalves de Faria (1923-1978), um dos mais importantes técnicos do INCRA responsável pelo processo de formulação, execução e defesa nas demarcações de terra na Amazônia, com forte atuação em Rondônia. Ao final, temos algumas informações da autoria do texto: a biografia foi escrita pela estudante Giovana Maria Peli, nº 18, Turma B, Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria. Consta ainda que as informações prestadas no texto foram obtidas por intermédio de Francisco Gomes (do INCRA), de Assis Canuto (Prefeito de Ji-Paraná entre 1979 a 1983) e do jornal publicado na época (O Guaporé). A data da escrita do texto situa-se no intervalo entre 1981 e 1983, visto que Giovana foi uma estudante pertencente à primeira turma de agricolinos, assim deduzimos que a biografia foi escrita neste ínterim. A equipe responsável pela organização do Memorial teve o cuidado de manter ao menos esse texto produzido nos primeiros anos da instituição Agrotécnica como forma de manter um vínculo entre a instituição que se foi e a que estava por se desenvolver.

Após a capa escrita *Memorial Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio G. de Faria/2001*, há uma contracapa intitulada *“Invasão do Patrimônio da Escola Agrotécnica por pessoas da comunidade de Ji-Paraná, em 2000 e 2001”*. Na sequência constam 17 fotografias que apresentam a instituição em pleno abandono (no memorial aparecem até o número 16, porém identificamos que uma das fotografias passou despercebida sem escrever a numeração, talvez por ser bem similar a outra fotografia numerada por 9).

A seguir apresentamos o título de cada fotografia que nos traz uma percepção do que foi representado nessa primeira parte do Memorial:

Quadro 9 - Título/Legenda presente em cada fotografia

1. Sala de aula;	sem muro; (foto sem número, similar a anterior)
2. Alojamento III - fundos;	10. Frente das secretarias - invadidas 2001;
3. Frente do alojamento III;	11. Frente das salas de aula - invadida 2001;
4. Acesso aos alojamentos;	12. Oficina - invadida 2001;
5. Acesso aos alojamentos passarela entre quadra e sala de aula;	13. Secretarias - invadidas 2001;
6. Frente às salas de aulas - Plantação de acerola;	14. Sala de aula - invadida 2001;
7. Frente da Quadra de esporte;	15. Frente das secretarias e refeitório - invadidos 2001 (Pátio da escola que servia de acesso aos invasores);
8. Fundos da quadra de esporte;	16. Lateral e frente do refeitório - invadido 2001 (Pátio da escola que servia de acesso à área invadida)
9. Rua frente da escola - portão de entrada;	

Fonte: A pesquisadora, a partir de fotografias anexadas ao Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria, 2023.

As legendas de cada fotografia revelam a instituição Sílvia Gonçalves de Faria por múltiplos ângulos, ou seja, variadas representações da realidade escolar foram expostas por intermédio de fontes iconográficas. As imagens denunciam o estado de completo abandono de uma instituição que contribuiu para a formação do Ensino Médio técnico no Estado de Rondônia entre 1981 e 1999. Em vários pontos, a vegetação cresceu descontroladamente, enquanto as janelas aparecem sem vidros e outras estruturas do prédio aparecem danificadas. Além disso, o local se tornou um palco de disputa, onde pessoas da comunidade passaram a habitar com a intenção de reivindicar o direito de posse da área escolar abandonada. Escolhemos algumas fotografias para apresentarmos a seguir, evocando memórias daquele período:

Figura 43 - Frente do alojamento III – CEEPSGF

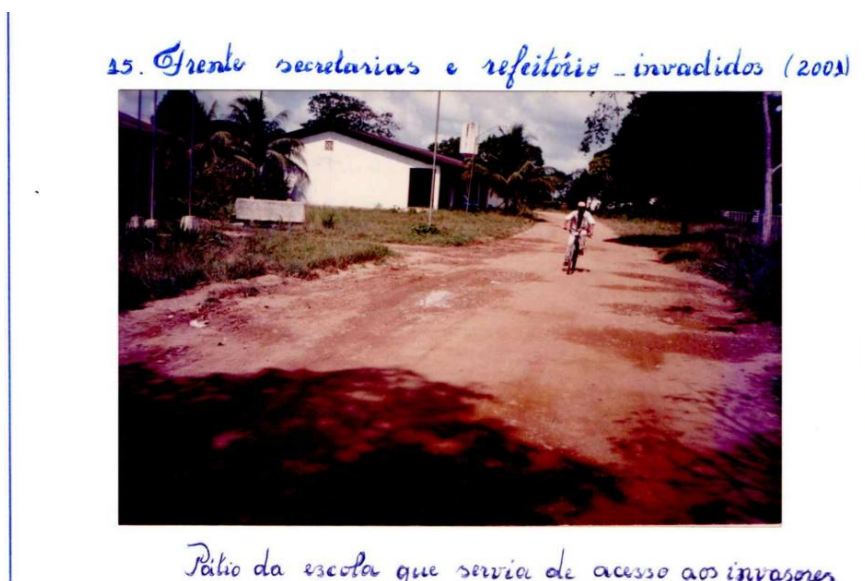


Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A fotografia retrata a frente do alojamento III, uma das estruturas prediais que serviu como dormitório para os estudantes da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná até o final de 1999. Observamos que a falta de manutenção permitiu que a vegetação invadissem e tomassem conta do espaço. Ademais, as portas e vidros ausentes, possivelmente foram arrancados por invasores.

A próxima fotografia, sem a presença de nenhum funcionário, mostra que as calçadas internas do ambiente acadêmico passaram a ser rua de acesso externo para que os populares transitassem, chegando até as áreas ao fundo da instituição. Não existiam muros demarcando o espaço escolar.

Figura 44 - Frente às secretarias e refeitórios invadidos – 2001



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A placa, que antes era utilizada como pano de fundo para que os estudantes fizessem seus registros fotográficos, demonstrando orgulho pela instituição de ensino, nesta fotografia aparece desfocada, sem vida, sem sentido. No início dos anos de 2000, a placa perdeu seu valor, e o destaque passou a ser o pátio escolar, que se tornou principal via de movimentação dos populares em busca da posse de terras públicas. Um homem transitava com sua bicicleta, passando em frente à secretaria e ao refeitório desabitados de funcionários e estudantes.

Nesse período, a equipe do Centro, composta por Belmiro, Dirce e Yolanda não ficavam na instituição, o que ocorreu apenas no ano seguinte, conforme esclareceu Belmiro em entrevista Belmiro:

Em 2001, quando ele (Luis Fernando Serighelli - representante da Seduc em Ji-Paraná) designou para lá eu, a professora Dirce e a professora Iolanda, **nós ainda não fomos para o local da escola, porque aquele prédio estava totalmente abandonado**, tomado pelo mato, estava totalmente entregue, o pessoal já tinha invadido tudo. Estava realmente uma situação bem triste. Nós ficamos esse 2001 ainda lotados numa sala dentro da secretaria, ao lado da escola Marechal Rondon, onde hoje é a CRE (Coordenadoria Regional de Educação). (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

A seguir, a fotografia nos revela que o número de invasores era significativo: a rua era um espaço bastante movimentado; com duas pedestres circulando com seus guarda-sóis; observamos também um carro estacionado na garagem de umas salas pertencentes ao prédio escolar que servia de abrigo para algum invasor; ao longe, é possível verificar outros pedestres se dirigindo as áreas dos fundos que, segundo informações, estava sendo invadida desde o espaço que hoje dá acesso ao Anel Viário.

Figura 45 - Lateral e frente do refeitório invadido – 2001



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Quando procuramos a verdade por meio das imagens, precisamos compreender que encontraremos apenas representações. Segundo Ciavatta, “Buscamos nas imagens a verdade dos fatos e nos encontramos com meras imagens da verdade, a aparência dos fatos” (Ciavatta, 2012, p. 36). Isso significa que as imagens não capturam a verdade absoluta, mas sim uma versão ou interpretação dela. As imagens nos mostram uma perspectiva ou uma aparência dos fatos, mas não necessariamente a totalidade da verdade. Como e quais motivos suscitaram as

invasões? São questionamentos que deixamos para ser respondido em outro estudo aprofundado sobre esse período.⁶⁷

Na próxima fotografia, observamos roupas estendidas em varais improvisados. Estas não são as vestimentas dos estudantes internos da Escola Agrotécnica, mas sim de moradores que adaptaram o espaço escolar como moradia temporária. A comunidade local esqueceu por um período a importância daquele espaço como sinônimo de educação e passou a utilizá-lo na esperança de obter o direito de posse do terreno escolar.

Figura 46 - Frente das salas de aula - invadida (2001)



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Buscamos articular as partes para compreender a totalidade mais próxima dos significados da fotografia. Os invasores traziam consigo seus objetos pessoais para demarcar o território que ocupavam. Na fotografia a seguir, podemos ver uma bicicleta e latas de tinta,

⁶⁷ Vale lembrar que existem várias versões para um mesmo fato: em conversa informal com um colega que vivenciou esse período, ele afirmou que pessoas influentes da cidade lideraram o movimento da invasão das terras da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, convencendo pessoas humildes a ficarem na linha de frente do movimento, para depois negociarem acordos. Os líderes ocultos exploravam brechas legais para obter o reconhecimento da posse e, em seguida, lucravam significativamente, em detrimento daqueles com menos recursos. Em nova conversa espontânea, outra pessoa afirmou que a última direção da Escola Agrotécnica foi colocada na instituição apenas com a intenção de realizar o encerramento das atividades educativas e disse que havia mais coisas envolvidas que preferia não revelar.

que provavelmente foram usadas para melhorar o ambiente ocupado provisoriamente por moradores.

Figura 47 - Uma bicicleta em sala de aula - invadida (2001)



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Roland Barthes (1980), em *Câmara Clara*, discute a fotografia como um vestígio do que foi. A fotografia da invasão, com seus objetos pessoais, serve como um indício de que havia ocupantes, um registro da presença de invasores no espaço escolar. Mesmo estática, a fotografia se torna um objeto capaz de problematizar as relações entre tempo e espaço. Paradoxalmente, a fotografia conseguiu resgatar por meio da conservação em imagem, um fato que poderia ser esquecido. A invasão que poderia estar apenas no imaginário de alguns, agora está salva com a representação de um acontecimento recuperado pela captura da luz que congelou a imagem no tempo.

Os anos de 2000 e 2001 foram marcados pelas invasões. Felizmente, um grupo de servidores da Seduc percebeu que o Estado estava sendo negligente em perder o espaço escolar conquistado nas décadas de 1980. Assim, foram iniciadas tentativas de negociação com a comunidade para recuperar ao menos a parte predial da instituição e uma equipe pedagógica ficou incumbida de organizar o Projeto para a implantação de cursos profissionais que atendessem à demanda da comunidade Ji-paranaense.

- *2001: A escola era notícia: primeiras promessas de um Centro de Educação Profissionalizante*

De acordo com os documentos a que tivemos acesso, podemos afirmar que um dos primeiros passos foram dados para implantação do Centro de Educação Profissional, com a Ordem de Serviço nº 071/2001/GAB/REN/JP (Anexo IX), do dia **30 de outubro de 2001**, quando o Representante de Ensino da Seduc de Ji-Paraná, Professor Luis Fernando Serighelli, no uso de suas atribuições designou os servidores *Belmiro Barriviera* (Área de Gestão), *Dirce Martins Coelho* (Área de Integração Escola-Comunidade) e *Iolanda Dias Vieira* (Área Técnico-pedagógica), para compor a Equipe de Gerenciamento e Implantação do Plano Estratégico do Centro de Educação Profissional de Ji-Paraná.

A principal preocupação da Equipe Pedagógica era salvaguardar a estrutura predial da instituição, antes que todo o espaço fosse perdido. A escola, que anteriormente possuía amplo espaço para o desenvolvimento das atividades, perdeu toda área agrícola para os ocupantes. Atualmente, o IFRO *Campus* Ji-Paraná sofre com a falta de locais adequados para aulas práticas - especialmente nos cursos de Técnico Florestal integrado ao Ensino Médio e Engenharia Florestal - consequência direta do espaço perdido neste período de ocupação.

Enquanto a equipe operava provisoriamente na CRE, Belmiro, responsável pela Gestão da Equipe de Gerenciamento e Implantação do Plano Estratégico do Centro, buscava mitigar os efeitos da invasão através de visitas diárias às famílias nas instalações da instituição, aproveitando para documentar o ambiente por meio de fotografias. Belmiro nos contou um pouco do seu diálogo com os invasores:

[...] eu fiz uma grande amizade com eles (os invasores). Eu nunca bati de frente com eles (...). Eu chegava lá, porque antes da gente ir para lá, eu já ia duas, três vezes por semana, às 7 horas da manhã. Eu chegava lá, tomava café com eles, sentava com eles ali naqueles espaços do corredor central, ali de frente onde é a secretaria, por aquela região ali. Conversava, orientava a saída deles, explicava o que iria acontecer. Conversamos muito. (...) Se fosse registrar todas as conversas, tinha uns dois livros para poder (risos) (...) E as conversas eram sempre as mesmas: “Mas para onde que eu vou, Professor. Eu vou botar minha família debaixo da ponte? Eu não tenho para onde ir”. E eu sempre frisava um ponto para eles: “Olha, a escola, isso é uma escola, ela vai ser reformada. Isso é um novo projeto do Estado. Hoje eu estou aqui conversando com vocês. Amanhã vai chegar uma empresa e eles não vão conversar com vocês, eles vão tirar o telhado da cabeça de vocês. Então por isso

que: Pô! Você acha que eu também não sinto a saída de vocês? Mas não é o lugar, não vai dar. Quer dizer: procura um jeito de ir lá para parte do fundo, lá ninguém vai mexer com vocês.” Onde é do muro para baixo, onde é Novo Ji-Paraná, ali, tudo ali era da escola. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Foi por meio dessas conversas que se obteve êxito na recuperação da parte predial e, assim, foi possível prosseguir com o Projeto do Governo do Estado em “*criar cinco Centros de Educação Profissionais para o estado, que era Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, as cinco maiores cidades*” (Belmiro Barriviera, 2025).

A Equipe Pedagógica ao elaborar o Memorial teve a preocupação de acrescentar recortes de jornais da época, que noticiavam a idealização do Governo do Estado sobre o Projeto da Educação Profissional por intermédio do Centro Estadual Profissionalizante em Ji-Paraná. A leitura dos trechos dos jornais anexados ao memorial nos ajuda “a resgatar o invisível oculto nas fotografias”, assim, por meio da intertextualidade entre fotografias, recortes jornalísticos, captamos “outras visões, outras linguagens e outros discursos sobre um mesmo objeto ou sobre seu contexto” (Ciavatta, 2012, p. 41).

A seguir expomos a notícia presente no Memorial, que foi recortada do jornal *Folha de Rondônia*, do dia 17 de novembro de 2001:

Figura 48 - Visita do representante do MEC em Ji-Paraná



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A notícia relata a visita de Hécio de Freitas Cordeiro - chefe do Grupo de Infraestrutura do Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep) do MEC - à Escola Agrícola Capitão Sílvio de Faria em Ji-Paraná. O objetivo da visita era avaliar as condições e necessidades da escola para a reforma planejada, que seria destinada ao ensino profissionalizante. Os envolvidos na reforma expressaram as considerações entre o diretor da Proep, Davi do Vale Araújo Jr, e o homenageado póstumo pela instituição, o capitão Sílvio Farias. O destaque dado ao apreço pelo Estado de Rondônia e ao capitão gerou expectativas

de que a escola pudesse ser “toda reformada e equipada” o mais rápido possível, mas infelizmente não foi o que aconteceu.

Para compreendermos a atuação e as atribuições do Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep/MEC) em Rondônia, recorreremos às memórias de Belmiro Barriviera, colaborador que vivenciou de perto a dinâmica do programa. Em seu relato, Belmiro detalha a estrutura de gestão do Proep, destacando o papel central do MEC e a coordenação das atividades nos municípios do estado:

[...] o Proep era ligado ao MEC que gerenciava esse grupo de Porto Velho, que gerenciava os grupos do Estado. Como a gente era o que estava com a obra mais avançada, nós fomos adiantando em relação aos outros municípios, nós andávamos na frente de Porto Velho, porque Porto Velho ainda estava licitando compra de terreno e a gente já estava com tudo pronto. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025)

Em outro momento da entrevista, Belmiro explica melhor o que seria esse “tudo pronto” que colocou o Centro de Ji-Paraná em vantagem com relação aos demais: *“Isso acelerou o processo, porque enquanto os outros estavam sendo construídos, Ji-Paraná estava sendo reformado.”* (Belmiro, 2025). Ou seja, o Centro Profissional de Ji-Paraná tinha como vantagem estratégica a estrutura predial recuperada da invasão, e isso permitiu um avanço do Projeto de Educação Profissional em comparação com os Centros projetados nos outros municípios, que ainda estavam em fase inicial de planejamento.

A reportagem continuou em outras páginas explicando que o projeto da Secretaria de Estado da Educação e Cultura (Seduc) em convênio com o Ministério da Educação (MEC), objetivava transformar “a Escola Agrícola Capitão Sílvio Gonçalves de Farias, em Ji-Paraná, que formou centenas de técnicos agrícolas do Estado de Rondônia, na Escola de Educação Profissional Capitão Sílvio de Farias”. A obra seria financiada pelo Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep) do Ministério da Educação.

Com a retomada do prédio invadido, a escola, que dispunha de nove (9) blocos, iniciou um processo de reestruturação para garantir a funcionalidade dos espaços. De acordo com a reportagem, a equipe elaborou o seguinte plano de distribuição dos blocos: seis (6) salas de aulas equipadas com televisores de 29 polegadas, um vídeo e aparelhos de ar

condicionado; dois (2) laboratórios de informática com vinte computadores cada; um (1) laboratório de análise de solo; um (1) laboratório de água; um (1) laboratório de madeira; um (1) laboratório de classificação de secagem; uma (1) oficina de produção de protótipos, um (1) secador de madeira; uma (1) biblioteca; um (1) refeitório e um (1) auditório. O custo para a reforma e aquisição dos equipamentos ficou estimado em R\$2.565,038 milhões, com a previsão de início das obras para fevereiro e término em junho de 2002.

A notícia apresentou o nome do grupo pedagógico responsável pela implantação do Projeto: Belmiro Barriviera (diretor do ensino profissionalizante); Iolanda Dias Vieira (coordenadora Técnica pedagógica) e Dirce Martin (coordenadora escola/comunidade). A fotografia a seguir faz parte da reportagem e traz os componentes da equipe pedagógica da SEMEC responsável pelo Projeto de implantação do ensino Profissionalizante em Ji-Paraná em conversa com Luís Serighelli, representante da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia:

Figura 49 - Grupo Gestor responsável pela implantação do Centro Profissional

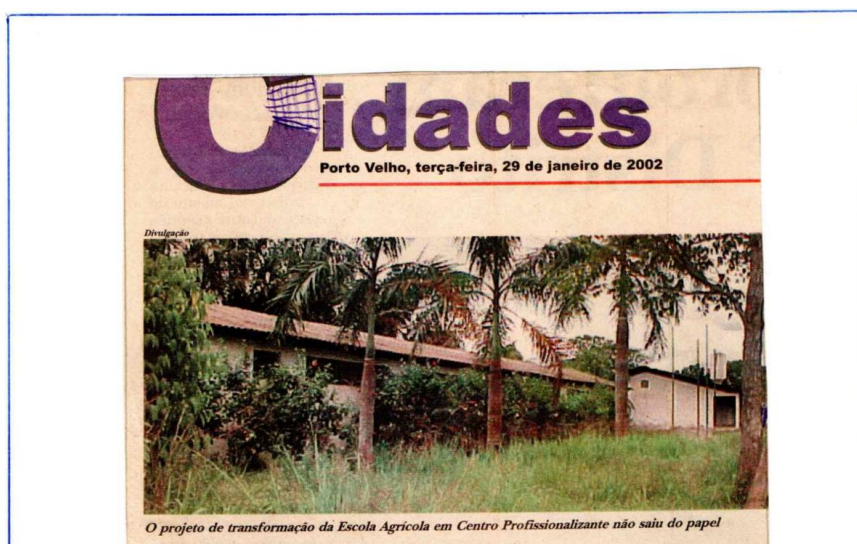


Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A pressão para iniciar as obras era enorme. Exibir a fotografia dos membros da equipe responsável pela instalação do Centro Profissionalizante e divulgar a disposição das futuras salas de aula foi uma forma de conferir maior credibilidade às informações prestadas pela reportagem, demonstrando que o Projeto realmente estava em andamento, mesmo que ainda faltasse muito para sair do plano burocrático. Analisar a imagem fotográfica envolve compreender as mensagens ocultas que ela carrega, ir além da visão fragmentada da realidade apresentada, buscando interconectar os elementos retratados e as nuances do contexto operado pela imagem.

Nova reportagem foi publicada no jornal *Cidades* (Porto Velho) em de janeiro de 2002, afirmando que a “*Escola Agrícola de Ji-Paraná continuava abandonada*”. A fotografia anexada à matéria comprovou o descaso com o patrimônio público. Colocamos a imagem e o texto jornalístico na íntegra, uma vez que ambos os textos oferecem maiores informações com relação às características da comunidade no entorno da escola e evidencia as consequências da invasão:

Figura 50 - Descaso com o patrimônio escolar



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Projetos da Seduc e liberação de R\$ 2 milhões ficaram apenas no papel

Ji-Paraná (da sucursal) - As instalações da antiga Escola Agrícola Silvio Gonçalves de Farias continuam em estado de abandono. No ano passado, a Secretaria de Estado da Educação (Seduc) anunciou a liberação de R\$2 milhões para reforma total e abertura de cursos técnicos profissionalizantes, mas o projeto não saiu do papel. A escola que formou mais de 800 técnicos agrícolas e técnicos florestais, está tomada por matos e lixos e serve de esconderijo para marginais.

Professores da rede estadual de ensino que fazem a faculdade de férias da Unir, foram alojados no prédio abandonado e convivem com mendigos que se apossaram do lugar. "Quando estamos em sala de aula, não temos tranquilidade, pois não sabemos como estão nossos objetos em casa", lamentou uma professora.

A estrutura milionária está sendo deteriorada pelo descaso. As vidraças das janelas foram quebradas. Pelo pátio do colégio existe uma rua que dá acesso a uma invasão, iniciada logo depois do fechamento da escola. Muitas pessoas, inclusive crianças, passam pelo local. A noite o perigo aumenta. A polícia dificilmente faz rondas na região, fato que preocupa os moradores.

A moradora da invasão Nadir Maria Mendes conta que tem três filhos e, desesperada, ela clama por segurança. Chorando, disse: "tenho medo de que façam alguma coisa com a gente, por aqui passam pessoas que não conhecemos, à noite há muitas brigas e a polícia nunca aparece", desabafou a moradora. A Escola Agrícola era mantida pelo Estado e foi desativada no ano 2000, contrariando a principal vocação agrícola do Estado, que é a agricultura. Desde então, toda estrutura ficou praticamente abandonada. Quem estudou na escola e passa hoje pelo local se assusta. "Eu acho isto um absurdo, agora se quiserem reformar terão que gastar uma fortuna pelo que estava pronto e funcionando", lamentou o ex-aluno Adiel Farias.

O representante da Secretaria de Estado da Educação, professor Luiz Fernando Seriguelli, confirmou a existência do projeto e dos recursos para a reforma do complexo escolar. Mas não quis revelar detalhes sobre o destino dos recursos ou se o projeto ainda será executado. Para a comerciária Maria Fernanda de Carvalho, que esperava a abertura de cursos profissionalizantes, tudo não passa de manobras políticas. Estão apenas enganando a comunidade com promessas furadas", lamentou.

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Vejamos que a fotografia escolhida pelo periódico não era neutra de significado. Ela transmitia outra perspectiva sobre os acontecimentos. A reportagem revelava indignação da comunidade local ao fato de a antiga Escola Agrícola Silvio Gonçalves de Faria em Ji-Paraná continuar abandonada, apesar da promessa do investimento de R\$2 milhões da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) para sua reforma e abertura de cursos técnicos profissionalizantes anunciada no final de 2001.

A crítica se estende ao abandono das instalações da escola que resultou na deterioração de uma infraestrutura valiosa e sem um plano acessível para reutilização ou manutenção do local que ficou suscetível ao vandalismo e invasões. Consequentemente, um problema desencadeou outros: a falta de policiamento, a presença de marginais e mendigos no local aumentaram a insegurança para os moradores e professores que frequentavam a Universidade Federal de Rondônia (área ao lado da escola agrícola abandonada).

A ausência de um planejamento eficaz para a segurança pública no entorno da escola agravou a situação e as promessas não cumpridas de reforma e abertura de cursos técnicos foram vistas como manobras políticas para ganhar apoio da comunidade, pois não foi visto nenhum compromisso real com relação a execução do projeto anunciado na reportagem de novembro de 2001. O Representante da Secretaria do Estado não quis falar sobre o destino dos recursos e se o projeto ainda seria executado, conforme explanou a última notícia.

As duas reportagens evidenciam uma espécie de disputa política: uma notícia enquadra as novidades sobre a reforma escolar em busca de aprovação do público leitor, enquanto outra reportagem enquadra a crítica ao que não foi cumprido. Nessa arena de disputa, o público, mesmo o mais instruído, nem sempre percebe o jogo de interesse que está nas entrelinhas das notícias. Na área de comunicação esse fenômeno é denominado por *enquadramento noticioso (news frame)*, conceito introduzido pelo norte-americano Erving Goffman, que pode ser explicado como a maneira pela qual a mídia atua como uma janela que apresenta o mundo as pessoas, assim apenas parte da realidade dos fatos escolhidos pelos jornalistas são expostos ao telespectador. Segundo Leal (2007):

[...] a mídia é a moldura da janela pela qual a opinião pública entrará em contato com uma pequena parcela da realidade, sendo os jornalistas responsáveis por sua construção. Em um noticiário, por exemplo, quem constroi essa realidade e a organiza em notícias é o jornalista. Essa ordenação consciente dos fatos pelo jornalista nem sempre é compreendida pelos leitores. (...) ou seja, o jornalista opta enquadrar um fato de uma determinada forma e não de outra, enfocando assim uma parte da realidade em detrimento de outra. (Leal, 2007, p. 2).

Enquanto o primeiro recorte de jornal enquadrava informações da reforma que ainda iniciaria, a segunda reportagem enquadrava o abandono da instituição que era um fato real ao cotidiano da comunidade de Ji-Paraná.

O ano seguinte (2002) seria marcado por um intenso clima eleitoral no Brasil, especialmente em Rondônia, onde José de Abreu Bianco, então governador, buscava sua reeleição (Nascimento, 2019), por isso chamamos atenção ao fato de que indiretamente os enquadramentos das notícias se tornaram dispositivos intrínsecos ao discurso político que se voltaram ao episódio da reforma. Vale lembrar que Bianco representou o governo de Rondônia entre os anos de 1999 a 2002. Uma memória marcante de seu governo diz respeito à demissão de mais de 9 mil servidores estaduais. Esta medida foi tomada para adequar a folha de pagamento, com base na Lei Camata (Lei Complementar nº 82/1995 - que limita as despesas do funcionalismo público). Naquela época, foram exonerados em torno de 5 mil funcionários da educação e 2 mil da saúde (aproximadamente 40 mil servidores), entre eles celetistas, emergenciais e recém concursados. “A reforma administrativa, realizada por decreto nº 8955” de 2000, trouxe fragilidades e a perda de popularidade do Governador (Nascimento, 2019, p. 125).

Durante períodos eleitorais, é comum que os discursos políticos se intensifiquem, destacando realizações e promessas com o objetivo de conquistar o voto dos eleitores. E o enquadramento noticioso ficou bastante evidente em algumas notícias em torno da reforma da antiga escola agrícola e implantação do Centro Profissionalizante, na qual o nome do governador Bianco é citado várias vezes em meio a justificativas de que a instituição não estava abandonada, conforme veremos a seguir.

- *2002: Denúncias, convênio e anúncio de liberação de verbas para a reforma movimentam a cidade de Ji-Paraná*

É perceptível que o período foi bastante turbulento: a desativação da Escola Agrotécnica contrariou a vocação agrícola da região, um dos principais motores econômicos do estado; a instituição de ensino conflitava entre o resgate do espaço invadido, o retorno das atividades com a nova modalidade - profissionalizante - e a crença nas promessas efetivadas por representantes políticos e da administração pública que visitavam as instalações.

A falta de investimentos em educação e formação profissional teve um impacto negativo na comunidade, limitando as oportunidades de desenvolvimento local, conforme expõe a reportagem do jornal *Diário da Amazônia* em 29 de janeiro de 2002, com o título *Milhares de jovens sem sala de aula*. A reportagem inicia com ênfase nas atividades fundamentais para o desenvolvimento da economia do estado de Rondônia: a pecuária e a agricultura e na sequência, relembra o quanto a Escola Agrotécnica contribui com a região formando centenas de jovens técnicos agrícolas e florestais.

Para oferecer maior credibilidade a matéria, a reportagem trouxe depoimento de populares reforçando a frustração de não ter nem a Escola Agrotécnica, nem a Escola Profissionalizante no município: *“Sempre tive o sonho de ser técnica agrícola. Quando terminei o ensino fundamental a escola fechou e o sonho acabou. Não tenho condições de pagar um curso particular”* (Acadêmica da UNIR, Maria de Jesus em reportagem para o *Diário da Amazônia*, 2002), a acadêmica acrescenta a crítica ao fato de que *“os dois anos de abandono seriam mais que suficientes para a reforma da estrutura e a implantação dos cursos”*, ou seja, o abandono da escola só comprovava a incompetência administrativa. E para fechar com chave de ouro a reportagem mostra os prejuízos da infraestrutura em total descuido por meio de uma fotografia:

Figura 51 - O descaso com o patrimônio escolar continua



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Percebemos que o jornal não poupou meios para denunciar a improbidade por omissão à conservação do Patrimônio Público. A escolha do ângulo da fotografia, capturando aspectos específicos como prédio mais danificado, a vegetação adentrando na estrutura predial e o lixo à frente, foram escolhas que colaboram para expor a perspectiva do veículo de comunicação. É possível que o jornal tenha feito isso para beneficiar um lado político contrário ao que estava no poder. O enquadramento da fotografia corroborou com a perspectiva do enquadramento da notícia, ou seja, a escolha em salientar alguns aspectos da realidade, foram táticas do emissor para promover uma interpretação particular no contexto comunicativo (Leal, 2007).

Passados dois dias, o Jornal *Correio Popular* na seção Notícias Políticas divulgou a matéria intitulada "*Publicado edital para a reforma da Escola Agrícola de Ji-Paraná*", como se fosse uma ágil resposta às críticas divulgadas pelo jornal Diário da Amazônia.

Figura 52 - Secretária Sandra Marques fala sobre o Projeto de Reforma



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Logo acima do título da matéria, aparece estampado o registro fotográfico de Sandra Marques, na época Secretaria do Estado de Educação de Rondônia, e em letras menores, abaixo da fotografia, aparece uma possível resposta da Secretaria ao jornal e à população de Ji-Paraná, que dizia o seguinte: “Sandra Marques diz que há muito tempo estava trabalhando no Projeto” (da Escola Profissionalizante). Achemos importante trazer na íntegra o primeiro parágrafo da matéria para uma rápida análise:

A Secretaria de Estado da Educação informa que a antiga escola agrícola Sílvia Gonçalves de Farias, de Ji-Paraná, **não foi abandonada pelo governo de Rondônia**, mas passa por um processo de adequação dentro do programa de Educação Profissional. O Edital de Licitação da obra foi publicado pela Superintendência Estadual de Licitações no dia 15 de janeiro de 2002, através do decreto nº 9.389 e será aberto no dia 20 de fevereiro, prazo previsto conforme a

legislação. O valor da obra fixado no documento é de 967 mil, 885 reais e 4 centavos. (Correio Popular, 31/01/2002. In Memorial CEEPSGF).

A afirmativa de que a Escola Agrotécnica não foi abandonada pelo governo de Rondônia é contraditória ao Memorial produzido pela Equipe Pedagógica de Ji-Paraná responsável pela implantação do projeto. As fotografias e os depoimentos traduzem cenas de abandono ocorrido desde o encerramento das atividades no ano de 1999, que perdurou por 2001 e persistia no ano de 2002. Em outro parágrafo a notícia trazia um argumento paradoxal ao dito anteriormente:

Conforme Fátima, no ano de 1999, quando Bianco assumiu o Estado, **a escola agrícola já estava praticamente abandonada, sendo que o prédio já estava deteriorando e havia apenas uma turma de 3º ano.** “Como o estado já era caótico e também atendendo a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação, **Bianco resolveu fechar a escola e lutar para a implantação do centro profissionalizante.** (Correio Popular, 31/01/2002. In Memorial CEEPSGF, grifo nosso)

Ao mesmo tempo que disse que o governo não abandonou, afirmou que já estava abandonada e em estado caótico, além de responsabilizar o governo de Bianco pela decisão do fechamento da escola. Em outro trecho da notícia identificamos referências ao Decreto 2.208 de 1997 que normatizou a separação entre a Educação Profissional e o Ensino Médio, sem citá-lo: *A Escola Agrotécnica, portanto, estava fadada a desativação, por ter sido o sistema de ensino condenado pelo MEC depois da reforma do Ensino Fundamental e Médio.* A adequação à filosofia do decreto se tornou ainda mais explícita em outro trecho presente na matéria jornalística:

Atendendo a um mercado onde a necessidade de profissionalização é cada vez maior, o governador José Bianco acatou a sugestão e planejou através da Seduc, a criação de centros profissionais de excelência, onde **estudantes que tenham terminado o segundo grau possam optar por um Curso profissionalizante ao invés de universidade.** A exemplos de países como a França, a especialização através da educação profissional é reconhecidamente uma arma indispensável para o desenvolvimento do país. (Correio Popular, 31/01/2002. In Memorial CEEPSGF, grifo nosso).

É evidente que a notícia era uma resposta da Secretária de Educação para as críticas publicadas em outras mídias, destacando o alinhamento da Seduc com o Decreto 2.208/1997.

Contudo, o enquadramento da notícia não explicita o impacto negativo para a classe socioeconômica desfavorecida. Conforme Krüger (2007), a partir do Decreto de 2208/97, a educação profissional resultou na formação de dois grupos distintos de alunos: os que buscavam o Ensino Técnico, geralmente mais velhos, de famílias de nível socioeconômico mais baixo e oriundos de escolas públicas; e os alunos que buscavam o Ensino Médio, mais jovens, de nível socioeconômico mais alto, cujo objetivo principal era cursar a universidade. Assim, para os jovens de nível socioeconômico mais baixo, a escolha entre um curso profissionalizante em detrimento da universidade ao concluir o ensino médio, geralmente se tornava a única alternativa. De certa maneira, o Decreto atuou como um novo instrumento de exclusão para o ingresso de alguns ao Ensino Superior.

Na sequência do Memorial, o próximo documento que resgata memórias do Centro de Educação é a *Ata da Reunião de atendimento de Execução de Obra*, realizada no dia 05 de abril de 2002, na sede de Representação da Seduc de Ji-Paraná. O documento além de reforçar a origem dos recursos através do Proep, esclareceu *a impossibilidade de qualquer alteração nos projetos, tanto no básico como nos complementares, da obra conveniada sem a prévia autorização, formal e por escrito, do Proep*, inclusive, o texto em ata reforçou que as modificações indispensáveis e imprevisíveis deveriam ser alvo de consulta prévia, formal e escrita, à coordenação de Execução dos Projetos e Gerência do Proep. Ainda em ata, o representante da Proep focou na importância do Diário de Obra sempre atualizado com as anotações de todas as ocorrências observadas e, dentre outras informações, finalizou informando que assim que iniciasse a execução da obra, a responsabilidade pela implantação e o acompanhamento do projeto ficaria sob a responsabilidade da Gerência Técnico-Pedagógico do Proep (Gerente Professora Magda Rejane Soares), encerrando com a assinatura dos presentes.

Belmiro em entrevista falou a respeito do impedimento em realizar as modificações no projeto de reforma, sem citar a ata em questão, destacando as dificuldades em modernizar as estruturas antigas, devido a limitações técnicas e regulatórias:

Em Ji-Paraná eles acabaram aproveitando essa estrutura da antiga escola agrotécnica que passou por um projeto de reforma, foi feita uma licitação, todo aquele processo burocrático e uma empresa ganhou e veio fazer a reforma. Isso acelerou o processo,

porque enquanto os outros estavam sendo construídos, Ji-Paraná estava sendo reformado. Por um outro lado, os outros tem uma construção moderna, e Ji-Paraná tem uma construção antiga. Isso aí ficou muito visível. **Assim, eu tentei fazer algumas alterações naquela obra, Brasília nunca aceitou. Tipo aqueles, não sei se ainda tem hoje, entre um pavilhão e outro tinham umas passarelas bem estreitinhas, assim.** Então, eu tentei tirar aquelas colunas e pôr uma cobertura suspensa, fixa nos telhados. O engenheiro olhou para mim e disse assim “sem condição” “Pô! Eu vou fazer um corredor na mesma amplitude de largura tal”. Ele: “Não, não posso mexer. Não tem, não tem possibilidade. Tem que ser assim”. “Então beleza!” E tentei trocar as portas da época, botar as portas, que eram umas portas de lata, assim os latões, assim bem... “Não, não! Essas portas são muito boas, melhores do que essas, não sei o que e tal...” Então algumas situações que a gente pediu, sugeriu, já estava tudo amarrado num projeto e não teve (jeito). (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Na semana seguinte à reunião, um novo recorte de jornal foi anexado ao memorial, com o subtítulo *Governo inicia reforma da extinta Escola Agrícola Sílvia Gonçalves* - e um título maior em destaque: *Escola em Reforma*. Abaixo ao título e subtítulo da matéria jornalística havia uma fotografia de pessoas em sala, com a legenda: *Os estudantes de Ji-Paraná serão beneficiados com a reforma da extinta escola agrícola.*

Figura 53 - As promessas de reforma da extinta escola agrícola



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A fotografia apresenta uma sala pequena com aproximadamente 25 pessoas, atentas à mensagem expressa pela pessoa falando ao microfone. No transcorrer da notícia não há qualquer informação com relação a fotografia, e logo acima da imagem no lugar do nome do fotográfico do jornal aparece escrito ‘Arquivo’, o que podemos deduzir que foi uma imagem meramente ilustrativa.

A notícia explica que “a reforma e remodelação do prédio da extinta Escola Agrícola” teria começado um dia anterior à publicação da matéria, ou seja, no dia 09 de abril de 2002 e que o convênio firmado entre o governo do Estado e o MEC, ocorreria por intermédio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD). A professora Fátima Isabel Martins Nass, que a época estava como técnica da Seduc, lotada na representação de Ensino de Ji-Paraná, afirmou à reportagem que a obra ficaria pronta ainda no ano de 2002, oferecendo cursos técnicos de acordo com a necessidade da região, sendo cursos rápidos de capacitação como informática, corte e costura, padaria, dentre outros; além dos três cursos técnicos profissionalizantes iniciais: **técnico em informática, técnico florestal e técnico no setor madeiro e moveleiro**. No encerramento da notícia, a ênfase estava no fato de que enquanto o dinheiro do convênio serviria para a compra dos equipamentos, a estrutura funcional da escola ficaria por conta do Estado e que “inclusive o governo estadual já está capacitando técnicos para o funcionamento do centro profissionalizante.”

Em julho de 2002, a Portaria n 401/GAB/Seduc (Anexo X) acrescenta novos membros a Equipe de Educação Profissional do Município de Ji-Paraná: Belmiro Barriviera continua na Gestão Escolar e passa a ter a contribuição de Cristina Aparecida Rocco; Dirce Martins Coelhos prossegue na área de integração escola /comunidade com o apoio da servidora Eliene Nantes Oliveira; e Iolanda Dias Vieira, responsável pela área técnico-pedagógica recebe o auxílio da servidora Josane de Bastini.

Em entrevista, Belmiro afirmou que a partir desta segunda portaria, ocorre a constituição de *“uma equipe mais robusta (...) aí nós já fomos para escola, nós já fomos lá para o espaço, que é o IFRO hoje”*. Todavia, conforme registro do Memorial a Equipe gestora do Centro só efetiva sua mudança para as instalações do Centro (ainda em reforma) a partir do dia 16 de maio do outro ano (2003). Isso nos aponta uma das características da memória: a subjetividade na exatidão de datas, que em nada diminui a sua importância em

retomar o passado. Halbwachs, a respeito disso, esclareceu que, aos poucos, as lembranças trazem à tona várias nuances vividas e, “graças a uma série de reflexões”, a memória vai ganhando corpo e forma; dessa maneira, ao reconstituirmos o contexto temporal das lembranças reaparecidas, somos “forçados a examinar em detalhes todas as suas partes para tornar a encontrar a data do acontecimento” (Halbwachs, 2003, p. 124-125).

Sentimos a evidência de que a administração/governo estivesse a todo momento persuadindo a comunidade local sobre as vantagens da Educação Profissional, como forma de superar a indignação da população com relação ao fechamento e abandono da antiga Escola Agrotécnica. Apesar das reportagens expostas nas páginas anteriores apontarem que a reforma já havia sido iniciada em abril/2002 e citarem a inauguração para os meses de agosto de 2002, as fotografias presentes no memorial indicam a data de agosto/2002 como o marco do início da reforma:

Figura 54 - Reforma das Instalações – 2002



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

O ano de 2002 foi ano eleitoral, na qual José de Abreu Bianco se candidatou com a intenção de se reeleger governador de Rondônia, o que não aconteceu, pois ele perdeu para o candidato Ivo Cassol, no segundo turno. Isso reforça a nossa suspeita de que havia mais propaganda política no entorno da reforma da instituição do que realmente acontecia na prática, tanto que somente 2 fotografias da reforma de 2002 estão presentes no memorial e mais outras 2 fotos correspondem a Equipe Gestora divulgando os cursos nas escolas de Ensino Médio do Município de Ji-Paraná.

Figura 55 - Equipe do CEEPSGF Divulgando os cursos



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sérvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A fotografia anterior capta um momento na qual a Equipe visitou uma escola e fez a divulgação dos cursos que seriam ofertados aos estudantes do Ensino Médio. Por meio das letras presente no uniforme dos estudantes (GD) podemos identificá-los como alunos da Escola Estadual Gonçalves Dias, uma das escolas mais antigas atuantes da cidade de Ji-Paraná, criada desde 1969 quando a cidade ainda era denominada Vila de Rondônia (Silva *et al*, 2024).

Verificamos que as reportagens só fizeram alusão ao governador Bianco no primeiro semestre de 2002, não aparecendo reportagem no último semestre em resposta a Lei Complementar nº 64, de maio de 1990, Artigo 1º, Parágrafo 1º, que afirma: “Para concorrência a outros cargos, o Presidente da República, os Governadores de Estado e do Distrito Federal e os Prefeitos devem renunciar aos respectivos mandatos até 6 (seis) meses antes do pleito”. (Brasil, 1990b). Portanto, era necessário o afastamento do governador para tentar a reeleição e seu substituto não conduziu os trabalhos como era esperado, pois de acordo com as informações presentes no Memorial a reforma da instituição não aconteceu de forma célere conforme havia sido prometido.

- *2003: Novos rumos, limpeza da Instituição, cursos de capacitação e paralisação da reforma*

O memorial anexou uma reportagem do Correio Popular do dia 27 de novembro de 2003 que na seção Notícias Política, apresentou a manchete: *Leudo defende o Ensino Médio e Profissionalizante para área rural*. O Deputado Estadual trouxe seu nome em defesa de um Projeto Piloto com objetivo de levar oportunidades de estudo para o homem do campo. Segundo a reportagem: “Caso a Secretaria de Estado da Educação resolva implantar a ideia no Estado, será estendido o projeto Piloto do Programa de Ensino Médio no Campo (Proemc), que já funciona em Ji-Paraná desde o ano de 1999 (...)” e atende 600 alunos com possível demanda de 1300 esperando por vagas.

Figura 56 - Leudo defende o Ensino Médio e Profissionalizante para área rural

Notícias da política 3
Ji-Paraná, quinta-feira, 27 de fevereiro de 2003 - Correio Popular

Leudo defende ensino médio e profissionalizante para área rural

Leudo Buriti, ainda e, quanto presidente da CMJP, acompanhou e apoiou a implantação do Proemc.

Toda a zona rural de Rondônia deverá ter muito em breve o Ensino Médio, que deverá ser técnico profissionalizante em gestão de administração rural. Atualmente, praticamente não há o Ensino Médio na zona rural de Rondônia, o que é oferecido hoje é o transporte para o aluno do campo estudar na cidade, gerando mais despesas aos cofres públicos, causando cansaço aos estudantes e, como se não bastasse, incentiva a migração do homem da lavoura para a cidade, onde, devido à falta de especialização, acaba ficando desempregado, aumentando o problema social.

Caso a Secretaria de Estado da Educação resolvesse implantar a ideia no Estado, será estendido o projeto piloto do Programa de Ensino Médio no Campo (Proemc), que já funciona em Ji-Paraná desde o ano de 1999, ocasião em que foi elaborado pelo vereador e professor Adilson Parva (PEL) em parceria com o governo estadual, Sesi e Prefeitura.

Através do projeto, a escola fica instalada na própria comunidade. Os alunos vão à escola duas vezes por semana, ficando em tempo integral, das 8 às 17 horas e fazem uma disciplina por vez até eliminar todas. É considerado modular porque é uma matéria por vez, porém, presencial, pois se exige a presença, e considerado também ensino regular, já que não exige idade, levando em conta que o objetivo não é recuperar anos atrasados de estudo e sim dar a oportunidade do aluno continuar estudando no campo. No supletivo, exige-se uma idade mínima, pois o objetivo é recuperar anos atrasados.

Em Ji-Paraná, o projeto já atende 600 alunos e há uma demanda de 1.300 esperando por mais vagas.

O pedido para a implantação em todo o Estado foi feito ontem ao secretário da Educação, César Licório, pelo deputado estadual Leudo Buriti (PSL de Ji-Paraná), que quando foi presidente da Câmara de Vereadores, acompanhou e apoiou a implantação do projeto.

No ofício enviado ao secretário, Leudo ressalta especialmente a importância de dar ao homem do campo a oportunidade de estudo sem abandonar suas atividades e, depois, lembra que o ensino técnico é a grande tendência do momento em todo o Brasil em todos os segmentos da atividade econômica e profissional.

Também foi lembrado que hoje os bancos de fomento agrícola, como Basa e Banco do Brasil, por exemplo, estão tendo de devolver dinheiro ao governo federal por falta de projeto e proposta de administração de verbas rurais e no curso em questão, além das disciplinas normais, todas as técnicas serão apresentadas.

LIVRARIA TEIXEIRA
CASA SPORT
Promoção Volta às aulas 2003
• Caderno 10 matérias - capa dura: R\$ 4,80
• Caderno 15 matérias - capa dura: R\$ 5,80
Qualidade, variedade, prazo e preços baixos
Av. Marechal Rondon - Shopping Center - F: 421-6496
Av. Brasil - T19 - F: 421-3713 - Ji-Paraná - Rondônia

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Nesse formato a escola ficava instalada na própria comunidade e as aulas aconteciam duas vezes por semana, em tempo integral (das 8 às 17 horas), em formato modular na qual uma disciplina era eliminada a cada semana. Ainda segunda a notícia: “o objetivo não é recuperar anos atrasados de estudo e sim dar a oportunidade de o aluno continuar estudando no campo.” A reportagem destaca o trabalho do deputado estadual Leudo Buriti (PSL), eleito nas eleições de 2002, que com sua ação procurava ressaltar a importância de proporcionar educação ao homem do campo sem que ele precisasse abandonar suas atividades rurais. Ao mesmo tempo, Buriti lembrou o fato da devolução recorrente de recursos oferecidos pelos Bancos, como Basa e Banco do Brasil, aos agricultores. Segundo Leudo, os bancos estavam devolvendo “dinheiro ao governo federal por falta de projeto e proposta de administração de

verbas rurais”. Para solucionar esse problema, o Projeto Piloto ofereceria disciplinas normais e técnicas, auxiliando os estudantes do campo a atender a essa demanda.

Observamos que quaisquer notícias relacionadas à Educação Profissional despertavam interesse na Equipe Gestora em Ji-Paraná e eram colhidas para compor o Memorial do Centro Profissional. A próxima reportagem anexada ao Memorial apresenta o governador Ivo Cassol, eleito no segundo turno (eleições de 2002). As diferentes reportagens reforçam o quanto o ensino profissionalizante passou a ser pódio para que alguns políticos se autopromovessem, conforme mostra a imagem a seguir:

Figura 57 - Cassol inaugura Órgão Gestor em Porto Velho



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Os responsáveis pelo Memorial preocuparam-se em identificar o governador do estado, Ivo Cassol, e o secretário de Estado da Educação, César Licório, presentes na fotografia. A imagem apresenta um cenário comum de inauguração de patrimônio público com o corte de uma fita simbolizando a inauguração oficial. A reportagem assinada por Yalle Dantas inicia com a informação de que Ivo Cassol (PSDB) esteve em Porto Velho para inaugurar⁶⁸ a sede do Órgão Gestor da Seduc, espaço que funcionaria “como uma espécie de cérebro” responsável em administrar e gerenciar os centros de cursos profissionalizantes existentes em todo o estado de Rondônia. Nas palavras do governador o seu compromisso consistiria no investimento de obras similares à que estava sendo inaugurada, em prol de cursos profissionalizantes para os jovens do Estado.

O Secretário De Educação, César Licório, além de especificar as funções do Órgão Gestor inaugurado, informou que uma equipe de profissionais capacitados pelo governo federal já havia sido disponibilizada para a implantação dos cinco centros de ensino profissional nas cidades de Ji-Paraná, Vilhena, Ariquemes, Porto Velho e Cacoal. Segundo informações da reportagem, as atividades de Ariquemes aconteceriam em colaboração com a Escola Técnica Federal de Agropecuária e Alimentos, e **em Ji-Paraná a obra de construção do prédio estava 60% pronto.**

Outra informação importante oferecida pela reportagem diz respeito a pesquisa realizada pela *Fundação Sead* (Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos) encomendada pelo MEC, com a finalidade de “detectar a demanda do mercado e a necessidade para implantação de cursos técnicos”. Por intermédio da pesquisa os cursos oferecidos por cidade seriam os seguintes: Porto Velho - Artes Cênicas, Turismo e Informática; **Ji-Paraná - Madeira e Moveleira, Florestal e Informática**; Cacoal - Processamento de leite e derivados, Informática, Reabilitação (fisioterapia) e Enfermagem.

A fotografia a seguir, apesar de não estar muito nítida, é um marco importante para a Equipe Gestora de Ji-Paraná: a primeira visita ao Órgão Gestor em Porto Velho.

⁶⁸ A reportagem recortada e colada no Memorial não apresenta data, mas pelas informações constantes em outra reportagem presente no Memorial, há referência de que a inauguração do Órgão Gestor em Porto Velho ocorreu no dia 14 de fevereiro de 2003.

Figura 58 - Equipe gestora visita Órgão Gestor em Porto Velho



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Na fotografia, observamos a placa anunciando “Órgão Gestor da Educação Profissional do Estado de Rondônia”. Trata-se do prédio recém-inaugurado e apresentado em reportagem anterior. Conforme a legenda constante no Memorial, sabemos que a visita ocorreu no dia 06 de fevereiro de 2003, uma semana antes da inauguração, e estavam presentes na fotografia: Belmiro, Eliene, Cristina, Josane, Fernando, Geisa e Divina.

Em 04 de abril de 2003 nova reportagem é publicada pelo *Folha de Rondônia*, com a Manchete: *Curso à Educação Profissional*, seguido de título auxiliar: *Estão sendo implantados cinco centros profissionalizantes em Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena: o de Ji-Paraná deverá ser inaugurado em agosto*. Ou seja, a reforma que no início do ano de 2002 estava prevista para concluir em agosto de 2002, agora tinha novo prazo: agosto de 2003. Pelo destaque dado à possível inauguração em Ji-Paraná, confirmamos a memória de Belmiro de que o Centro de Ji-Paraná era um dos mais adiantados nas implementações e por isso, a Equipe Gestora e a população local tinha expectativa que os esforços estariam concentrados para que sua inauguração ocorresse sem mais atraso.

Na sequência da reportagem, o texto escrito por Edivaldo Gomes traz no primeiro parágrafo a explicação da fotografia (a seguir) feita por Weliton Nunes: “Terminou ontem o encontro para treinamento da Equipe Gestora dos cursos profissionalizantes que serão implantados em Ji-Paraná e Cacoal”.

Figura 59 - Treinamento da Equipe Gestora



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Notamos membros da Equipe Gestora de Ji-Paraná e Cacoal sentados nas cadeiras do auditório da Representação de Ensino de Ji-Paraná, ouvindo as orientações da Equipe Gestora de Porto Velho. O olhar da lente captou frações de segundo de um curso que teve a duração de quatro dias. A fotografia parece ter o intuito de confirmar à sociedade os preparativos da Educação Profissional Rondoniense. Na reportagem anexada ao memorial, o diretor de ensino profissionalizante em Ji-Paraná, Belmiro, explicou que “a meta do curso profissionalizante não é suprir a necessidade de um curso superior, mas preparar mão de obra para o mercado de trabalho e amenizar a falta de vagas para o ensino superior nas universidades públicas.”

O Subgerente do Programa Gestor, José Carlos Paim, também expressou suas ideias no jornal, destacando as vantagens da Educação Profissional tanto para estudantes quanto a própria empresa, principal parceira do Projeto de Profissionalização dos jovens: “Uma

empresa pode ceder um determinado tempo dos equipamentos dela para o treinamento do pessoal, mas em contrapartida a equipe do curso pode qualificar os funcionários da empresa (...). Ao final da reportagem José Carlos enaltece os esforços do governador Ivo Cassol: “(...) por exemplo, a equipe não tinha local adequado de trabalho, mas em fevereiro Cassol inaugurou uma sede apropriada.” Paim faz referência ao espaço inaugurado no dia 14 de fevereiro, exposto anteriormente.

No mesmo dia, o jornal *Diário da Amazônia*, por meio do texto de Jéferson Barbosa, também traz ao conhecimento da sociedade as últimas notícias referentes as implementações da educação profissional na região. Se na manchete anterior a ênfase era o curso profissionalizante, nesta o título principal coloca em evidência os técnicos que receberam o curso de formação: *Técnicos da SEDUC são capacitados*. O Subtítulo informa: *Os técnicos formados pela Secretaria de Educação do Estado vão atuar nas cidades de Cacoal e Ji-Paraná*.

Figura 60 - Treinamento da Equipe Gestora de Ji-Paraná e Cacoal



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A fotografia mostra um pequeno grupo de servidores do estado assistindo ao curso oferecido pelo Órgão Gestor de Porto Velho. Segundo José Pain, Subgerente do Programa, “o objetivo da Seduc é capacitar os 30 técnicos nas áreas de elaboração de planos de cursos, parcerias, **legislação da nova reforma** de educação para o país, entre outros.” Na reportagem as afirmações de que os “técnicos da Seduc são capacitados” e “os participantes ficarão aptos a atuar na elaboração de plano de cursos”, nos fizeram questionar o fato de nunca citar docentes. As reportagens analisadas sempre destacavam o trabalho dos “técnicos da Seduc”, nos sugerindo inicialmente que, na modalidade profissionalizante, a participação dos professores para a elaboração e execução dos planos de cursos seria dispensada. Contudo, Belmiro esclareceu o uso recorrente da função técnico em substituição a professor:

Nós éramos todos professores, mas nós éramos considerados técnicos dentro do governo, porque nós estávamos na área de gestão. Era gestão, integração escola-comunidade e o pedagógico, **a gente não iria se envolver, ter envolvimento com alunos, por isso a gente era considerado técnico.** Mas nós recebemos toda a formação durante vários anos, inclusive, muitas reuniões, muitas palestras, muitos encontros. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Igualmente, os demais textos jornalísticos enfatizavam as parcerias desenvolvidas com empresas como a principal força motriz para que a Educação Profissional se concretizasse.

Após essas reportagens, o memorial se compõe de cinco fotografias que registram o Encontro com os membros do Conselho Estadual de Educação e a Equipe Gestora de Porto Velho, Cacoal e Ji-Paraná, realizado entre os dias 5 a 8 de maio de 2003. Conforme anotações da equipe, durante a reunião aconteceu: orientações sobre a elaboração dos Planos de Cursos a serem oferecidos na instituição profissionalizante (**Técnico em Madeira e Moveleira, Técnico Florestal e Técnico em Informática**), além da designação para o início dos trabalhos da equipe de Educação Profissional.

Segundo os entrevistados foi o momento em que pensaram que realmente o Projeto sairia do discurso para a prática. O grupo teve que assumir funções extras, como a limpeza das salas que ocupariam para obter os resultados desejados. No memorial constam doze registros da equipe saindo da sala provisória da Representação de Ensino em Ji-Paraná, para o

espaço do Centro que há algum tempo estava sendo reformado. Nas fotografias, observamos que apesar de estarem desempenhando funções alheias, a equipe estava sorrindo e as legendas passam a ter um tom mais descontraído:

Figura 61 - Mudança para o Centro Profissional Sílvia Gonçalves de Faria



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

O diretor de Ensino Profissionalizante retratado na ação de limpar as calçadas da instituição, próximo aos bebedouros de aço, e a legenda com uma frase imperativa “*Cuide da Coluna, Belmiro!*”, trazem leveza para o momento em que a equipe se uniu para limpeza e organização do Centro. A fotografia ao lado mostra o companheirismo do grupo na realização da faxina, preparando o Centro Estadual de Educação Sílvia Gonçalves Faria para o funcionamento e continuidade dos afazeres. As atividades administrativas, que antes ocorriam em local provisório na Seduc de Ji-Paraná, a partir de então, teriam novo espaço: a instituição Sílvia Gonçalves de Faria que continuava em reforma.

No dia 16 de maio de 2003, após a limpeza do prédio, ocorreu a efetiva mudança para a nova casa institucional:

Figura 62 - Faxina e organização do Centro Profissional



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A fotografia mostra Belmiro retirando caixas e outros materiais dentro do carro e na foto seguinte Dirce, Neusa, Cristina e Eliene organizando o ambiente. A faxina e organização aconteceu animada entre os dias 14 e 16 de maio de 2003. Infelizmente, a alegria durou pouco, pois na sequência, o Memorial registrou a fase de paralisação da reforma do Centro de Educação Profissional.

Figura 63 - Paralisação da reforma do Centro de Educação Profissional



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Após 2 anos do início da reforma da antiga Escola Agrotécnica, o que foi noticiado em vários jornais da região, as fotografias do memorial nos apresentam, ainda no segundo semestre de 2003, salas de aulas destelhadas, sem portas ou janelas, caixa d'água derrubada, materiais de construção, como tijolos, espalhados pelo pátio da instituição. Apesar da inviabilidade das circunstâncias, a equipe continuou desenvolvendo suas funções com o que tinha disponível. Na sequência aparecem fotografias que descrevem um pouco do cotidiano dos técnicos em prol da Educação Profissional em Ji-Paraná. Lembrando que são várias fotografias, contudo selecionamos algumas para apresentar o trabalho da equipe enquanto as obras estavam paralisadas:

Figura 64 - Reunião da Equipe Gestora com a comunidade



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

A primeira imagem apresenta a reunião do mês de junho de 2003, na qual a Equipe Gestora do Centro começou a elaboração inicial do Plano do Curso de Técnico Florestal. Por não serem da área florestal a equipe sentiu dificuldades na elaboração do plano. Foi assim que passaram a primar pelo maior contato com a comunidade e no mês de agosto (fotografia do dia 05/08/2003) nova reunião foi realizada com a presença de engenheiros e técnicos florestais que deram suporte na elaboração do plano de curso.

Eliene, ao nos contar suas memórias, falou do intenso e colaborativo processo para desenvolver os cursos (madeira e movelaria, florestal e informática). Ressaltou, inclusive que um estudante egresso do curso técnico em Floresta da antiga Escola Agrotécnica os auxiliou na elaboração do plano do curso (capturado pela fotografia do dia 05/08/2003):

Foi bem complicado pra gente. Eram três cursos. Era madeira e movelaria, florestal e informática. Quem ajudou muito também foi a comunidade. A gente não fez nada sozinho. Então, a gente fez contato com o pessoal que trabalha com madeira, com movelaria aqui. O pessoal veio ajudar a gente na elaboração. A gente queria saber deles, o perfil do egresso, os equipamentos, que tipo de equipamento seria. Porque a gente não entendia nada. A gente é pedagogo. Ah teve também o pessoal de engenharia florestal. Teve bastante gente que ajudou a gente. **Teve ex-aluno da escola técnica também que ajudou a gente, para montar o perfil do egresso**, a gente fez bastante visita também nas empresas, procurando ver o que o empresário precisava. Foi em cima dessas orientações que as pessoas iam passando pra gente, da necessidade, a gente foi montando. (Eliene Nantes de Oliveira, Entrevista cedida a Geovânia Maciel, 2023).

O diretor Belmiro também expôs sobre as adversidades na elaboração dos planos de cursos, especialmente o de Movelaria, durante o resgate de suas memórias vividas no Centro:

Uma loucura... se você conseguir falar com a Josiane ela vai te dar todos esses detalhes da parte pedagógica da Montagem desses planos de curso. **A questão da movelaria mesmo, não existia uma pessoa com nível superior dentro de Ji-Paraná ou quiçá na região que a gente pudesse contar.** Nós contamos com técnicos de movelarias de marcenarias que tinha tipo ensino médio, então assim, que tinha uma certa experiência, um certo desenrolar na situação para poder... **não existia poder buscar informações para ir montando esses currículos.** (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

As próximas fotografias congelaram instantes do curso de capacitação ministrado pelo Centro Paula Souza que aconteceu na cidade de Ouro Preto (RO). O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS)⁶⁹, autarquia do Governo do Estado de São

⁶⁹ Na atualidade o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) “administra 224 Escolas Técnicas, oferecendo 224 cursos, e 75 Faculdades de Tecnologia, com 85 cursos de graduação tecnológica, em diversas áreas do setor produtivo” (Carvalho e Morais, 2023, p. 155).

Paulo, é uma instituição de educação técnica e tecnológica criada em 1969, que atualmente está vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Figura 65 - Capacitação da Equipe Gestora com o Centro Paula Souza



Capacitação da Equipe do Centro com Consultores da rede Paula Souza de São Paulo:
22 a 26/09/2003

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

De acordo com os estudos de Carvalho e Moraes (2023), o Centro Paula Souza, desde seu início, atua em conformidade com as políticas nacionais da época, priorizando um sistema de qualificação profissional para *a classe trabalhadora*. Ao lembrar dos cursos ofertados a equipe, Belmiro recordou que apesar da boa vontade dos instrutores do curso em repassar informações, no dia a dia não havia a quem recorrer e as dificuldades eram muitas:

(risos) Não tinha onde se segurar... não tinha onde se segurar. Eles tinham boa vontade, defendiam essa questão do curso, porque Ji-Paraná até então ainda tinha muita questão da Madeira. Existiam sim pessoas que eram ligados nessa área e que sonhavam, até porque era uma forma de preparar a mão de obra para eles. Quem tinha as suas indústrias quer sejam maiores ou mesmo as micros, se eles quisessem ter um (funcionário), **tinha que pegar lá um garoto que tivesse afim de aprender e ensinar ele dentro da própria marcenaria correndo todos os riscos de acidentes e coisa mais que a profissão oferece, deixa em aberto.** Mas é por isso que eles (empresários) também sonhavam com esse curso funcionando. Aliás, esse curso é uma ideia que surge de uma reunião deles. Quando surge a ideia do centro de educação profissional de Ji-Paraná pedem esse curso de movelaria, dado o número de empresas ligadas ao setor madeireiro que existia ainda em Ji-Paraná. Hoje não faz sentido, porque não temos mais madeira. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

A memória do diretor do Centro Profissionalizante traz indícios de um aspecto na qual a parceria entre empresa e escola, resultava em benefício maior para as empresas, uma vez que a responsabilidade de risco de acidentes ao aprendiz era repassada às instituições de educação profissional. Por coincidência há um texto anexado ao memorial que está com um trecho grifado a respeito do Centro Paula Souza e consideramos interessante reescrever a seguir:

Dados recentes da Paula Souza documentam de forma indiscutível a troca de perfil dos alunos. Aqueles com renda familiar de até cinco salários-mínimos passaram de 32% para 57%. Ou seja, praticamente dobrou a proporção de alunos de origem muito modesta, legitimamente interessados nos cursos profissionais oferecidos. Eis um feito a ser comemorado. Acendamos foguetes e rojões para sua entrada no ensino médio, ainda que tardia. Já os de onze e vinte salários caíram de 21% para 8% e a faixa de 21 salários passou de 5% para 1%. (Castro, 2003, p. 20).

O texto intitulado "*Os pobres nos cursos técnicos*" foi publicado pela Revista Veja em 30 de julho de 2003, na seção Ponto de Vista, escrito pelo economista Claudio de Moura Castro. Em destaque no artigo de opinião está a frase que afirma: “Comemoremos a chegada da classe operária às escolas técnicas. Mas nos preocupemos com as políticas elitistas disfarçadas que, ao prometer uma miragem, acabam não oferecendo nada” (Castro, 2003, p. 20).

Acreditamos que o texto possa ter sido utilizado durante o curso ministrado aos técnicos da Seduc de Ji-Paraná e Cacoal. O texto diz muito a respeito dos ideais defendidos pelo Centro Paula Souza e sobre os fundamentos do Decreto 2208, que desde sua publicação em 1997, no governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso (FHC), estava ocasionando grande debate a nível nacional.

Castro (2003), em seu texto, expressa posição favorável ao Decreto 2208/1997, com a justificativa de que a reforma do ensino técnico ao separar o profissional e acadêmico, contribuiu para que a elite perdesse o interesse ao ensino profissional, e consequentemente resultou em mais “vagas para os mais pobres, que antes não conseguiam competir (em “vestibulinhos” com mais de dez candidatos por vaga)” (Castro, 2003, p. 20).

É importante contextualizar que no momento em que tentavam ‘ressuscitar’ a instituição técnica em Ji-Paraná aos moldes do Decreto 2208/97, uma profunda crise estava

instalada no Ensino Médio a nível nacional, de modo que nos anos de 2003 e 2004 aconteceram várias mobilizações de professores, sindicatos e pesquisadores no país.

Buscando amenizar as críticas ao decreto de 1997, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, eleito em 2002, aprovou o Decreto 5154/2004, que propôs “a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e ensino médio” nas formas integrada, concomitante e subsequente (Brasil, 2004). Partindo desse pressuposto podemos afirmar que a trajetória das políticas e normativas da educação em nível nacional entre os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002) e até os mandatos seguintes de Lula (2003-2011), foram marcados “hegemonicamente pela lógica da descontinuidade, por carência de planejamento de longo prazo” (Dourado, 2007, p. 925).

Quando um político sai do cargo e outro assume, os projetos muitas vezes não têm continuidade. Além disso, as políticas estaduais nem sempre estão alinhadas com as políticas federais. Com essas informações, já podemos antecipar que o Projeto de implantação do Centro, que avançava lentamente, teria maiores motivos para ser descontinuada a nível estadual, especialmente após a publicação do Decreto 5154/2004, que trouxe novos rumos para a educação profissional no país.

A fotografia a seguir traz uma reunião da equipe do Centro de Educação com segmentos importantes da sociedade Ji-Paraense. Além do deputado Leudo Buriti, o chefe de obra (Dadá) e o Dr. Renato Veloso, a reunião foi marcada pela presença de representantes da CERON⁷⁰, que solicitaram o oferecimento do curso de Eletrotécnica por parte do Centro Profissional Sílvia Gonçalves de Faria.

⁷⁰ A CERON foi a distribuidora de energia elétrica do estado de Rondônia de 1968 até o ano de 2019. A partir daí o Grupo Energisa, quinto maior em distribuição elétrica no país, arrematou a empresa em um leilão realizado em São Paulo. Após a aquisição, a CERON passou a se chamar Energisa Rondônia.

Figura 66 - Reunião com segmentos da sociedade



Reunião da equipe com segmentos da sociedade: CERON, Deputado Leudo Buriti, Dr Renato Veloso, Dadá (chefe de obra) e a equipe do Centro: 14/11/2003

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Próximo a fotografia da reunião com a Ceron, no memorial foi colada uma página de jornal, da seção *Balcão de Empregos*, na qual estava presente a divulgação de vagas que comprovavam a necessidade de mão de obra para a função de Eletrotécnicos (marca texto verde), não apenas na cidade de Ji-Paraná, mas também em Cacoal e Pimenta Bueno. A seguir a página na íntegra, e ao lado esquerdo fizemos a ampliação da vaga de emprego em Eletrotécnica e da legenda do Memorial escrito à mão, demarcados por setas, para tornar mais legível a leitura.

Figura 67 - Balcão de Empregos: Busca-se eletrotécnicos



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023.

Sem dúvida, enquanto a reorganização não acontecia a nível nacional e a reforma local estava parada, a formação técnico profissional funcionava como se fosse a galinha dos ovos de ouro na política de Ji-Paraná, conforme mostram os recortes de jornais que a equipe do centro anexou ao memorial:

Figura 68 - Compilado de políticos em torno da Educação Profissional



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Junto ao anexo de obra paralisada do Centro Profissionalizante, o Memorial contava também com esses 3 anexos, em páginas individuais. Minimizamos as imagens e as adaptamos colocando-os em um único espaço. Os recortes representam a movimentação de representantes políticos da região em torno do ensino profissionalizante.

No Número 1, observamos a divulgação do trabalho do deputado Leudo colocando a Educação como principal pauta de seu ofício. Ao se reunir com os diretores do PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional), o deputado afirma a realização de algumas conquistas: conseguir levar o Ensino Médio ao campo por meio do PROEMCRO (Projeto de Ensino Médio no Campo); contratação de professores para a UNIR de Ji-Paraná; estender a oferta do PROHACAP (Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos) aos

professores emergenciais; e viabilização de modo urgente para funcionar o PROEP para o atendimento de alunos da zona rural e urbana.

Em 2, a figura política presente é o deputado Deusdete Antônio Alves que reivindicou “do Governo Estadual a conclusão das obras da Escola Profissionalizante de Ji-Paraná (antigo colégio agrícola), cujos trabalhos foram iniciados e em seguida interrompidos”. Conforme legenda do Memorial, no dia 13 de novembro havia ocorrido uma Assembleia itinerante em Ji-Paraná com pronunciamento do Deputado Deusdete e a reportagem foi publicada em seguida, no dia 16 de novembro de 2003.

Em Número 3, o deputado estadual Renato Velloso (PFL) publicou no Folha de Rondônia do dia 25 de novembro, uma fotografia sua acompanhada da declaração: “*Velloso anuncia novo Centro Profissional*”. Conforme o texto, havia ocorrido uma reunião com professores do Centro (retornar a figura 66 - reunião do dia 14/11/2003), na qual o parlamentar foi informado sobre a paralisação das obras. Em resposta, Velloso se reuniu com a gerência estadual (vinculada à Seduc- Porto Velho), para garantir a retomada da reforma do Centro Profissionalizante.

Um dia antes da publicação do deputado Velloso (25/11/2003), o Memorial registrou o retorno da reforma e acrescentou 14 fotografias da instituição por vários ângulos. Escolhemos algumas para expor a seguir:

Figura 69 - Retorno da reforma, em novembro de 2003



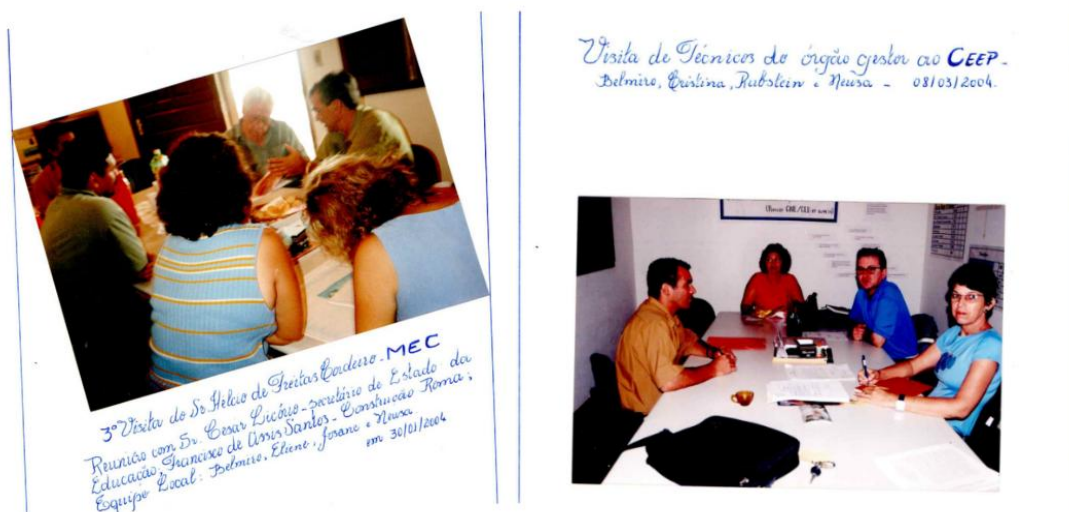
Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Por meio das imagens vemos os fundos e frentes do auditório, a biblioteca e a fotografia que registra o momento em que se está testando a canaleta (estrutura construída para escoar a água), tudo com o acréscimo da palavra em reforma. Contudo não há presença de trabalhadores executando a reforma. A nosso ver, a equipe preocupou-se em registrar como a instituição se encontrava no início do retorno às obras anunciadas nas manchetes diversas. Uma dúvida que paira é saber se algum representante político realmente interveio e obteve resultado com relação ao retorno da reforma, ou se todos estavam apenas aproveitando os impulsos de uma reforma que a tempos tentava ser desengavetada.

- 2004: Será que o Centro se tornará realidade?

Além da continuação da reforma (reiniciada no final de novembro/2003), o ano de 2004 começa com visitas diversas ao Centro de Ji-Paraná: no dia 30 de janeiro de 2004 aconteceu a terceira visita do representante do MEC, Hécio de Freitas Cordeiro, juntamente com o Secretário de Estado da Educação, César Licório, e o representante da Construção Roma, Francisco de Assis Santos. Já no dia 8 de março a equipe técnica do Centro Gonçalves de Faria recebeu a visita do órgão Gestor de Porto Velho, conforme mostram as fotografias:

Figura 70 - Visita de Técnicos do MEC ao Centro de Estadual de Educação Profissional



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Outra notícia presente no Memorial refere-se a reunião ocorrida no dia 4 de março de 2004, nas instalações do Centro de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria (CEPSGF) com a Associação Comercial de Ji-Paraná (ACijip), os representantes da Secretaria de Educação e os representantes de outros órgãos com a finalidade de apresentação dos objetivos do Centro Profissional. Atenção especial notamos na parte do texto em que cita o apoio da comunidade na elaboração da grade curricular do curso: “para conhecer o objetivo do centro e consequentemente participar de sua formação dando apoio na elaboração da grade

curricular do curso Madeiro-Moveleira”. A seguir a reportagem na íntegra com trecho grifado em vermelho:

Figura 71 - Notícia - Escola agrícola vira Centro Profissionalizante



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Ao lado da reportagem, outra notícia traz em destaque o título *Escola Agrícola vira Centro Profissionalizante*. Além da informação dos três cursos escolhidos para a nova instituição, segue notícias sobre a reforma: “O prédio está passando por uma ampla reforma com recursos oriundos de um convênio entre a Secretaria de Educação do Estado (Seduc), Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep)”. Deduzimos que esse trecho estava constante na abertura do jornal para fazer introdução a outra reportagem anexada ao Memorial (com a mesma data da anterior-04/03/2004) que segue na sequência:

Figura 72 - Notícia - Ji-Paraná vai ter Centro de Educação Profissional para atender 360 jovens

em 04/03/2004

EDUCAÇÃO

JI-PARANÁ VAI TER CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA ATENDER 360 JOVENS

Tecnologia aplicada

Adriana Albuquerque

As instalações da antiga Escola Agrícola estão sendo reformadas para o funcionamento do Centro de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria, que a princípio vai funcionar com três cursos técnicos: Informática, Madeiro-Moveleiro e Ambiental.

A previsão da inauguração é para agosto, a reforma está sendo feita com recursos do convênio firmado entre a Secretaria de Educação do Estado (Seduc), Ministério da Educação e Cultura (Mec) e o Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep). A Seduc viabilizou os funcionários que estão trabalhando no processo de criação do Centro. São 8 técnicos, um agente administrativo e 5 funcionários de apoio. O corpo docente também vai ser cedido pela Seduc.

"Estamos preparando a grade curricular. Já estão sendo adquiridos os computadores para o curso de Técnico em Informática que será dividido em módulo com carga horária a ser definida. Vamos inaugurar o Centro com o Curso de Informática

que já tem todos os pontos definidos", informou Cristina Rocco, integrante da equipe de Gestão Escolar.

O Centro Educacional vai abrir vagas para 3 turmas de 40 pessoas para o curso de Informática, para os cursos de Técnico Ambiental e Técnico em Madeira e Moveleiro estão sendo providenciados os equipamentos necessários.

"Estamos em contato com diversos setores da sociedade, empresários, Ibama, secretaria de Agricultura e Meio-ambiente, técnicos agrícolas e florestais, para colher informações a respeito das necessidades da comunidade para que possamos formar técnicos que atendam às necessidades locais. Garantindo assim que os nossos profissionais já

saíam do Centro com emprego garantido", informou Belmiro Barriviera, da Gestão Escolar.

Não haverá nenhum custo para os alunos, a escola vai ser mantida pela Seduc e deverá procurar convênio com os empresários e comunidade para prestação de serviços e venda da produção própria, para que se torne auto-sustentável.

Procura de Faria
A ARTE DO PERFUME

**ATENDEMOS
REVENDEDORES**

Avenida Brasil, 447 Centro - Tel. 421-1993



Leandro Nunes

As instalações estão sendo totalmente reformadas e o Centro será inaugurado em setembro

Visita de Representantes da SEMAGRI, ACIJIP, SENAI e CODPMOB, para falar de assuntos como perfil dos egressos do Curso Madeira e Moveleiro, confirmação da demanda e adequação dos Laboratórios - em 04/03/04.

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

A reportagem escrita por Adriana Albuquerque, intitulada com *“Ji-Paraná vai ter Centro de Educação Profissional para atender 360 Jovens”*, informa que o Centro Profissionalizante oferecerá inicialmente três cursos Técnicos: **Informática, Madeiro-moveleiro e Ambiental**, na qual serão formadas 3 turmas de 40 pessoas cada. Diferente das outras notícias que citavam o curso Técnico Florestal, agora houve referência ao curso Técnico Ambiental.

Logo abaixo da fotografia do Centro, com a caixa d'água instalada, a seguinte legenda surge: *“As instalações estão sendo totalmente reformadas e o Centro será inaugurado em setembro”*. A reportagem expõe a busca de apoio aos diversos setores da sociedade, empresários, Ibama, Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente e a coleta de informações com a comunidade local, e ainda reforçam a garantia de que os profissionais que fossem formados pelo Centro já sairiam “com emprego garantido”, segundo informações prestadas por Belmiro Barriviera, da Gestão Escolar, à reportagem.

Ao lermos a legenda logo abaixo da reportagem (visita de representantes da SEMAGRI, ACIJIP, SENAI e COOPMOB), supomos que esse recorte de jornal seja continuação do anterior, já que registra diversos setores da sociedade presentes na reunião no Centro profissionalizantes com a finalidade de averiguar o perfil dos estudantes e confirmação de demanda do curso Madeira e Movelaria, além da adequação dos laboratórios para a realização das atividades práticas.

O início do mês de março de 2004, começaram a descarregar materiais e imobiliários advindos da Seduc para o Centro, conforme expôs parte do registro fotográfico selecionado a seguir:

Figura 73 - Mobiliários com defeitos vindos da Seduc/REN/JIPA



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Os registros apresentam mesas, cadeiras, armários, ar-condicionado, estantes entre outros recursos adquiridos da Representação de Ensino da Seduc em Ji-Paraná. Uma das memórias de Belmiro parece retratar esse momento de limpeza na instituição:

Nós fizemos... começamos pelo mobiliário, porque veio uma ordem assim: “O governador quer inaugurar o Centro”. Se o governador quer inaugurar o Centro temos que mobiliar o Centro. Vamos buscar o material, só que o material estava acho que uns 3 anos dentro do almoxarifado. Fomos transportando aquilo pro pátio e ali na frente, lavando tudo, limpando tudo, sábado, domingo, final de semana. Não foi nem em dia de semana aquilo. Na semana continuava a faxina... e ninguém tinha medo de fazer, ninguém dizia “ah isso eu não fui contratado para fazer isso e tal”. A gente acreditava tanto, que a gente fez até isso. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Os materiais recebidos com defeitos também foram fotografados e descritos pela equipe. Observamos que em alguns momentos o Memorial funcionava como uma medida de segurança para possíveis situações futuras, como a comprovação de que o mobiliário já havia chegado com irregularidades. Em outros momentos percebemos que os anexos do memorial, principalmente as fotografias, serviam para a equipe como legitimação de que os trabalhos estavam sendo desenvolvidos na instituição, mesmo com a ausência de estudantes. A respeito

disso, o diretor do Centro, que foi o nosso último entrevistado, reafirmou essa função que havíamos observado como uma das possíveis finalidades do Memorial:

Eu acho que até uma forma de justificar o que a gente fazia, de uma forma inconsciente, acho que a gente queria justificar o que a gente fazia. (...) Tanto é que a gente criou esse Memorial todo e foi registrando passo a passo de tudo que a gente fazia, porque a gente eu falo, é ruim a gente ter essas histórias distorcidas, parte é verídica parte não é, inventada é criada, eu acho. Por isso que eu falei, eu fiquei feliz quando você fez o primeiro contato, cara que maravilha, vamos conseguir contar uma história mais próxima possível da realidade. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Assim, parte do cotidiano do Centro de Educação Profissional de ontem pôde ser descortinado hoje pelas fotografias produzidas e pelos recortes de jornais anexados.

Outro registro, ocorrido no mesmo dia do recebimento dos materiais, refere-se à limpeza dos canteiros e demais espaços da instituição de ensino, realizada com maquinário pelo DEVOP (Departamento de Viação e Obras Públicas).

Figura 74 - Limpeza dos canteiros pelo Departamento de Viação e Obras Públicas (DEVOP)



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Além disso, segundo a legenda das fotografias houve a demolição dos antigos alojamentos, que não teriam nenhuma utilidade para o Centro Profissionalizante. Pena que o registro foi feito após a estrutura já demolida.

Os registros nos fazem deduzir que o curso de Informática foi o último a ter o plano de curso elaborado, já que a data de reunião com os representantes da comunidade só ocorreu no dia 15 de abril de 2004, conforme os arquivos do memorial do CEEPSGF.

Figura 75 - Elaboração do Plano do Curso de Informática com a comunidade



Reunião com representantes da Comunidade Área de Informática - informes sobre o CEEP - início da elaboração do Plano de curso - 15/04/2004.



Início da elaboração do Plano de Curso da área de Informática - 15/04/2004.
— Delmira, Lusina, Silomena, Eliene, Joane e Naura

Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

O memorial também serviu para registros fotográficos mais subjetivos, como a festa de aniversário do diretor da equipe (2003) e para momentos de despedidas de servidores (2004):

Figura 76 - Comemorações da Equipe do CEEPSGF



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

A primeira fotografia corresponde a um registro anexado no memorial do ano anterior (20/09/2003) quando a equipe comemorou o aniversário de Belmiro. Já a segunda fotografia corresponde a registros da sequência que estamos seguindo, traz a despedida da Gestora Cristina Rocco (04/2004) que prestou serviços ao Centro Profissionalizante por quase dois anos (de julho/2002 a abril 2004). A pessoa responsável pela produção do Memorial sempre esteve com a preocupação em detalhar na legenda o acontecimento e muitas vezes até mencionar o nome dos que estavam presentes. Quando possível era escrito o nome dos participantes presentes, na sequência em que apareceriam nas fotografias. Depreendemos que foi um trabalho bastante organizado.

Conforme os registros da equipe, durante os dias 17 a 20 de maio de 2004 aconteceu um Encontro realizado no órgão Gestor em Porto Velho. Dirce, Neusa e Josane estiveram como representantes do Centro de Ji-Paraná. O evento teve a presença do Secretário de Estado da Educação, César Licório; do Deputado Nereu; da professora Lúcia Senna Rolla, Representante do MEC/PROEP; além da equipe do Centro de Cacoal e de outras instituições ligadas à Educação Profissional em Porto Velho.

Em agosto de 2004, Eliene fez uma viagem pessoal a São Paulo e aproveitou para conhecer pessoalmente o Centro Tecnológico de Madeira e do Mobiliário de Votuporanga (CEMAD) - criado em 1999 com o objetivo de formação de mão de obra moveleira especializada.

Figura 77 - Visita ao Centro Tecnológico de Madeira e do Mobiliário de Votuporanga (CEMAD)



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

A fotografia registra o momento na qual o coordenador do CEMAD apresenta o prédio, os maquinários e todas as demais estruturas do Centro Tecnológico de Votuporanga, oferecendo dicas valiosas para que Eliene possa repassar a equipe do Centro de Ji-Paraná. Eliene recorda que a Seduc não disponibilizava de recursos para visitas como essa, então o grupo aproveitava as viagens pessoais para conhecer outras instituições e aproveitar ideias produtivas para colocar em prática no CEEPSGF:

Ah eu fui também, porque a família do meu esposo trabalhava, ou mora lá em São Paulo, em Votuporanga, aí tinha uma escola de movelaria, que era um dos cursos que a gente pretendia colocar. É... **a gente fazia tudo assim, por nossa conta.** Essas visitas, assim, fazia fora, a gente ia ... não recebia. Sem ser remunerado, porque a gente não tinha recurso pra isso, né? A gente aproveitava e tinha alguma... **Igual no meu caso, eu estava indo de férias. E aproveitei, fui lá visitar a escola, saber como funcionava e tudo.** A gente foi pegando também informações, o pessoal foi passando pra gente os planos de curso. Aí teve o pessoal da Paula Souza, deu algumas informações pra gente. (Eliene Nantes Oliveira. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2023).

A equipe buscava conhecimentos e procurava estar atenta com relação às informações que envolviam a educação profissional. A manchete do Estadão do Norte, do dia 17 de agosto de 2004 trouxe a fotografia do Ministro Tarso Genro com o título em destaque “*Genro propõe pacto pela educação profissional*”⁷¹ e abaixo de sua fotografia a explicação de que o Ministro detalharia a proposta em Brasília.

Figura 78 - Genro propõe pacto pela educação profissional



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

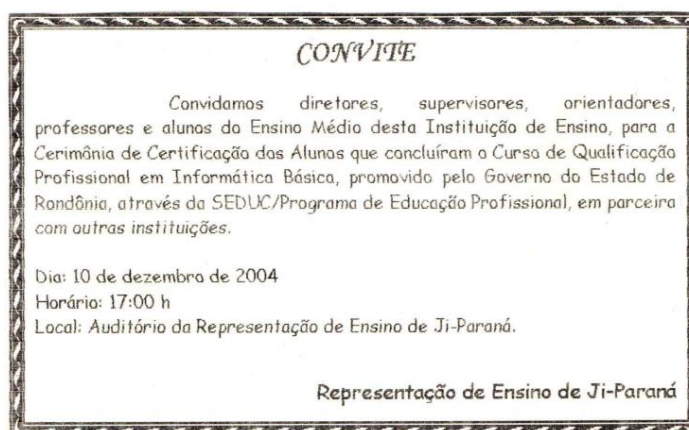
⁷¹ O Pacto pela Educação Profissional proposto pelo Ministro Tarso Genro em nível nacional, teve grande desenvoltura em 2011 no Rio Grande do Sul, quando Tarso Genro estando no governador lançou o Pacto Gaúcho pela Educação Profissionalizante, Técnico e Tecnológica, que ao posicionar-se no debate favorável ao Decreto nº 5.154/2004 e a Lei nº 11.741/2008 e contrário ao Decreto nº 2.208/1997 revogado, afirmou o seguinte: “A partir deste debate, a tarefa que se coloca para a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul é desenvolver um projeto educacional que atenda às necessidades do mundo do trabalho, mas que tenha na sua centralidade o indivíduo, a partir de uma proposta de **formação integral**” (Rio Grande do Sul, 2011, p. 8, grifo nosso).

Tarso Genro foi o Ministro da Educação entre janeiro de 2004 e julho de 2005. Na matéria, o destaque é para o:

Pacto da Valorização da Educação Profissional e Tecnológica proposta pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC) e pelos Conselhos dos Dirigentes dos Centros Federais de Educação Tecnológica (Concefet), Nacional das Escolas Agrotécnicas Federais (Coneaf) e dos diretores das Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais (Condetuf), além do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional (Sinasefe). O projeto tem cinco itens: ordenamento legal; fortalecimento das redes federal e estaduais de educação profissional e tecnológica; política de fortalecimento, modernização e expansão; articulação de redes; e parceria público-privada.

Em meio a tantas dúvidas e mudanças, a equipe procurava dar continuidade nas atividades do Centro, mesmo não dispondo de recursos e apoio financeiro suficiente. O convite a seguir registra o empenho da equipe na Cerimônia de Certificação dos alunos concluintes do *Curso de Qualificação Profissional em Informática Básica*, que ocorreu no dia 10 de dezembro de 2004.

Figura 79 - Convite de Certificação aos concluintes do Curso de Informática Básica



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Por intermédio do Memorial voltamos no tempo e presenciamos a mesa das autoridades presentes no evento de Certificação do Curso Profissional. A seguir, as

fotografias do momento da entrega dos certificados aos concluintes do curso de Informática Básica:

Figura 80 - Entrega dos certificados



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Com o certificado anexado ao memorial sabemos que o curso foi realizado durante os meses de outubro, novembro e dezembro, totalizando 80 horas de Curso de Informática Básica (Windows 98, Word 2000 e Excel 2000). No verso do certificado consta todo o conteúdo programático aplicado no decorrer do curso.

- 2005: O Centro Profissional em destaque nas notícias, a união da Equipe Gestora e novas turmas sendo certificadas

Em 2005, os registros no Memorial iniciam a partir do mês de junho com a equipe novamente fazendo limpeza e mudanças em alguns blocos da instituição.

Figura 81 - Limpeza e organização dos blocos



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

No dia 02 de julho de 2005, foi realizada uma reunião com a comunidade local “nas dependências do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria para tratar da definição e aprovação do nome do referido Centro.” As pessoas presentes passaram a mencionar memórias da referida Escola Agrotécnica: Dirce lembrou de como o nome da Escola Agrotécnica era referência na região pelo ensino de qualidade que oferecia; um senhor presente disse que trabalhou algum tempo no serviço de transporte dos alunos e admirava ver o entusiasmo dos estudantes da antiga escola; Eliene lembrou que dentre os egressos da Escola Agrotécnica, havia alguns Secretários municipais e até um ex-Prefeito; a professora Filomena reafirmou que por ser um nome reconhecido por excelência quando o assunto é a educação profissional, poderia permanecer o mesmo, ainda recordou que desde sua chegada em Rondônia sempre ouviu elogios por grande parte da população ao falar da antiga Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria. Depois que todos falaram foi proposto o sistema de votação e como não havia “outro nome em discussão, ficou decidido por unanimidade” que o nome ficaria sendo Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria e todos os presentes assinaram a ata.

Em novembro de 2005 as notícias no *Folha de Rondônia* reportavam a imagem do Centro Profissional reformado, centrado em uma “firme modalidade pedagógica do ensino profissionalizante, que abre uma via alternativa de acesso a uma profissão para quem **não**

pretende disputar uma vaga na universidade”. A seguir recorte da matéria, acompanhada da fotografia da entrada da instituição:

Figura 82 - Notícia - Centro treinará 5 mil jovens por ano



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

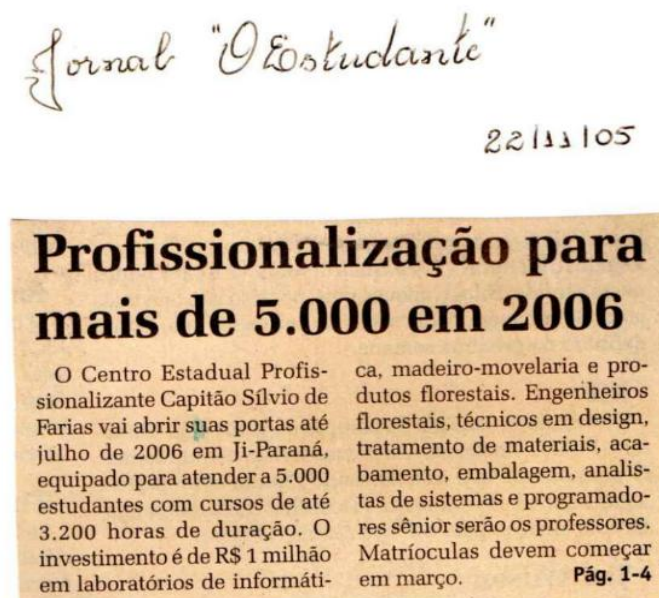
Na fotografia, vemos a entrada do Centro Cap. Sílvio de Farias com visão de entrada, idêntica ao que atualmente presenciamos na entrada do IFRO, *Campus Ji-Paraná*. A reportagem anuncia que com o fim da reforma, o próximo passo seria a “fase de instalação de máquinas, mobiliário e contratação de técnicos e professores para o maior centro profissionalizante a funcionar no Estado”. Apesar da propaganda em afirmar que o centro será “uma máquina de profissionalizar jovens capaz de transformar moças e rapazes recém-saídos do Ensino-Médio em trabalhadores habilitados a disputar uma vaga no mercado de trabalho”, na sequência, traz a informação que a estrutura escolar não está pronta para receber os estudantes: “vai abrir suas portas em Ji-Paraná até julho” de 2005, com a justificativa de que as interrupções ocorreram por causa da negociação com a empreiteira responsável. Quanto a forma de ingresso dos candidatos, o texto informa que ocorreria pelo formato “vestibulinho” e considerando os resultados no histórico escolar dos candidatos.

Das reportagens anexadas ao memorial, esta foi a primeira menção aos docentes das áreas técnicas, com ausência da parte de Ciências Humanas:

Os quatros cursos de movelaria irão ter o apoio técnico de profissionais como engenheiros florestais, técnicos em design, tratamento de materiais, acabamento até comercialização. Nos laboratórios de informática, a ênfase será na formação de técnicos habilitados a instalar e dar manutenção em redes, operar sistemas e treinar usuários.

O jornal “O Estudante”, no dia 22 de novembro de 2005 trouxe na capa um resumo da matéria que seria exibida nas folhas de 1 a 4. Em destaque comunicou que no ano de 2006 haveria vagas para a Profissionalização de mais de 5 mil estudantes, em cursos com até 3.200 horas. Conforme a reportagem anterior, igualmente enfatizou o valor de 1 milhão no investimento feito nos laboratórios de informática, madeiro-moveleiro e produtos florestais.

Figura 83 - Notícia - Profissionalização para mais de 5 mil jovens/2006



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Infelizmente, nem todas as páginas da reportagem estão presentes no memorial. Em uma das páginas escolhidas para compor o Memorial podemos verificar a identificação do grupo que antes era denominada como Equipe Gestora ou grupo de técnicos da Seduc, a

seguir aparece denominada como “equipe docente do CEEP” - Centro de Educação Profissional (descrição na fotografia).

Figura 84 - Notícia - Centro Profissional inaugura em 2006



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

A notícia anterior havia afirmado que o processo de seleção seria por vestibular e histórico escolar. Na reportagem ao *Jornal Estudante*, o diretor Belmiro Barriviera afirmou que “por ser um curso que oferece vagas limitadas, deverá haver um processo seletivo, que ainda está em discussão junto ao setor pedagógico da entidade (...)”.

Vale salientar que a notícia foi bem sincera em relatar o tempo de aguardo da comunidade local e regional por essa instituição:

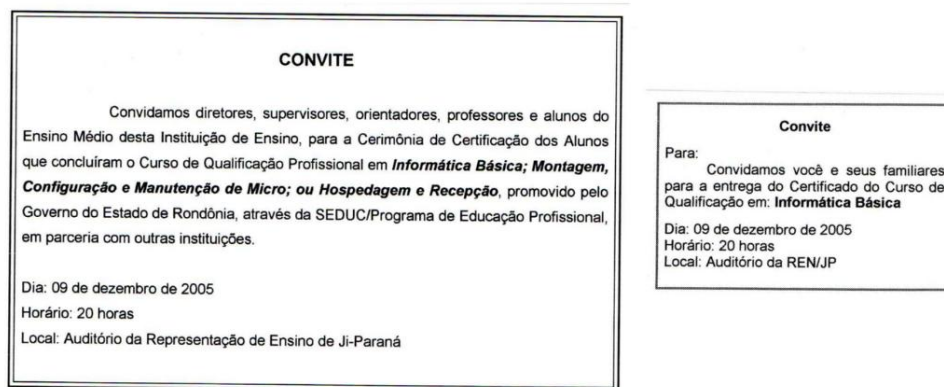
Esse momento está sendo aguardado pela comunidade estudantil local e regional, desde o ano de 2002, quando a escola começou a ser construída, em substituição à Escola Agrícola, desativada definitivamente no ano anterior. **O projeto surgiu há cerca de cinco anos**, calçado na falta de profissionais especializados para as áreas de maior consumo de mão-de-obra no Estado na época, informática, florestal e madeiro-moveleira.

Em outro parágrafo, há referência aos impasses em nível nacional já mencionados em nossa pesquisa, que impactaram no projeto do estado em colocar em prática 5 centros no Estado de Rondônia:

A ideia inicial era de construir cinco centros de educação Profissional em Rondônia, um em Porto Velho, um em Ji-Paraná, um em Ariquemes, um em Cacoal e um em Vilhena. **Com as diversas mudanças de governos em nível nacional e estadual, esse projeto acabou sofrendo vários cortes e somente o centro de Ji-Paraná, que já havia recebido um investimento em torno de R\$1 milhão, acabou sendo construído.** Mesmo assim, após quatro anos, não recebeu de acordo com o projeto, os equipamentos necessários para o seu funcionamento. (...)

O memorial do Centro de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria encerra com os convites para a Cerimônia de Certificação do Curso de Qualificação em Informática, Montagem, Configuração e Manutenção de Micro; ou Hospedagem e Recepção, ocorrida no Auditório da Representação de Ensino de Ji-Paraná/RO no dia 09 de dezembro de 2005.

Figura 85 - Convite das turmas de 2005



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

A mensagem entregue aos formandos também consta anexada ao memorial do Centro. Trata-se do poema *Receita de Ano Novo*, do escritor modernista Carlos Drummond de Andrade. A mensagem principal do texto poético anuncia que para termos um Ano Novo significativo e transformador, não precisamos de eventos extraordinários ou listas tradicionais, mas sim, buscarmos a coragem existente no interior de cada indivíduo, para que

as mudanças internas e pessoais ressoem na felicidade do cotidiano do ano vindouro. As palavras finais do poema de Drummond, presente na mensagem entregue aos estudantes concluintes do curso, declara que:

(...) Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.
(Carlos Drummond de Andrade)

Lamentamos que, naquela época, o Centro Profissionalizante de Ji-Paraná não possuísse os recursos necessários para a execução de suas atividades. Nós estamos diante de um material riquíssimo que conta a história da Educação Profissional em Ji-Paraná/RO. Ficamos imaginando o quanto seria grandioso se a equipe tivesse à disposição uma máquina fotográfica profissional! A fotografia a seguir nos traz a dimensão de como modificou o entorno da escola em 5 anos.

Figura 86 - Área invadida - Novo Ji-Paraná



Fonte: Memorial do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria. Cedido à pesquisadora, 2023. Adaptado.

Ao encerrar as atividades, em 1999, a Escola Agrotécnica, que funcionava como uma escola fazenda, teve sua área invadida. Apesar de não estar claramente visível, é possível perceber que, nos fundos da instituição, muitas casas ocupavam o espaço onde, por muitos anos, eram realizadas aulas de práticas agrícolas. Não havia mais alojamentos, currais, aviário, ou pocilga... Agora era uma Escola Profissionalizante que buscava meios para se firmar. A falta de ação e planejamento adequado resultou na perda de um espaço educacional valioso para a comunidade, especialmente para os jovens que buscavam formação técnica na área agrícola e florestal. A ingerência administrativa ficou evidenciada pela demora de mais de 5 anos para reverter o abandono e revitalizar a escola.

Sem termos os registros dos acontecimentos entre os anos 2006 a 2007, podemos afirmar que o Centro caminhava em meio a maiores impasses na conjuntura nacional da educação profissional. Ao questionarmos o diretor do Centro a respeito do principal desafio em gerir a instituição profissional que só conseguiu oferecer poucos cursos de curta duração,

Belmiro apontou o tempo (ênfatisando por várias vezes e com grande entonação sentimental) aliado a cobrança da sociedade como os principais obstáculos vivenciados na Gestão do Centro Profissional:

O tempo, o tempo. O tempo, porque a gente como técnico quer ver a coisa funcionar. A gente não é político. A gente é técnico, então a gente quer ver funcionar. Então para mim **o tempo foi o maior sofrimento**. Demorou muito. E na história da reforma houve atraso de pagamento para empresa, ficou paralisado por um período. Nossa! Foi muito difícil, muito difícil (...) **Vem cobrança** porque “como que tem uma equipe que tá num lugar que não tem aluno” e “como é que isso não funciona e já são não sei quantos anos”. E **dava impressão para uma boa parte da sociedade que nós éramos funcionários fantasmas**. Como dizer assim que a gente não tinha uma definição, não tinha um trabalho em si. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Além de relembrar outros momentos marcantes ao lado da equipe, o diretor Belmiro descreveu o dia de sua despedida como um dos dias mais memoráveis, vividos durante sua gestão no Centro de Educação Profissional:

A minha despedida onde eu plantei uma árvore, tem uma árvore minha plantada lá dentro daquele Centro. É um jenipapeiro, pé de jenipapo. Ele foi plantado entre as duas casas praticamente do lado da rua (...). Ele deve estar grande já. Então essa foi uma... porque despedida sempre é marcante. A gente era uma equipe boa, uma equipe muito unida, nunca tivemos uma desavença sequer. A gente era muito mãos-dadas mesmo, pegava para um rumo, todo mundo ia junto. E a despedida foi realmente... nós fizemos um almoço e tal e depois do almoço, eu plantei essa árvore e despedi. Mas tiveram muitos momentos bons, muitos momentos bons, as visitas, as viagens, tudo era alegria. A gente acreditava muito, acreditava muito. A chegada do mobiliário, cada carreta que chegava era uma festa, porque a gente via aquilo acontecendo. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025)

Belmiro relembra que a equipe ficou cinco anos lutando para tornar realidade o Centro de Educação Profissional em Ji-Paraná, mas foi vencido pelo cansaço e se afastou das atividades de gestão antes que o Estado finalizasse as negociações com os entes federativos para a constituição do Instituto Federal de Rondônia:

[...] com essa situação nós ficamos cinco anos lutando com esse projeto. Pra você ver eu fui com a primeira portaria para lá, ainda em julho, em julho não, em outubro de 2001. E eu me afastei de lá em maio de 2007. (...) **Eu já não tinha mais fôlego para tal e resolvi me afastar**, porque aí também eu recebi um convite para ir, para fazer um trabalho em parceria com a prefeitura e o Banco do Brasil e eu acabei me desvinculando. Mas em seguida, também não demorou, acho que alguns meses, as meninas todas foram retiradas (do Centro Profissional). Mas nessa época já ficou certo que seria o IFRO, que seria montado o IFRO. (...) Mas aí eu eu te confesso que eu fiquei muito feliz, porque eu comecei a ter a certeza que iria funcionar, porque o meu medo era que depois de tanto trabalho não funcionasse. (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

Consoante aos estudos de Ciavatta (2012) e Le Goff (1990), podemos afirmar que as imagens que compõem o Memorial possuem natureza documental e caráter informativo, já que simultaneamente recriam o passado da instituição, conforme a visão particular do grupo que o produziu. Consideramos também que o Memorial é documento e monumento dado a sua condição de construir a história e perpetuar a memória do Centro de Educação Profissional Silvio Gonçalves de Faria.

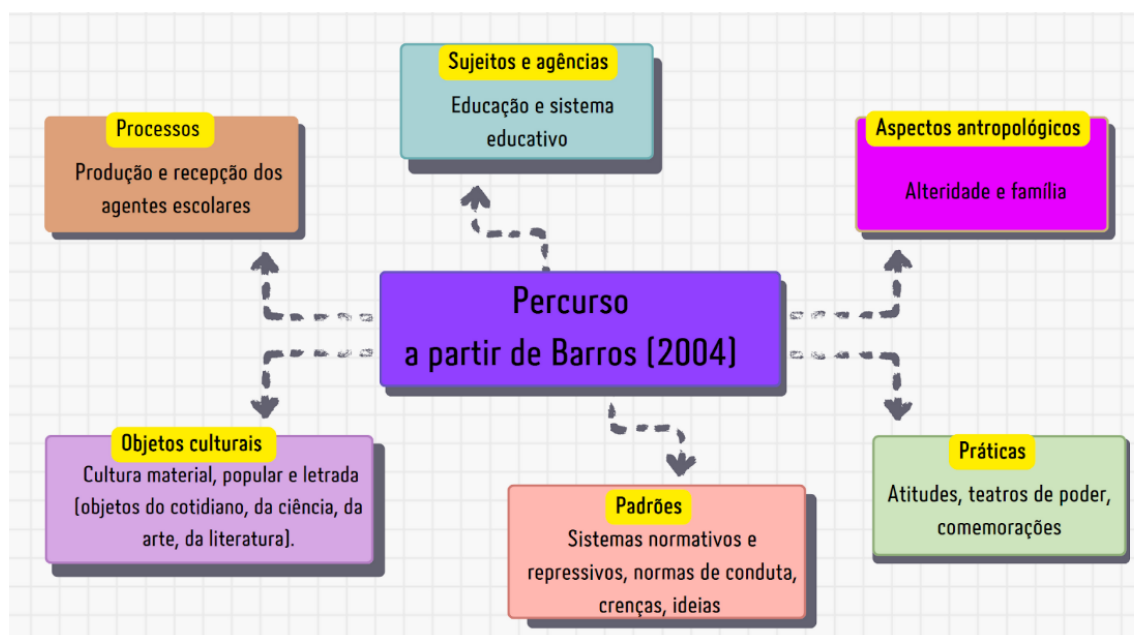
O acervo fotográfico da Escola Agrotécnica e do Centro Profissionalizante Sílvia Gonçalves de Faria, que desvendamos até este ponto, transcendeu a mera representação visual, revelando-se uma janela privilegiada para o passado. Através das narrativas e imagens, pudemos capturar nuances das experiências cotidianas e os legados duradouros construídos nessas instituições. Assim, antes de concluirmos esta seção com o tópico que aborda a implantação do *Campus* Ji-Paraná, faremos uma retrospectiva da análise dessas fotografias sob a lente teórica de José D'Assunção Barros (2004). Essa revisão nos ajudará a compreender como as instituições precursoras do atual *campus* não apenas pavimentaram o caminho, mas continuam a influenciar a rica história da educação profissional e tecnológica tanto da região quanto do próprio IFRO.

Desvendando a alma da Instituição: uma análise multifacetada sob a ótica de Barros

Nas linhas que seguem, lançamos um olhar analítico sobre as fotografias da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná e do Centro Profissional Sílvia Gonçalves de Faria, guiados pelo esquema de José D'Assunção Barros (2004), de modo a emergimos em um rico panorama das dinâmicas que teceram a história dessas instituições. A aplicação dessa perspectiva teórica nos permite ir além da superfície das imagens, desvendando as camadas de significados que moldaram a vida escolar e a identidade da comunidade educativa.

Na introdução desta pesquisa apresentamos a perspectiva teórica de José D'Assunção Barros (2004), que abarca a dimensão da História Cultural, fundamentação de nossa tese. Ao elaborarmos a Figura 87 (a seguir), procuramos ilustrar de forma concisa os percursos analíticos que guiaram a interpretação das fotografias da Escola Agrotécnica e do Centro Profissionalizante. A historiografia contemporânea, e em particular a História Cultural que aqui nos interessa, volta seu olhar para os sujeitos e suas experiências no tecido da instituição escolar, buscando desvendar valores, normas e memórias através de noções como representações, práticas, mentalidades e imaginário. Conforme Barros (2004, p. 61), “os inúmeros objetos da História cultural – distribuídos ou partilhado entre os cinco eixos” – que retomamos visualmente na Figura 87 – “têm constituído foco de interesse de vários historiadores do século XX”. Esses elementos em categorias interconectadas – *processos, sujeitos e agências, aspectos antropológicos, práticas, padrões e objetos culturais* – oferecem um mapa conceitual para navegarmos pela análise das reminiscências visuais que compõem o acervo fotográfico e, assim, aprofundarmos nossa compreensão da história institucional.

Figura 87 - Percurso para análise das fotografias, sob a ótica de Barros (2004)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de Barros (2004).

A Figura anterior procura ilustrar a trajetória que nosso estudo percorreu, uma vez que na análise do material iconográfico revelamos não apenas os '*sujeitos e agências*' que atuaram na escola Agrotécnica e no Centro Profissional de Ji-Paraná (estudantes, professores, funcionários, comunidade), mas também os '*processos*' de produção e recepção do conhecimento, os '*objetos culturais*' que permeavam o cotidiano escolar, os '*padrões*' que regiam as condutas, as '*práticas*' que marcavam os rituais e os '*aspectos antropológicos*' que influenciaram (e influenciam) a formação dos estudantes.

Em síntese, mesmo em face da complexidade da cultura que hoje predomina nos meios da historiografia profissional, podemos exemplificar cada um dos objetos da História Cultural, relembando algumas fotografias analisadas ao longo da segunda seção da Tese:

1. **Sujeitos e Agências na Construção da História da Instituição:** A história da Escola Agrotécnica Estadual Silvio Gonçalves de Faria (EAESGF) e do Centro Estadual de Educação Profissional Silvio Gonçalves de Faria (CEEPSGF) foi moldada por uma complexa interação de sujeitos e agências. Os estudantes, protagonistas de diversas origens, vivenciaram e moldaram o cotidiano escolar, engajando-se em atividades práticas que contribuíram para a construção de suas

identidades e respectivamente a identidade da atual instituição. Algumas fotografias que servem de ilustração para vislumbrarmos a complexa interação dos sujeitos que vivenciaram e moldaram o cotidiano escolar: Figura 32 (Estudantes em placa institucional – turma de 1992-1994) - os principais agentes do cotidiano escolar, posam junto à placa da escola demonstrando sua participação ativa na criação da memória da turma e na formação da identidade da Escola Agrotécnica, afirmando seu papel como parte integrante dela; Figura 17 (Após coletar insetos: banho na pedreira do senhor Nenê) - a atividade de "coletar insetos" representa a agência pedagógica da escola, buscando conectar o aprendizado teórico com a prática e o ambiente local, na qual a pedreira do senhor Nenê, torna-se um agente de aprendizado informal e de socialização e se revela como agência dos próprios alunos em buscar momentos de lazer e construir laços de amizade para além das atividades curriculares formais; A Figura 25 (Estudantes e professor na Horta da EAESGF) - demonstram a interação entre os sujeitos no aprendizado prático. Os alunos são agentes ativos na construção do conhecimento, o professor, como mediador do conhecimento, exerce um papel fundamental nesse processo, a horta como agência pedagógica, conecta o aprendizado com a prática agrícola, reforçando a identidade da escola e sua conexão com o mundo do trabalho; Figura 35 (Servidoras da Merenda e limpeza da EAESGF) - frequentemente invisibilizadas em narrativas históricas focadas apenas em estudantes e professores, essas servidoras desempenham um papel crucial no funcionamento diário e no bem-estar da instituição. Elas são agentes que, através de seu trabalho, garantem a alimentação e a higiene do ambiente escolar, criando as condições básicas para que o processo educativo ocorra de forma adequada.

2. Processos de Produção e Recepção dos Agentes Escolares: Os processos de produção e recepção dos agentes escolares na EAESGF e no CEEPSGF revelaram-se complexos e multifacetados. O aprendizado prático e a troca de conhecimentos informais entre os alunos, como as aulas de karatê e capoeira ministradas, demonstraram a produção de conhecimento de forma horizontal, onde os mais experientes compartilhavam suas habilidades. A Figura 18 (Karatê na escola Agrotécnica de Ji-Paraná) - exemplifica a troca de conhecimentos práticos entre os alunos. A Equipe Gestora desempenhou um papel central na produção de conhecimento, elaborando currículos, organizando eventos e buscando parcerias com a comunidade e empresas locais, conforme mostra a Figura 64 (Reunião da Equipe Gestora com a comunidade), na qual a equipe escolar procura estratégias para se articular com a comunidade. A recepção das ações da Equipe Gestora pela comunidade foi variada, com momentos de apoio e colaboração, mas também com cobranças e questionamentos, exemplificado na Figura 51 (O Descaso com o Patrimônio Escolar continua). A interação com representantes políticos e órgãos

governamentais foi marcada por negociações e disputas, conforme ilustra a Figura 66 (Reunião com segmentos da sociedade) e a recepção dos alunos nos cursos de qualificação profissional demonstrou a importância do Centro Profissionalizante para a comunidade local em determinado período, como mostra a Figura 55 (Equipe do CEEPSGF divulgando os cursos).

3. Objetos Culturais e a Complexidade da História da Instituição: A história da EAESGF e do CEEPSGF se revela por uma diversidade de objetos culturais que refletiram as práticas e saberes presentes na instituição e em seu entorno. A cultura material da escola, representada por ferramentas e equipamentos agrícolas na Figura 39 (Uso de trator na Escola Agrotécnica de Ji-Paraná), pelo mobiliário escolar na Figura 73 (Mobiliário com defeitos vindos da Seduc/REN/JIPA) e pelos equipamentos diversos como enxadas na mão dos estudantes, na Figura 28 (A força feminina – Turma de 1981-1983), revelou parte do cotidiano e das atividades desenvolvidas. A presença de ferramentas agrícolas e o registro do uso de tratores ilustram a vocação inicial da escola para a formação técnica agropecuária e a importância do trabalho prático no aprendizado. A cultura popular, presente nas Festas Juninas e Miss Agricolina, na Figura 38 (As comemorações na EASGF), apontam para a dimensão social e a integração da escola com a comunidade local, celebrando a cultura popular e criando laços entre alunos e funcionários. A cultura letrada, representada pela biblioteca, citada pela primeira bibliotecária (Elenir, uma de nossas entrevistadas), o gosto pela leitura expresso pelo testemunho da ex-agricolina, Ednalva (*“às vezes só lendo literatura portuguesa e brasileira. Tínhamos um grupo viciado em leitura (...)”*) e os materiais didáticos presentes na Figura 36 (O cotidiano no Alojamento da EASGF), na qual aparece na prateleira do guarda-roupa, livros e cadernos dos estudantes que viviam em sistema de internato, tudo isso evidenciou símbolos da educação formal na instituição, importantes para a construção da identidade escolar e a transmissão de conhecimento ao longo dos anos. A presença de objetos do cotidiano, da ciência, da arte e da literatura, contribui para a construção da identidade da escola. Os materiais didáticos e os livros presentes no alojamento dos internos reforçam a ideia de que a escola como um todo era espaço integral de formação, onde o aprendizado se estendia para além da sala de aula (ver Figura 23: Estudando para as provas). A análise desses objetos culturais permite compreender melhor o contexto histórico, social e cultural da EAESGF e do CEEPSGF, oferece uma perspectiva multifacetada da história da instituição, revelando a complexidade das suas práticas educativas, das suas relações sociais e da sua evolução ao longo do tempo. Eles são testemunhos tangíveis de um passado que continua a influenciar a identidade presente da escola que segue com o desenvolvimento de outros cursos no âmbito do Instituto Federal, como exemplo o curso Técnico em Florestas e o Superior em Engenharia Florestal. O Próprio

Memorial, documento organizado pela equipe do Centro de Educação Profissional, torna-se um objeto imprescindível da cultura material que incorpora a memória coletiva e a história da equipe do CEEPSGF.

4. Aspectos Antropológicos de Alteridade e Família: Os aspectos antropológicos de alteridade e família se manifestaram de maneira sutil, mas significativa, nas relações e práticas da EAESGF e do CEEPSGF. A interação com a comunidade local, que incluía diferentes grupos sociais e profissionais, demonstram a presença da alteridade e o reconhecimento da importância da Escola Agrotécnica e do Centro Profissionalizante para a comunidade e toda a região. A Figura 64 (Reunião da Equipe Gestora com a comunidade) e a Figura 40 (Momentos de lazer e imersão na prática da Extensão Rural), exemplificam a interação da equipe com diferentes grupos sociais. A preocupação em adaptar os cursos às necessidades do mercado de trabalho local, também se revelou uma postura de respeito à alteridade, já que a contribuição de diferentes setores, reconheciam as demandas por habilidades específicas da região. A Figura 34 (Servidora da EAESGF catando feijão na cozinha improvisada após explosão) exemplifica as relações de cuidado e apoio mútuo entre os membros da equipe e o senso de comunidade. O ato de solidariedade social, em local improvisado após a explosão, ilustra um forte senso de cuidado e disposição para apoiar os colegas em momentos de necessidade que vai além das descrições formais de cargos e destaca os laços interpessoais. Os sujeitos sentem um senso de unidade e responsabilidade compartilhada uns com os outros, visto que a instituição foi citada como uma segunda casa em diversos testemunhos, demonstrando como o ambiente de trabalho pode se tornar um espaço de relações familiares. A própria preocupação em compor o Memorial do CEEPSGF, remetem a uma dinâmica familiar, especialmente conforme expõe a amizade da equipe a partir da Figura 76 (Comemorações da Equipe do CEEPSGF), sugerindo que os relacionamentos da escola se estendiam além das interações profissionais.

5. Padrões Normativos e de Conduta: Os padrões normativos e de conduta presentes na EAESGF e no CEEPSGF também foram evidenciados nas fotografias e nos testemunhos. Na EAESGF, a Figura 21 (Burlando as regras escolares: colegas de quarto no alojamento interno da EASGF) sugere a existência de regras escolares e tentativas de subversão, com a presença de bebidas nos quartos. Os relatos de trotes e a proibição do uso de uniforme fora da escola revelam normas disciplinares e hierarquias formais e informais. Os estudantes viviam no dilema de seguir as normas de conduta da instituição, como a participação ativa em atividades práticas, representada na Figura 25 (Estudantes e professor na Horta da EASGF), ao mesmo tempo que deveriam seguir as regras monitoradas pelos próprios internos, expostas na Figura 36 (O cotidiano no alojamento) e na Figura 37 (Lavando roupa no alojamento). A participação em eventos comemorativos exemplificados na Figura 19

(Fatos e Fotos Pioneiros de Vila de Rondônia – Toca Drinks) e na Figura 30 (Estudantes da Escola Agrotécnica em Crisma) demonstram a vivência às normas sociais e culturais pelos estudantes, mesmo quando fora do alcance da instituição. O ideal de "aprender fazendo", ficaram explícitos na Figuras 24 (Estágio da mandioca e viveiro de mudas) e Figura 26 (Compilado das principais atividades práticas), pois ressaltam que a educação técnica tinha como alicerce o projeto de oportunidades de estudo e preparação para trabalho dos jovens. A transição da EAESGF para o CEEPSGF, indicou mudança nas normas e foco: com maior ênfase na profissionalização, conforme mostra a Figura 67 (Balcão de emprego: Busca-se eletrotécnicos) e destaque no diálogo com a comunidade exposto na Figura 64 (Reunião da Equipe Gestora com a comunidade) e na Figura 66 (Reunião com segmentos da sociedade). A invasão e ocupação do espaço escolar (Figuras 43, 44, 45, 46 e 47) revelaram uma quebra das normas sociais e legais, cujas consequências se manifestam até no momento presente, notavelmente na ocupação urbana desordenada no entorno da instituição. Essa questão complexa, com implicações no planejamento urbano e na dinâmica social local, emerge como um relevante tema para futuras investigações acadêmicas, assim como a análise da trajetória e da participação das mulheres nos cursos de Técnico Agrícola na região.

6. Práticas, Atitudes, Teatros de Poder e Comemorações: As práticas, atitudes, teatros de poder e comemorações presentes na EAESGF e no CEEPSGF foram reveladas nas fotografias e nos testemunhos, evidenciando as dinâmicas sociais e culturais das instituições. Na EAESGF, a Figura 24 (Alunos da Escola Agrotécnica no viveiro de mudas) demonstra a atitude dos alunos em participar ativamente das atividades práticas de cultivo. A Figura 36 (Quarto dos alunos no alojamento) evidencia os teatros de poder que podem ocorrer entre veteranos e novatos, um paradoxo entre amizades e brincadeiras que às vezes ultrapassavam os limites, corroborando para as performances de autoridade e subordinação. O teatro de poder envolve também a exibição de sinais de *status* e influências, assim a figura 27 (Placa da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Farias com estudante -1996) expõe uma sutil encenação de um estudante sentado à Placa escolar, instigando a naturalização de poder de gênero, já que um estudante se coloca como figura principal e, implicitamente, representando o corpo discente majoritariamente masculino. A Figura 68 (Compilado de Políticos em torno da Educação Profissional), encena visualmente a influência e o interesse do poder político sobre a instituição. A Figura 80 (Entrega dos certificados) que à primeira vista, representa um momento de celebração e reconhecimento, através da lente do "teatro de poder" podemos vislumbrar outras dinâmicas que podem estar em jogo. A cerimônia de entrega de certificados é, em si, uma agência poderosa: ela formaliza a conclusão de um ciclo educativo e confere um *status* aos formandos. O certificado representa a

materialização desse reconhecimento, atuando como um passaporte para futuras oportunidades. O local da cerimônia, a disposição dos participantes e a ordem dos discursos também são elementos que podem expressar relações de poder e hierarquias dentro da instituição e em relação ao seu entorno. A fotografia, ao registrar esse evento, perpetua a imagem do sucesso individual e da validação institucional, portanto, não é apenas um registro de celebração individual, mas também um palco onde as relações de poder se manifestam através de rituais e símbolos. A análise dessas práticas, atitudes, teatros de poder e comemorações permite compreender melhor as relações sociais e os valores que moldaram a cultura escolar da EAESGF e do CEEPSGF e também são sugestões de aprofundamento para novas pesquisas.

Em suma, a aplicação do esquema de Barros às reminiscências visuais e narrativas da Escola Agrotécnica e do Centro Profissionalizante Sílvia Gonçalves de Farias nos permitiu tecer uma compreensão multifacetada de sua história, revelando a intrínseca ligação entre sujeitos, processos, objetos, padrões, práticas e aspectos antropológicos que, em conjunto, moldaram a identidade do atual *Campus Ji-Paraná*. Cada imagem e cada lembrança se mostraram peças valiosas na construção desse mosaico histórico.

A aplicação da lente teórica de José D'Assunção Barros (2004) sobre o acervo fotográfico colaborou para fazermos uma breve retrospectiva iconográfica, pavimentando o caminho para compreendermos como essa rica história culminou na origem do Instituto Federal de Rondônia, mais especificamente o *Campus Ji-Paraná*, tema que exploraremos a seguir para concluir esta seção.

III) O Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*: o momento da criação

Alguns atos regulatórios antecederam o nascimento do Instituto Federal de Rondônia e precisam ser lembrados. Como por exemplo a lei nº 8670 de 30 de junho de 1993, que criou em Rondônia a *Escola Agrotécnica de Colorado*, subordinada ao Ministério da Educação e do Desporto, como órgãos da administração direta e as *Escolas Técnicas Federais de Porto Velho e Rolim de Moura* (Brasil, 1993). Apenas a Escola Agrotécnica de Colorado saiu do papel para a prática.

A proposta de criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, portanto vinha se desenhando e se organizando em contexto nacional, desde as décadas de 90.

A Lei nº 8948, de 1994, instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica (SINET), iniciando um processo de transformar as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) (Brasil, 1994b). Contudo, o parágrafo 5º, do artigo 3º, foi alterado pela Lei 9649/1998 que vetou a expansão do sistema federal de Educação Profissional, quando impôs que a criação de novas escolas e centros de ensino técnico e profissionalizante, *somente* poderia acontecer se houvesse uma parceria entre o governo federal (União) e outras entidades (Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais) (Brasil, 1998), o que conduziu a quase 10 anos de estagnação aos institutos federais. Somente uma década depois, a rede federal começou a se reestruturar e a Lei 11195/2005 ao trocar o advérbio *somente* por *preferencialmente*, permitiu que o governo retomasse a expansão da oferta da educação profissional e tecnológica (Brasil, 2005). Para entender melhor sintetizamos as modificações de cada lei no quadro a seguir:

Quadro 10 - Algumas alterações em torno da Educação Profissional

Lei nº 8948, de 1994	Lei 9649, de 1998	Lei 11195 de 2005 (Dá nova redação ao § 5º do art. 3º da Lei nº 8948, de 1994)
Art. 3º As atuais Escolas Técnicas Federais, criadas pela Lei nº 3.552/1959 e pela Lei nº 8.670 de 1983, ficam transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica, nos termos da Lei nº 6454 de 1978, alterada pela Lei nº 8711 de 1993 e do Decreto nº 87310 de 1982.	Art. 47. O art. 3º da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, passa a vigorar acrescido dos seguintes parágrafos: "§ 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, somente poderá ocorrer em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.	Art. 3º § 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, ocorrerá, preferencialmente, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Brasil (1994b, 1998 e 2005).

Em meio a tantas outras medidas normativas e jogo político, uma nova engenharia organizacional da rede federal foi proposta por meio do Decreto nº 6.095 de 24 de abril de 2007, quando se estabeleceu diretrizes para o processo de integração de Instituições Federais de Educação Tecnológica e de fato foi constituído os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Brasil, 2007a). No art. 1º, parágrafo 2º do Decreto temos a definição dos Institutos:

§ 2º Os projetos de lei de criação dos IFETs considerarão cada instituto como instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampus, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos às suas práticas pedagógicas, nos termos do modelo estabelecido neste Decreto e das respectivas leis de criação. (Brasil, 2007a).

Outra normativa que contribuiu para expansão da rede em Rondônia deve-se à Lei nº 11.534, de 25 de outubro de 2007, na qual a Escola Técnica Federal de Porto Velho, parada

desde sua criação em 1993, passou a denominar-se *Escola Técnica Federal de Rondônia*, constituindo-se em entidade de natureza autárquica vinculada ao Ministério da Educação (Brasil, 2007b). Igualmente, a partir dessa lei a Escola Técnica Federal de Rondônia, com sede em Porto Velho, teria a viabilidade de se estender por três unidades descentralizadas no interior do Estado (Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena). Dessa maneira, em 2007, o espaço da antiga Escola Agrotécnica - que ao longo dos últimos sete anos o Estado procurava implantar o Centro Profissional sem tanto sucesso - passou a ser discutido como possibilidade para se constituir uma das três unidades descentralizadas do IFRO.

Belmiro, antes de se afastar da Gestão do Centro em maio de 2007, esteve em reunião com o prefeito de Ji-Paraná e alguns parlamentares para discutir a possibilidade do espaço escolar ser uma Unidade Descentralizada da Escola Técnica Federal de Rondônia. Suas memórias trouxeram a tona um pouco desse encontro:

[...] quando nós fomos informados pelo deputado estadual Jesualdo Pires dessa possibilidade (de se tornar Instituto Federal) nós marcamos uma reunião com a nossa equipe, o prefeito Jesualdo e o vice. Desculpa o prefeito que era o Bianco e o vice Canuto, o Jesualdo como deputado estadual e o Anselmo de Jesus como deputado federal. **Nós tínhamos representantes das três esferas e nós fizemos uma ata nessa reunião onde o município cedia os terrenos para o Estado, o estado consequentemente passava para a união e eles dariam início ao IFRO em Ji-Paraná.** (Belmiro Barriviera. Entrevista cedida a Geovânia Maciel. 2025).

No dia 12 de dezembro de 2007, o Ministério da Educação e Cultura lançou a Chamada Pública 02/2007 MEC/SETEC, objetivando acolher propostas de constituição dos Institutos, com prazo de 90 dias para serem enviadas ao Ministério da Educação (Brasil, 2007c). O resultado da chamada pública saiu em 31 de março de 2008, com a portaria nº 116 MEC/SETEC, e no artigo 2º menciona que a Escola Técnica Federal de Rondônia (criado nos termos da Lei nº 11.534/2007) seria transformada em Instituto Federal de Rondônia (Brasil, 2008b).

Em 26 de setembro de 2008, foi lançado o edital do concurso para a Escola Técnica Federal de Rondônia - Unidade de Ensino Descentralizada de Ji-Paraná, ofertando 28 vagas para professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (CEFET, 2008). A partir desse movimento a nível nacional, em dezembro do mesmo ano promulgou-se a Lei nº 11.892/2008

que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e dentre os 38 Institutos Federais (IF's) criados no território Nacional, estava “o *Instituto Federal de Rondônia*, mediante integração da Escola Técnica Federal de Rondônia e da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste” (Brasil, 2008a).

Em homenagem aos 12 anos do IFRO em 2020, a professora Letícia Pivetta relembrou memórias de quando foi aprovada no concurso de 2008 e viu o IFRO nascer:

Lembro-me que em 2008 prestei o concurso público para o que seria a Escola Técnica Federal de Rondônia (CEFET) – Unidade de Ensino Descentralizada de Ji-Paraná. No período de tramitação do concurso (dezembro/2008), o Governo Federal criou a rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e, assim, minha posse já foi no recém-criado Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *Campus Ji-Paraná*. Comigo, 26 professores assumiram as vagas para lecionar nos Cursos Técnicos em Informática e em Florestas Integrados ao Ensino Médio e nos Cursos Subsequentes em Informática, Florestas e Móveis. Também ingressaram no *Campus Ji-Paraná* 23 técnicos administrativos. (Letícia Pivetta, IFRO, 2020).

De acordo com o Edital do concurso nº 11, de 26 de setembro de 2008, sabemos que os primeiros candidatos a trabalhar no IFRO *Campus Ji-Paraná*, passaram por três etapas avaliativas:

1. Prova escrita (eliminatória e classificatória);
2. Prova de desempenho didático (eliminatória e classificatória);
3. Prova de Títulos (classificatório) (Adaptado a partir de CEFET, 2008).

A prova escrita ocorreu em duas localidades: Porto Velho, no CETENE – Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia e em Ji-Paraná, no “Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Farias, localizado na Rua Rio Amazonas, 151 – Bairro Jardim dos Imigrantes”. Acreditamos que este foi um dos últimos registros em que o endereço foi referido como Centro de Educação Sílvia Gonçalves de Faria. Posteriormente, passou a ser denominado Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*.

A transformação do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Farias para o Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *Campus Ji-Paraná*, teve um impacto significativo na comunidade. Durante quase três décadas sob a administração do Estado, a instituição enfrentou inúmeras dificuldades e os últimos sete anos foram ainda mais

complexos, somente conseguindo oferecer alguns cursos rápidos. Ao se tornar IFRO, de forma contínua ocorreram uma série de benefícios, como:

Quadro 11 - Benefícios do IFRO

Benefícios	Exemplos do Cotidiano
1. Aumento da qualidade educacional: Ao elevar o padrão de ensino, o IFRO proporcionou uma educação mais qualificada e diversificada para os estudantes locais;	Um exemplo prático do aumento da qualidade educacional proporcionado pelo IFRO <i>Campus</i> Ji-Paraná é que desde seu início ofertou o curso de informática nas modalidades Integrado e subsequente ao Ensino Médio. Como meio de aprimorar o ensino, foi implementado o curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, na qual os estudantes podem se formar no ensino médio técnico em informática e prosseguir a uma formação superior de alta qualidade, com uma grade curricular que incluía disciplinas avançadas em programação, engenharia de software, banco de dados e segurança da informação, com o uso de laboratórios bem equipados. Ainda no nível médio, os estudantes podem ingressar no curso Técnico em Química, e posteriormente, seguir para a Licenciatura na mesma área. Além disso, o curso Técnico em Florestas pode ser complementado com o curso superior em Engenharia Florestal. Antes de se tornar o IFRO, os cursos oferecidos pelo CEEPSGF eram mais básicos focados em formações rápidas.
2. Diversificação e Qualidade dos Cursos: A instituição passou a oferecer uma variedade maior de cursos, tanto técnicos quanto superiores, melhorando a qualidade educacional disponível para os estudantes.	O <i>Campus</i> Ji-Paraná iniciou sua oferta com os cursos: • Técnico em Móveis subsequente ao Ensino Médio (EM); • Técnico em Informática Integrado e subsequente ao EM; • Técnico em Floresta Integrado e subsequente ao EM; Atualmente, oferta os cursos: • Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio; • Técnico em Química integrado ao Ensino Médio; • Técnico em Floresta integrado ao Ensino Médio; • Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; • Licenciatura em Química; • Bacharelado em Engenharia Florestal; • Cursos de Formação Inicial e Continuada (FICs) diversos: sob demanda da comunidade ou iniciativa do <i>Campus</i>.
3. Desenvolvimento Econômico: A presença de um Instituto Federal atraiu investimentos, gerou novas oportunidades de emprego e estimulou o crescimento econômico na região.	O IFRO, por meio de seus programas de estágio e projetos de extensão, facilitou a inserção dos estudantes no mercado de trabalho, fortalecendo ainda mais o vínculo entre a instituição e o setor produtivo.
4. Inclusão e Acessibilidade: Com a ampliação das ofertas de cursos e programas	Com a ampliação das ofertas de cursos, a instituição passou a oferecer diversas formas de apoio, como auxílios de transporte e alimentação, e programas de assistência estudantil, além de bolsas para estudantes

educacionais, mais membros da comunidade tiveram acesso à educação técnica de nível médio e também à educação superior, promovendo a inclusão social e reduzindo desigualdades.	participarem de projetos de pesquisa e extensão com orientação dos professores da instituição. Alguns programas: I - <i>Programa de Auxílio à Permanência</i> – PROAP:. II - <i>Programa de Auxílio Moradia</i> – PROMORE: III - <i>Programa de Auxílio Complementar</i> – PROAC: Há ainda o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), responsável por preparar a instituição para receber estudantes com deficiência, com a finalidade de garantir acesso, permanência e êxito nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.
5. Apoio à Pesquisa e Inovação: O IFRO incentivou a pesquisa e a inovação, contribuindo para o desenvolvimento de projetos e tecnologias que beneficiam a comunidade local.	Inúmeros projetos de pesquisa e inovação são aprovados e desenvolvidos no âmbito do IFRO <i>Campus</i> Ji-Paraná. Para o fortalecimento do Pilar Pesquisa, Ensino e Extensão temos implantado o Centro de Inovação Tecnológica que integra laboratórios, núcleo Incubador de Empreendimentos, Núcleos de Extensão, Núcleos de Ensino e outros espaços de produção de conhecimento e prestação de serviços. https://portal.ifro.edu.br/ji-parana/o-campus
6. Fortalecimento da Comunidade: A instituição tornou-se um ponto de referência, promovendo eventos, projetos sociais e parcerias que fortalecem os laços comunitários e o engajamento social.	O Projeto Casa da Comunidade é um dos últimos trabalhos que visa oferecer cursos de qualificação profissional para a comunidade externa, focando especialmente em pessoas em situação de vulnerabilidade social, econômica e cultural, além de fortalecer a relação entre a comunidade e o <i>campus</i> , proporcionando oportunidades de desenvolvimento profissional. Estima-se que entre 2024 e 2025 sejam oferecidos 16 cursos e 9 oficinas, primando em atender a população de Ji-Paraná e se estendendo a outros municípios, como Nova União, Castanheiras, Presidente Médici e Distrito de São Domingos (Costa Marques). Dentre os cursos ofertados estão os de Corte e Costura, Manicure e Pedicure, Mecânica Industrial Básica I https://portal.ifro.edu.br/ji-parana/noticias/15606-projeto-casa-da-comunidade-preve-realizacao-de-novos-cursos-ate-2025-em-ji-parana-e-regiao

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2025.

O Quadro apresenta uma exemplificação das contribuições que a instituição proporciona à região. Para um estudo mais aprofundado, seria necessário mais tempo para explorar desde os primeiros passos da instituição na rede federal até o presente momento. Este aprofundamento fica como desejo para nosso próximo estudo.

É notável que no decorrer do desenvolvimento de qualquer sociedade, suas instituições (como governo, educação, economia) são moldadas por diferentes conflitos e interesses ao longo do tempo. No percurso deste trabalho apresentamos algumas dessas transformações por meio de fotografias e testemunhos que trouxeram à tona memórias do

cotidiano de cada época. Cada passo dado pela instituição no passado, proporcionou fundamentos que contribuíram para a sólida construção do que hoje é o IFRO *Campus Ji-Paraná*.

O próximo tópico será os detalhes dos produtos educacionais que ao longo do estudo foram produzidos, almejando contribuir para a preservação da memória institucional e para o aprimoramento das práticas pedagógicas na instituição.

3. O PRODUTO EDUCACIONAL E A AÇÃO PEDAGÓGICA NO IFRO, CAMPUS JI-PARANÁ

O Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Profissional (PPGEEProf.) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) teve o curso de Mestrado recomendado pela CAPES em 2013 e o curso de Doutorado em 2018. Por ser modalidade Profissional sua ênfase privilegia:

[...] as práticas pedagógicas escolares na educação básica e a formação e atuação dos profissionais a partir da análise propositiva no âmbito das políticas públicas educacionais que envolvem o planejamento, a gestão, e avaliação das escolas e, por conseguinte, dos sistemas de ensino. Com isso, visa desenvolver pesquisas aplicadas (pesquisa-ação, pesquisa-intervenção (transformadora)) a partir de conhecimentos acerca das relações de ensino e aprendizagem em escolas de educação básica, em contextos tecnológicos e em diferentes espaços educativos no Estado de Rondônia e da Região Amazônica Ocidental, **bem como sobre história e memória da educação, sobre políticas educacionais na Amazônia (...)** (Universidade Federal de Rondônia, 2021. Grifo nosso).

Dessa forma além do cabedal de leituras e aprofundamentos específicos, nós doutorandos desenvolvemos os projetos de Pesquisa Aplicada, participamos de seminários e eventos científicos na área da Educação, somos estimulados a uma produção bibliográfica diversificada (como artigos científicos, publicação de livros e/ou capítulos, ensaios, apresentação em anais de eventos, entre outros) e concomitante ao desdobramento da escrita da tese espera-se a elaboração de um Produto Educacional (PE), vinculado ao estudo realizado.

Após os encontros com o Grupo Focal formado por professores do IFRO *Campus Ji-Paraná*, optamos pelo resgate e produção do acervo fotográfico conhecendo melhor o passado do *Campus* por intermédio da produção de um *site* que, portanto, foi um dos produtos gerados pelo nosso trabalho de pesquisa. Os professores de Língua Portuguesa e História auxiliaram nas etapas do planejamento da Oficina utilizando o *site* produzido, inclusive as professoras disponibilizaram materiais como textos, fotografias e *slides* para a aplicação da atividade com os estudantes de uma turma do Terceiro Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Ao final apresentamos o *site* para outros professores da instituição que considerando critérios possíveis como complexidade, impacto, aplicabilidade, acesso,

aderência e inovação (Rizzatti *et al.*, 2020), avaliaram o produto educacional (site organizado - acervos produzidos).

Vale lembrar que a inclusão de Produtos Educacionais (PE) nos cursos de mestrado e doutorado profissional é uma proposta recente que começou a ganhar força no Brasil a partir da década de 2000, por intermédio de incentivos da CAPES. Por ser algo novo ainda há muitas dúvidas em torno dele, todavia sua inserção se fez relevante diante da necessidade em aproximar a pesquisa acadêmica às demandas reais do sistema educacional, com a finalidade de que o programa contribua para a promoção de inovações e melhorias na qualidade do ensino.

Ainda são poucas as referências acerca da compreensão do Produto Educacional, tanto que o Documentos de Orientação da Área 38 (Educação) não trouxe nenhum tópico especificando sobre o que seria o Produto Educacional. Por isso baseamos nossa produção nas orientações constantes em materiais produzidos pela CAPES, como o Documento Orientador de Apresentação de Propostas de Cursos Novos (APCN) da área 46 (Ensino) que oferece detalhamentos sobre o PE (CAPES, 2019a); a Ficha de Avaliação dos Programas Acadêmicos e Profissionais da área de Ensino (CAPES, 2020); bem como o Relatório de Grupo de Trabalho sobre Produção Técnica que procurou identificar todos os produtos importantes das 49 áreas de avaliação da CAPES, resultando em uma listagem composta por 21 diferentes Produtos, a saber:

1. Produto Bibliográfico; 2. Ativos de Propriedade Intelectual; 3. Tecnologia Social; 4. Curso para Formação Profissional; 5. Produto de Editoração, 6. **Material didático**; 7. Software/Aplicativo (Programa de computador); 8. Evento Organizado; 9. Norma ou Marco regulatório; 10. Relatório técnico conclusivo; 11. Manual/Protocolo; 12. Tradução; 13. **Acervo**; 14. Base de dados técnico-científica; 15. Cultivar; 16. Produto de Comunicação; 17. Carta, mapa ou similar; 18. Produtos/Processos em Sigilo; 19. Taxonomias, Ontologias e Tesauros; 20. Empresa ou Organização Social Inovadora; 21. Processo / Tecnologia e Produto / Material não patenteáveis; (Adaptado de CAPES, 2019b).

Grifamos os dois itens que mais se aproximam da definição dos produtos educacionais desta pesquisa: Material Didático e Acervo. O primeiro é reconhecido por ser um “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais” (CAPES, 2019b, p. 43). Enquanto o

segundo é definido como “conteúdo de uma coleção privada ou pública, podendo ser de caráter científico, biológico, bibliográfico, artístico, **fotográfico**, histórico, documental, misto ou qualquer outro.” (CAPES, 2019b, p. 57).

O Documento Orientador de Apresentação de Propostas de Cursos Novos (APCN) por abarcar a área de Ensino, traz uma especificação mais adequada aos produtos educacionais comum nos mestrados e doutorados em Educação Profissional, conforme organizamos no quadro a seguir:

Quadro 12 - Categorias de Produtos Educacionais segundo APCN

Categorias de Produtos educacionais	Exemplos práticos
Desenvolvimento de material didático e instrucional	Propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas , propostas de intervenção, roteiros de oficinas ; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos
Desenvolvimento de produto	Mídias educacionais, tais como: vídeos, simulações, animações, videoaulas, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs , jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins
Desenvolvimento de aplicativos	Aplicativos de modelagem, aplicativos de aquisição e análise de dados, plataformas virtuais e similares
Desenvolvimento de técnicas	Protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais, equipamentos, materiais interativos como jogos, kits e similares
Cursos de curta duração e atividades de extensão	Cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições diversas, olimpíadas, expedições, atividades de divulgação científica e outras
Outros produtos	a) produções artísticas: artes cênicas, artes visuais, música, instrumentos musicais, partituras, maquetes, cartas, mapas ou similares. b) produtos de comunicação e divulgação científica e cultural: artigo em jornal ou revista, programa de rádio ou TV.

Adaptado pela pesquisadora a partir de CAPES, 2019a, p. 10-11.

Novamente, grifamos os exemplos práticos de PE que consideramos denominar os nossos Produtos Educacionais (*sequência didática, roteiro de oficina, páginas de internet e*

blog). A Ficha de Avaliação da área de Ensino traz os Tipos de Produtos Técnicos e Tecnológicos (PTTs) enumerados até 10 com pequenas diferenças com relação a divisão do quadro anterior. Neste documento, as páginas de *internet* e afins são produtos educacionais alocados no mesmo item (PTT1) que corresponde a **material didático/instrucional**, juntamente com roteiros de oficinas, como demonstrado no Quadro a seguir:

Quadro 13 - Tipos de Produtos Técnicos e Tecnológicos (PTTs) segundo a Ficha de Avaliação da área de Ensino

Tipos de Produtos técnicos e tecnológicos (PTTs)	Descrições de produtos possíveis ao item
PTT1 - Material didático/instrucional:	Propostas de ensino, envolvendo sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas ; material textual, como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários; mídias educacionais, como vídeos, simulações, animações, vídeo-aulas, experimentos virtuais e áudios; objetos de aprendizagem; ambientes de aprendizagem; páginas de internet e blogs ; jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins; entre outros
PTT2 - Curso de formação profissional:	Atividade de capacitação criada, atividade de capacitação organizada, cursos, oficinas, entre outros
PTT3 - Tecnologia social:	Produtos, dispositivos ou equipamentos; processos, procedimentos, técnicas ou metodologias; serviços; inovações sociais organizacionais; inovações sociais de gestão, entre outros
PTT4 - Software/Aplicativo:	Aplicativos de modelagem, aplicativos de aquisição e análise de dados, plataformas virtuais e similares, programas de computador, entre outros
PTT5 - Evento Organizados:	Ciclos de palestras, exposições científicas, olimpíadas, expedições, feiras e mostras científicas, atividades de divulgação científica, entre outros
PTT6 - Relatório Técnico	(sem exemplos)
PTT7 - Acervo:	Curadoria de mostras e exposições realizadas, acervos produzidos, curadoria de coleções, entre outros
PTT8 - Produto de comunicação:	Produto de mídia, criação de programa de rádio ou TV, campanha publicitária, entre outros
PTT9 - Manual/Protocolo:	Guia de instruções, protocolo tecnológico experimental/ aplicação ou adequação tecnológica; manual de operação, manual de gestão, manual de normas e/ou procedimentos, entre outros
PTT10 - Carta, mapa ou similar	(sem exemplos)

Fonte: A pesquisadora, a partir de CAPES, 2020.

O trabalho de Pinheiro e Aires (2023) também apresenta exemplificações de Produtos Educacionais, destacando que cada exemplo serve como guia inicial. A unicidade de cada trabalho resulta em um percurso distinto, que ao elaborar plenamente com criatividade e originalidade, contribuem para a criação de novos produtos educacionais.

Em conformidade com os critérios analisados, os dois produtos educacionais resultantes deste estudo são categorizados como Produtos Técnicos e Tecnológicos (PTTs) 1: Material didático/instrucional. A saber: a) Site *Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia* e b) Roteiro da *Oficina Pedagógica Leitura e Escrita com Fotografias e Memórias*. Adicionalmente, propõe-se a elaboração de um terceiro produto educacional: c) *E-book* com as produções textuais dos estudantes, oriundas das atividades aplicadas durante a Oficina Pedagógica. A seguir, detalharemos cada um desses produtos.

3.1 Plano de desenvolvimento dos Produtos Educacionais

Uma das reuniões que fizemos com os professores participantes do Grupo Focal foi para tratar sobre a escolha do Produto Educacional que seria mais proveitoso para a comunidade acadêmica e em geral. Primeiramente apresentamos as fotografias e algumas memórias recuperadas no percurso da pesquisa, para que eles se apropriassem do material e pudessem sugerir alguma ideia de produto educacional. Levamos 3 opções de produtos educacionais a serem desenvolvidos e deixamos as demais opções em aberta para sugestões do grupo:

- a) produção de um *site*, com os estudantes, para reunirmos as fotografias e as memórias coletadas sobre o passado do *Campus*;
- b) elaboração e aplicação de uma sequência didática com o material obtido durante a pesquisa;
- c) Produção de um *e-book* com as memórias da instituição, escrita pelos estudantes do *Campus*;
- d) Sugestão (ões) de produto(s) elencados pelos professores participantes (não teve nenhuma sugestão).

Não foi apresentada nenhuma nova sugestão e os professores presentes consideraram o *site* como produto educacional adequado, diante da possibilidade de que todos teriam acesso ao material para utilização em suas atividades de acordo com os conteúdos distintos de cada disciplina. A professora de História inclusive já ficou imaginando possibilidades de trabalho com as fotografias apresentadas. Vale ressaltar que os entrevistados (estudantes egressos e funcionários antigos) de forma indireta já haviam sinalizado a necessidade de ter as fotografias em único lugar para mais fácil acesso e compartilhamento.

Iniciamos a produção do *site*, contudo, em virtude da greve ocorrida no primeiro semestre de 2024, período originalmente previsto para conduzirmos a prática de produção do *site*, fomos obrigados a fazer alguns ajustes no planejamento. Com o retorno às atividades, o calendário acadêmico ficou significativamente comprometido, e os estudantes do IFRO, já submetidos a uma carga horária intensa, devido ao regime de ensino integral, estavam diante do segundo semestre de 2024 marcado por muitas aulas de reposição. Em consequência disso, tornou-se inviável formar um grupo de alunos para participar de uma ação pedagógica em horários extracurriculares. A solução identificada foi a seleção de uma turma na qual as professoras integrantes do grupo focal ministravam aulas, de modo a viabilizar o desenvolvimento das atividades de forma eficiente. Essa escolha se justificava pelo fato de o conteúdo estar em consonância com as disciplinas lecionadas pelas participantes, assegurando maior integração e relevância ao processo pedagógico.

Após dialogarmos com o grupo focal, optamos por realizar uma oficina didática utilizando o *site*, já que a elaboração e execução de uma sequência didática demandaria um período maior, o que infelizmente não estava à nossa disposição. Inclusive a aplicação da oficina didática seria um meio de validar o nosso produto, o *site educacional*. A seguir apresentamos os produtos desenvolvidos: 1) *O Site*; 2) *Roteiro da Oficina Didática*; 3) *Prévia do E-book com memórias escolares*.

3.2 Site: Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia.

O primeiro Produto Educacional (PE) resultante da pesquisa é um *Site* - termo originado da palavra inglesa “*Website*” que significa “lugar na rede”. Optamos por criar esse espaço virtual para organizar as fotografias e memórias da instituição, coletadas ao longo do percurso da pesquisa de campo do doutorado. Além de compartilhar esse material com a comunidade local, o *site* estará disponível como instrumento educativo.

O Produto Educacional, denominado por *Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná (RO)*, disponibiliza 7 abas principais intituladas respectivamente por: O Porquê do *site*; Introdução; EASGF; CEEPSGF; Pessoas que fizeram parte da história; IFRO-JIPA (em construção); Autoras e colaboradores da pesquisa.

Todo *site* é composto por um conjunto de páginas na *internet*, identificadas por um endereço exclusivo conhecido como *URL (Uniform Resource Locator)*. A porta de entrada para explorar e interagir com o material variado recuperado durante a pesquisa, pode ser localizado pelo endereço da página inicial: <https://sites.Google.com/view/tecendo-memorias-ifro-jipa?usp=sharing>. A partir desta página se torna possível navegar para outras interfaces, permitindo que os usuários interajam com todo o conteúdo disponível.

A imagem a seguir apresenta a primeira página e a legenda em destaque amarelo aponta o URL, o título e identifica cada uma das 7 abas principais do Produto/site em contorno vermelho:

Figura 88 – Primeira Página do Produto Educacional/Site Arquivo Fotográfico



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

Durante o período de greve, fomos compelidos a produção do *site*, mesmo dispondo de conhecimentos limitados, uma vez que, no planejamento inicial da atividade, os estudantes do curso técnico em Informática estavam designados como responsáveis pela elaboração em conjunto com a pesquisadora, o que não foi possível nessa nova conjuntura. Diante disso, optamos pela utilização da plataforma gratuita *Google Sites*, uma ferramenta *online* que permite a criação de *websites* de maneira prática e intuitiva, sem demandar habilidades técnicas avançadas. Ao clicar em cada Aba/seção o usuário terá acesso aos conteúdos específicos conforme sintetizamos a seguir:

1. O Porquê do site: Apresenta um texto com os motivos da criação do *site* enquanto produto educacional resultante desta pesquisa de doutorado.

2. Introdução: Expõe um resumo das quatro primeiras décadas da instituição de ensino, explicada em três fases, tornando mais compreensível as páginas seguintes que trazem os materiais recuperados em cada período institucional. Os três períodos foram: 1) de 1981 a 1999: Escola Agrotécnica (ou Agrícola) Sílvio Gonçalves de Faria (EASGF); 2) de 2000 a 2007: Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Farias (CEEPSGF); 3) a

partir de 2008: Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *Campus Ji-Paraná*. Veja a seguir o destaque para acesso a aba/seção:

Figura 89 - Localizando a seção Introdução - As 3 fases da Instituição



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

3. EASGF: A terceira aba começa a contar as memórias dos três primeiros anos da Escola Agrícola Sívio Gonçalves de Faria (EASGF), seguida de fotografias da época. Apresenta a estrutura predial em madeira sob distintos ângulos fotografados, os primeiros servidores da instituição e narrativas curiosas lembradas pelos participantes entrevistados. A aba 3 apresenta três *subpáginas* intituladas respectivamente por: 1ª Turma de 1981-1985; 2ª Turma de 1984-1986, Turma de 1994-1996. Ao clicar em cada uma das interfaces interligadas a 3ª Aba, o usuário será direcionado às fotografias da instituição e dos sujeitos escolares de acordo com o período/turma mencionado(a). Há também cópia dos convites de formatura com nome dos formandos e outros fatos curiosos.

Figura 90 - Seção 3 - Escola Agrotécnica Gonçalves de Faria (EASGF) - Localizando as subpáginas do Site/Produto Educacional



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

4. CEEPSGF: A quarta seção aborda o período de abandono e o esforço da equipe pela revitalização da instituição por meio da implantação do Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria. O sumário, escrito em azul, anuncia um momento da instituição repleto de desafios enfrentados entre 2000 a 2007, marcado por reformas, paralisações e denúncias.

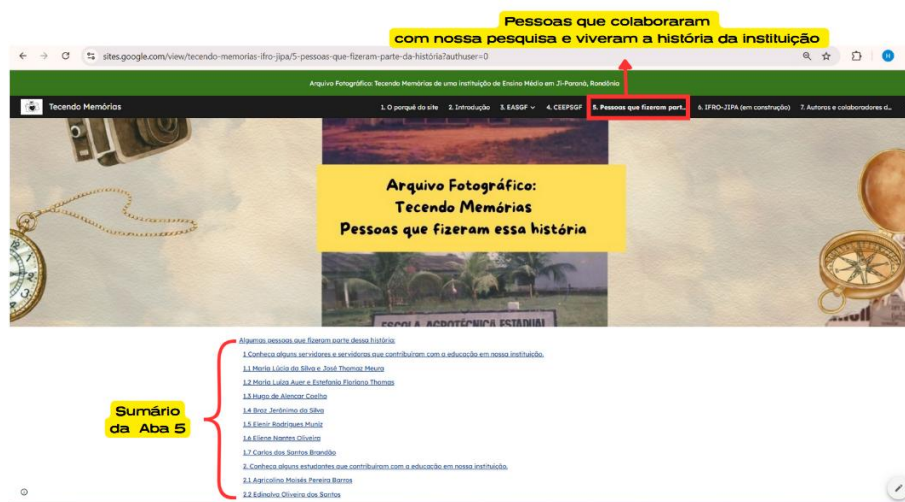
Figura 91 - Seção 4 - O Centro Estadual de Educação Profissional Sílvio Gonçalves de Faria



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

5. Pessoas que fizeram parte da história: A quinta seção é um espaço reservado para contar a biografia daqueles que viveram a história da instituição em sua plenitude e colaboraram com nossa pesquisa contando suas memórias e compartilhando as fontes iconográficas.

Figura 92 - Seção 5 - Pessoas que fizeram parte da história



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

6. IFRO-JIPA (em construção): Essa seção objetiva ser construída nos próximos anos, em colaboração com as turmas em que a pesquisadora leciona. Um novo projeto contemplará a busca por fotografias que contam a trajetória do *Campus Ji-Paraná*, desde seus primeiros passos até os momentos mais recentes, uma vez que não dispomos ainda de nenhum lugar de memória para o fim específico de arquivar fontes iconográficas da instituição presente.

7. Autoras e colaboradores da pesquisa: O último tópico consta da biografia da pesquisadora e sua orientadora, seguida de uma minibiografia dos docentes participantes do grupo focal que colaboraram no desenvolvimento da pesquisa de campo, *link* de retorno a minibiografia dos colaboradores-entrevistados que compartilharam as memórias da instituição.

Figura 93 - Seção 7 - Autores e colaboradores da pesquisa



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

Importante enfatizar que o *site* é um produto educacional em produção contínua, visto que ele estará em aberto não apenas a Aba 6 em construção (IFRO-JIPA), mas também todas as seções anteriores poderão ser preenchidas com novas informações (fotografias, “causos”, biografias de servidores) que surgirem. Ao longo desta investigação, foi possível reunir um acervo fotográfico de três turmas distintas da Escola Sílvio Gonçalves de Farias. Presumimos que a disseminação deste trabalho, fomentará a recuperação de novas⁷² fontes iconográficas, contribuindo para a expansão do *site* e para a consolidação da memória da instituição.

Nos entremeios das páginas do *site*, anexamos fichas textuais que intitulamos por *Fotos e Causos*. A iniciativa de combinar fotografias com algumas memórias narradas durante as entrevistas buscou enriquecer a experiência dos usuários do *Produto Educacional*,

⁷² Estamos na fase conclusiva desta pesquisa e recebemos, via aplicativo *WhatsApp*, contribuições significativas que em breve serão alocadas no *site*: fotografias da turma do período de 1992 a 1994, bem como registros fotográficos de uma confraternização da equipe de funcionários da Escola Agrotécnica.

oferecendo uma dimensão visual e afetiva que conecta as imagens ao contexto histórico e cultural pesquisado. As “fichas” chamaram bastante atenção dos estudantes durante a aplicação da oficina. A seguir um exemplo retirado do *site/PE*:

Figura 94 - Fotos e *causos* curiosos



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

Essa abordagem narrativa ofereceu vida às fotografias e entrevistas, e valorizou as histórias pessoais que marcaram o desenvolvimento da instituição, criando um vínculo emocional com os estudantes da atualidade.

Para enriquecer a personalização do *site*, optamos por incorporar as fotografias no formato carrossel, uma solução bastante utilizada em plataformas de notícias e entretenimento. Esse formato permite a exibição de múltiplas imagens em um único espaço, proporcionando uma navegação mais dinâmica e intuitiva.

Figura 95 - Camisetas e outras recordações

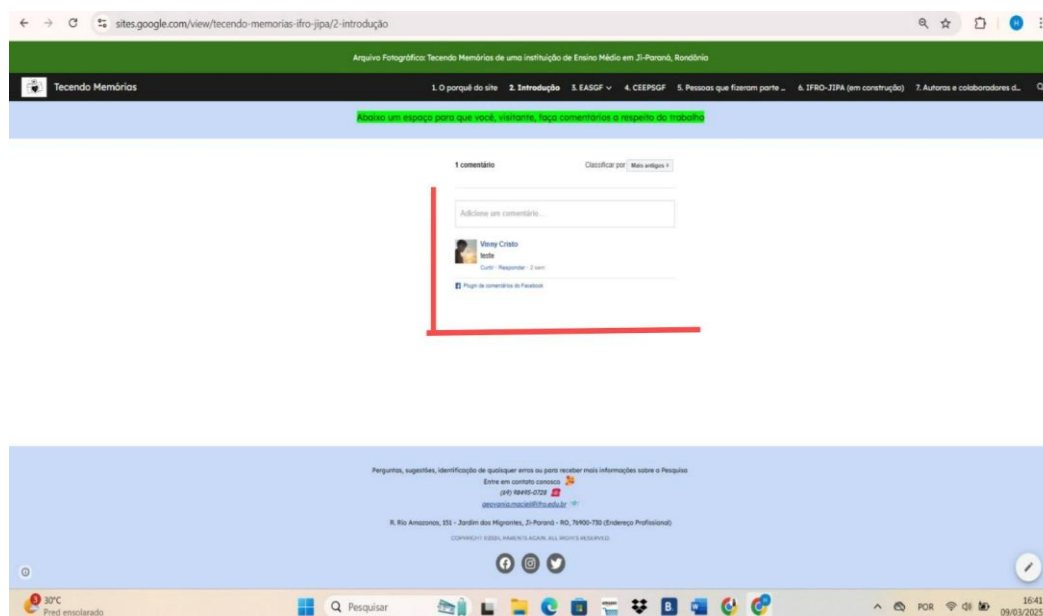


Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

A imagem destaca o contorno em vermelho das setas que permitem alternar manualmente as fotografias dispostas em formato carrossel, garantindo uma experiência visual atrativa e moderna aos usuários, facilitando o acesso a um número maior de fotografias e melhorando a estética e organização do *site*.

Conseguimos inserir mais dois recursos interessantes no nosso produto educacional: O *Plugin de comentários* e o *Google Analytics*. A primeira ferramenta tem por objetivo promover um maior engajamento e interação após a aprovação do Produto pela banca avaliadora. O *Plugin* permite que os visitantes do *site* comentem diretamente nas páginas e compartilhem suas opiniões, o que aumentará o senso de comunidade em torno do conteúdo, conforme exemplifica o comentário teste.

Figura 96 - *Plugin de comentários – comentário-teste*



Fonte: Arquivo Fotográfico: Tecendo Memórias de uma Instituição de Ensino Médio em Ji-Paraná, Rondônia. 2024.

Já o recurso *Analytics* oferece uma base de medição confiável com automação integrada, relatórios intuitivos que nos ajudará a entender o comportamento dos visitantes do *site* (quem são, de onde vêm, quais as páginas mais acessadas, quanto tempo passam em cada página, qual conteúdo obteve maior engajamento...). As duas ferramentas são gratuitas e se integram facilmente no *Google Site*.

Agora que conhecemos um pouco do *Site*, passamos a descrever nosso segundo produto Educacional resultante desta pesquisa: a Oficina Pedagógica de leitura e escrita com fotografias e memórias.

3.3 Roteiro da Oficina Pedagógica Leitura e Escrita com Fotografias e Memórias

A Oficina Pedagógica foi realizada no mês de novembro de 2024, em uma turma do 3º Ano do Curso Técnico em Informática do *Campus Ji-Paraná*, com o acompanhamento das professoras de Língua Portuguesa e História que disponibilizaram suas aulas.

Nossa Oficina Pedagógica teve como foco central os *Multiletramentos* (New London Group, 1996; Rojo e Moura, 2012; Rojo, 2013; Maciel, 2019), buscando explorar as diversas linguagens, culturas e mídias presentes em nosso cotidiano. Para potencializar o aprendizado e garantir uma progressão consistente no desenvolvimento das habilidades dos alunos, combinamos as características da sequência didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004) com a flexibilidade das oficinas pedagógicas. Essa abordagem híbrida nos permitiu, ao mesmo tempo, oferecer atividades lúdicas e criativas, e garantir que os objetivos pedagógicos fossem alcançados de forma organizada e eficaz, atendendo às necessidades específicas de cada aluno e ao contexto em que estamos inseridos.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) definem sequência didática (SD) como um modelo de organização pedagógica estruturada a partir de um gênero textual específico, em meio a um conjunto de atividades escolares planejadas de forma sistemática e progressiva com o intuito de auxiliar os estudantes ao domínio do gênero em questão.

Inicialmente, nossa oficina pedagógica visava engajar os estudantes na produção de um *site*, explorando as potencialidades dos multiletramentos na criação de conteúdo digital. No entanto, devido às limitações de tempo e à necessidade de ajustar o escopo do projeto, redirecionamos nosso foco para o gênero Memória Literária. Essa adaptação nos permitiu aproveitar o rico material já disponível no *site* como ponto de partida para a oficina, mantendo o objetivo de explorar os multiletramentos, mas em um formato mais viável. A mudança de abordagem também nos proporcionou a oportunidade de destacar as sutis diferenças entre Sequência Didática e Oficina Pedagógica, conforme detalhado no quadro a seguir.

Quadro 14 - Sutis diferenças entre Sequência Didática e Oficina Pedagógica

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	OFICINAS DIDÁTICAS
Estrutura: São um conjunto de atividades planejadas e organizadas de maneira sequencial, com objetivos claros e progressivos.	Estrutura: São planejamentos detalhados de atividades pontuais, com começo, meio e fim, geralmente <i>para serem realizadas em um único encontro ou em poucos encontros</i> .
Finalidade: Visam ao desenvolvimento de competências e habilidades ao longo do tempo, geralmente dentro de um período maior (como semanas ou meses).	Finalidade: Têm o objetivo de desenvolver habilidades específicas ou explorar determinado tema de forma intensa e concentrada.
Aplicação: Utilizadas principalmente no contexto escolar, dentro do currículo regular, para guiar o processo de ensino-aprendizagem de uma disciplina específica.	Aplicação: Utilizados em contextos diversos, como eventos, treinamentos, cursos livres, ou <i>como complemento às aulas regulares</i> .

Fonte: A pesquisadora.

A Oficina foi organizada como uma atividade complementar às aulas regulares de História e Língua Portuguesa, com carga horária total de 10 horas-aulas presenciais (50 minutos cada) e mais 2 horas-aulas individualizadas, realizadas presencialmente ou *online*, conforme a preferência do estudante. Os encontros presenciais ocorreram nos dias 05, 19 e 26 de novembro de 2024, permitindo uma integração estruturada dos conteúdos das disciplinas envolvidas promovendo uma abordagem interdisciplinar, que conforme explicita Fazenda (2003, p. 69): “a parceria consiste numa tentativa de incitar o diálogo com outras formas de conhecimento que não estamos habituados e, nessa tentativa, a possibilidade de que um pensar venha se complementar no outro”.

A interdisciplinaridade surge como uma conversa entre diferentes especialistas. Professores de Língua Portuguesa e História trouxeram sua perspectiva e conhecimento, e juntos procuramos construir uma oficina, superando a visão limitada de uma única disciplina e de buscar soluções mais criativas e eficazes. Se a disciplina de Língua Portuguesa contribuiu com os instrumentos de análise textual, a compreensão dos gêneros literários e o desenvolvimento da escrita; a História, por sua vez, enriqueceu a oficina com o contexto

cultural e histórico das memórias e das fotografias, permitindo uma análise mais profunda das experiências narradas.

A parte da oficina voltada aos ajustes do texto produzido pelos estudantes foi agendada individualmente, de forma presencial. Entretanto, para atender às necessidades específicas e preferências dos participantes, foram oferecidos atendimentos via *Google Meet*, desde que agendados previamente, respeitando o tempo destinado a cada estudante. Esse formato proporcionou flexibilidade e valorizou a interação personalizada, garantindo que os objetivos pedagógicos fossem alcançados de maneira eficiente e colaborativa.

Dentre os objetivos da nossa oficina estabelecemos o seguinte:

Objetivo geral: Compreender diferentes formas de linguagem - verbal e não-verbal, analógica e digital - para enriquecer o aprendizado, estimular a reflexão crítica e incentivar a produção cultural dos estudantes.

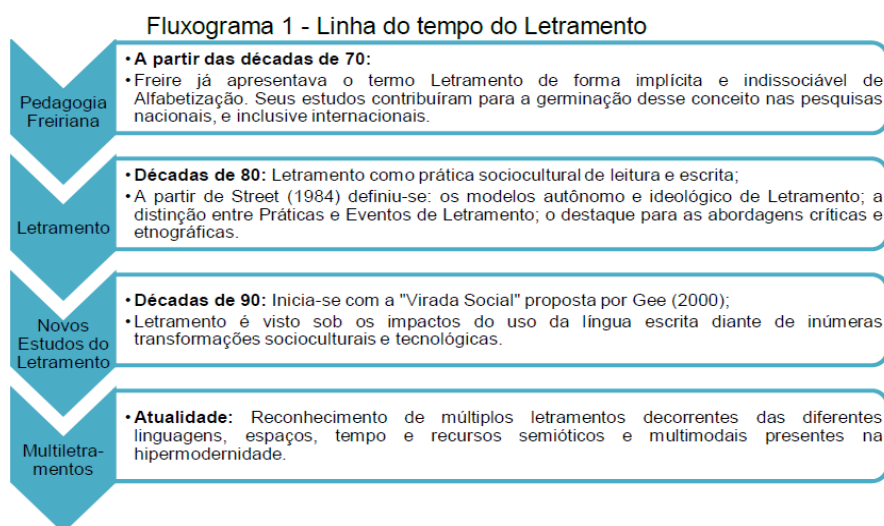
Objetivos específicos:

- Conhecer a história de origem da instituição por meio do *site (Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia)*;
- Reconhecer as características estilísticas do gênero memória literária;
- Interpretar registros fotográficos escolares como documentos históricos e afetivos.
- Explorar elementos visuais como inspiração para escrita criativa de uma memória literária escolar.

Alinhada ao objetivo de compreender diferentes linguagens, estimular a construção de memórias afetivas escolares, incentivar a criatividade e a reflexão crítica fundamentamos esta oficina pedagógica na abordagem contemporânea dos *Multiletramentos* (New London Group, 1996; Rojo e Moura, 2012; Rojo, 2013; Maciel, 2019) que reconhecem e valorizam a diversidade de formas de comunicação e expressão advindos das mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Esse novo termo amplia o conceito tradicional de letramento (Street, 2014; Soares, 2017), que estava focado apenas na leitura e escrita de textos impressos, para englobar a capacidade de compreender e produzir significados em diferentes linguagens, mídias e contextos.

Em sua Dissertação de Mestrado, Maciel (2019) apresentou um fluxograma da linha do tempo que resume o percurso dos estudos do Letramento até chegar ao recente conceito de Multiletramentos:

Figura 97 - Linha do tempo do Letramento



Fonte: Maciel, 2019, p. 39.

Por intermédio do fluxograma, percebemos que os trabalhos de Paulo Freire (1970), especialmente a Pedagogia Libertadora, influenciaram os estudos do letramento, sobretudo o Letramento Crítico, citado por estudiosos como Street (1984), Gee (1990) e outros. Freire é frequentemente reconhecido como uma fonte inicial no campo do letramento, levando muitos a considerar que sua Pedagogia para a Alfabetização já contemplava, ainda que indiretamente, aspectos do conceito de Letramento. Street (1984) enfatizou a importância de conectar o letramento aos contextos socioculturais, para oferecer sentido às práticas educativas tradicionais. Por sua vez, Gee (1990), pioneiro dos Novos Estudos do Letramento, expandiu essa perspectiva para uma visão interdisciplinar, explorando a interação da linguagem com os aspectos transculturais, sociais, culturais, históricos e políticos. Essa abordagem, originou ao fenômeno denominado de "Virada Social".

Para acompanhar as transformações tecnológicas e socioculturais, o conceito de letramento evoluiu rapidamente, culminando no desenvolvimento do conceito dos Multiletramentos, que tem sido objeto de debate acadêmico desde 1994. Esse desenvolvimento reflete o esforço contínuo em compreender e adaptar o letramento às complexidades do mundo contemporâneo. Assim, para promover uma visão conectada com as demandas do mundo contemporâneo, procuramos organizar uma oficina pedagógica que procurasse explorar os princípios dos Multiletramentos. O conteúdo programático da oficina está detalhado a seguir:

- Memórias da instituição em fotografia
- Gênero memórias literárias
- Partes que estruturam o Gênero Memória Literária
- Percepções sobre Memória e História
- Gênero fotografia: Como ler a linguagem não verbal?
- Cibergêneros e os novos suportes de leitura

A língua, enquanto principal meio de comunicação e interação no cotidiano, tem expandido significativamente seu alcance e uso, especialmente com os avanços proporcionados pela *internet* e pelas tecnologias digitais. Esse progresso nos permite utilizar as linguagens de novas maneiras e em novos contextos multimodais, possibilitando que a comunicação ultrapasse fronteiras físicas, culturais e linguísticas.

Nesse sentido, a proposta da oficina dialoga diretamente com os conceitos centrais da *Pedagogia dos Multiletramentos*, desenvolvidos pelo New London Group⁷³ (1996), ao incorporar perspectivas *multilíngues, multiculturais e multimodais* (Maciel, 2019). Segundo Maciel (2019), essas três características (o multilinguismo, multiculturalismo e a multimodalidade) foram o principal foco do manifesto do New London Group (Grupo de Nova Londres), “o qual impulsionou uma nova perspectiva para a Pedagogia, com foco em práticas alinhadas à complexidade das interações contemporâneas” (Maciel, 2019, p. 40).

⁷³ O *New London Group* (Grupo de Nova Londres), composto por dez professores e pesquisadores, reuniu-se em 1994 com o objetivo de desenvolver uma proposta pedagógica inovadora, posteriormente denominada *Pedagogia dos Multiletramentos*. Essa abordagem foi inicialmente apresentada em um artigo que serviu de base para a elaboração de um livro, publicado em 1996, consolidando os fundamentos teóricos e práticos dessa perspectiva educacional.

A Oficina Pedagógica baseada nos Multiletramentos incentiva o uso de diferentes formas de linguagem, como textos escritos, imagens, fotografias, sons e vídeos, considerando os diversos contextos culturais e sociais dos participantes. As atividades propostas conduzem os estudantes a interpretar múltiplas linguagens, como a visual (representada pela análise das fotografias) e escrita (por meio da leitura de trechos das entrevistas e a proposta de produções textuais). Além disso, ao explorar memórias e histórias institucionais, os alunos conectam suas experiências atuais à trajetória histórica da escola, analisando diferentes épocas, contextos socioculturais e novos suportes de comunicação e memória, como o *site* institucional.

Importante frisar que o *site* atua como uma plataforma que reúne e amplia o acesso às memórias compartilhadas, permitindo que os estudantes interajam com diferentes formatos de registro histórico, promovendo uma compreensão mais dinâmica e abrangente. Essa articulação de linguagens e experiências, a qual denominamos "construção de significados", torna-se concreta quando se manifesta na capacidade de compreender e comunicar ideias de maneira mais ampla e enriquecida através da produção textual. O processo pedagógico ganha forma de maneira palpável por meio do *e-book*, que reúne as histórias produzidas pelos estudantes como resultado das atividades realizadas na oficina.

Os procedimentos de realização da Oficina Pedagógica foram sintetizados no Quadro a seguir, que expõe o conteúdo abordado e os materiais utilizados ao longo das aulas:

Quadro 15 - Resumo da aplicação da Oficina Pedagógica

CONTEÚDO	MATERIAL	RESUMO DAS ATIVIDADES REALIZADAS
Memórias da Instituição em Fotografia	*Site: “Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia”. Disponível em: https://sites.Google.com/view/tecendo-memorias-ifro-jipa/2-introdu%C3%A7%C3%A3o	*Apresentação da pesquisa “ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ações pedagógicas no Instituto Federal de Rondônia - IFRO, <i>Campus Ji-Paraná</i>” e convite para a participação com a leitura e explicação dos termos de consentimento e assentimento livre e Esclarecido (TCLE e TALE). *Apresentação do <i>site</i>, Produto Educacional 1 de nossa pesquisa. *Navegação pelas seções principais do <i>site</i>, enfatizando a reconstrução das memórias da instituição. *Apresentação de algumas fotografias antigas e explicação da relevância do material iconográfico para a preservação da memória institucional.
Gênero memórias literárias	Textos impresso e <i>slide</i> ilustrativo: *Nas ruas do Brás (Dráuzio Varella) *Meu quintal, meu mundo feliz (Dioneia Foschiani Helbel) *O resgate do felino (Geovânia de Souza Andrade Maciel) *Velhos amigos (Ecléa Bosi)	*Destaque dos elementos importantes para o gênero memória literária e leitura dos textos em grupo. *Orientação aos estudantes para lembrar memórias inesquecíveis: Todos nós temos episódios de vida para lembrar e alguns deles são tão importantes que merecem ser registrados. *Solicitação do esboço inicial de uma memória marcante. *Sugestão de que os alunos explorem as histórias relatadas por seus familiares, registrando-as em pequenos textos ou trechos, reforçando a conexão entre gerações e a valorização da memória.
Partes que estruturam o Gênero Memória Literária	Textos impressos: *O primeiro dia de aula de dona Furquim (Lourenço Diaféria) *A estrada de ferro (José Lins do Rego. Menino de Engenho)	*Apresentação das principais partes que estruturam o gênero Memória Literárias através dos textos de José Lins do Rego e Lourenço Diaféria. *Discussão em grupos utilizando os três textos da aula anterior para identificar elementos como personagens, tempo, espaço, estrutura do enredo e linguagem que remete ao passado. Em seguida, apresentação das análises à turma, refletindo coletivamente sobre como esses aspectos enriquecem o gênero. *Por fim, registro das conclusões nos cadernos, obtendo material de referência para as futuras produções de memória literária.

Percepções sobre Memória e História	*Texto impresso Entre Memória e História: a Problemática dos lugares (Pierre Nora; Tradução: Yara Aun) *Vídeo: Alguns trechos em vídeo do texto Entre Memória e História: a Problemática dos lugares (Pierre Nora) produzido pela pesquisadora. *Bloco de Notas adesivas (<i>Post its</i> colorido)	*Introdução à biografia de Pierre Nora e ao conceito de lugares de memória. *Leitura e discussão em grupos, sobre o texto impresso <i>Entre Memória e História</i> e sobre as principais ideias expressas no vídeo ilustrativo. *Registro das definições e reflexões em <i>post-its</i>. *Compartilhamento e debate dos conceitos de história e memória, com uma reflexão coletiva sobre a conexão entre os dois temas na formação da identidade e da cultura.
Gênero fotografia: Como ler a linguagem não verbal?	*Seção Fotos e causos do site produzido sobre a história da nossa instituição (Para introdução da aula) *Slides da professora de História Mônica Apolinário abordando as dimensões da fotografia e as categorias de análise. *Fotografias e memórias dos professores da turma para a realização da dinâmica “Quem é o autor?”	*Introdução a análise do texto verbal com fotografias retiradas da seção Fotos e Causos do site de nossa pesquisa. *Abordagem das dimensões e categorias para interpretação de fotografias. *Solicitação, dias antes, aos professores da turma para compartilharem uma fotografia e uma história marcante de sua infância. *Organização das fotografias e memórias dos professores em um baú. *Durante a aula, os alunos conectam as memórias dos professores às respectivas fotografias, seja por meio da leitura (texto verbal e não verbal), seja pela colaboração oral da turma. *A atividade promoveu engajamento, interação grupal e valorização das memórias afetivas.
Cibergêneros e os novos suportes de leitura	*Curta-metragem A galinha ou Eu (Denizia Moresqui). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YG6Qmh9jRA0&t=114s *Texto impresso A galinha ou Eu (Denizia Moresqui). Disponível em https://deniziamoresqui.blogspot.com/2016/12/a-galinha-ou-eu.html *Baú de memórias com objetos antigos (como rolo de filme de máquina de fotografia antiga, caderno de recordação, caderno de perguntas e respostas, monóculos, cartas, convites, filme fotográfico antigo, etc.) para os estudantes interagirem. *Fotografias e Memórias da instituição (levar impresso as	*Exposição do curta-metragem <i>A Galinha e Eu</i> para discutir a transição do gênero memória para o formato digital. *Introdução aos conceitos de cibergêneros *Revelação de objetos antigos retirados do baú de memórias, além das fotografias e entrevistas (impressas em papel fotográfico e fichas) selecionadas do site em análise. *Exploração das memórias da instituição presente em nosso site/Produto Educacional 1. *Estímulo à criação inicial da narrativa literária utilizando as fotografias e trechos das entrevistas do baú de memórias. *Utilização prática das técnicas e conceitos aprendidos, conectando aprendizado, criatividade e identidade cultural. *Para encerrar a atividade presencial, a música <i>Mire as Estrelas</i> foi utilizada como outro exemplo do gênero memórias, transposto para o ciberespaço. A narrativa presente no curta-

	fotografias e trechos das entrevistas mais marcantes retiradas do <i>site</i> produzido por nossa pesquisa). *Vídeo clip oficial da música Mire as estrelas. Disponível em https://youtu.be/U2nq2KqEeYI?si=fDIIt8QfsMX3TYs3	metragem audiovisual, representando a letra da música, transmite uma poderosa mensagem motivacional, que interligamos ao momento de inspirar os estudantes concluintes do ensino médio; uma mensagem de resiliência diante dos novos desafios e a perseverança na busca por tornar os sonhos realidade.
Proposta Final	*<i>Google meet</i>: aos estudantes que não puderam comparecer aos encontros presenciais com horário personalizado. *<i>Google drive</i>: suporte para a revisão e reescrita dos textos. *Plataforma <i>Canva</i>: empregada para reunir as memórias literárias produzidas, contribuindo para um projeto esteticamente atrativo e criativo.	Os estudantes foram incentivados a produzirem uma memória literária, com suporte presencial-individual e <i>online</i>. O desafio final foi protagonizado por 16 estudantes que tiveram seus textos revisados no <i>Google Drive</i> e atendimentos individuais pelo <i>Whatsapp</i>. Os textos poderão ser compilados em um <i>Ebook</i> coletivo, valorizando muitas histórias lembradas durante as entrevistas e fomentando a preservação da memória institucional.

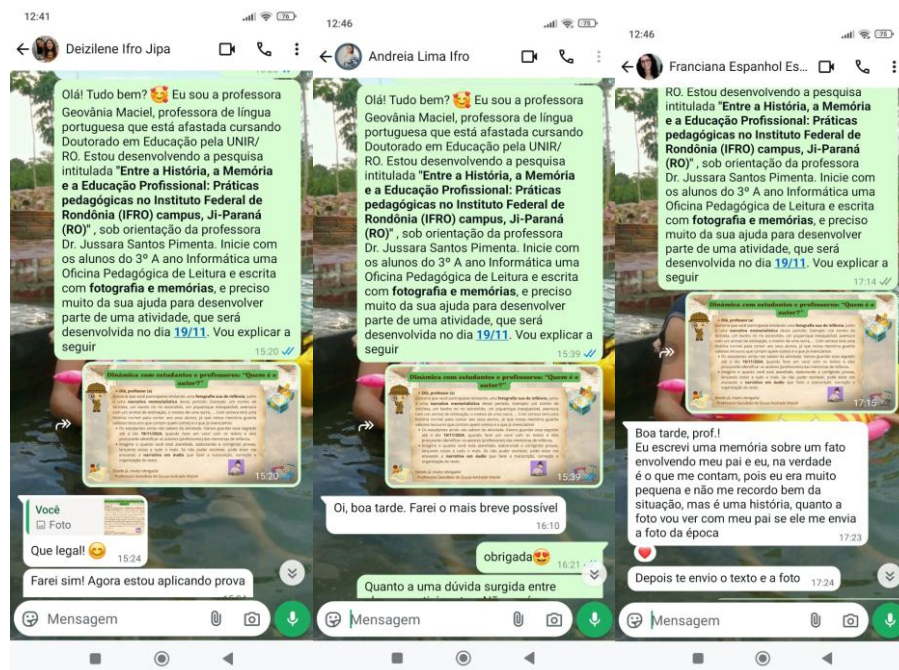
Fonte: Produzido pela pesquisadora a partir do Produto Educacional 2 (2025).

Em nosso Produto Educacional 2, roteiro da Oficina Pedagógica, é possível ver o passo a passo das atividades que podem ser replicadas com outras turmas, abordando a história e a memória de outras instituições. O detalhe da oficina em forma de Produto Educacional pode ser acessado no *link*:

- https://www.canva.com/design/DAGgg6g7qo8/TS40HSzrS1eJtVZTYiQVcQ/e?utm_content=DAGgg6g7qo8&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton.

Dentre as atividades desenvolvidas na oficina, a dinâmica “Quem é o autor?” contou com a participação ativa dos estudantes. A preparação dessa atividade demandou planejamento prévio, incluindo o contato antecipado com os professores, que foram convidados, pelo *WhatsApp*, a compartilharem uma fotografia e uma história marcante de sua infância.

Figura 98 - Contato pelo WhatsApp, solicitando a Fotografia e a Memória dos Professores da turma



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2024.

Apesar da intensa demanda dos docentes na elaboração e aplicação de avaliações, observou-se uma adesão notável por parte dos participantes enviando suas memórias, que foram utilizadas no desenvolvimento da atividade proposta para a turma. As histórias e imagens enviadas foram devidamente organizadas, impressas e coladas em papel cartão, para serem colocadas no Baú de Memórias⁷⁴, a fim de serem utilizadas durante a realização da Oficina Pedagógica.

⁷⁴ O Baú de Memórias foi um dos principais dispositivo pedagógico construído com o propósito de estimular o resgate de lembranças significativas, pessoais e coletivas, no contexto da Oficina Pedagógica. Foi organizado a partir da reunião de objetos simbólicos, fotografias, textos e registros diversos enviados pelos professores participantes, bem como itens pessoais da professora-pesquisadora, todos selecionados por seu potencial evocativo, estimulando a reflexão, o diálogo intergeracional e a produção de narrativas a partir das vivências individuais e históricas. Alguns materiais foram impressos, organizados em fichas e acondicionados em papel cartão, compondo um acervo afetivo e histórico para ser apresentado aos estudantes por intermédio do Baú. Durante as atividades, os alunos interagiram com os conteúdos do Baú, identificando autores dos relatos, explorando memórias visuais e textuais, e, a partir dessa experiência, produziram suas próprias narrativas literárias, conectando memórias individuais ao patrimônio histórico e cultural da escola.

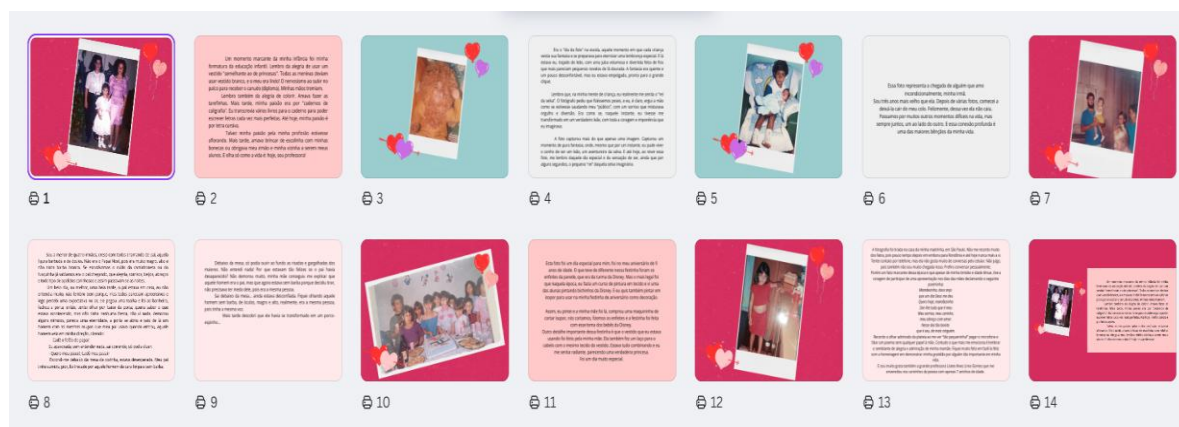
Figura 99 - Uma das fotografias e memória compartilhada pelos professores da turma



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2024. Professora Deizelene.

Seis professores da turma participaram compartilhando as suas memórias. As memórias compartilhadas pelos professores revelam momentos marcantes da infância, desde a alegria da formatura na Educação Infantil e o fascínio pela caligrafia, até a fantasia em ser um leão no "dia da foto", ou a confusão ao ver o pai sem barba. As histórias também celebram laços familiares, como o amor fraterno no primeiro momento em que a irmã chega da maternidade, e paixões que floresceram na infância, como a pintura decorativa da festa de 9 anos e a declamação da primeira poesia realizada na escola. Em cada relato, transparece a emoção e a importância desses momentos na construção das identidades e, em alguns casos, na escolha da profissão de professor.

Figura 100 - Fichas organizadas com fotografias e textos dos professores



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Os estudantes demonstraram grande entusiasmo ao tentar identificar o autor de cada texto e o professor retratado nas fotografias. A atividade comprovou o poder que as memórias têm em criar conexões e despertar a curiosidade, transformando a oficina em uma experiência rica e envolvente para toda a turma.

Figura 101 - Estudantes procurando ler os textos e as fotografias para identificar o professor/autor



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

No último dia da Oficina, preenchemos o Baú com diversos objetos que evocavam memórias do passado, como filmes de fotografia antiga e cadernos de recordação. Esses itens serviram como ponto de partida para uma conversa reflexiva sobre a importância de preservar histórias, memórias e tradições, conectando experiências individuais ao coletivo.

Figura 102 - Recuperando memórias dentro do baú



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Alguns dos objetos organizados no baú.

Todos os itens apresentados pela professora-pesquisadora eram pessoais e carregavam significado profundos. Entre eles, destacavam-se o Caderno de Perguntas e Respostas produzido no ano de 1998, contendo registros de muitos colegas da turma daquela época; o caderno de recordação com mensagens de amigos e professores do Ensino Médio (antigo Magistério), incluindo mensagens de pessoas queridas que já faleceram; uma das correspondências recebida durante anos de contato entre a pesquisadora e sua professora dos anos de 1992 (turma do Segundo Ano); um chaveiro ganhado de uma amiga da adolescência (In Memoriam); um monóculos com fotografias da pesquisadora quando tinha menos de 3 anos de idade, entre outros objetos igualmente marcantes.

Esses itens serviram como estímulo para que os estudantes refletissem sobre os próprios objetos que guardam como memória de suas vivências. Para finalizar, foi entregue um caderno com uma fotografia de toda a turma, acompanhado da sugestão de que os alunos utilizassem o espaço para escrever mensagens de recordação, criando suas próprias memórias coletivas. Logo após a sequência de objetos memorialísticos, os estudantes tiveram a oportunidade de explorar os cartões e fotografias que rememoram a história da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria (EASGF).

Figura 103 - Fotografias em exposição e detalhe de perto das ficha-cartão com trechos das entrevistas



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2024.

No Baú de Memórias, colocamos 80 fotografias da Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Faria (EASGF) e 60 fichas-cartões com trechos das entrevistas coletadas durante nossa pesquisa. Durante essa interação, cada estudante teve a oportunidade de selecionar um elemento - seja uma fotografia, um cartão ou ambos - que inspirasse sua criatividade para a elaboração de uma memória literária. Essa atividade buscou conectar as vivências pessoais dos estudantes de hoje às perspectivas e ao rico legado histórico da instituição, criando um diálogo simbólico entre passado e presente. Os alunos ficaram livres para a escolha e início da produção escrita.

Figura 104 - Estudantes escolhendo a fotografia ou trecho da entrevista para sua inspiração literária



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2024.

Neste percurso de escolha para inspiração literária obtivemos 16 produções. Para ilustrar a análise da compreensão dos alunos sobre o gênero memória literária, selecionamos o texto da aluna Isabelly. Inicialmente, apresentamos a fotografia que serviu como ponto de partida para a sua narrativa:

Figura 105 - O touro da EAESGF que queria ser boi



Fonte: Arquivo da pesquisadora. 2024.

O conceito de Multiletramentos refere-se à capacidade de interpretar, produzir e interagir com diferentes formas de linguagem, incluindo não apenas o texto escrito, mas também imagens, vídeos, gráficos e outras mídias. A fotografia serviu como um disparador de memória, ativando lembranças e emoções dos nossos entrevistados e foram transformadas em narrativa literária pelos estudantes, participantes da Oficina. A relação entre a fotografia (visual) e a escrita (verbal) demonstra como diferentes formas de linguagem se complementam: a fotografia se distanciou da percepção primária de ser apenas uma imagem estática, para transportar significados, contextos e emoções que foram traduzidos em palavras na memória literária. A seguir um dos textos fruto da Oficina Pedagógica:

Quadro 16 - Texto 1, resultante da Oficina Pedagógica

Primeira versão da estudante	Segunda versão da estudante (após conversas e sugestões no <i>drive</i>)
<u>Uma memória engraçada.</u> Essa foto ocorreu mais ou menos entre os anos de 1994-1996, eu estudava na Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Farias. Uma escola excelente, cuidamos do gado, da horta, brincamos e fazíamos bastante, e vários outros cursos, inclusive transversais. Mas bem, voltando ao foto, na escola precisava aumentar a produção de gado e um funcionário chamado José Silvério ficou responsável por isso. Ele foi comprar o touro. Recebemos uma foto com o touro de dinheiro e entregamos ao seu Zé, para que comprasse o bendito do touro. Ele comprou um boi reprodutor de gado leiteiro. Um Jersey, é uma raça de porte pequeno, e de boa adaptabilidade. O boi via um marrom claro, pouco da cor um amarelo, era gordo e de boa estatura. Seu Silvério disse que era o "melhor touro". Colocamos o Jersey com o rebanho leiteiro, por tanto, ele não procurava as vacas para a reprodução e isso foi motivo de graça por toda a escola. Seu Zé ria muito e todas as vezes, ficava até com pena dele, mas infelizmente o boi morreu. <u>Isabelly Permentel Fortu-</u> <u>mato 3º A Inf.</u> * podemos corrigir a ideia * portanto é conclusiva. A ideia transmitida aqui no parágrafo é contrária. Complete com a conjunção adequada ao sentido pretendido.	Título: O Investimento que não rendeu Todo mundo tem uma história curiosa da época da escola, mas essa, sem dúvida, é a mais engraçada de todas. Entre os anos de 1994 e 1996, estudei na Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Farias, lugar onde guardo boas memórias. Era uma escola excelente, onde aprendíamos não apenas a cuidar do gado e da horta, mas também a viver momentos inesquecíveis de diversão, brincadeiras e, claro, algumas travessuras. Mas há um episódio em especial que nunca vou esquecer. Naquele tempo, surgiu a necessidade de aumentar a produção de gado na escola, e um funcionário chamado José Silvério ficou responsável por comprar o touro. Uma generosa quantia em dinheiro foi confiada a ele para adquirir o bendito animal. Pois bem, lá foi o seu Zé cumprir a missão e voltou todo satisfeito com um boi reprodutor de gado leiteiro. Um Jersey — raça de porte pequeno e boa adaptabilidade. O bicho era um marrom claro, puxando para o vermelho, gordo e de boa estatura. Seu Silvério, todo orgulhoso, dizia que aquele era “o melhor touro”. Animados com a chegada do novo astro da reprodução, colocamos o Jersey com o rebanho leiteiro e ficamos só esperando o resultado. Mas, para nossa surpresa — e certo desgosto do seu Zé —, o boi parecia estar em outra vibe. Não mostrava interesse nenhum pelas vacas, como se preferisse uma vida de paz e sossego. Não deu outra: a história correu solta e virou motivo de zação por toda a escola. O que era para ser uma solução logo virou piada, e o pobre do seu Zé recebia caçadas todos os dias. Ficava até com pena dele, mas não tinha jeito, o tal

	touro não deu no couro. No fim das contas, o "investimento que não rendeu" acabou proporcionando boas risadas e uma história que, até hoje, rende nostalgia e muita diversão quando lembramos dos tempos de escola. Isabelly Pimentel Fortunato, 3º A inf.

Fonte: A pesquisadora. 2024.

O texto produzido pela estudante Isabelly demonstra a compreensão com relação à memória literária, pois combina lembranças pessoais com um estilo narrativo envolvente, trazendo um acontecimento do passado de forma reflexiva e cativante. Outras características evidenciadas na produção da estudante foram:

Foco em experiências pessoais – O relato parte de uma lembrança específica vivida pelo narrador-personagem, destacando sua experiência como estudante na Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria.

Uso da primeira pessoa – O texto é narrado em primeira pessoa, com expressões como "estudei", "aprendíamos" e "lembramos", que reforçam o caráter pessoal e testemunhal do relato.

Resgate do passado – A estudante conseguiu se colocar como um personagem que relembra um acontecimento entre os anos de 1994 e 1996, trazendo detalhes sobre a rotina na Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria (EASGF) e o episódio do touro.

Descrição de personagens e cenários – O texto apresenta descrições que ajudam a construir o contexto, como as características do touro Jersey ("marrom claro puxado para um vermelho, gordo e de boa estatura") e a figura do funcionário José Silvério (um funcionário chamado José Silvério ficou responsável em comprar o touro).

Tom narrativo leve e humorado – A forma como o episódio é contado, especialmente com as expressões: *Mas infelizmente o boi broxou, o tal touro não deu no couro*, traz um tom descontraído e bem-humorado, típico de memórias que ressaltam episódios curiosos ou engraçados da vida.

Subjetividade e emoção – Além de relatar os fatos, a estudante/autora expressa sentimentos e opiniões, como ao dizer *ficava até com pena dele*, demonstrando sua empatia por Seu Zé e trazendo maior veracidade às memórias.

Dessa forma, o multiletramento se estabelece como uma prática essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em diferentes contextos, tornando a comunicação mais dinâmica e adaptada às diversas formas de expressão contemporâneas. A atividade de repassar a história corrigida para a plataforma *Canva* torna a prática do Multiletramento mais evidente, pois os textos passam a abarcar ainda mais as características expostas por Rojo e Moura (2012, p. 23):

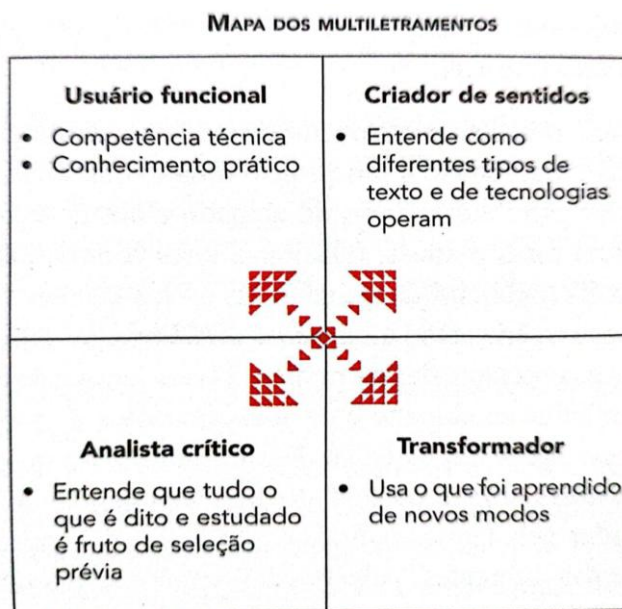
- a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidos, em especial as relações de propriedades (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas)

A organização das memórias literárias na plataforma *Canva* pretende oportunizar algumas das características marcantes do Multiletramentos:

- *Interatividade e colaboração*: Todos os envolvidos recebem um *link* para acessar o esboço do *E-book*, permitindo uma construção coletiva e dinâmica, onde cada participante pode contribuir diretamente para o desenvolvimento do conteúdo.
- *Transgressão da relação de poder*: Quando o livro estiver finalizado e os textos começarem a ser compartilhados, a ideia de propriedade autoral se dilui. A hipernovidade facilita o compartilhamento de conteúdo, abrindo espaço para a criação de *remixes* e possibilitando que outros se apropriem dos textos, emergindo como novos autores.
 - *Hibridismo e mestiçagem*: Esses textos apresentam uma rica mistura, combinando diferentes linguagens (texto e imagem), estilos (formal e informal), mídias (analógica e digital) e até mesmo influências culturais diversas, tornando o produto multifacetado e inclusivo.

Sobre os aspectos da Nova Pedagogia, Rojo e Moura (2012, p. 29) apresentou um mapa dos multiletramentos, reforçando os 4 aspectos essenciais para conseguirmos a formação de usuários funcionais que tenham competência técnica (saber fazer) nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas na nossa hipermodernidade:

Figura 106 - Mapa dos Multiletramentos



Adaptado de DECS & UniSA, 2006.

Fonte: Rojo e Moura, 2012, p. 29.

O diagrama apresenta os elementos que capacitam o estudante a não só compreender os textos, mas também utilizá-los de forma prática e criativa em diversos contextos.

Usuário Funcional: A habilidade prática de usar o texto no dia a dia, resolvendo problemas ou criando algo com base no que foi aprendido. Por exemplo, ao conversar com os familiares ou relembando suas próprias histórias, o estudante percebeu a funcionalidade do gênero memórias literárias.

Criador de Sentido: Envolve interpretar o texto, entendendo não apenas o conteúdo, mas também a tecnologia ou o formato usado em sua criação. Quando exemplificamos produções como o *videoclipe* e o *curta-metragem*, os estudantes conseguiram compreender

mais profundamente o sentido do gênero memórias Literárias a partir de sua função mais moderna.

Analista Crítico: Refere-se à capacidade de selecionar e compreender os detalhes do texto, avaliando a relevância e a intencionalidade de tudo que se faz presente. É como um filtro inicial para decidir o que vale a pena ser lido, analisado ou utilizado durante o uso e produção de um texto (verbal ou não verbal).

Transformação: Esse é o momento em que o estudante aplica os conhecimentos adquiridos do texto em situações reais, trazendo o conteúdo para o contexto social contemporâneo.

Isso significa que o aprendizado não acontece de maneira isolada; ao invés disso, as fases estão integradas, formando um processo contínuo e dinâmico. Nesse contexto, o estudante deixa de ser apenas um receptor passivo de informações já prontas, e passa a ser um participante ativo, capaz de analisar criticamente o que aprende, dar novos significados aos conteúdos e aplicá-los de forma criativa em diferentes situações. A abordagem do Multiletramento transforma o estudante em alguém que constrói e adapta conhecimentos de forma mais autônoma e participativa, visto que após as correções e revisões finais, os textos prontos seriam compilados em um *E-book*, na qual os estudantes estariam envolvidos no processo de formatação e *design* de cada história produzida, promovendo a ideia de um projeto coletivo.

Essa etapa do trabalho introduz conhecimentos básicos de *designer gráfico* (ou *webdesign*), área profissional voltada à criação de materiais visuais, como *sites*, cartazes, livros digitais e panfletos. Durante a atividade coletiva, os participantes podem ser incentivados a refletir sobre as escolhas estéticas essenciais ao produto, incluindo a apresentação do *e-book*, a legibilidade da fonte textual, a estrutura dos elementos visuais nas páginas, a harmonia das cores, tipografia dos títulos, entre outros elementos. Como os estudantes são recém-formados a técnico de informática, a atividade permite a exploração de diferentes ferramentas e técnicas no uso do aplicativo, promovendo maior familiaridade com *softwares* específicos de *design*. Além disso, a interação com o conteúdo pode despertar maior interesse por esse campo de trabalho, fomentando a iniciação profissional.

Com esse processo bem estruturado, o resultado (*e-book* publicado) se tornaria não apenas um registro literário, mas também um trabalho valioso de apreciação das memórias individuais e coletivas, revitalização da memória da instituição, destacando a criatividade e as histórias produzidas pelos estudantes.

3.4 A flexibilidade do Planejamento e a impossibilidade da execução da etapa final da Oficina

Durante o período de aplicação da oficina, no final de novembro, tivemos a participação ativa dos estudantes. Porém, no subsequente período de reescrita dos textos, no início de dezembro, os estudantes direcionaram seu foco para a preparação das avaliações do 3º bimestre. Tal priorização dificultou, em particular, a participação nas reuniões personalizadas, previamente agendadas para a conclusão dos textos e a formatação do *e-book*. Os participantes demonstraram preferência por atividades que contribuíssem para a melhoria de seu desempenho acadêmico, resultando em notas no histórico escolar.

Se a atividade estivesse sendo realizada em sala de aula, ela seria desenvolvida junto à turma, mas considerando que as professoras colaboradoras da pesquisa só puderam disponibilizar o quantitativo de 10 aulas para a oficina, o restante da atividade necessitava ser concluído de acordo com o ritmo e o tempo disponível dos estudantes em horário extra. É importante destacar que se trata de uma turma do último ano do Ensino Médio, cujo ano letivo de 2024, só foi encerrado em março de 2025, o que contribuiu para a urgência em priorizar as avaliações, já que alguns estudantes aprovados em vestibulares necessitaram solicitar *antecipação*⁷⁵ de conclusão do Curso Técnico.

Por conta desse cenário, não conseguimos realizar a reescrita de cada um dos textos. Além disso, poucas sugestões feitas no *Google Drive* foram incorporadas, visto que os estudantes frequentemente justificavam, por meio de mensagens no *WhatsApp*, sua

⁷⁵ O calendário acadêmico institucional foi suspenso entre 24 de abril e 1º de julho de 2024, em decorrência da greve ocorrida no primeiro semestre de 2024. A essa interrupção somou-se a necessidade de reposição de aulas e a previsão de término do ano letivo apenas em março de 2025. Diante desse cenário, os estudantes dos 3º anos, aprovados em vestibulares, necessitaram de uma solução para garantir seu ingresso no ensino superior. A Portaria Nº 2201/REIT - CGAB/IFRO, de 01 de novembro de 2024, normatizou os critérios para a conclusão antecipada do curso, o que impossibilitou a execução da etapa final planejada desta investigação.

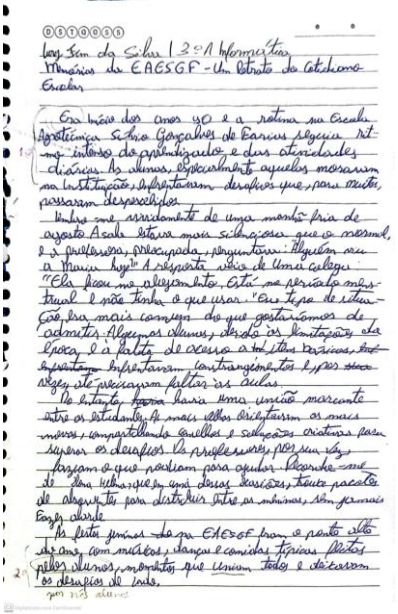
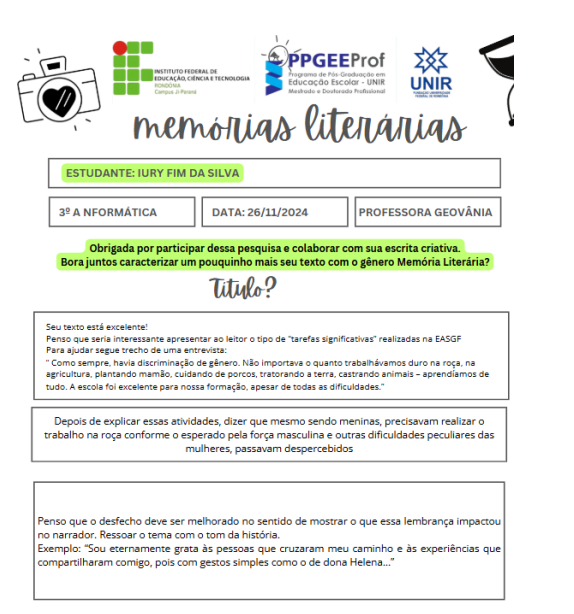
dificuldade em concluir as atividades devido às exigências do currículo integrado do Instituto Federal de Rondônia.

No mês de fevereiro de 2025, fizemos nova tentativa em evocar os estudantes no desafio em mergulhar no compromisso de fazer os ajustes nos textos que reconstruíram algumas memórias da instituição por meio da escrita literária. Criamos um grupo com os 16 estudantes, mas novamente alguns estavam atarefados em concluir o ano letivo de 2024 que estava sendo concluído de fevereiro a março de 2025. Outros já estavam no período de transição, iniciando uma nova etapa da vida pós Ensino Médio, equilibrando diferentes responsabilidades e desafios, como a jornada no mercado de trabalho e o ingresso no Ensino Superior, alguns inclusive fizeram mudança de estado para o ingresso na Universidade.

Somente dois estudantes (Isabelly e Iury) conseguiram acessar as sugestões do *drive* e em diálogo com a professora-pesquisadora efetivaram a reescrita e finalização da memória literária. Já apresentamos a análise do texto de Isabelly, agora segue a versão inicial do texto produzido pelo estudante Iury.

Ao apresentarmos os textos lado a lado (versão inicial x sugestões de melhoria; e versão final x análise das características do gênero), facilitamos a comparação e a compreensão do processo de reescrita, além de perceber como as orientações e correções fornecidas pela professora-pesquisadora contribuíram para aprimorar a reescrita textual.

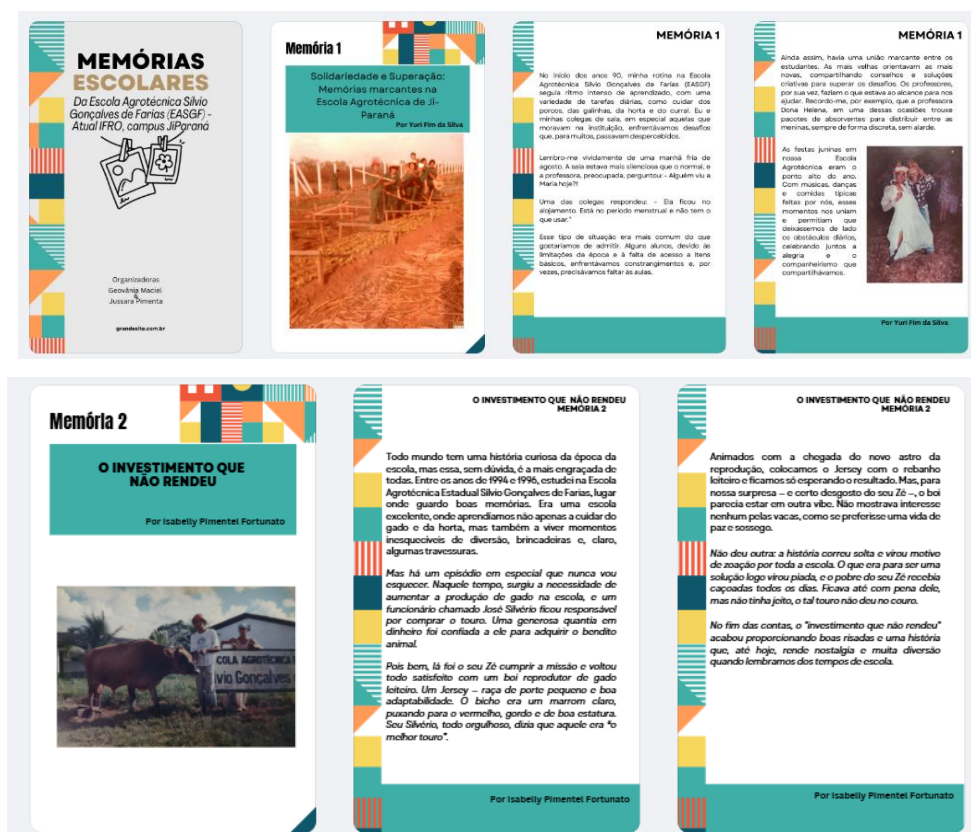
Quadro 17 - Análise do processo de reescrita do estudante Iury

VERSÃO INICIAL	SUGESTÕES DE MELHORIA COMPARTILHADA PELO Google Drive:
	
TEXTO FINALIZADO	ANÁLISE
Solidariedade e Superação: Memórias marcantes na Escola Agrotécnica de Ji-paraná (RO) Texto de Yuri Fim da Silva No início dos anos 90, minha rotina na Escola Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Farias (EASGF) seguia ritmo intenso de aprendizado, com uma variedade de tarefas diárias, como cuidar dos porcos, das galinhas, da horta e do curral. Eu e minhas colegas de sala, em especial aquelas que moravam na instituição, enfrentávamos desafios que, para muitos, passavam despercebidos. Lembro-me vividamente de uma manhã fria de agosto. A sala está mais silenciosa que o normal, e a professora, preocupada, perguntou: - Alguém viu a Maria hoje?!	- O estudante do sexo masculino escolheu uma personagem feminina e abordou a temática da menstruação em sua produção escrita. A escolha do estudante efetiva uma quebra de estereótipos de gênero e demonstra uma visão mais aberta e inclusiva, pois ao abordar um tema que tradicionalmente é considerado "feminino", o estudante contribuiu para a desconstrução de ideias preconceituosas, o que indica uma capacidade de se colocar no lugar do outro e de compreender diferentes perspectivas. - O primeiro parágrafo do texto em questão se destaca por sua capacidade de transportar o leitor para o passado da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná, através de uma descrição detalhada, permitindo ao leitor visualizar o cotidiano dos estudantes na época. - A menção à "manhã fria de agosto" e ao "silêncio incomum" na sala de aula cria uma atmosfera que permite ao leitor sentir o ambiente da época. Essa atenção aos detalhes sensoriais é uma característica marcante da memória literária

Uma das colegas respondeu: – Ela ficou no alojamento. Está no período menstrual e não tinha o que usar.” Esse tipo de situação era mais comum do que gostaríamos de admitir. Alguns alunos, devido às limitações da época e à falta de acesso a itens básicos, enfrentavam constrangimentos e, por vezes, precisavam faltar às aulas. Ainda assim, havia uma união marcante entre os estudantes. As mais velhas orientavam as mais novas, compartilhando conselhos e soluções criativas para superar os desafios. Os professores, por sua vez, faziam o que estava ao alcance para ajudar. Recordo-me, por exemplo, de Dona Helena, que em uma dessas ocasiões trouxe pacotes de absorventes para distribuir entre as meninas, sempre de forma discreta, sem alarde. As festas juninas na EASGF eram o ponto alto do ano. Com músicas, danças e comidas típicas feitas por nós, esses momentos nos uniam e permitiam que deixássemos de lado os obstáculos diários, celebrando juntos a alegria e o companheirismo que compartilhávamos.	4. O texto explora as emoções dos personagens, como a preocupação da professora, o constrangimento das alunas e a solidariedade entre elas. A memória literária frequentemente se concentra nas emoções e nos sentimentos que acompanham as lembranças. 5. O texto não apenas relata os acontecimentos, mas também reflete sobre o significado deles, analisando as dificuldades enfrentadas pelos alunos, a importância da união e o papel dos professores. 6. Embora o texto seja pessoal, ele utiliza recursos literários para tornar a narrativa mais envolvente. A linguagem é expressiva e emotiva, buscando criar uma conexão com o leitor. 7. O último parágrafo do texto desempenha um papel fundamental na construção da memória literária, ao apresentar um contraponto aos desafios e valorização ao companheirismo. A descrição das festas juninas, com "músicas, danças e comidas típicas feitas por nós", oferece um vislumbre da cultura local e das tradições da escola. Esses detalhes culturais enriquecem a narrativa e contribuem para a construção da identidade da escola e para a preservação de suas memórias. Esses eventos eram parte importante da vida dos estudantes e representam um aspecto significativo da história da instituição.

Fonte: A pesquisadora, 2025.

Em razão dos imprevistos, a etapa final foi suspensa, já que ficou inviável a reescrita dos textos e a produção colaborativa do *e-book*. O desenvolvimento do *e-book*, portanto, fica como sugestão para um novo projeto, com uma nova turma, visto que só conseguimos iniciar a produção colaborativa no *Canva* com as memórias literárias de dois estudantes, conforme mostra a imagem a seguir:

Figura 107 - Processo inicial de escrita do *E-book* no Canva

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025.

Apesar dos contratempos, as memórias evocadas pelos estudantes foram bastante significativas e emocionantes, o que já comprova que se o *e-book* fosse produzido, proporcionaria uma experiência muito enriquecedora. Trechos selecionados das produções textuais iniciadas evidenciam o potencial do material, a riqueza das narrativas e a relevância da preservação da memória institucional.

Quadro 18 - Análise dos trechos de algumas produções dos estudantes

Trechos da primeira escrita dos estudantes e as iniciais da autoria	Análise do trecho e importância gerada pela memória literária produzida
“Nessa escola tínhamos um professor chamado Carlos Poscidonio no qual tenho muito carinho, pois ele foi um dos melhores professores da instituição. Com apenas 27 anos, já tinha feito mestrado nos Estados Unidos, tinha viajado para Israel com a Universidade. E com todo esse conhecimento ele era muito avançado para aquela época. Ele falava sobre técnicas de genética e congelamento de seres humanos aguardando cura.” (C.A.S)	A estudante escolheu uma figura marcante das entrevistas (o professor Carlos Poscidonio) para o resgate afetivo. A narradora enfatiza a juventude e notável formação acadêmica, contrastando-a com o contexto da época, o que realça o caráter visionário do professor, contribuindo para a construção de uma memória que valoriza a inovação e o conhecimento, além de ressaltar a importância do papel do professor na formação dos alunos.
“Lembro-me como se fosse ontem do cheiro forte de eucalipto fervido invadindo os corredores. (...) Minha rotina era intensa. Eu morava na escola e me sentia como uma espécie de pai e mãe para os alunos, especialmente nos momentos de dificuldade.” (E.K.Y.V)	A frase "Lembro-me como se fosse ontem" revela a intensidade da memória e a carga emocional do personagem-narrador. A memória literária valoriza detalhes sensoriais, assim o cheiro do eucalipto fervido transporta o leitor para o ambiente descrito. A descrição da rotina e das relações interpessoais oferece um vislumbre do contexto social e emocional da Escola Agrotécnica em sistema de internato.
“A televisão era outro ponto de discórdia. Tínhamos uma só, daquelas antigas de tubo. Disputávamos cada milímetro para assistir.” (G.S.C)	A televisão, como um objeto cultural, desempenha um papel importante na construção da memória coletiva. A disputa por espaço diante da televisão pode ser vista como um microcosmo das relações sociais. Ao mesmo tempo em que gerava conflitos, a experiência compartilhada de assistir televisão também criava momentos de união e interação entre os estudantes. A presença de uma única televisão, "daquelas antigas de tubo", remete a um tempo em que o acesso a esse meio de comunicação era limitado, ao mesmo tempo contrasta com a realidade atual, em que as telas planas e os serviços de <i>streaming</i> dominam o cenário, evidenciando as transformações tecnológicas e as mudanças nos hábitos de consumo de mídia.
“Os primeiros dias eram difíceis, ir e vir do colégio era cansativo, além das montanhas de atividades, havia a zoação constante dos veteranos” (J.V.A.M)	A escolha de palavras como "montanhas de atividades" e "zoação constante" confere um tom expressivo à narrativa, aproximando-a da linguagem literária. O texto ecoa as várias recordações dos entrevistados sobre a rotina exaustiva e o assédio dos veteranos no ambiente da Escola Agrícola de Ji-Paraná
“Em determinado dia, havia terminado de apresentar as notas aos alunos e até então parecia tudo correto. No entanto, na hora	O estudante escolheu uma das memórias evocadas pelas entrevistas, mas apresentando sob o ponto de vista diferente: na perspectiva do professor.

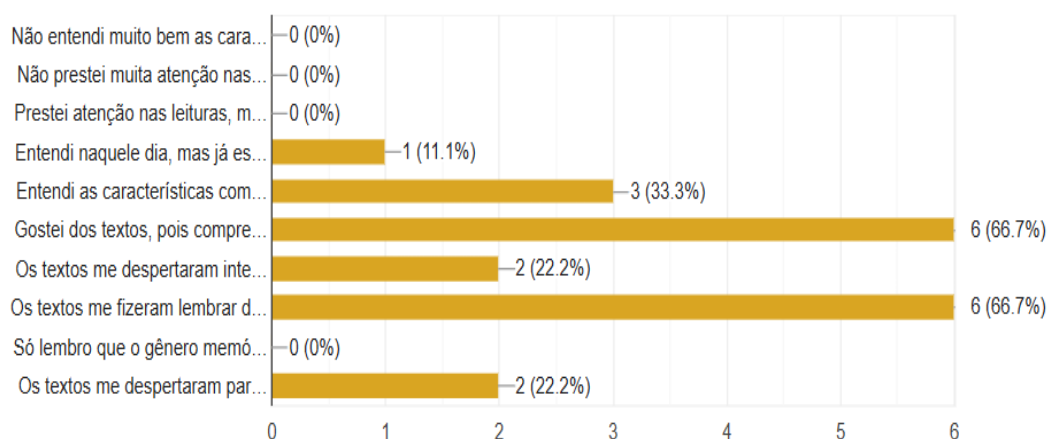
de sair do trabalho vi um murmurinho, fui lá observar o ocorrido. Encontrei meu carro, um Fusca, preso em um local de difícil acesso, entre uma mureta e uma parede, me impossibilitando de ir embora” (T.S)	A descrição do Fusca, um carro icônico e nostálgico, adiciona um toque de charme e humor à narrativa, enquanto a frustração do personagem-narrador ao se ver impossibilitado de ir embora evoca a sensação de impotência diante de situações inesperadas.

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2025.

A análise dos trechos selecionados das produções iniciais dos estudantes revela a riqueza e a diversidade das memórias literárias produzidas, destacando características essenciais do gênero. Cada trecho demonstra a habilidade dos alunos em resgatar o passado da instituição de maneira pessoal e envolvente, utilizando a linguagem literária para recriar cenas, personagens e emoções.

A escolha de figuras memoráveis, como o professor Carlos Poscidonio, ou de objetos cotidianos, como a televisão, mostrou a atenção do estudante às atividades desenvolvidas durante a oficina, na qual ele foi capaz de escolher um evento de relevância para sustentar a memória afetiva na construção da narrativa. A descrição de cenários e situações, como a rotina escolar ou um incidente inusitado, tiveram a intenção de transportar o leitor para o contexto da época, permitindo vivenciar as experiências dos estudantes enquanto narradores das histórias de outros, misturando realidade com ficção. A presença ora de humor, emoção ou reflexão nos mostra o estilo individual de cada estudantes e os trechos demonstram a capacidade dos alunos de transformar memórias em narrativas significativas e relevantes para a preservação da história institucional.

Aplicamos no final da oficina um formulário avaliativo para coletar o *feedback* dos estudantes sobre a experiência, a relevância do tema para a preservação da memória institucional, a metodologia utilizada, a clareza dos objetivos e a efetividade das atividades propostas no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Ao questionar os estudantes se eles conseguiram compreender as principais características do gênero memória literária por meio dos textos expostos na oficina, obtivemos o seguinte resultado.

Figura 108 - *Feedback dos estudantes*

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Conforme análise do gráfico, a maioria dos participantes (66.7%) assinalou a opção "Gostei dos textos, pois compreendi as características do gênero memórias literárias" e que "Os textos me fizeram lembrar de algumas memórias pessoais". Isso sugere que a oficina foi eficaz em apresentar o gênero memória literária de forma compreensível e relevante para os estudantes.

O Gráfico também apresenta que 33.3% dos estudantes afirmaram que "Entendi as características com os textos lidos", indicando que houve uma compreensão positiva do gênero trabalhado e reforçando a relevância do material didático selecionado. 22.2% dos estudantes informaram que "Os textos me despertaram interesse neste tipo de gênero" e outros 22.2% afirmaram que "Os textos me despertaram para escrever minhas memórias pessoais". O fato de muitos estudantes ligarem os textos com suas próprias lembranças, mostra o poder da memória literária inclusive e sugere um impacto positivo na motivação, inclusive, para a escrita pessoal e na valorização da memória individual.

Contudo, obtivemos como resultado negativo, o total de 11.1% dos estudantes indicou que "Entendi naquele dia, mas já esqueci", sugerindo que, embora a oficina tenha sido eficaz para alguns, a retenção de informações pode ter sido um problema para uma porcentagem, apontando a necessidade de estratégias de reforço e revisão do conteúdo. Apesar dessa ressalva, a oficina demonstra ter sido bem-sucedida, com a maioria dos

participantes demonstrando compreensão e apreciação do gênero memória literária, de forma que os dados evidenciaram a eficácia da abordagem utilizada, já que conectou o conteúdo teórico à experiência individual dos alunos.

Por meio da segunda pergunta, buscamos verificar se as atividades da oficina foram capazes de evocar memórias pessoais nos estudantes, estabelecendo uma conexão emocional com o tema da memória literária. Ao perguntar aos estudantes “Durante a oficina você conseguiu lembrar de alguma memória particular? Qual?” Obtivemos as seguintes respostas:

Figura 109 - Memórias despertadas pela Oficina Pedagógica

“Sim, lembrei de vários momentos na escola, de vários professores, formatura...”

“De alguns adolescentes da antiga escola onde é o IFRO tiraram uma foto bêbados com algumas garrafas.”

“Sim. Quando eu era pequena tinha um cavalo de madeira e gostava muito dele, mas infelizmente ele sumiu e nunca mais o vi. Mas ali eu descobri que minha paixão por cavalos veio desde que eu era criança.”

“Sim, várias na verdade, porém uma delas é de uma vez logo após o falecimento da minha avó, em um momento que a minha família estava bastante afastada, nós nos juntamos para um almoço e nesse dia através de umas fotos que minha mãe tinha guardada, ela foi mostrando elas e relembando cada momento com os irmãos enquanto eles iam completando informações, contando histórias e dando risadas. Foi um momento muito precioso, e com certeza ajudou cada um que estava lidando com o luto da minha avó, eu era criança, mas lembro perfeitamente até hoje.”

“Recordei-me nostalgicamente de minhas férias de verão da infância passadas na casa de minha avó paterna...”

“Sim. De quando eu era criança e sempre esperava de tardezinha o carrinho do picolé passar, sempre falava pro minha mãe: "mãe o pacolé chegou " .

“Algumas sobre o motivo de praticar tantas artes marciais, foi divertido pensar mais sobre isso, fiquei muito agradecido”

“Sim, de quando morava no sítio e ia pra escola no sítio”

“Sim, o dia em que teve uma festinha no *ballet* e secretamente a professora pediu para os familiares escreverem uma cartinha. Minha maior surpresa foi saber que meu padrasto havia escrito ela.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

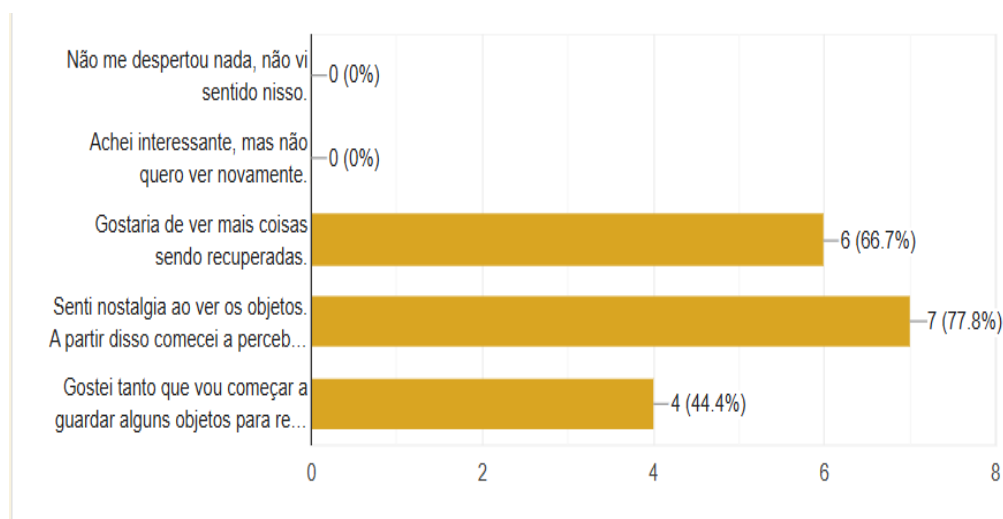
As respostas dos estudantes à pergunta sobre memórias particulares evocadas durante a oficina, revelam uma rica tapeçaria de experiências pessoais, demonstrando a eficácia da atividade em conectar os participantes com suas próprias histórias. Identificamos memórias

variadas desde recordações nostálgicas da infância e momentos familiares significativos, até episódios marcantes da vida escolar e descobertas pessoais. Essa diversidade de lembranças evidencia a universalidade da experiência humana e a capacidade da memória literária de resgatar momentos preciosos e transformá-los em narrativas significativas.

Nesse contexto, as reflexões de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva ressoam com a experiência dos estudantes. Halbwachs (2003), em sua obra "A Memória Coletiva", argumenta que a memória individual é moldada e sustentada pelos quadros sociais, ou seja, pelos grupos e instituições aos quais pertencemos. A oficina, ao proporcionar um espaço para a troca de memórias, permitiu que os estudantes se reconectassem com suas próprias histórias e com a história da instituição, fortalecendo os laços sociais e a identidade coletiva, demonstrando como a memória individual se entrelaça com a memória coletiva, confirmando a ideia de que "não há memória que não seja lembrada por outros" (Halbwachs, 2003).

Sobre a atividade de retirar elementos antigos de dentro do baú, tivemos como resultado dos dados um engajamento positivo dos estudantes:

Figura 110 - Sentimentos despertados por meio dos objetos antigos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Os dados revelam um forte sentimento de reminiscência e interesse dos estudantes, visto que 77,8% dos estudantes relataram sentir nostalgia ao ver os objetos recuperados pela pesquisadora, indicando uma conexão emocional significativa com a atividade; outros 66,7% expressaram o desejo de ver mais objetos antigos sendo recuperados, demonstrando um interesse genuíno pela preservação da memória; e 44,4% dos estudantes afirmaram que gostaram tanto da atividade que pretendem começar a guardar objetos para recordar o passado, o que sugere um impacto duradouro na valorização da memória individual e coletiva. A ausência de estudantes indicando desinteresse ou falta de sentido na atividade, reforça o engajamento positivo da atividade proposta.

Ao avaliarem a criação do *site* para hospedar as fotografias e histórias da antiga Escola Agrotécnica Sílvio Gonçalves de Farias, os estudantes utilizaram uma escala de 1 a 5, onde 1 representava 'muito positivo' e 5 'muito negativo'. Os resultados obtidos foram os seguintes: A maioria dos estudantes (66,7%) avaliou o *site* como "muito positivo" (1). Isso indica um alto nível de satisfação com a iniciativa de preservar a memória da escola através do site. E 33,3% dos estudantes avaliaram o site como "positivo" (2), também indicando uma avaliação positiva, embora com um grau de intensidade menor. Nenhum dos estudantes (0%) escolheram as opções "neutro" (3), "negativo" (4) e "muito negativo" (5). A ausência de

avaliações negativas sugere que o site atendeu às expectativas dos estudantes e foi considerado relevante para a preservação da história da instituição.

Ao questionar os estudantes sobre a melhor percepção sobre MEMÓRIA e FOTOGRAFIA, de acordo com o gráfico obtido, chegamos aos seguintes resultados:

a) *"Toda fotografia é carregada de memória"*, com 88,9% das respostas. Esta é a afirmação com maior índice de concordância, evidenciando que a maioria dos participantes percebe a fotografia como um poderoso veículo de memória, capaz de evocar lembranças e sentimentos.

b) *"A fotografia possui a capacidade de transmitir ideias tanto quanto um texto de estrutura verbal."* (77,8%) e *"A fotografia é um documento, um testemunho do tempo."* (77,8%): As duas afirmações obtiveram alta concordância, demonstrando a compreensão de que a fotografia pode servir como um registro histórico e cultural, e indicando que os participantes reconhecem a capacidade da fotografia de preservar e transmitir informações e histórias;

c) *"Memória e a fotografia muitas vezes se misturam."* (44,4%) e *"A fotografia é um lugar de memória."* (44,4%): Estas afirmações obtiveram concordância moderada, sugerindo que, embora a relação entre memória e fotografia seja reconhecida, ainda há uma compreensão mais sutil da relação entre memória e fotografia, reconhecendo a sua complexidade.

d) *"A fotografia por ser subjetiva, não expressa sempre a realidade de forma literal."* (22,2%): Esta afirmação obteve baixa concordância, indicando que a subjetividade da fotografia não é vista como um obstáculo para a sua capacidade de evocar memórias.

e) *"Não é possível ler fotografia, apenas textos."* (0%) e *"A fotografia sempre expressa a realidade."* (0%): Estas afirmações não obtiveram nenhuma concordância, demonstrando que os participantes rejeitam a ideia de que a fotografia não pode ser interpretada ou que sempre expressa a realidade do fato.

Sentimos um resultado favorável ao percebermos a predominância de estudantes que afirmam ser a fotografia um poderoso veículo de memória, capaz de preservar e transmitir histórias e emoções, além de servir como um registro histórico e cultural. Esse consenso reforça a relevância da fotografia como ferramenta pedagógica para explorar a memória

individual e coletiva, e como um meio de conectar os estudantes com o passado, estimulando a reflexão sobre identidade e história. Alguns estudantes deixaram a opinião com relação à dinâmica “Quem é o autor?”

Figura 111 - Opinião sobre a dinâmica “Quem é o autor?”

“Muito criativa. Fiquei curiosa para saber quem eram os professores em cada fotografia”
 “Incrível essa ideia, fiquei muito curiosa sobre quem era em cada foto e motivo de cada fotografia, foi muito interessante ver um outro lado dos professores no quais eles têm muito apego emocional.”
 “Eu achei muito interessante a dinâmica. Ser uma "detetive" e descobrir um pouco da história dos nossos professores foi muito divertido.”
 “Muito legal, percebi como o tempo muda as pessoas kkkkkkk”
 “Achei ser uma boa dinâmica, todos da sala corroboraram, foi divertido.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

As respostas revelaram um alto nível de engajamento e que foi muito bem recebida pelos estudantes, demonstrando seu potencial para tornar o aprendizado significativo e envolvente. Os estudantes demonstraram curiosidade e conexão emocional com a atividade desenvolvida.

Enfim, a aplicação dos Multiletramentos como base metodológica permitiu explorar a memória institucional de forma inovadora, conectando diferentes linguagens e mídias. A participação ativa dos estudantes nas atividades presenciais, demonstrou o potencial da memória literária como ferramenta de engajamento e reflexão crítica. A produção textual, embora limitada em sua finalização, evidenciou a capacidade dos estudantes em ressignificar o passado através da escrita, transformando as memórias dos entrevistados em narrativas literárias.

Para futuras edições da oficina, sugere-se uma maior flexibilização do cronograma, adaptando-o às demandas e ritmos dos estudantes, especialmente em turmas de conclusão do ensino médio, e que a oficina esteja integrada ao currículo regular, com carga horária dedicada, o que poderia otimizar a participação e mais engajamento dos alunos. Além disso, a exploração de ferramentas digitais de produção colaborativa, como o *Google Drive* e o *Canva*, pode ser ampliada, incentivando a criação de um *e-book* interativo e multimídia, com

uma interdisciplinaridade maior, envolvendo as disciplinas técnicas do curso de Informática. Por fim, acreditamos que a continuidade deste projeto, com ajustes e aprimoramentos, poderá contribuir de maneira mais significativa para a preservação da memória institucional e para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos estudantes no contexto dos Multiletramentos.

O caminho para chegar até aqui foi cheio de obstáculos: desde a escolha do problema da pesquisa, dos participantes até a elaboração dos produtos. Contudo, acredito que na medida do possível, conseguimos superá-los. A Oficina Pedagógica, apesar do pouco tempo para sua realização, demonstrou ser um ambiente valioso para o resgate da história institucional, a escuta de memórias vividas e a experimentação pedagógica para a recriação literária.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Você não sabe o quanto eu caminhei
 Pra chegar até aqui
 Percorri milhas e milhas antes de dormir
 Eu nem cochilei
 Os mais belos montes escalei
 Nas noites escuras de frio chorei, ei, ei, ei
 Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei
 A vida ensina e o tempo traz o tom
 Pra nascer uma canção
 E com a fé do dia a dia encontro a solução
 Encontro a solução (...)”

Canção A estrada, Cidade Negra

Assim como o eu lírico da música “A Estrada”, interpretada por Toni Garrido, afirma ter percorrido “milhas e milhas” em busca de seus objetivos, a presente pesquisa também se deparou com desafios e obstáculos ao longo de sua jornada. A busca por memórias e narrativas nos levou a cruzar distâncias, conectando-nos com indivíduos que mesmo residindo em outros estados, ansiavam por compartilhar suas vivências e o legado da instituição. A perseverança e o apoio incondicional de todos os colaboradores foram pilares essenciais para superar as adversidades e conduzir este trabalho a uma conclusão bem-sucedida.

Na medida do possível, procuramos escalar os “belos montes”, ascendendo patamares de conhecimentos em cada uma das etapas propostas desde o início da escrita do Projeto de Pesquisa. Iniciamos com uma Revisão de Literatura que sistematizou conceitos sobre Memória e História da Educação Profissional, fornecendo a base teórica necessária para o estudo. A segunda fase aprofundou-se na contextualização histórica do *Campus* Ji-Paraná, desde o panorama nacional da Educação Profissional até o cotidiano escolar da EAESGF e do CEEPSGF, utilizando fotografias e entrevistas diversas conquistadas durante o trabalho de campo. Por fim, a terceira etapa materializou os resultados da pesquisa com a criação de dois produtos educacionais complementares e de impacto. O primeiro, um *site* dinâmico, que foi concebido como um espaço virtual de memória acessível à comunidade acadêmica, ex-alunos e funcionários, e ao público em geral, com o propósito de preservar suas raízes e disseminar o legado institucional do *Campus* Ji-Paraná. O segundo produto desta pesquisa, um Roteiro de Oficina Didática, direcionada a professores do ensino fundamental e médio da região, buscou

validar, por meio da prática pedagógica, o potencial do material recuperado e exposto no *site* (Produto Educacional 1) como um instrumento pedagógico para a leitura e produção de texto, simultâneo ao ensino da História da Educação Técnica/Profissional local.

Em nossa retrospectiva, reafirmamos que a Educação Profissional no Brasil, possui suas raízes históricas na formação de mão de obra qualificada que aos poucos evoluiu significativamente até a criação dos Institutos Federais (IFs) em 2008. Os IFs - assim como o IFRO, *Campus Ji-Paraná*, lócus de nossa pesquisa - representam um marco na integração de ensino, pesquisa e extensão, visando o desenvolvimento regional e a inclusão social, assim como no passado a tríade Educação, Trabalho e Produção serviram de sustentação para as Escolas Agrotécnicas Nacionais. O *Campus* de Ji-Paraná, parte integrante do IFRO, carrega consigo a história da antiga Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria (EAESGF) e do Centro Estadual de Educação Profissionalizante Sílvio Gonçalves de Faria (CEEPSGF), estabelecendo uma conexão entre o passado e o presente da educação profissional na região.

Ao adotar a Nova História Cultural como base teórica, foi possível captar as lembranças do ‘fazer’ escolar da instituição (Certeau, 2014) analisada no centro das discussões, de modo a compreender o universo cotidiano de estudantes, professores do Ensino Médio Técnico e demais funcionários ao longo de quase quatro décadas. Igualmente, foi possível reafirmar o quanto se faz importante valorizar as vivências e experiências dos sujeitos escolares como elementos fundamentais para a compreensão da História da Educação.

Ao analisar as fotografias da Escola Agrotécnica de Ji-Paraná e do Centro Profissional Sílvio Gonçalves de Faria à luz do esquema proposto por José D'Assunção Barros (2004), desvendamos a complexa teia de relações que moldam a vida na instituição. Durante esta análise, a exploração do material iconográfico permitiu desvendar a atuação dos *sujeitos e agências*: estudantes, professores e funcionários, destacando o protagonismo discente, o apoio mútuo diante de desafios e o papel da gestão na articulação com a comunidade. A *produção e recepção* de conhecimento foram exploradas tanto no aprendizado formal quanto informal. A análise de *objetos culturais* permitiu acessar práticas e saberes da instituição e seu entorno, desde ferramentas agrícolas até livros. *Aspectos antropológicos de*

alteridade e família se manifestaram nas interações com a comunidade e no forte senso de pertencimento interno. Os *padrões normativos e de conduta* foram revelados no cumprimento e na subversão de regras, bem como em rituais disciplinares, com a transição para o CEEPSGF e eventos de invasão expondo a dinâmica dessas normas. Por fim, *práticas cotidianas, teatros de poder e comemorações* forneceram *insights* sobre relações sociais, dinâmicas de autoridade e valores da cultura escolar, enriquecendo a compreensão das interações dentro e fora da instituição. Cada foto ou fato recuperado no percurso dessa travessia acadêmica trouxe à tona um pouco da memória institucional do *Campus Ji-Paraná*, sob a perspectivas de seus atores sociais desde os anos de 1981.

Os procedimentos metodológicos utilizados, como a revisão bibliográfica, análise documental, questionários, grupos focais, entrevistas, permitiram uma coleta de dados ricos e diversificados. As fotografias e narrativas se tornaram ‘tesselas’ que contribuíram para a construção de um ‘mosaico’ de lembranças individuais e coletivas. Além da utilização das fotografias e entrevistas como instrumento de análise, destacamos a criação do *site - Arquivo Fotográfico Tecendo Memórias de uma instituição de Ensino em Ji-Paraná, Rondônia* - para hospedagem do acervo iconográfico recuperado, no intuito de reforçar a importância de preservar e divulgar a memória institucional, podendo servir como inspiração para ações a serem replicadas em outros *campi* do Instituto Federal de Rondônia e até mesmo de outras instituições de ensino profissional (ou não). Ademais, a Oficina Didática, como Produto Educacional 2, representou em sua prática um momento crucial de socialização e validação dos achados da pesquisa junto à comunidade escolar. Sua principal vantagem residiu na oportunidade de apresentar de forma interativa, parte do material iconográfico e das narrativas coletadas, permitindo um *feedback* imediato sobre a relevância para a produção de conhecimento histórico local e fortalecimento da identidade institucional.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, diferentes desafios foram postos, uma vez que para a coleta de dados históricos e a rememoração de eventos passados exigiu-se um esforço significativo para localizar e entrevistar antigos estudantes e funcionários, muitos dos quais já não residiam na região. Nem todas entrevistas foram realizadas pessoalmente, algumas só se tornaram possível com auxílio de recursos digitais como *WhatsApp* e *Google Meet*. Além disso, devido à escassez de registros oficiais encontramos dificuldades na

recuperação de documentos diversos e por isso priorizamos encontrar e interpretar fotografias antigas, que mesmo com ausência de qualidade em algumas imagens, conseguiram narrar vivências escolares marcantes. Essa limitação no acesso a fontes documentais tradicionais para a História da Educação em Rondônia, ressalta a importância crucial da nossa abordagem metodológica, que priorizou a coleta e interpretação de fotografia antigas e a valorização das memórias que serviram de testemunhos.

Importante frisar que a organização e digitalização do acervo iconográfico também demandaram tempo e recursos pessoais da pesquisadora e que apesar do escaneamento e da catalogação já realizados, pensamos que o trabalho não chegou ao fim, já que nem todas as fotografias recuperadas constam no *site*, ou mesmo nesta tese. Identificamos a necessidade de buscarmos a expertise de profissionais especializados para garantir a qualidade, a precisão e a acessibilidade a longo prazo de todo o acervo iconográfico da instituição. O tratamento técnico das imagens e a revisão da catalogação são etapas que exigem conhecimento específico, o que nos leva à necessidade de explorar meios técnicos especializados que otimizem esses processos, assegurando maior integridade, padronização e plena disponibilização do acervo *online*.

A fundamentação teórica em autores como Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachs (2003), Magalhães (2004), Barros (2004), Lee Goff (2013), Certeau (2014), entre outros, proporcionaram uma base sólida para a análise das relações entre memória, história e educação. Por meio da perspectiva halbwachsiana descortinamos a memória coletiva como função social, com destaque para as novas manifestações nos espaços digitais como fenômenos sociais significativos de rememoração. Essa lente teórica se mostrou particularmente relevante na análise de nossa pesquisa, especialmente na concepção e no desenvolvimento do *site*. Este espaço virtual se configurou como suporte de memória coletiva, reunindo fotografias e narrativas compartilhadas pelos diversos atores da história do *Campus Ji-Paraná*. Ao permitirmos que essas memórias individuais e grupais pudessem coexistir e se conectar no ambiente digital, buscamos evidenciar como a memória institucional é construída na sociedade contemporânea, através das interações e dos referenciais comuns que unem os sujeitos ao longo do tempo.

Como resultado, os produtos educacionais desenvolvidos contribuíram para a valorização da memória institucional do IFRO, *Campus Ji-Paraná*, e para a promoção de um ensino mais significativo, considerando que trabalhou com as diversas linguagens, memórias e culturas presentes no cotidiano escolar. Nesse sentido, a própria natureza da pesquisa, ao trabalhar com diferentes formas de expressão e representação – como a linguagem verbal das entrevistas, a linguagem visual das fotografias e a linguagem digital do *site* – dialoga diretamente com a perspectiva dos *Multiletramentos* (New London Group, 1996; Rojo e Moura, 2012, 2013; Maciel, 2019). Reconhecemos que a compreensão da história institucional se enriquece ao explorarmos esses diversos modos de significação, permitindo aos diferentes públicos acessarem e interpretarem as memórias de maneiras variadas e engajadoras. Acreditamos que os produtos educacionais desenvolvidos, ao integrarem essas múltiplas linguagens, ofereceram um potencial significativo para um ensino mais conectado com as realidades vigentes e com as diversas formas de aprender e interagir com o conhecimento hipermoderno.

Por fim, inspirados pela mensagem da epígrafe de conclusão, lembramos que “*a vida ensina e o tempo traz o tom pra nascer uma canção, e com a fé do dia a dia encontra a solução*”, assim esta pesquisa foi guiada pela determinação em tecer um elo entre o conhecimento teórico, os participantes e os significados da memória institucional. Este vínculo, por sua vez, fomentou a busca por soluções para a preservação do legado educacional do IFRO, *Campus Ji-Paraná*. E como “A estrada” cantada, a nossa trajetória de pesquisa pavimentou um caminho de descobertas e reflexões fomentando a busca por soluções para a valorização da História Profissional em Rondônia. Ao final, almejamos que os resultados apresentados possam servir de alicerce para futuras investigações sobre a intrínseca relação entre Memória, História e Educação e reconhecemos que cada passo dado, cada obstáculo superado, contribuiu para a construção de uma narrativa rica e transformadora, e um caminho que se espera frutífero, abrindo trilhas para futuras investigações e narrativas vindouras.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Rachel Duarte. **Fotografias escolares:** práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966). 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 314 f.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. W. **Educação e emancipação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 119-138.
- ALBUQUERQUE, Marlos Gomes de. **Da formação polivalente ao movimento da educação matemática:** uma trajetória histórica da formação de professores de matemática na Universidade Federal de Rondônia em Ji-Paraná (1988-2012). 2014. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2014. 276 f.
- ANDRADE, Maria Adilina Freire Jerônimo de. **As instituições de aprendizagem de ofícios durante o período joanino no Brasil:** formação de artistas e artífices no Rio de Janeiro. 2023. Tese (Doutorado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. 135 f.
- BACK, Flávia Regina. **Dados, linhas e nós:** uma história da implantação do IFC Campus Ibarama. 2023. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2023.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais.** Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, Pedro José de. **O curso técnico em estradas:** das origens à implementação na Escola Técnica Federal de Mato Grosso. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. 185 f.
- BARROSO, Roseli Auxiliadora. **A formação do técnico em agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal de Barbacena no contexto da modernização da agricultura no Brasil (1965-1985).** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BARTHES, Roland. **Câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEZERRA, Maria Zilda da Silva. **Hospital Municipal: um espaço pedagógico?** 2005. Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2005.

BHABHA, Homi J. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 f.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONTEMPI JUNIOR, Bruno. **História da educação brasileira: o terreno do consenso**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos estados da República escolas de aprendizes artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 set. 1909. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 12.893, de 28 de Fevereiro de 1918**. Autoriza o Ministro da Agricultura a criar patronatos agrícolas, para educação de menores desvalidos, nos postos zootécnicos, fazendas-modelo de criação, núcleos coloniais e outros estabelecimentos do Ministério. Rio de Janeiro, Diário Oficial da União, Seção 1, 5 mar. 1918, p. 2963. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12893-28-fevereiro-1918-507076-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 abr. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007.** Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 abr. 2007a.

BRASIL. **Decreto nº 72.434 de 9 de julho de 1973.** Cria a Coordenação Nacional do Ensino Agrícola - COAGRI - no Ministério da Educação e Cultura, atribuindo-lhe autonomia administrativa e financeira e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-72434-9-julho-1973-420902-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%20a%20Coordena%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do,financeira%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias>. Acesso em: dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes de funcionamento de escolas agrotécnicas.** Brasília, DF, 1990a. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002318.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. **Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990.** Estabelece, de acordo com o art. 14, § 9º da Constituição Federal, casos de inelegibilidade, prazos de cessação, e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1990b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp64.htm. Acesso em: 9 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.195, de 18 de novembro de 2005.** Dá nova redação ao § 5º do art. 3º da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2005/lei-11195-18-novembro-2005-539206-publicacaooriginal-37266-pl.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.534, de 25 de outubro de 2007.** Dispõe sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 out. 2007b.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 29 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 6.448, de 11 de outubro de 1977.** Dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 out. 1977. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6448-11-outubro-1977-366388-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.670, de 30 de junho de 1993.** Dispõe sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 1993.

BRASIL. **Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994.** Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 dez. 1994b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1994/lei-8948-8-dezembro-1994-349799-norma-pl.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998.** Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 de maio 1998. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9649-27-maio-1998-372115-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 20 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **1º Seminário de Supervisão Pedagógica:** relatório. Brasília: SAN - Artes Gráficas, 1976. Disponível em: <http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/me002435.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. ProfEPT. Instituto Federal do Espírito Santo. **Área de concentração: Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT.** Vitória: IFES, 2019. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/areadeconcentracao?start=3>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SE-TEC). **Chamada pública de propostas para constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET:** MEC/SETEC nº 0002/2007. Brasília, DF, 2007c. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/chamada_publica_ifet.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SE-TEC). **Portaria nº 116, de 31 de março de 2008.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2008b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/resultado_chamada_ifet.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica:** concepção e diretrizes. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **O internato nas Escolas Agrotécnicas Federais.** Brasília: MEC, 1994a. Disponível em: <http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/me002070.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** Tradução Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

CALANDRELLI, Hudson. Há 30 anos, a Toca Drinks em Ji-Paraná era o point da cidade. **Portal Rul**, 2020. Disponível em:

https://www.Facebook.com/groups/438185410833395/?hoisted_section_header_type=recently_seen&multi_permaLinks=459083945410208&locale=pt_BR. Acesso em: 16 jan. 2025.

CANDIDO, Lenilson Sergio. **Uma construção histórica do curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Rondônia Campus de Ji-Paraná.** 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2015. 197 f.

CAPES. **Documento orientador de apresentação de propostas de cursos novos (APCN): área 46 (Ensino).** Brasília: CAPES, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/CAPES/pt-br/centrais-de-conteudo/ensino1.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CAPES. **Ficha de avaliação - programas acadêmicos e profissionais: Área - Ensino.** Brasília: CAPES, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/CAPES/pt-br/centrais-de-conteudo/FICHA_ENSINO.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

CAPES. **Relatório de Grupo de Trabalho:** produção técnica. Brasília: CAPES, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/CAPES/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. Centros de Memória no Centro Paula Souza: 25 anos de uma parceria entre instituição e universidade públicas. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023003, 2023. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/17623>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CASTILLO, Leila de Almeida. **A experiência do trote: um caminho para a inserção na escola.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, [Instituição não especificada], 2020. 138 f.

CASTRO, Cláudio de Moura. Os pobres nos cursos técnicos. **Veja**, São Paulo, p. 20, 2003. Seção Ponto de Vista.

CATANEO, Caroline. **De onde vêm as histórias?** Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. 243 f.

CEFET-AM. **Edital de concurso nº 011/2008**. Concurso público para professor de ensino básico, técnico e tecnológico para a Escola Técnica Federal de Rondônia - Unidade de Ensino Descentralizada de Ji-Paraná. 11 set. 2008. Disponível em: <https://www.pciconcursos.com.br/noticias/cefet-ro-oferece-52-vagas-para-porto-velho-e-ji-parana>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002. (Coleção Memória e Sociedade).

CIAVATTA, Maria et al. **A fotografia como fonte de pesquisa da história: da história da educação à história de trabalho-educação**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_ciavatta-pdf-min. Acesso em: mar 2024.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 33-46, jan./abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2025.

CIAVATTA, Maria. O Rio dos trabalhadores: a educação do olhar e a fotografia como fonte histórica. **Trabalho Necessário**, v. 18, n. 35, p. 240-263, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/40506>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

COLLINSCHONN, Walter; KOBIYAMA, Masato. A hidrologia da cabeça d'água: ocorrências e observações no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 23., 2019, Foz do Iguaçu. **Anais [...]** Tema: Desastres. Porto Alegre: ABRHidro, 2019. Disponível em: <https://anais.abrhidro.org.br/job.php?Job=5239>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CONIF (CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA). **Histórico**. 2024a. Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#inicio>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CONIF (CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA). **Conheça as instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. 2024b. Disponível em: <https://portal.redefederal.org.br/instituicoes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

COSTA, Ana Valéria de Figueiredo da. **Imagens fotográficas de professoras: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 243 f.

DA SILVA, Cássia Maria Mello *et al.* **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Funarte, 1997. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/aceso-a-informacao-2/acoes-e-programas/documentos/manual-para-catalogacao-de-documentos-fotograficos>. Acesso em: 5 out. 2024.

DAGNESE, Deise Inára Cremonini. **E essa tal de EPT?** Estudo sobre a história e memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS Campus Farroupilha. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. 125 f.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: ago. 2023.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais [...]** GT09: Ensino de Sociologia. Recife: SBS, 2007. Disponível em: https://portal.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=138&Itemid=171. Acesso em: 27 jan. 2025.

DIEFENBACH, Carla Verônica Vasconcellos. **Instituto Federal do Rio Grande do Sul Câmpus Sertão: memórias da cultura escolar através das narrativas de egressos do Curso Técnico em Agropecuário (1972-2010)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. 123 f. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4214>. Acesso em: 28 dez. 2024.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 921-946, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/w6QjW7pMDpzLrfRD5ZRkMWr/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EUGENI, Ruggero. **Analisi semiótica dell'immagine: pittura, illustrazione, fotografia**. Milano: Pubblicazioni dell'I.S.U. Università Cattolica, 2004.

FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991. p. 11-37.

FARIA, Paulo M. **Revisão sistemática da literatura:** contributo para um novo paradigma investigativo. Metodologia e procedimentos na área das ciências da educação. Portugal: Whitebooks, 2016.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

FEITOSA, Teresinha de Sousa. **As reformas do ensino profissionalizante de 1996 a 2006 na Escola Agrotécnica Federal do Crato - CE:** acomodação à legislação ou consciência da prática? 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010. Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/12366>.

FERNANDES, Marta Quadros. **O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e o PROEJA:** o caso do Campus de Vitória da Conquista. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. 172 f.

FERREIRA, Raquel Duarte. **Avaliação de aulas temáticas sobre agrotóxico no curso técnico em agropecuária em Ji-Paraná para o ensino de química orgânica.** 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) - Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2022. 82 f. Disponível em: https://pgecn.unir.br/uploads/76256557/arquivos/Raquel_Ferreira__1__1486422209.pdf. Acesso em: dez. 2023.

FIEGENBAUM, Maicon. **Os pequenos notáveis:** a utilização do selo postal no processo de ensino-aprendizagem da geografia. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165169/001027738.pdf?sequenc>. Acesso em: 27 jan. 2025.

FILHO, Lourival Inácio; NAVES, Juliano Fischer. **Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO (NIMPI).** Portal do IFRO, 2018. Disponível em: <https://nimpi.ifro.edu.br/sobre/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FORONI, Paola. O discurso do governador Jorge Teixeira e suas representações. In: BARBOSA, Xênia Castro; ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda; AGUIAR, Verônica Aparecida Silveira (Org.). **História, memória e direitos humanos:** 50 anos da ditadura militar no Brasil. Salvador: Pontocom, 2014. p. 69-83. Disponível em: <https://editorapontocom.com.br/l/31/Hist%C3%B3ria%2C-mem%C3%B3ria-e-direitos-humanos>. Acesso em: 13 dez. 2024.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico.** Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos. (Trabalho original publicado em 1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 20.

G1 RONDÔNIA. **Apicultores de Vilhena, RO, esperam colher 80 toneladas de mel.** Rede Amazônica, Porto Velho, 15 out. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/10/apicultores-de-vilhena-ro-esperam-colher-80-toneladas-de-mel.html>. Acesso em: 27 jan. 2025.

G1 RONDÔNIA. **Memorial Governador Jorge Teixeira é inaugurado em Porto Velho.** Rede Amazônica, Porto Velho, 7 abr. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/04/memorial-governador-jorge-teixeira-e-inaugurado-em-porto-velho.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 63-80, 2008. DOI: 10.5585/eccos.v1i1.155. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/155>. Acesso em: 1 abr. 2024.

GIANELLI, Juliana Gimenes. **A educação profissional e os fundamentos da Escola Unitária Gramsciniana: o caso do Campus São João da Boa Vista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.** 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

GLOBO ESPORTE. **Fundador do Ji-Paraná Futebol Clube, Roldão Alves fala sobre situação.** Globo, Ji-Paraná, 7 de abril de 2015. Disponível em: <https://ge.globo.com/ro/futebol/times/ji-parana/noticia/2015/03/fundador-do-ji-parana-futebol-clube-roldao-alves-fala-sobre-situacao.html>. Acesso em: 19 jan. 2025.

GOMES, Itamar de Souza. **A história da educação profissional do Campus Juiz de Fora do IF Sudeste MG: um lugar de memória.** 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Juiz de Fora, 2023.

GONÇALVES, Denis Weberton Vendruscolo; SILVA, Rosália Aparecida da (Org.). **IFRO na história: comunicação no site institucional enquanto relato da construção do Instituto Federal em Rondônia.** Campo Grande: Editora Inovar, 2022. Coleção 1. 2, 3 e 4. Disponível em: <https://editorainovar.com.br/omp/index.php/inovar/search/search?query=ifro>. Acesso em: dez. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224 p.

HALL, G. Stanley. **Adolescence: its psychology and its relation to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education.** New York: D. Appleton and Company, 1904. v. 1. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/u8vv9y33>. Acesso em: 20 jan. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO). **Regulamento dos Programas de Assistência Estudantil.** Resolução nº 23, de 26 de março de 2018. REIT - CONSUP/IFRO. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/consup->

nav/resolucoes/2018/8505-resolucao-n-23-consup-ifro-de-26-de-marco-de-2018. Acesso em: 28 jan. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO). **Breve histórico do IFRO**. 2024. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/sobre-o-ifro>. Acesso em: 24 jun. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO). **IFRO completa 12 anos neste dia 29 de dezembro de 2020**. 2020. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/ultimas-noticias/10711-ifro-completa-12-anos-neste-dia-29-de-dezembro-de-2020>. Acesso em: 24 jan. 2025.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

JÍ-PARANÁ (Prefeitura). **Decreto 1.224 de 19 de fevereiro de 1981**. Criação da Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria. Jí-Paraná, Prefeitura Municipal, 1981.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gisele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KOLLER, Claudio Alberto. **A perspectiva histórica da criação da Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul e a sua relação com o modelo agrícola convencional**. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

KOSSOY, Boris. A fotografia como fonte de pesquisas. In: **A fotografia como fonte de pesquisa da história: da história da educação à história de trabalho-educação**. CIAVATTA, Maria et al. (org.). Uberlândia: Navegando Publicações, 2023. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_ciavatta-pdf-min. Acesso em: mar. 2024.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KRUGEL, Vanessa Caue. **Tempos de construção: a Escola Técnica da UFPR e sua expansão de cursos (1998-2000)**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) - Instituto Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

KRÜGER, Edelbert. **O resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97: um estudo do perfil sócio econômico do aluno do CEFET-RS**. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Jornalismo político brasileiro e a análise do enquadramento noticioso**. Rio de Janeiro: Cosmopolítica, 2007. Disponível em:

https://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_jp-plinio.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

LOBATO, Ana Maria Leite. **Re-contando a história da Escola Técnica Federal do Pará: a educação profissional em marcha de 1967 a 1979**. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3008>.

LOBO, Gessica dos Anjos. **A história da educação profissional e tecnológica no território do Amapá: a Escola Técnica de Comércio - ETCA (1949-1961)**. 2022. 66 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Santana, Santana, 2022.

LOPES, Ivone Goulart et al. O fio da história - nas trilhas de Ouro Preto do Oeste-RO: vitrais da memória de professores e escolas. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org.). **Formação inicial e continuada de professores: da teoria à prática**. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 193-203. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/formacao-inicial-e-continuada-de-professores-da-teoria-a-pratica>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MACHADO, Ednéia Maria Azevedo. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA): um ressignificar da prática docente?** 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/731>. Acesso em: 3 set. 2022.

MACIEL, Geovânia de Souza Andrade. **Multiletramento literário no livro didático: caminhos epistemológicos da hipermodernidade**. 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

MACIEL, Geovânia de Souza Andrade; PIMENTA, Jussara Santos. Teias de memórias: registro dos pioneiros de Rondônia. In: XX SEMANA DA EDUCAÇÃO, III CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, IV ENCONTRO DE EGRESSOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Anais...** Londrina: Galoá, 2024. v. 2. Disponível em: <https://proceedings.science/sedu/sedu-2024/trabalhos/teias-de-memorias-registro-dos-pioneiros-de-rondonia?lang=pt-br>. Acesso em: 5 maio 2025.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum Donas (Comp.). **Adolescencia y juventud en América Latina**. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Disponível em: <https://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2025.

- MARTINS, Alex Lara; COSTA, Alfredo. Formas de ingresso nos cursos técnicos de nível médio da rede federal de ensino. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 32, e 08516, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-68312021000100215&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MELO, Francisco Manoel de. **Franciscologia: ecos do coração**. Ji-Paraná: Miura, 2014.
- MELO, Francisco Manoel de. **Ji-Paraná, cidade que eu vi nascer**. Ji-Paraná: Miura, 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. **A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa: imagens da imprensa e do Estado do cotidiano de crianças e adolescentes do Serviço de Assistência ao Menor - SAM (1959-1961)**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. **Multipartidarismo e governabilidade em Rondônia: a configuração do sistema partidário na transição democrática**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204598/001108664.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- NEVADO, Alessandra Aragon. **O papel da trajetória da extensão do Campus Viamão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul na construção da história da instituição**. 2023. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.
- NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: CAZDEN, Courtney et al. (org.). **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 66, n. 1, p. 60-92, spring 1996. Disponível em: http://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, Belo Horizonte, n. 5, p. 7-64, set. 1993. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/caderno_anped_no.5_set_1993.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024.

OLIVEIRA, Edeli Diogo. **Experiências de educação profissional e tecnológica em Ji-Paraná/RO: história oral de vida de egressos e servidores**. 2023. 180 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Porto Velho, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifro.edu.br/items/d4e233f6-b0a6-45ec-a5d4-2ea44f8ca31e>. Acesso em: mar. 2024.

OLIVEIRA, Ramon Igor da Silveira. **Inventário das políticas de financiamento da educação profissional no Brasil e de suas fontes de recursos: um estudo do Período Colonial à Segunda República (1530-1937)**. 2023. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

OTRANTO, Celia Regina. Reforma da Educação Profissional no Brasil: marcos regulatórios e desafios. **Educação em Questão**, Natal, v. 42, n. 28, p. 199-226, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959974009>.

PAGANOTTI, Caio. **Evolução e revolução do suporte fotográfico**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Orientador: Atílio Avancini. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-07032017-120859/publico/CAIOPAGANOTTI.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PAIS, José Machado. A simbologia dos apelidos na vida cotidiana escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 909-928, jul./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623674801>. Acesso em: 20 jan. 2025.

PINHEIRO, F. F. do P. S.; AIRES, J. P. Orientações para elaboração de produtos educacionais no mestrado profissional em ensino: exemplificando os tipos de produtos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 16, n. 8, p. 12151-12168, 2023. DOI: 10.55905/revconv. 16n.8-184. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/1667>. Acesso em: 29 mai. 2025.

PINHO, Camila Silva. **A reforma do ensino médio e suas possíveis consequências nos cursos técnicos integrados ao ensino médio da rede federal de educação profissional e tecnológica**. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

RIBEIRO, Ana Paula da Silveira. **Memórias do Campus Alegrete/Instituto Federal Farroupilha/RS: da Colônia do Passo Novo às vivências da Ditadura civil-militar (1954-1965)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128925>. Acesso em: 22 fev. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio (2011-2014)**. Porto Alegre: Secretaria de Educação, 2011. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp->

content/uploads/2014/04/proposta-pedag3b3gica-para-o-ensino-mc3a9dio-politc3a9cnico-e-educac3a7c3a3o-profissional.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

RIZZATTI, Ivanise Maria et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. In: **ACTIO: Doc. Ciência**, v. 5, n. 2, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3895/actio.v5n2.12657>.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: Os multiletramentos e as TIC'S**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RONDÔNIA. Coordenadoria Regional de Ensino. **Ofício nº 005/2021-SIE/CRE/Seduc/JIPA, de 19 de maio de 2021**. Porto Velho: Seduc, 2021.

RONDÔNIA. **Decreto nº 1.884, de 10 de fevereiro de 1984**. Integra a Estrutura da Secretaria de Estado da Educação, a Escola Agrotécnica 'Silvio Gonçalves de Faria', no Município de Ji-Paraná. Diário Oficial do Estado de Rondônia, Ji-Paraná, n. 521, 23 fev. 1984. Disponível em: <http://ditel.casacivil.ro.gov.br/cotel/Livros/Files/D1884.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

RONDÔNIA. **Decreto nº 3.011 de 7 de agosto de 1986**. Ficam declaradas de utilidade pública, para fins de desapropriação amigável ou judicial pelo Poder Executivo do Estado, face à necessidade de ampliação da Escola Estadual Agrotécnica Sílvia Gonçalves de Faria, de Ji-Paraná. Porto Velho: Governo do Estado, 1986. Disponível em: <http://ditel.casacivil.ro.gov.br/COTEL/Livros/detalhes.aspx?coddoc=7001>. Acesso em: jul. 2024.

RONDÔNIA. **Decreto nº 3.713, de 4 de maio de 1988**. Altera o Decreto nº 3.675, de 30 de março de 1988 e dá outras providências. Porto Velho: Governo do Estado, 1988a. Disponível em: <http://ditel.casacivil.ro.gov.br/COTEL/Livros/detalhes.aspx?coddoc=7704>. Acesso em: 30 jan. 2025.

RONDÔNIA. **Decreto nº 3.808, de 22 de junho de 1988**. Regulariza a contratação de professores aprovados no concurso público e dá outras providências. Porto Velho: Governo do Estado, 1988b. Disponível em: <http://ditel.casacivil.ro.gov.br/COTEL/Livros/detalhes.aspx?coddoc=7799>. Acesso em: 30 jan. 2025.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 409-413. (Ficção completa; v. 2).

ROSA, Rosângela Aquino da. **A cultura material da educação profissional, a memória e a história de sua transformação: o acervo de fotografias da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (1909-1985)**. 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SAKS, Flavia do Canto. **Busca Booleana: teoria e prática**. 2005. Monografia (Graduação em Gestão da Informação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/48319?show=full>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SANTANA, Darlem Juliana Silva. **Memórias docentes: trajetórias profissionais e história da educação profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (1970-2010)**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

SCHWALBE, Angélica Corvello. **A construção da memória no IF Sul: ações, concepções e contribuições da gestão documental**. 2023. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Charqueadas, 2023.

SILVA, Estácio Moreira da. **Trajetória histórica e memória da educação profissional em agropecuária no Brasil/Bahia: aproximações e diferenças com Cuba**. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017. Orientadora: Livia Diana Rocha Magalhães.

SILVA, João Fredson da. **Educação profissional e tecnológica no Brasil: uma proposta de formação para servidores dos Institutos Federais**. 2021. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021.

SILVA, Joel Manga da. **Análise teórico-crítica da educação profissional e tecnológica no Amapá (1943-1988)**. 2022. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Amapá, Santana, 2022.

SILVA, Paula Souza da. **Memórias da educação profissional no IF Sudeste MG - Campus Santos Dumont: uma proposta de museu virtual como contribuição à formação humana integral**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Rio Pomba, 2020. Orientadora: Ana Paula Lelis Rodrigues de Oliveira.

SILVA, Priscila Rita et al. As primeiras escolas de Ji-Paraná/RO: um olhar sobre o ensino da matemática. **Seminário Temático Internacional**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-7, 2024. Disponível em: <https://anais.ghemat-brasil.com.br/index.php/STI/article/view/344>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SILVA, Rosiane Maria da. **"Só vencem os fortes": a barbárie do trote na educação agrícola**. 2015. 359 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7109>. Acesso em: 28 dez. 2024.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOBRAL, Milene Aparecida Martins. **"No novo tempo... apesar dos perigos": a transformação do CEFET-SC em IFSC.** 2023. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SODRÉ, Maria da Rocha Ramos. **A educação profissional no Instituto Federal de Ji-Paraná e os limites objetivos para a inclusão socioprofissional de seus egressos.** 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

SOUSA, Janda Tamara de. **A memória da educação profissional e tecnológica no Ifes:** caminhos para acesso e difusão das fontes documentais no campus Vitória. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

STREET, Brian. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: CUP, 1984.

THÉRY, Hervé. **Rondônia:** mutações de um território federal na Amazônia brasileira. 1976. 238 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Paris I, Paris, 1976.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt#>. Acesso em: 29 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Regimento Interno PPGEEProf:** Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar. Porto Velho: UNIR, 2021. Disponível em: https://mepe.unir.br/uploads/91341742/arquivos/NOVO_Regimento_Interno_do_PPGEEProf__ARQUIVO_PDF__Res_N%C2%B0_399__04_04_2022__InicioVigenciaTurmas2022_1497838888.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Sistema de Bibliotecas. **Manual de orientação para pesquisa no Portal CAPES.** Uberlândia: UFU, 2020. Disponível em: <https://bibliotecas.ufu.br/acontece/2020/12/manual-de-orientacao-para-pesquisa-no-portal-CAPES>. Acesso em: 21 jun. 2024.

VALADÃO, Alberto Dias. **A pedagogia da alternância sob a perspectiva dos estudantes da EFA-Itapirema de Ji-Paraná.** 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Uni-

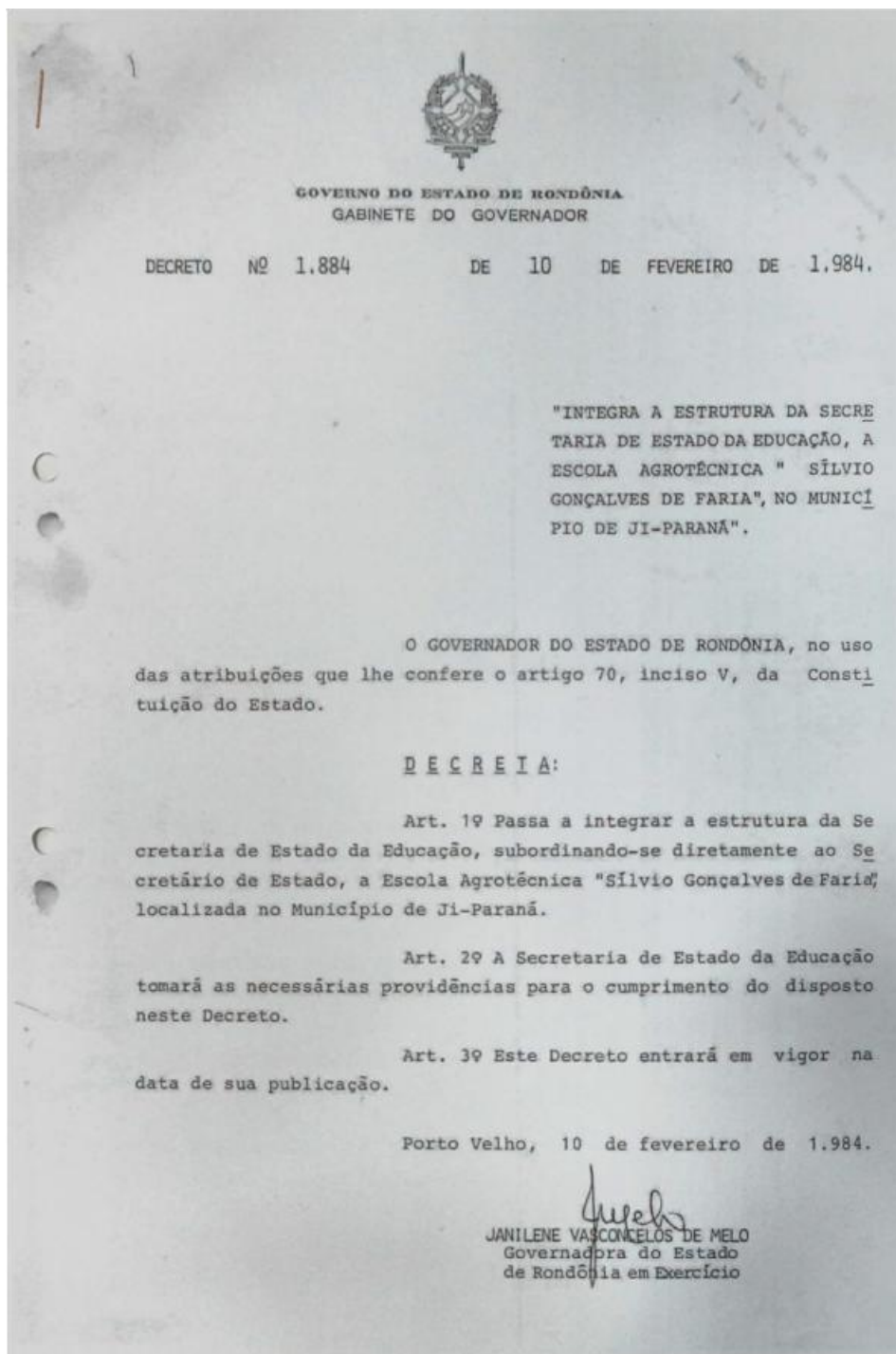
versidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2011. Disponível em:
<https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2001>. Acesso em: 3 set. 2022.

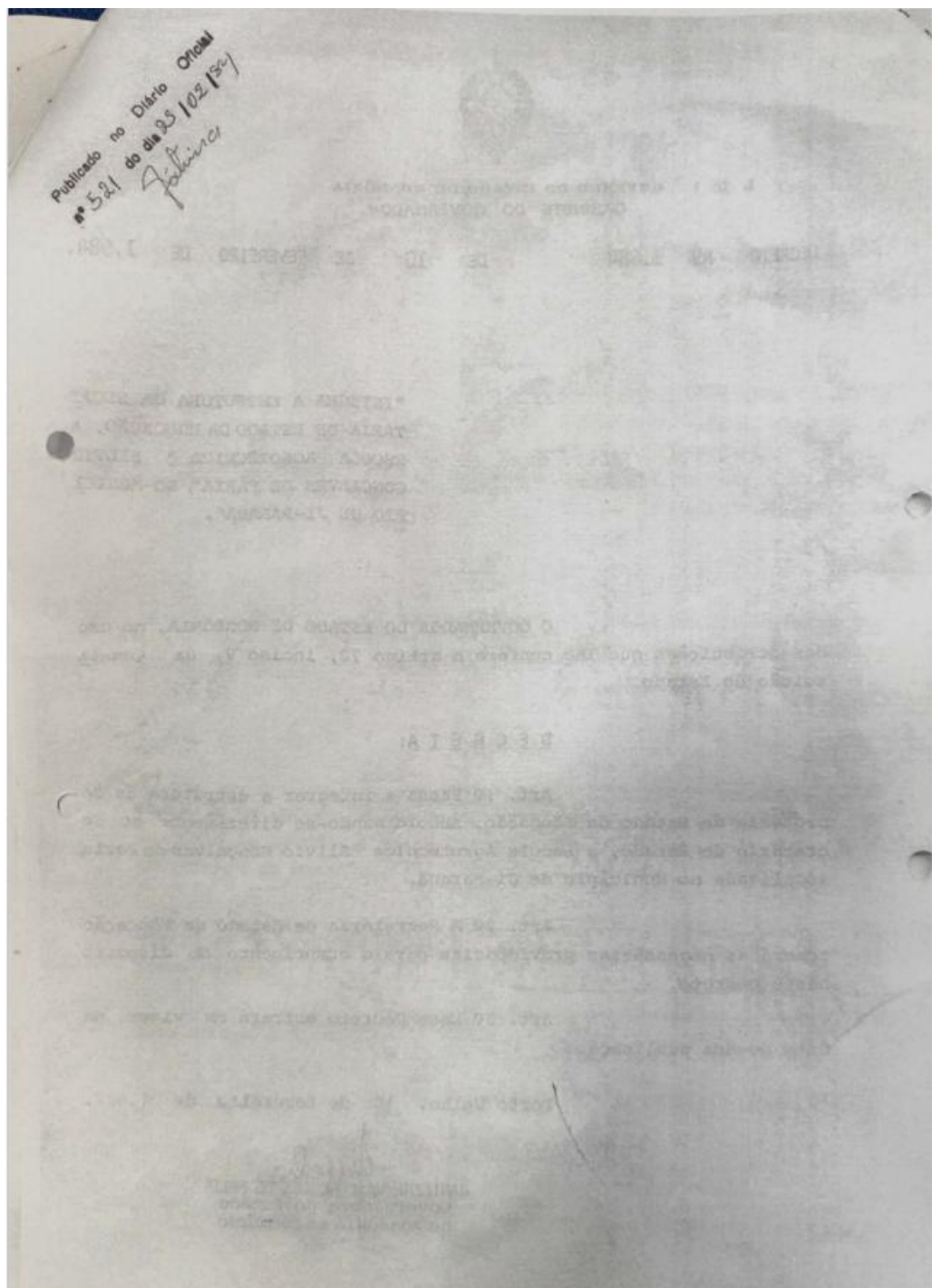
VALADÃO, José de Arimatéia Dias. **Contribuições dos Centros Familiares de Formação por Alternância para o desenvolvimento rural sustentável:** estudo da Escola Família Agrícola Itapirema de Ji-Paraná. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=164459. Acesso em: 4 set. 2022.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen:** prensa, cine, televisión. Barcelona: Paidós, 1984.

WARDE, Mirian Jorge. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil". **Anais...** Campinas: HISTEDBR, 1998. p. 91-100. Disponível em:
https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos.htm. Acesso em: 18 jun. 2024.

ANEXO I





Fonte: Coordenadoria Regional de Educação (CRE/Ji-Paraná, RO). Cedido à pesquisadora, 2023.

ANEXO II

DECRETO Nº 2.123

DE 11

DE MAIO

DE 1984.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RONDÔNIA usando das atribuições que lhe confere a Lei Complementar nº 041, de 22 de dezembro de 1981, R E S O L V E:

Desmunicipalizar da Prefeitura Municipal de Ji Paraná-RO os servidores abaixo relacionados, e lota-los na Secretaria de Estado da Educação:

N O M E	C A R G O	CADASTRO
Ana Maria Moreira Gomes Freire	Prof.Ens.1º e 2º Graus	20512/01207
Antonio Félix de Figueiredo	Zootecnista	31.131
Antenor Alves de Lima	Contínuo	30.484
Claúdia Lúcia Leitão Figueiredo	Zootecnista	30.130
Carlos Alves Poscidonio	Eng.Agrônomo	30.451
Carlos dos Santos Brandão	Zootecnista	30.978
Cícero Manoel dos Santos	Vigia	30.324
Edna Azevedo de Souza	Prof.Ens.1º grau	04.164
Emília Maria de Souza	Aux.Copa e Cozinha	30.445
Francisco das Chagas Barros	Cond. Viaturas	11.761
Honorato Fernandes de Oliveira		
Júnior	Eng.Agrônomo	30.737
Hugo de Alencar Coelho	Eng. Floretal	30.982
Israel Tavares	Prof. de Educ.Física	30.174

M

4

Exmo. Sr. Governador do Estado de Rondônia
 Sr. Adj. Ex. Administrativo



GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA

GOVERNADORIA

,02

Júnia Alves Teixeira	Aux.Copa e Cozinha	30.486
Levi Batista	Contínuo	30.550
Maria Carvalho Gomes	Aux.Copa e Cozinha	30.442
Maria Lucia da Silva	Aux.Copa e Cozinha	30.580
Maria Luiza Auer	Aux.Copa e Cozinha	30.447
Maria Nazaré Ramos	Aux.Copa e Cozinha	30.444
Maria Madalena Ferreira	Prof.Ens.1º e 2º Graus	28.861
Maria Rosa de Souza	Aux.Copa e Cozinha	30.446
Rodolfo Hirose	Medico Veterinário	16.547
Rodolfo Luiz Gampregher	Cond. Viaturas	30.450
Rosa Lourenço da Silva	Aux.Copa e Cozinha	30.448
Suely Maria da Silva	Prof.Ens. 1º e 2º Graus	30.115
Rosamir Pereira de Souza	Ag.Administrativo	30.281
Zélia Aparecida de Oliveira	Aux.Copa e Cozinha	30.613
Valdenina Jeamond Luz	Nutricionista	15.241
Ruben Ariste Vieira da Silva	Ag.Administrativo	03.140
Elizeu da Silva	Prof.Ens.1º Grau	29.660
Gabriel Kozelinsk	Ag.Administrativo	29.995


 Jorge Teixeira de Oliveira
 Governador

ANEXO III

Livro 2 de Registro Geral

ESTADO DE RONDÔNIA
COMARCA DE JI-PARANÁ

SERVIÇO DE REGISTRO DE IMÓVEIS TÍTULOS E DOCUMENTOS E CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

BEL JOSÉ ROBERTO NASS - OFICIAL
BEL JOSÉ RODRIGO NASS - SUBSTITUTO

Procedência Geral do Estado
Fis. 127
66

CONTROLE GERAL DO ESTADO
Fis. 277
001

Visto

Livro 2 de Registro Geral

Matrícula Nº: 6.777

Data: 15 de agosto de 1.985

Ficha Nº: 277

IMÓVEL: Lote de Terras Rural nº 03 da Secção "A", Área remanescente da SUDECO lado A, localizado na Gleba Pyrineos, neste município de Ji-Paraná-Ro., com a área de 103,05 ha (cento e três hectares e quinhentos metros quadrados), com os limites e confrontações seguintes: NORTE: Lotes 21 e 20 da Secção "A"; NORDESTE: Lotes 02 e 21 da Secção "A" e Rio Urupá; ESTE: Lote 02 da Secção "A" e Rio Urupá; SUDESTE: Lote 02 da Secção "A" e Rio Urupá e Igarapé Taboca; SUL: Igarapé Taboca e Rio Urupá; SUDOESTE: Igarapé Taboca e Lote 20 da Secção "A"; OESTE: Lote 20 da Secção "A" e Igarapé Taboca; NOROESTE: Lotes 20 e 21 da Secção "A". Proprietária: CALAMA - LOTEAMENTO E ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS LTDA., pessoa jurídica de direito privado, estabelecida nesta cidade de Ji-Paraná-Ro., inscrita no CGC/MF sob o nº 05.905.682/0001-03. Registro Anterior: R-1/692, às folhas 093 do Livro 2-C, no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Porto Velho-RG. O Oficial *Muiss*

R-1/6.777 - Data: 15 de agosto de 1.985. Transiente: CALAMA - LOTEAMENTO E ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS LTDA., pessoa jurídica de direito privado, devidamente inscrita no CGC/MF sob o nº 05.905.682/0001-03, estabelecida nesta cidade de Ji-Paraná-Ro. Adquirente: ETELVINA BENTES RIOS, brasileira, casada, comerciante, portadora da Cédula de Identidade RG nº 6.119-BSP/RO., e inscrita no CPF sob o nº 247.867.053-49, residente e domiciliada em Porto Velho-Ro. Forma do título: Escritura Pública de Venda e Compra, lavrada no Cartório de Notas desta Comarca, às folhas 130 do Livro 029, em 14 de agosto de 1.985. Valor: Cr\$ 60.000.000 (sessenta milhões de cruzeiros). Condições: Responder pela evicção de direito. O Oficial *Muiss*

AV-2/6.777 - Data: 28 de outubro de 1.986. Proceda-se a esta averbação para constar que o imóvel da presente matrícula foi declarado de utilidade pública, para fins de desapropriação amigável ou judicial, conforme Decreto nº 3.041 de 07 de agosto de 1.986, publicado no Diário Oficial do Estado de Rondônia, nº 1.124, em 08 de agosto de 1.986. O Oficial *Muiss*

AV-3 - Em 28 de abril de 1.997 - Nos termos do requerimento firmado pela proprietária ETELVINA BENTES RIOS, retro qualificada, devidamente legalizado, acompanhado de certidões negativas expedidas pe-

(continua no verso...)

ORIGINAL

DATA: 09/09/08



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

las 18 e 28 Varas da Fazenda Pública do Estado de Rondônia e ainda certidão do Cartório Distribuidor da Comarca de Porto Velho-RO., é feita a presente averbação para constar, que em virtude da caducidade do Decreto Estadual nº 3.011 de 07/08/86, conforme preceitos o artigo 10 do Decreto-Lei nº 3.365 de 21/06/41 fica cancelado o Av-2 desta matrícula. Protocolo nº 25.529. Custas: R\$ 3,28. Emolumentos: R\$ 32,82. O Oficial, Bel. José Roberto Nass:

AV-4-6.777V - Em 28 de junho de 2007 - Pelo requerimento datado de 25 de junho de 2007 (25/06/2007), devidamente legalizado, a proprietária, EVELVINA HEWITS RIOS, retro qualificada, requereu a presente averbação para constar que foi ~~denunciada~~ do imóvel desta matrícula uma área de 89,3331 ha (noventa e três hectares, trinta e três are e trinta e um centiares), a qual passa a constituir o Lote nº 03-A, Seção A, da Gleba ~~XXXXXX~~, matriculado sob o nº 17.771, Ficha 01, Livro 02, neste Serviço de Registro de Imóveis, nesta data, passando o remanescente a ter uma área de 93.7169 ha (noventa e três hectares, setenta e um are e sessenta e nove centiares). Protocolo 38.249 de 26 de junho de 2007. Custas: R\$ 4,76. Emolumentos: R\$ 47,64. O Oficial Substituto, Bel. José Rodrigo Nass:

REGISTRO DE IMÓVEIS E ANEXOS
COMARCA DE JI-PARANÁ - RONDÔNIA

CERTIDÃO

A presente Certidão, expedida por processo reprográfico foi expedida de acordo com o Art. 19, § 1º da Lei nº 6.777/73, estando de conformidade com o original constante da matrícula nº 6.777 desta Seção.

Ji-Paraná-RO, 30 de junho de 2008.

ANDREIA TERAPIA DAMASCENO
Delegada Autorizada

SERVICO DE REGISTRO DE IMOVEIS

Emolumentos.....	R\$ 12,52
Fuija.....	R\$ 1,25
Selo.....	R\$ 0,98
TOTAL.....	R\$ 14,75



CONFERE COM O ORIGINAL

DATA: 01/09/08

[Assinatura]
Assessoria Jurídica - 30/07/08

ANEXO IV

Parecer 144/CEE/RO/91


 ESTADO DE RONDÔNIA
 CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

HOMOLOGADO 12/12/91
Regina Maria Mattos da Silva, Diretora
Adjunta

INTERESSADO/MANTENEDORA:		MUNICÍPIO:
EMENTA: Concede reconhecimento à Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria, do município de Ji-Paraná/RO.		
RELATOR: SR. CONS. AGEU ROSA DE LIMA		
PARECER N. 144/CEE/RO/91	CÂMARA 2ª, 3ª GRAU E ENSINO SUPLETIVO	APROVADO EM 30.10.91 PROCESSO N. 271/CEE/RO/90

I - HISTÓRICO:

Com ofício nº 417/DIG/SEDUC, de 06 de julho de 1990, o Departamento de Inspeção Geral/SEDUC enviou a este Conselho o processo para reconhecimento da Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria, instalada no município de Ji-Paraná/RO.

Acompanha o processo o Laudo Técnico, datado de 31 de julho de 1991, da Comissão Verificadora constituída pelo Conselheiro Irineu Antônio Dresch-Presidente e pelos membros Alejandro Yague Mayor e Pedro Zanotti-Conselheiro, no meados pela Portaria nº 022/CEE/RO, de 17 de junho de 1991, para verificarem "in loco" o estabelecimento, para fins de reconhecimento.

II - ANÁLISE:

A Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria, do município de Ji-Paraná/RO, foi criada pelo Decreto nº 1.224, de 19 de fevereiro de 1981, tendo iniciado suas atividades docentes no mesmo ano.


 Abner Machado de Lima
 Presidente-CEE/RO

CEE/RO

PARECER N.º 144/CEE/RO/91 PROC. N.º 271/CEE/RO/90

HOMOLOGADO 12/12/91
 Regina Maria de Almeida e Silva Boas
 Secretária de Educação
 Adm. de Ensino

Nestes dez anos de atividades, vem formando uma média anual de 32 alunos qualificados como Técnicos em Agropecuária a nível de 2º grau.

1. Aspecto Físico:

Suas instalações construídas em alvenaria, com cobertura de telhas de fibro-cimento com pisos de cimento "queimado" compõem-se de cinco blocos, que compreendem:

1º bloco - seis salas de aula; com jogo de carteiras, mesa para professor, quadro de giz e ventiladores;

2º bloco - Laboratório; com equipamento para pesquisas;

3º bloco -

a) Biblioteca; com cinco mesas, vinte e cinco cadeiras, cinco estantes com livros da área técnica e pedagógica armário de cerejeira para arquivo e ventilador;

b) Sala da vice-direção; com um armário uma escrivaninha e cadeira;

c) Sala da Cooperativa; com dois armários uma escrivaninha, dois armários de aço para arquivo e ventilador;

d) Secretaria; duas escrivaninhas, quatro armários de aço para arquivo, três mesas para máquina de escrever, duas máquinas elétricas e duas manuais, um armário de madeira e ventilador.

e) Sala da Supervisão; um armário de aço, estante de aço e duas escrivaninhas;

f) Banheiros; feminino: com dois aparelhos sanitários e duas pias; masculino: com dois aparelhos sanitários com dois mictórios e duas pias;

g) Bebedouro; com um filtro industrial e seis torneiras;

h) Almoxarifado; contendo material de secretaria, colchões e arquivo morto da escola;

i) Sala de Orientação e Psicologia; com um armário de aço para arquivo e duas escrivaninhas;

Adnan Machado de Lima
 Presidente-CEE/RO

HOMOLOGAÇÃO 12/12/91
Regina Maria *[assinatura]* Diretora Geral
Secretaria de Administração e Finanças

CEE/RO PARECER N.º 144/CEE/RO/91 PROC. N.º 271/CEE/RO/90

j) Sala de mimeógrafo; com dois mimeógrafos à tinta e um a álcool.

4º bloco -

a) sala da direção: com uma escrivaninha e uma máquina de escrever manual e um armário; na ante-sala, um jogo de sofá duas escrivaninhas, banheiro com um aparelho sanitário e uma pia;

b) Sala de reuniões: com uma mesa com doze cadeiras, duas poltronas e um armário;

c) Sala de Agricultura: três escrivaninhas e dois armários;

d) Sala dos professores: uma escrivaninha uma mesa grande com dez cadeiras, uma geladeira e um armário de madeira;

e) Sala de Zootecnia: quatro escrivaninhas e um armário.

5º bloco - Refeitório: com dez mesas grandes, dezoito bancos, um bufet e dois banheiros com quatro vasos sanitários seis pias e um mictório inox;

a) cozinha: um fogão industrial, um armário de madeira, uma máquina de lavar roupa (doméstica) três freezers, uma balança Filizolla, filtro de água, trinta e uma panelas, cento e cinco bandejas, oitenta pratos, quarenta talheres, duas bacias, três caldeirões, vinte canecas, sessenta copos, seis taboletes de fórmica, duas mesas pequenas, cinco pias, seis formas para bolo, seis conchas, dois escorredores de macarrão, quatro frigideiras, dois baldes para tirar leite, dois escorredores de prato e uma garrafa térmica;

b) Sala da Nutricionista: com duas escrivaninhas e três cadeiras;

c) Banheiros: com quatro vasos sanitários duas pias e dois chuveiros;

O conjunto é circundado por extensa área livre, toda gramada e arborizada.

[assinatura]
Abner Machado de Lima
Presidente-CEE/RO

HOMOLOGADO 12/12/91
Regina Maria M. da Silva P. da Costa
Secretária de Estado de Educação

CEE/RO PARECER N.º 144/CEE/RO/91 PROC. N.º 271/CEE/RO/90

2. Aspectos Administrativo e Pedagógico:

A direção da escola é exercida por um engenheiro florestal habilitado ao Magistério através do Esquema I. O vice-diretor é médico veterinário e a secretária possui o 2º grau completo.

A escrituração escolar está em dia, os livros de registros de atas escolares apresentam-se em ordem, o arquivo ativo está devidamente organizado e o arquivo passivo elaborado em "listão".

O Regimento Escolar, calendário, grades curriculares, planos de ação e ementas estão de acordo com a legislação vigente e normas da SEDUC.

O corpo técnico e os professores são todos habilitados a nível de terceiro grau em suas respectivas áreas sendo que dos sete técnicos em nível superior que exercem a docência, seis são habilitados para o Magistério de 2º grau, através do Esquema I.

A supervisão e a orientação pedagógica são exercidas, na maioria dos casos, acumulativamente com a docência, sendo que o corpo técnico conta com uma psicóloga e uma professora licenciada em Letras (licenciatura de 1º grau), mas com larga experiência na área de supervisão escolar. Os demais componentes são técnicos a nível de 3º grau, dos quais cinco possuem complementação pedagógica em Esquema I.

3. Instalações e equipamentos de apoio:

A escola possui duas casas de alvenaria e duas de madeira, destinadas a residência dos diretores e de professores; um apiário com dez colméias; uma horta com vários tipos de verduras e legumes, contando com três hectares de área plantada; uma pocilga com capacidade para 100 porcos, possuindo 24 matrizes, 2 reprodutores e 30 leitões; um rebanho bovino com 38 cabeças; duas represas destinadas à piscicultura; uma sala

Abner M. da Silva Lima
Diretor

CEE/RO

PARECER N.º 144/CEE/RO/91

PROC. N.º 271/CEE/RO/90

HOMOLOGADO 12/12/91

Regina Maria de Faria
Secretária de Estado de Educação

Adjunto

de equipamentos para apicultura e uma área destinada ao plantio de culturas anuais e perenes.

4. Educação física, esporte e lazer:

Além da extensa área gramada que forma o pátio, a escola conta com uma quadra poliesportiva, um campo de futebol suíço e uma caixa de areia para saltos.

III - VOTO DO RELATOR:

A Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria, desde sua criação, vem prestando inestimáveis serviços à comunidade rural rondoniense e a outras unidades da Federação que têm absorvido técnicos por ela formados.

Como escola, tem se constituído, dentro de suas limitações, em laboratório de pesquisas agropecuárias, onde o manejo ANIMAL-PLANTA-SOLO tem se voltado para a perpetuação da espécie e o aproveitamento dos recursos naturais aliadas a uma tecnologia orientada, onde o respeito à natureza é fator preponderante.

Pela análise do processo, conclui-se que o estabelecimento em questão está aparelhado para executar, com eficiência, as atividades a que se destina.

Pelo que conhecemos da sua história, a escola, desde a sua fundação, em 1981, vem apresentando um constante aperfeiçoamento em seu quadro de professores, em seu corpo técnico-administrativo, em sua estrutura física, em suas instalações e em seu equipamento e, por consequência, em sua ação pedagógica.

Apesar das dificuldades por que passa a administração pública, em todos os setores, há um esforço conjunto entre o governo e a administração da escola que, aliados à dedicação dos professores, do corpo técnico-administrativo e de

Abneri
Secretário de Estado de Educação

HOMOLOGADO 12, 12, 91
Regina Maria de Almeida Silva, Diretora
Secretaria de Educação do Estado de Rondônia

CEE/RO PARECER N.º 144/CEE/RO/91 PROC. N.º 271/CEE/RO/90

apoio, que tem levado a escola a cumprir satisfatoriamente o seu desiderato.

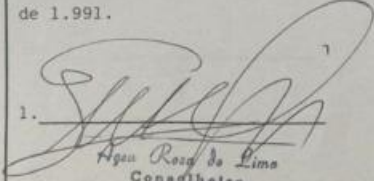
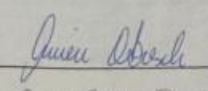
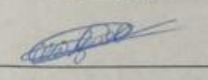
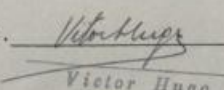
Somos, portanto, de parecer que este Conselho conceda o Reconhecimento requerido pela Escola Agrotécnica Estadual Sílvio Gonçalves de Faria, localizada no município de Ji-Paraná.

Cabe-nos lembrar, no entanto, ao estabelecimento, que o ato de Reconhecimento, apesar de sua característica de perenidade, não é um ato irreversível, podendo-se ser cassado caso a Instituição não mantenha os padrões de qualidade de ensino hoje oferecidos.

IV - CONCLUSÃO DA CÂMARA DE ENSINO DE 2º, 3º GRAU E ENSINO SUPLETIVO:

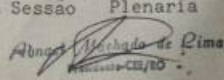
A Câmara de Ensino de 2º, 3º Grau e Ensino Supletivo aprova o voto do relator.

Sala das Reuniões, em Porto Velho, 30 de outubro de 1.991.

1.  Aguiar Rosa de Lima Conselheiro	2.  Irineu Antonio Drezek Vice-Presidente - CEE/RO
3.  Pedro Zanotti Conselheiro	4.  Victor Hugo Conselheiro

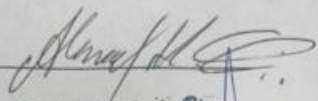
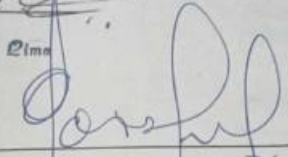
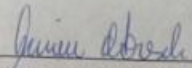
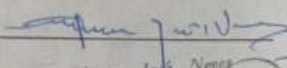
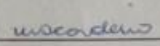
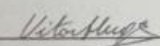
V - DECISÃO DO PLENÁRIO:

Aprovado por unanimidade o Parecer da Câmara de Ensino de 2º, 3º Grau e Ensino Supletivo, em Sessão Plenária de 30 de outubro de 1.991.


Aguiar Rosa de Lima
Presidente - CEE/RO

HOMOLOGADO 12/12/91
Regina Maria [Signature]
Secretaria de Educação

CEE/RO PARECER N.º 144/CEE/RO/91 PROC. N.º 271/CEE/RO/90

1.  Abnael Machado de Lima Presidente-CEE/RO	3.  Abel Soares Conselheiro
2.  Irineu Antonio Drezek Vice-Presidente-CEE/RO	5.  Hilton Gomes Pereira Conselheiro
4.  Aldenor José Neves Conselheiro Suplente	7. _____
6.  Agostinho da Lima Conselheiro	9.  Pedro Zanotti Conselheiro
8.  Walquiria Reis Cordeiro Conselheiro Suplente	11.  Victor Hugo Conselheiro
10. _____	12. _____

JNOM

Fonte: Conselho Estadual de Educação (CEE/Porto Velho, RO). Cedido à pesquisadora, 2024.

ANEXO V

Resolução n. 130

HOMOLOGADO 12/12/91
Regina *Regina* *Wiley Boas*
Secretária de Estado da Saúde
Assinada em 12/12/91
Adjunta

RESOLUÇÃO Nº 130/CEE/RO/91

EMENTA: Concede reconhecimento à Escola
AGROTÉCNICA Estadual "SÍLVIO GONÇALVES DE FARIA", do município de Jí-Paraná/RO.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 2º do Decreto Estadual nº 946, de 08 de março de 1.983 e, tendo em vista o que consta no Parecer nº 144/CEE/RO/91, exarado do Processo nº 271/CEE/RO/90,

R E S O L V E :

Art. 1º - Conceder reconhecimento à Escola Agrotécnica Estadual "SÍLVIO GONÇALVES DE FARIA", do município de Jí-Paraná/RO.

Art. 2º - A presente Resolução entrará em vigor a partir da data de sua publicação no Diário Oficial do Estado.

Presidente : ABRAEL MACHADO DE LIMA
Vice-Presidente : IRINEU ANTÔNIO DRESCH
Conselheiros : AGEU ROSA DE LIMA
ABEL SOARES
ALDENOR JOSÉ NEVES
HILTON GOMES PEREIRA
PEDRO SANOTTI
WALQUÉRIA REIS CORDEIRO
VITOR HUGO

Porto Velho, 30 de outubro de 1.991.

Abrael Machado de Lima
ABRAEL MACHADO DE LIMA
Presidente do CEE/RO

/eos-

Fonte: Conselho Estadual de Educação (CEE/Porto Velho, RO). Cedido à pesquisadora, 2024.

ANEXO VI

Resolução n 058/1993

HOMOLOGADO 08/12/93
Mário Antônio dos Santos Costa
Secretário de Estado da Educação

RESOLUÇÃO Nº 0058/CEE/RO/93

EMENTA: Autoriza o funcionamento do Curso Técnico Florestal, Nível Médio, da Escola Agrotécnica "SÍLVIO GONÇALVES DE FARIA", do município de Jf-Paraná/RO.

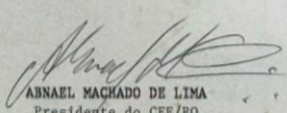
O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto Estadual nº 5748/92 e, tendo em vista o que consta no Parecer nº 0075/CEE/RO/93 e exarado no Processo nº 181/CEE/RO/92, RESOLVE,

Art. 1º - Autorizar o funcionamento do Curso Técnico Florestal, Nível Médio, da Escola Agrotécnica "SÍLVIO GONÇALVES DE FARIA", do município de Jf-Paraná/RO.

Art. 2º - A presente Resolução entrará em vigor a partir da data de sua publicação no Diário Oficial do Estado.

Presidente : ABNAEL MACHADO DE LIMA
Vice-Presidente : GESSON ÁLVARES DE MAGALHÃES
Conselheiros : WANDERLEY SILVA TRENTIN
MÁRIO JORGE SOUZA DE OLIVEIRA
IRINEU ANTÔNIO DRESCH
REGINA MARIA MALTA DA SILVA VILAS BOAS
GABRIEL MARTINOVSKI
LOURIVAL CHAGAS DA SILVA
MARIA DAS GRAÇAS SILVA
HILTON GOMES PEREIRA

Porto Velho, 23 de novembro de 1993.

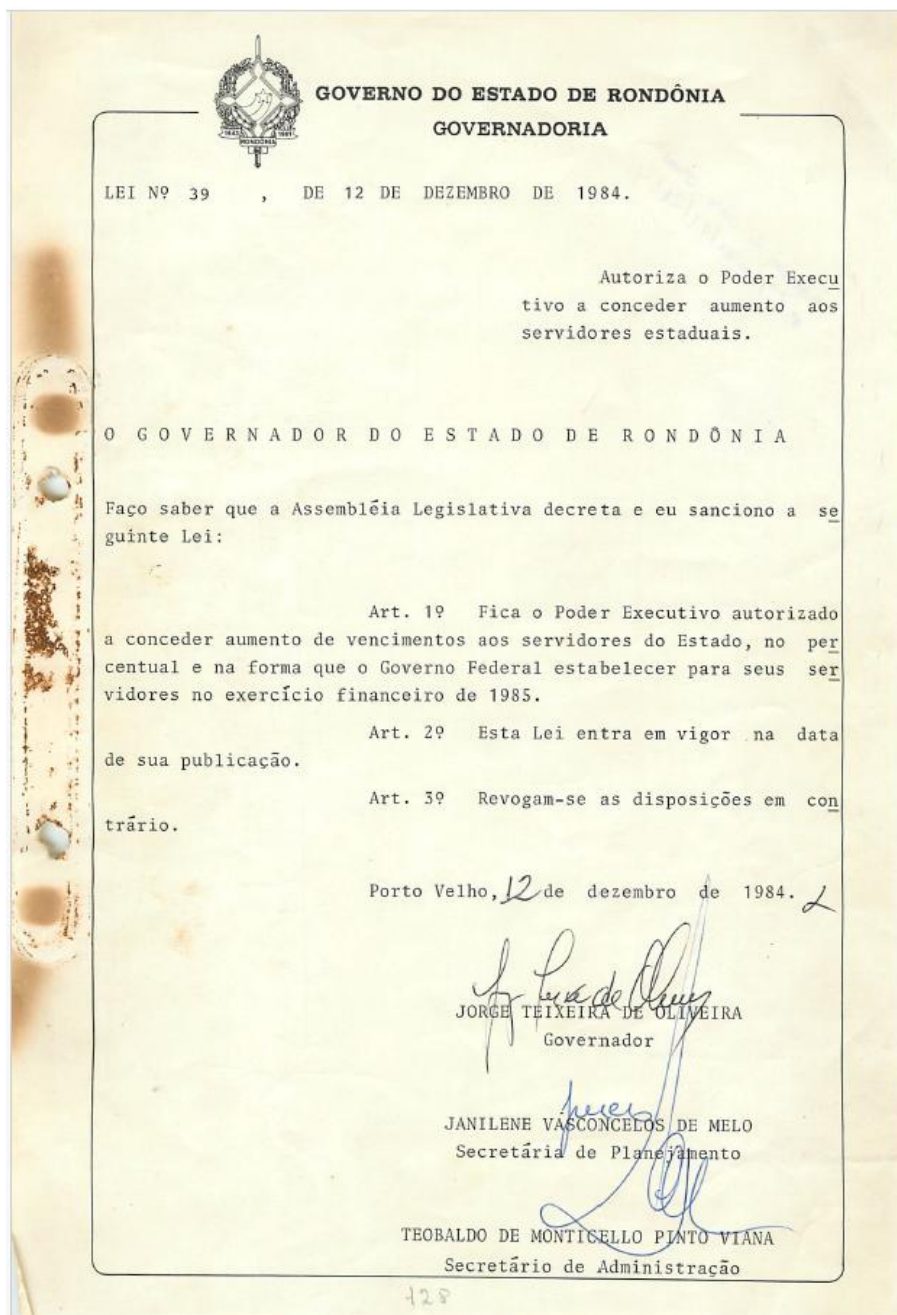

ABNAEL MACHADO DE LIMA
Presidente do CEE/RO

/eos-

Fonte: Conselho Estadual de Educação (CEE/Porto Velho, RO). Cedido à pesquisadora, 21 maio de 2024.

ANEXO VII

Lei n. 39/1984



Fonte: Encontrado pela pesquisadora no site:
https://sapl.al.ro.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/1984/134/134_texto_integral.pdf. Acesso em: jun. 2023.

ANEXO VIII

Figura 112 - Reencontro entre a pesquisadora e sua professora primária



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 20 fev. 2022.

ANEXO IX

 GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
REPRESENTAÇÃO DE ENSINO DE JI-PARANÁ
Rua 06 de Maio, 1722 - Centro - Fone/Fax: (069) 421-5197 - 78960-000 - Ji-Paraná - RO

Ordem de Serviço N.º 071/2001/GAB/REN/JP

Ji-Paraná, 30 de outubro de 2001

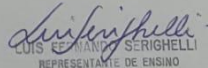
O Professor LUIS FERNANDO SERIGHELLI, Representante de Ensino da SEDUC - Ji-Paraná, no uso de suas atribuições legais e, de conformidade com o DEC/GOV/EST/RO/07/06/2000,

RESOLVE:

DESIGNAR, a partir de 30/10/2001, os servidores abaixo relacionados, para compor a Equipe de Gerenciamento e Implantação do Plano Estratégico do Centro de Educação Profissional de Ji-Paraná.

Belmiro Barriviera – Área de Gestão
Dirce Martins Coelho – Área Integração Escola-Comunidade
Iolanda Dias Vieira – Área Técnico-pedagógica

Revogam-se as disposições em contrário.


LUIS FERNANDO SERIGHELLI
REPRESENTANTE DE ENSINO
JI-PARANÁ-RO
DEC/GOV/EST/RO-07.06.00

Créditos: Belmiro Barriviera.

ANEXO X



GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
PORTARIA N. 401/GAB/SEDUC
Porto Velho, 3 de julho de 2002.

A SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 71, da Constituição do Estado,

RESOLVE:

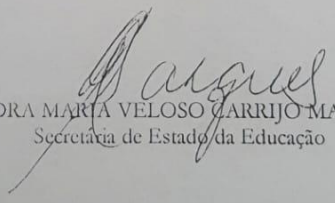
Art. 1.º Instituir a Equipe de Educação Profissional do Município de Ji – Paraná, a qual será responsável pela implantação do Centro Estadual de Educação Profissional daquela Cidade, de acordo com o Projeto Específico n. 397, e o respectivo Plano de Trabalho contido no Projeto Escolar, Convênio n. 046/01/PROEP.

Art. 2.º Designar os membros a seguir relacionados para comporem a Equipe ora instituída.

BELMIRO BARRIVIERA	- Área de Gestão Escolar
CRISTINA APARECIDA ROCCO	- Área de Gestão Escolar
DIRCE MARTINS COELHO	- Área de Integração Escola/Comunidade
ELIENE NANTES OLIVEIRA	- Área de Integração Escola/Comunidade
IOLANDA DIAS VIEIRA	- Área Técnico – Pedagógica
JOSANE DE BASTINI	- Área Técnico – Pedagógica

Art. 3.º Esta Portaria entra em vigor na data de sua assinatura.

Registre-se. Publique-se. Cumpra-se.


SANDRA MARIA VELOSO CARRIJO MARQUES
Secretária de Estado da Educação

"Que Deus nos ajude a plantar a semente do amor em nossas escolas"
Rua General Osório, s/n. Centro - CEP: 78900-000 - Porto Velho - RO - Fone: (0xx69) 223-2834 - FAX 229-7377.
Pecon.seduc@center-nel.com.br

APÊNDICE I

Quadro 19 - Síntese de dissertações e teses sobre a HEPT em Instituto Federal

	REFERÊNCIAS	OBJETIVO/Metodologia
1	DAGNESE, Deise Inara Cremonini. "E essa tal de EPT?" : estudo sobre a história e memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS <i>Campus</i> Farroupilha. 2021. f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Farroupilha, 2021.	Objetivo: estudar o período que compreende a concepção da instituição até a sua federalização com a implantação do <i>Campus</i> Farroupilha, buscando entender os fenômenos sociais atrelados a ela e fortalecer a identidade institucional do <i>Campus</i> Farroupilha do IFRS com a comunidade de Farroupilha, por meio de produtos educacionais criados. Procedimentos metodológicos: pesquisa documental e utilização do acervo fotográfico presente na instituição como objeto de estudo e análise da pesquisa. Os formatos de <i>documentário</i> e <i>podcast</i> foram utilizados com o objetivo de transformar o conhecimento produzido na pesquisa em produto educacional que pudesse assumir o papel de ser também um instrumento didático.
2	SILVA, Estácio Moreira da. Trajetória histórica e memória da educação profissional em agropecuária no Brasil/Bahia: aproximações e diferenças com Cuba. 2017. 210 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.	Objetivo: analisar a trajetória histórica e a memória social e coletiva construída acerca da educação profissional em agropecuária na Bahia, tomando como base o processo de criação do curso técnico em agropecuária nas escolas agrotécnicas federais, visando entender sua transformação nas configurações atuais nos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano). Procedimento metodológico: aplicação de entrevistas livres e semiestruturadas com ex-alunos, professores, diretores, técnicos e familiares de ex-alunos que vivenciaram de forma direta ou indireta as transformações da educação profissional em agropecuária na Bahia, desde a década de 1960 até os dias atuais.

3	GOMES, Itamar de Souza. A história da educação profissional do Campus Juiz de Fora do IF Sudeste MG: um lugar de memória. 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Juiz de Fora, 2023.	Objetivo: entender como se deu o desenvolvimento da história do <i>Campus</i> Juiz de Fora do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - IF Sudeste MG, resgatando a sua importância histórica no contexto da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, análise documental e de respostas a questionário. O produto educacional proposto foi a elaboração de um <i>museu virtual</i> com a história do <i>Campus</i> Juiz de Fora do IF Sudeste MG. <i>Website</i> http://200.131.96.36/museumemorias/.
4	ROSA, Rosangela Aquino da. A cultura material da educação profissional: a memória e a história de sua transformação – o acervo de fotografias da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (1909-1985). 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.	Objetivo: reconstruir a história presente nas fotografias, considerando o contexto histórico das relações Trabalho-Educação, aspectos da cultura material da educação profissional e a memória de sua transformação no período 1909 a 1985 que cobre a Primeira República ou República Velha (1889-1930), República Nova ou Segunda República (1930 - 1937), Ditadura do Estado Novo (1937-1945), República Liberal (1946-1964) e a Ditadura Militar (1964-1985). Procedimentos metodológicos: pesquisa teórica e documental de caráter historiográfico que elegeu a <i>fotografia</i> como fonte histórica e análise iconográfica de seus atributos. A Comissão do Centenário constituiu-se inicialmente pelos representantes das 19 instituições Centenárias, os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Campos/RJ, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e da Universidade Federal Tecnológica do Paraná.
5	SILVA, Joel Manga da. Análise teórico-crítica da educação profissional e tecnológica no Amapá (1943-1988). 2022. f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e	Objetivo: compreender as bases conceituais que percorreram o currículo da EP, desde a criação do Território Federal até tornar-se Estado, para

	Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Macapá, 2022.	contribuir com o estudo sobre a História da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Amapá. Procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, documental e de campo, para traçar as normas educacionais de cada período, a história das escolas técnicas profissionais do Amapá e de seus currículos oficiais, assim como, para coletar dados de como a legislação foi posta em prática em sala de aula. Produto educacional: a partir dos resultados obtidos, foi elaborado um <i>e-book</i> “Gênese da EPT no Território Federal do Amapá”, disponibilizado em plataforma digital e com acesso gratuito, que apresenta a história e as memórias do Currículo da Educação Profissional no Amapá (1943- 1988), podendo ser rememorado para posterior consulta e reanálise da comunidade científica.
6	SCHWALBE, Angélica Corvello. A construção da memória no IFSul: ações, concepções e contribuições da gestão documental. 2023. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2023. Disponível em: https://eduCAPES.CAPES.gov.br/handle/CAPES/739180.	Objetivo: analisar as ações de memória do IFSul, concepções, quais vínculos memoriais que têm sido privilegiados em sua preservação e as contribuições da gestão documental para essa construção da memória na instituição Procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, documental e ainda se recorre a entrevistas do tipo semiestruturadas com perguntas abertas de cunho individual com servidores lotados na Reitoria do IFSul e que exercem atividades nas Pró-Reitorias de ensino, pesquisa e extensão, unidades essas vinculadas diretamente à razão de ser da Instituição. Produto educacional: minicurso intitulado “Construindo as memórias do/no IFSul” para formação de servidores na instituição.
7	LOBO, Gessica dos Anjos. A história da educação profissional e tecnológica no território do Amapá: a Escola Técnica de Comércio - ETCA (1949–1961). 2022. 29 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal	Objetivo: apresentar, historicamente (entre 1949 e 1961), o papel da Escola Técnica de Comércio (ETCA) na EPT do Amapá, bem como sua contribuição para a implantação desta modalidade de ensino.

	de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Macapá, 2022. Disponível em: http://repositorio.ifap.edu.br/jspui/handle/prefix/669 .	Procedimentos metodológicos: documental, com utilização de acervo público, na qual foram fotografados 4.289 arquivos, advindos da EE Gabriel de Almeida Café, da Imprensa Oficial do Amapá, e da Biblioteca Estadual Elcy Lacerda. Produto educacional: <i>webpage</i> que foi idealizado, a partir da pesquisa, para preservar o material coletado, bem como para servir como meio de consulta.
8	SANTANA, Darlem Juliana Silva. Memórias docentes: trajetórias profissionais e história da educação profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (1970-2010). 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.	Objetivo: reconstruir historicamente as trajetórias de professores aposentados do IF do Piauí em um percurso que compreende a sua criação ETFPI até tornar-se IFPI Procedimentos metodológicos: pressupostos da história oral, que se vale das narrativas memorialísticas e sob o aporte teórico da História Cultural.
9	PINHO, Camila Silva. A reforma do ensino médio e suas possíveis consequências nos cursos técnicos integrados ao ensino médio da rede federal de educação profissional e tecnológica. 2022. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.	Objetivo: analisar as Reformas da Educação Profissional no Brasil, com foco nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, de forma a esmiuçar sua concepção, contexto e proposta educacional na realidade do CEFET/RJ e do <i>Campus</i> Valença, salientando as intervenções da reforma na educação integrada de nível médio. Procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica e análise sob o referencial teórico-metodológico histórico-crítico e os pressupostos da pesquisa qualitativa de caráter explicativo e descritivo.
10	KRUGEL, Vanessa Caue. Tempos de construção: a Escola Técnica da UFPR e sua expansão de cursos (1988-2000). 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Curitiba, 2020.	Objetivo: compreender e valorizar a memória do IFPR – Câmpus Curitiba, analisando o contexto histórico em que a ET-UFPR se desenvolveu, durante a década de 1990. (ET-UFPR, desde a criação da Escola Alemã, em 1869 perspectiva de Edward Thompson - 1981). Procedimentos metodológicos: análise das legislações e documentos históricos

		armazenados pelo projeto Centro de Memórias do IFPR, além da história oral, que surge como principal método na pesquisa, por meio de entrevistas com cinco professores que protagonizaram essa trajetória. Produto educacional: um <i>documentário</i>, intitulado Tempos de construção: a Escola Técnica da UFPR durante a década de 1990, que contou com o apoio de uma equipe do curso Técnico em Áudio e Vídeo do IFPR – Campus Curitiba.
11	CATANEO, Caroline. De onde vêm as histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS. 2020. 243 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.	Objetivos: a pesquisa procura analisar, de que forma os conceitos se articulam com o Programa Institucional Núcleo de Memória do IFRS, tendo como objetivo principal o desenvolvimento de um produto educacional que oriente e forneça subsídios teóricos e práticos para o trabalho do grupo. Procedimentos metodológicos: entrevistas semiestruturadas e questionários, que serviram de base – juntamente com o corpo teórico analisado – para o desenvolvimento de um material de ensino em formato de compêndio. Produto educacional: <i>compêndio</i> intitulado “De onde vêm as histórias: um guia para identificação, registro e organização de dados memórias do IFRS”. https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/07/Implementa%C3%A7%C3%A3o-de-um-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria_compressed.pdf.
12	NEVADO, Alessandra Aragon. O papel da trajetória da extensão do Campus Viamão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul na constituição da história da instituição. 2023. 121 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Viamão, 2023.	Objetivo: compreender o papel da extensão no âmbito da história do Campus Viamão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Procedimentos metodológicos: Pesquisa documental e história oral, por meio da realização de 21 entrevistas com gestores, coordenadores e colaboradores, bolsistas/ex-bolsistas e

		parceiros/membros da comunidade externa. Produto Educacional: intitulado Memórias Extensionistas, composto por uma <i>série de três episódios</i>: Construindo História; Para além dos muros; e Contribuições dos projetos.
13	KRÜGER, Edelbert. O resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97: um estudo do perfil socioeconômico do aluno do CEFET-RS. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7617.	Objetivo: Mostrar as transformações do perfil do alunado do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas - CEFET-RS, decorrentes dos modelos implementados pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB nº. 9.394/96 e o Decreto 2.208/97 Procedimentos metodológicos: fonte de pesquisa, os Censos Educacionais do MEC/INEP anos 2001 a 2006, para a Educação Profissional no Brasil, cruzando-se os dados dos mesmos com os levantados no CEFET-RS.
14	FERNANDES, Marta Quadros. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e o PROEJA: o caso do <i>Campus</i> de Vitória da Conquista. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2590/3624.pdf?sequence=1&isAllowed=y.	Objetivo: investigar a situação atual do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos -PROEJA, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, <i>Campus</i> Vitória da Conquista para verificar a efetividade do Programa e seu alcance para o público a que se destina. Procedimentos metodológicos: Revisão da literatura da história da educação no Brasil, ao estudo dos documentos oficiais de implantação do PROEJA, à aplicação de questionários e roteiro de entrevista com os discentes do Curso Técnico de Informática de Nível Médio desta modalidade, docentes, técnicos administrativos, gestores e discentes do Curso de Especialização em Proeja.
15	BARROS, Pedro José de. O curso técnico em estradas: das origens à implementação na Escola Técnica Federal de Mato Grosso. 2018. [s.p.]. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.	Objetivo: Compreender os fatores que contribuíram para a implantação e desenvolvimento do Curso Técnico em Estradas iniciado na Escola Industrial de Cuiabá e oficializado na Escola Técnica

		Federal de Mato Grosso, hoje denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Procedimentos metodológicos: coletas de dados em arquivos como atas, resoluções, recortes de jornal, imagens, entre outros. Os acervos pesquisados são de algumas instituições importantes como Biblioteca e Arquivo Permanente do IFMT/<i>Campus</i> Cuiabá-Octayde Jorge da Silva, Arquivo Público de Mato Grosso (APMT); Arquivo e Biblioteca da Casa Barão de Melgaço (ACBM/MT), Arquivo da Receita Federal em Mato Grosso (ARFMT); Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC); 9º Batalhão de Engenharia de Construção (9º B.E.CNST), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Mato Grosso (SENAC/MT), e Center for Research Libraries (CLR).
16	OLIVEIRA, Ramon Igor da Silveira. Inventário das políticas de financiamento da educação profissional no Brasil e de suas fontes de recursos: um estudo do período colonial à Segunda República (1530-1937). 2023. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.	Objetivo: Analisar as Políticas de Financiamento da Educação Profissional no Brasil, evidenciando suas fontes de recursos, do período Colonial à Segunda República, de modo a produzir um inventário dessas políticas. Procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica e a pesquisa documental como instrumentos metodológicos.
17	BARROSO, Roseli Auxiliadora. A formação do técnico em agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal de Barbacena no contexto da modernização da agricultura no Brasil (1965-1985). 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/dissertacao/Roseli%20Auxiliadora%20Barroso.pdf.	Objetivo: Investigar a formação do Técnico em Agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal de Barbacena – MG no contexto da modernização da agricultura no Brasil (1965-1985). Procedimentos metodológicos: bibliográfico, trabalho de campo para conhecer o cenário arquivístico da instituição e entrevista semiestruturada.
18	LOBATO, Ana Maria Leite. Re-contando a história da Escola Técnica Federal do Pará: a educação profissional em marcha de 1967 a 1979. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado em	Objetivo: Investigar a (re)configuração da Educação Profissional no ensino médio na ETFPA, a partir das políticas educacionais, recompondo a história

	Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3008.	implementada no período entre 1967 e 1979. Procedimentos metodológicos: pesquisa qualitativa, descritiva através da entrevista narrativa com alguns professores, alunos e a diretora da ETFP da época, e a pesquisa documental, predominando as narrativas de alguns atores que fizeram da escola um espaço de memória.
19	GIANELLI, Juliana Gimenes. A educação profissional e os fundamentos da escola unitária gramsciniana: o caso do Campus São João da Boa Vista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2572/3425.pdf?sequence=1&isAllowed=y.	Objetivo: investigar a educação profissional oferecida no <i>Campus</i> São João de Boa Vista do IFSP. Procedimentos metodológicos: Questionários respondidos pelos alunos do <i>Campus</i> São João de Boa Vista do IFSP, constatando a origem social, indicadores sociais e atividades relacionadas ao trabalho.
20	FEITOSA, Teresinha de Sousa. As reformas do ensino profissionalizante de 1996 a 2006 na Escola Agrotécnica Federal do Crato - CE: acomodação à legislação ou consciência da prática? 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Disponível em: https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/12366.	Objetivo: Investigar como foram implantadas – no âmbito da Escola Agrotécnica Federal de Crato-CE – as reformas do ensino profissionalizante ocorridas no período de 1996 a 2006. Procedimentos metodológicos: Questionário e análise dos planos de curso do Curso Técnico em Agropecuária. Foram analisados 2 (dois) planos de curso, referentes ao período de abrangência da pesquisa. Questionário, aplicado a 25 (vinte e cinco) professores, 72,2% do quadro atual, e questionário para 3 (três) componentes da equipe pedagógica.
21	SILVA, João Fredson da. Educação profissional e tecnológica no Brasil: uma proposta de formação para servidores dos institutos federais. 2021. [s.p.]. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021.	Objetivo: Promover uma intervenção, de natureza pedagógica, por meio de um curso de formação sobre a trajetória da EPT no Brasil, com ênfase nos Institutos Federais, para os servidores do IFRN – <i>Campus</i> Mossoró. Procedimentos metodológicos: Pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, exploratória, bibliográfica e documental.

		Produto educacional: materializado em <i>Curso de formação aos servidores do IFRN – Campus Mossoró</i>: um olhar crítico-reflexivo acerca da história da EPT no Brasil e seus marcos regulatórios, bem como sobre a criação, as características e as finalidades dos IF, buscando mostrar de onde viemos e qual o rumo que podemos tomar neste atual cenário político e econômico do Estado brasileiro.
22	SOBRAL, Milene Aparecida Martins. "No novo tempo... apesar dos perigos": a transformação do CEFET-SC em IFSC. 2023. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.	Objetivo: analisar quais eram os entendimentos e as expectativas dos servidores do então CEFET-SC acerca da transformação institucional a partir do lançamento da chamada pública MEC/SETEC nº 002/2007 - Chamada Pública de Propostas para Constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET e a publicação do Decreto nº 11.892 de 28 de dezembro de 2008. Procedimentos metodológicos: Pesquisa de caráter bibliográfico, documental e de campo com servidores do IFSC. Produto educacional: material textual, classificado como <i>livro digital</i> no formato de caderno de depoimentos e foi nomeado como "<i>Caderno de Depoimentos: As vozes dos sujeitos envolvidos na transformação do CEFET-SC em IFSC</i>".

23	SILVA, Paula Souza da. Memórias da educação profissional no IF Sudeste MG - Campus Santos Dumont: uma proposta de museu virtual como contribuição à formação humana integral. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Santos Dumont, 2020.	Objetivo: contribuir com a formação humana integral dos discentes do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – <i>Campus Santos Dumont</i> por meio da disponibilização de um Museu de Memórias virtual. O Museu de Memórias, proposto como produto educacional deste trabalho, é uma plataforma digital para visita de itens históricos (fotografias, objetos, instalações, dentre outros) de todas as escolas de educação profissional que funcionaram no espaço onde atualmente está a sede do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – <i>Campus Santos Dumont</i>. Museu de Memórias da Educação Profissional.
24	SOUSA, Janda Tamara de. A memória da Educação Profissional e Tecnológica no IFES [recurso eletrônico]: caminhos para acesso e difusão das fontes documentais no <i>Campus Vitória</i>. 2019. 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/482.	Objetivo: contribuir para a sistematização do acervo da sala de memória do IFES, por meio do catálogo temático com imagens selecionadas da plataforma de acesso do Atom (Produto educacional). Procedimentos metodológicos: fundos documentais fechados das escolas que constituíram o IFES no <i>Campus Vitória</i> durante o século XX, até o período correspondente a 1998, segundo as normas da arquivologia, e seguindo conceitos fundamentados pela história e conceitos de memória.

25	BACK, Flávia Regina. Dados, linhas e nós: uma história da implantação do IFC <i>Campus</i> Ibirama. 2023. [s.p.]. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, Ibirama, 2023.	Objetivo: construir uma história da criação do <i>campus</i>, a partir da perspectiva dos profissionais da educação que atuaram no período de 2010 a 2015. Procedimentos metodológicos: documentos e entrevistas, analisados sob o viés da permeabilidade e porosidade. Produto educacional: intitulado Tour pela história do IFC Ibirama, apresenta um relato histórico da criação do <i>campus</i> e imagens no formato de tour 360°, contribuindo para a preservação da história da instituição, contextualizando a educação profissional no cenário nacional, regional e local.
26	ANDRADE, Maria Adilina Freire Jerônimo de. As instituições de aprendizagem de ofícios durante o período joanino no Brasil: formação de artistas e artífices no Rio de Janeiro. 2023. 135 f. Tese (Doutorado em Educação Profissional) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.	Objetivo: investigar as instituições educativas de ensino profissional criadas por D. João VI, no Rio de Janeiro, nos anos de 1809 a 1819, na busca de compreender como ocorria a formação dos aprendizes artífices nessas instituições. Procedimentos Metodológicos: fontes principais foram manuscritas, decretos-criação e jornais da época.

APÊNDICE II

Quadro 20 - Histórico por *Campus*

CAMPUS	BREVE HISTÓRICO	ANO IMPLANTAÇÃO/CURSOS
<i>Campus</i> Porto Velho Calama	1993: criação das Escolas Técnicas Federais de Porto Velho e Rolim de Moura, por meio da Lei nº 8.670, de 30/6/1993, porém não saíram do papel; 2007: Instituído como Unidade Descentralizada (UNED) da Escola Técnica Federal de Rondônia (Lei nº 11.534/2007), junto as Unidades Ji-Paraná, Ariquemes e Vilhena. 2010: iniciaram-se as atividades letivas do <i>Campus</i> Porto Velho nas dependências do Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia (Cetene) 2013: autorização de funcionamento do <i>Campus</i> Porto Velho Calama.	2010: Cursos em Edificações, Eletrotécnica e Manutenção e Suporte em Informática, subsequentes ao Ensino Médio. 2011: Cursos em Edificações, Eletrotécnica e Informática, na modalidade integrado ao Ensino Médio. 2012: Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio 2012: Licenciatura em Física 2012: Especialização em Metodologia de Ensino na Educação Profissional, Científica e Tecnológica (presencial) e Especialização em Gestão Ambiental (distância) 2015: Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas 2017: Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação 2018: Bacharelado em Engenharia Civil 2018: Stricto Sensu - Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT (2018) 2023: Bacharelado em Engenharia Química.
<i>Campus</i> Colorado do Oeste	1993: Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste (EAFCO). 1995: início das atividades didático-pedagógicas 2005: Credenciamento da Escola Agrotécnica Colorado do Oeste como Faculdade Tecnológica e oferta dos primeiros cursos superiores 2007: Conversão da Escola Técnica Federal de Porto Velho em Escola	1995: Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio 2000: Cursos profissionalizantes em Agroindústria, Agricultura, Zootecnia e Agropecuária, na modalidade Ensino Médio –Técnico 2002: Cursos na modalidade "pós-técnico" em Fruticultura e Bovinocultura 2005: Técnico Agrícola Integrado ao Ensino Médio, com habilitação em Agropecuária (2005)

	Técnica Federal de Rondônia, por meio da Lei nº 11.534, de 25 de outubro de 2007, com unidades em Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena (porém não foram implantadas). 2008: Com a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) a partir da Lei 11.892, a escola fazenda tornou-se um <i>campus</i> do IFRO. 2009: início das aulas no <i>campus</i>.	2006: Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão Ambiental e Tecnologia em Laticínios (2006). 2007: Cursos Técnicos em Agropecuária Integrados ao Ensino Médio na modalidade profissionalizante de Jovens e Adultos (PROEJA). 2008: Curso Técnico em Agroindústria Integrados ao Ensino Médio na modalidade profissionalizante de Jovens e Adultos (PROEJA) 2009: Pós-graduação Lato Sensu do IFRO de Especialização em Educação Profissional Integrada com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja 2010: Licenciatura em Ciências Biológicas 2011: Engenharia Agrônômica 2013: Pós-Graduação Lato Sensu: Geoprocessamento Ambiental 2016: Técnico em Alimentos subsequente ao Ensino Médio 2017: Bacharelado em Zootecnia. 2020: Pós-Graduação Lato Sensu: Ensino de Ciências e Biologia. 2021: Bacharelado em Medicina Veterinária.
Campus Ji-Paraná	1981: Escola Agrotécnica Municipal Sílvia Gonçalves de Faria (Decreto 1224/1981) 1984: Escola Agrotécnica Estadual Sílvia Gonçalves de Faria (Decreto Estadual 1.884/1984) 2000: Centro Estadual de Educação Profissional Sílvia Gonçalves de Faria 2007: visita às instalações da Escola Sílvia Gonçalves de Faria para avaliar a estrutura física da escola com vistas à implantação da Escola Técnica Federal 2008: Unidade de Ensino	1981: Curso Técnico em agropecuária 1993: Curso técnico Florestal 2009: Cursos Técnicos em Florestas, em Informática e Química (Integrado ao Ensino Médio) e Técnico em Móveis (Subsequente ao Ensino Médio) 2010: Licenciatura em Química 2011: Especialização Lato Sensu do IFRO, em Educação Profissional Integrada com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) 2016: Análise e Desenvolvimento de Sistemas 2017: Técnico em Alimentos, Técnico em

	Descentralizada (Uned) de Ji-Paraná sob responsabilidade do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET/AM) 2008: Concurso Público para provimento dos cargos para a Unidade de Ensino de Ji-Paraná. 2009: Exame de Seleção dos alunos para os cursos técnicos de Móveis, Florestas e Informática. 2009: <i>Campus</i> de Ji-Paraná - primeira unidade a funcionar a partir do plano de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. 2009: Reforma e ampliação.	Segurança do Trabalho e Técnico em Eletroeletrônica (EaD, concomitante ao Ensino Médio) 2018: Bacharelado em Engenharia Florestal.
<i>Campus</i> Ariquemes	1987: EMAR (Escola Média de Agropecuária de Ariquemes) vinculada e administrada pela CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) 2008: Com a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) a partir da Lei 11.892, transformou-se em IFRO, <i>Campus</i> Ariquemes. 2009: Autorização de funcionamento do <i>Campus</i> Ariquemes. 2010: Início das atividades letivas.	1987: Curso Técnico em Agropecuária. 2010: Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Agropecuária, Alimentos e Informática; 2010: Curso Técnico em Aquicultura Subsequente ao Ensino Médio. 2011: Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas 2012: curso de pós-graduação <i>Latu sensu</i> em Informática na Educação 2014: Curso Técnico Integrado em Suporte e Manutenção em Informática 2015: pós-graduação <i>Latu sensu</i> em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social 2018: Implantação do curso superior em Agronomia 2019: Análise e Desenvolvimento de Sistemas.
<i>Campus</i> Vilhena	2007: Instituída como Unidade Descentralizada (UNED) da Escola Técnica Federal de Rondônia, criada pela Lei 11.534/2007. 2008: primeira e segunda Audiência Pública para consulta à	2010: cursos Técnico em Edificações, Eletromecânica e Informática, modalidade subsequente. 2011: cursos Técnico em Edificações, Eletromecânica e Informática, modalidade integrado.

	comunidade sobre os cursos a serem ofertados: (técnico em Informática, Eletromecânica e Edificações). 2008: Criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia; integração entre a Escola Técnica Federal de Rondônia e a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste; UNED Vilhena passou a ser denominada <i>Campus Vilhena</i>. 2009: início da construção do <i>Campus</i> 2010: autorizado funcionamento do <i>Campus Vilhena</i>.	2012: Licenciatura em Matemática 2016: Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS). 2017: Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo 2018: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Ensino de Ciências e Matemática 2020: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Desenvolvimento Web.
<i>Campus Cacoal</i>	1997: Inaugurada a Escola Agrícola Municipal de Ensino Fundamental Auta Raupp, oferecendo aulas no fundamental II (atualmente 6º ao 9º ano) que constava em sua matriz curricular o acréscimo das disciplinas Zootecnia, Agronomia, Técnicas Comerciais, Técnicas Industriais e Educação para o Lar, visando formação técnica e atendendo necessidade extracurricular da comunidade (filhos de produtores rurais). 2009: doação da Escola Agrícola Auta Raupp ao IFRO, efetivada pela Lei Municipal nº 2.449, de 21 de maio de 2009. 2009: Criou-se o Núcleo avançado Cacoal, subordinado ao <i>Campus Ji-Paraná</i> e realizou-se audiências Pública (apresentação e diagnósticos de interesse da comunidade) 2010: Autorização de funcionamento 2012: Oficializou-se <i>campus Cacoal</i> e realizou novas audiências	2010: Técnico em Agropecuária Subsequente ao Ensino Médio 2011: Técnico em Agroecologia. 2014: Licenciatura em Matemática. 2015: Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio. 2016: Tecnólogo em Agronegócio. 2016: Técnico em Informática, integrado ao Ensino Médio. 2017: Bacharel em Zootecnia 2019: Geografia Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> 2023: Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> – mestrado Profissional em Ensino da Geografia em rede Nacional (PROFGEO).

	Públicas com a comunidade.	
<i>Campus Porto Velho zona norte</i>	2010: Autorização de funcionamento do Núcleo Avançado Porto Velho Zona Norte pela Portaria nº 1.366 (6 de dezembro de 2010) 2011: passou a denominação de <i>campus</i> 2011: Início das atividades do <i>Campus</i> Avançado Porto Velho Zona Norte. Assume a gestão administrativa e pedagógica voltada à EaD nos campi e polos regionais do IFRO. 2012: Implantação do <i>Campus</i> Avançado Porto Velho Zona Norte com temática para gestão da EaD (Educação a Distância), estabelecendo parcerias com o Instituto Federal do Paraná (IFPR) e alcançando mais de quatro mil alunos. 2013: Mudança na categoria de <i>Campus</i> Avançado de Porto Velho para <i>Campus</i> Porto Velho Zona Norte (Portaria nº 331, de 23 de abril de 2013) 2013: Instalação dos estúdios de produção de EaD. 2012: 2014: Abertura de 12 novos polos de EaD, totalizando 24 polos de EaD no Estado. 2015: convênio com a Secretaria de Educação do Estado de Rondônia para criação de 176 polos de EaD em escolas estaduais, para oferta de cursos de nível técnico concomitantes; 2016: iniciou parceria com o Governo do Estado de Rondônia no projeto “Mediação Tecnológica” 2020: Criação e Autorização de	2011: Cursos técnicos em: Meio Ambiente, Logística, Segurança do Trabalho, Reabilitação de Dependentes Químicos e Eventos (Sistema semipresencial) 2012: cursos técnicos em Administração e Serviços Públicos 2012: quatro cursos do Programa Profucionário: Secretaria Escolar, Infraestrutura Escolar, Multimeios Didáticos e Alimentação Escolar. 2013: técnico em Agente Comunitário de Saúde (EaD) 2013: Técnico em Informática para Internet (subsequente e EaD) 2013: Técnico em Finanças (subsequente e EaD) 2013: Tecnólogo em Gestão Pública 2015: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social (EaD). 2016: Técnico em Cooperativismo concomitante ao ensino médio 2017: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Planejamento Estratégico na Gestão Pública. 2017: Tecnólogo em Rede de Computadores 2017: Tecnólogo em Gestão Comercial 2018: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Gestão de Educação a Distância (modalidade EaD). 2019: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> MBA em Planejamento Estratégico no Setor Público 2018: Licenciatura em Pedagogia (modalidade EaD) 2018: Licenciatura em Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, (modalidade EaD) 2020: Cursos Superiores Tecnológicos em Gestão Pública e Gestão Comercial

	Funcionamento do Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação – PROFNIT do IFRO (Resolução nº 12/REIT - CONSUP/IFRO, de 22 de janeiro de 2020).	(ambos EAD) 2020: Técnico em Administração (modalidade Subsequente - EAD). 2022: Técnico em Informática (concomitante ao Ensino Médio-EaD). 2022: Tecnólogo em Sistemas para Internet (presencial, noturno) 2022: Licenciatura em Pedagogia EAD (parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UAB), com habilitação para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT).
<i>Campus</i> Guajará-Mirim	2009: Idealização do <i>Campus</i> com perfil Binacional. 2012: Câmara Municipal de Guajará-Mirim aprovou a doação do terreno para a construção da sede da nova unidade do Instituto Federal de Rondônia (Lei de doação do terreno sob o número 1.548/2012). 2012: ensino na modalidade a distância, com a implantação de um Polo EaD, ofertando 10 cursos técnicos subsequentes ao ensino médio 2013: Início das construções do <i>Campus</i> Guajará-Mirim (ordem de serviço número 17 de 20 de dezembro de 2012.) 2014: Previsão de término das obras, porém grandes chuvas assolaram o município, deixando-o isolado e dificultando entrega de materiais necessários para a conclusão do <i>campus</i>, em que já funcionava o polo EaD. 2015: início das atividades do <i>Campus</i> Guajará-Mirim. 2016: o <i>Campus</i> foi oficialmente inaugurado em Brasília (Portaria no 378, de 9 de maio de 2016). 2016: Firmado Termo de	2015: Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (concomitante ao Ensino Médio, modalidade presencial). 2016: Técnico em Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio 2016: Técnico em Segurança no Trabalho concomitante ao Ensino Médio (PRONATEC) 2017: Licenciatura em Ciências com Habilitação em Química ou Biologia. 2017: Técnico em Biotecnologia Integrada ao Ensino Médio 2018: Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) 2018: Técnico em Vigilância em Saúde subsequente ao Ensino Médio. 2019: Licenciatura em Química e em Ciências Biológicas. 2019: Pós-graduação <i>lato sensu</i> em Ensino de Ciências e Matemática. 2020: Técnico em Enfermagem Subsequente ao Ensino Médio. 2020: Pós-graduação <i>lato sensu</i> MBA (Master Business Administration) em Gestão de Instituições Públicas (parceria com o <i>Campus</i> Porto Velho Zona Norte). 2021: Pós-graduação <i>lato sensu</i> em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. 2023: Técnico em Administração

	Cooperação com a Universidade Autônoma de Beni, possibilitando intercâmbio de servidores e estudantes para o desenvolvimento conjunto de ações de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2019: Criação de um polo Internacional de Educação a Distância do IFRO na cidade de Guayramerín, na Bolívia (Resolução nº 59/REIT - CONSUP/IFRO, de 01 de novembro de 2019).	Integrado ao Ensino Médio, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA 2021: Pós-Graduação lato Sensu em Saúde Pública 2023: Técnico em Análise Clínicas subsequente ao Ensino Médio.
<i>Campus Jaru</i>	2012: implantou um Polo de Educação a Distância pra cursos profissionalizantes, em atendimento aos pedidos por parte de autoridades da educação do município de Jaru 2013: processo de implantação da Unidade de Educação Profissional de Jaru (UEP), vinculada ao <i>Campus Ji-Paraná</i> 2013: as atividades de ensino foram desenvolvidas por intermédio do <i>Campus Zona Norte</i> devido à grande procura por curso técnicos e tecnológicos profissionalizantes. 2014: Lei Municipal nº 1974/2014, autorizou o executivo municipal a doar o imóvel onde antes funcionava a EXPOAJA – Exposição Agropecuária de Jaru. 2016: Autorizada criação da Unidade do IFRO em Jaru e início de construção da sede do <i>Campus Avançado Jaru</i> 2017: inauguração da primeira etapa do <i>Campus avançado Jaru</i> 2017: Publicada portaria que altera a nomenclatura <i>Campus Avançado Jaru</i>, para denominação <i>Campus Jaru</i> (Portaria n. 1053 de	2012: quatro cursos do Programa Profucionário: Secretaria Escolar, Infraestrutura Escolar, Multimeios Didáticos e Alimentação Escolar. 2013: Técnico em Informática e Técnico em Finanças (<i>Campus Zona Norte</i>) 2013: Comunitário de Saúde (<i>Campus Zona Norte</i> em parceria com o IFPR, substituído pelo curso Cuidador de Idoso por motivos adversos) 2014: Técnico em Informática 2015: Técnico em Finanças (Subsequente ao Ensino Médio) 2015: Técnico em Cooperativismo 2017: Técnico em Alimentos Concomitante 2017: Técnico em Comércio Subsequente ao ensino Médio 2017: Técnico em Segurança do Trabalho Subsequente ao Ensino Médio 2018: Técnico em Segurança do Trabalho Integrado ao Ensino Médio 2018: Técnico em Segurança do Trabalho Integrado ao Ensino Médio 2019: Técnico em Segurança do Trabalho Integrado ao Ensino Médio 2019: Técnico em Agronegócio Subsequente ao Ensino Médio 2019: Medicina Veterinária 2019: Pós-Graduação <i>Lato Sensu Master</i>

	05/setembro/2017).	<i>Business Administration</i> em Gestão de Instituições Públicas. 2020: Técnico em Administração Subsequente ao Ensino Médio. 2020: Superior em Tecnologia em Gestão Comercial 2020: Superior de Tecnologia em Gestão Pública 2022: Técnico em Zootecnia Subsequente ao Ensino Médio 2023: Técnico em Zootecnia Integrado ao Ensino Médio.
<i>Campus</i> São Miguel do Guaporé	2010: Comunidade local se mobiliza para solicitar a implantação de um <i>campus</i> do IFRO no município. 2012: Um polo de Educação à Distância (EaD) 2018: Autorização de funcionamento do <i>Campus</i> Avançado São Miguel do Guaporé (por meio da Portaria MEC nº 1.429/MEC/2018) 2019: Oferta do curso Técnico em Administração Concomitante (EaD) em parceria com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Princesa Isabel e o Curso de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Educação de Jovens e Adultos (EaD) 2020: Início da construção do bloco pedagógico administrativo do <i>Campus</i> avançado São Miguel do Guaporé.	2019: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> Master <i>Business Administration</i> em Gestão de Instituições Públicas 2019: Técnico em Administração Concomitante –Modalidade à Distância 2019: Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em Educação de Jovens e Adultos 2020: Superior de Tecnologia em Gestão Comercial 2020: Técnico em Administração Subsequente 2020: Superior de Tecnologia em Gestão Pública 2021: Técnico em Agronegócio Subsequente ao Ensino Médio 2022: Superior de Tecnologia em Agrocomputação 2024: Técnico em Agricultura Integrado ao Ensino Médio.
<i>Campus</i> Buriti	2017: levando em consideração as necessidades e potencialidades da região, confirma-se a criação da nova unidade. 2024: O governo Federal anuncia a criação de 100 novos campi dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologias (IF's), 12	

	para região Norte, dos quais 1 <i>campus</i> será em Buritis (Rondônia).	

Fonte: Produzido pela pesquisadora (2024) a partir da leitura dos Projeto Pedagógico dos Cursos. IFRO.2024.
Disponíveis em: <https://portal.ifro.edu.br/sobre-o-ifro>. Acesso em: 24 jun. 2024.